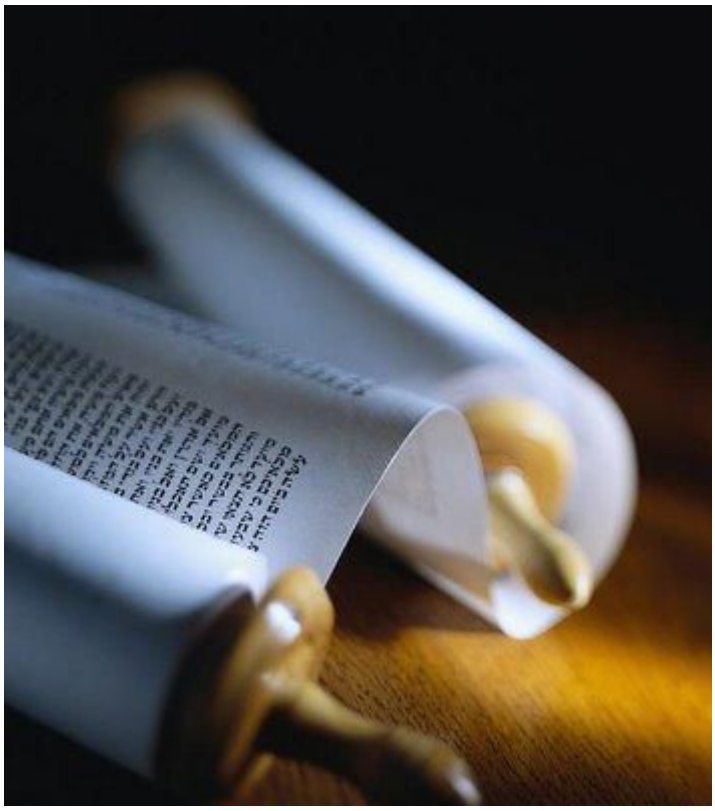
Curso para ensino bíblico nível 1



"Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho em que deves andar" (Is 48: 17).

Objetivos deste curso

Este curso começou com intuito de ser para o nível 1 ou básico, mas muitos conhecimentos foram acrescentados depois, servindo para todos os crentes, até para os que já conhecem a Palavra um pouco mais. Os assuntos abordam a personalidade dos principais personagens bíblicos, assim como os aspectos de sua vida que podemos tirar para o nosso aprendizado prático. Como grande parte deste trabalho é voltada à cura interior, o conhecimento aqui colocado é basicamente dirigido ao aprendizado com as situações do dia a dia, que trazem grande crescimento à alma. Espero que você goste da leitura, seja ministrado e curado.

Que Deus o abençoe.

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2005
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html
https://www.searaagape.com.br/cursobiblicoonline.html – vídeos

ÍNDICE

1) Apresentação da bíblia	3
2) A Criação: 1ª aula	28
3) A queda do homem: 2ª aula	32
4) Noé: 3ª aula	35
5) Abraão: 4ª aula	39
6) Isaque: 5ª aula	45
7) Jacó: 6ª aula	48
8) José: 7ª aula	53
9) Moisés: 8ª aula	60
10) Josué: 9ª aula	76
11) Débora: 10ª aula	85
12) Gideão: 11ª aula	92
13) Sansão: 12ª aula	99
14) Rute: 13ª aula	104
15) Ana e Samuel: 14ª aula	110
16) Rei Davi: 15ª aula	114
17) Reis: 16ª aula	126
18) Elias e os profetas de Baal: 17ª aula	151
19) Eliseu: 18ª aula	156
20) Ester: 19ª aula	165
21) Jó: 20ª aula	172
22) Paulo: 21ª aula	176
Tabelas e genealogias	186

Notas:

• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].

• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.

• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

• Referências bibliográficas:

Bíblia de estudo Vida, 2ª edição, João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil – 1997.

• Nas últimas páginas do livro você encontrará tabelas referentes a pesos e medidas, além das informações sobre o calendário bíblico. Também vai encontrar a genealogia de alguns personagens importantes.

• E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Apresentação da bíblia

Cânon:
O vocábulo grego *Kanôn,* que é de origem semítica (hebr. *qãneh,* Ez 40: 3, um junco, instrumento de medir), foi empregado no sentido metafórico para regra de ação. Em meados do século IV DC o termo parece ter sido aplicado à bíblia, uma coleção de inscritos inspirados pelo Espírito Santo, considerada como a regra para nossa fé e vida. Deus usou homens como Seus instrumentos, ao lado de ações humanas e reflexões que interagiram com Ele para nos dar Seus ensinamentos. *Kanôn* também significa: regra ou padrão; daí, a lista de livros que a Igreja reconhece como a norma da fé e da prática.

Bíblia:
Vocábulo latino derivado provavelmente do termo grego *bíblia* (*livros*: plural de *biblion, livro,* que é diminutivo de *biblos,* vocábulo que na prática denota pequena espécie de documento escrito, mas que originalmente significava um documento escrito em papiro, gr. *Byblos*). A bíblia é, portanto, um conjunto de livros reconhecidos como canônicos pela Igreja Cristã.

As Escrituras:
Outro termo sinônimo de bíblia é *'As Escrituras' (gr. hai graphai, ta grammata),* freqüentemente usado no NT para denotar os documentos do AT em sua totalidade ou em parte.

Testamento:
No hebraico: *B^{e}rïth*, e no grego: *diatheke,* que quer dizer: *pacto, aliança*. Os escritos do AT não apenas registram essa revelação acerca de Deus; ao mesmo tempo, eles registram a reação dos homens para com a Sua revelação, uma reação algumas vezes desobediente e expressa tanto em ação como em palavras. A relação entre o NT para o AT é a revelação do cumprimento da promessa. Se o AT registra o que Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras nos patriarcas e nos profetas, o NT registra a palavra final que Ele falou por Seu Filho, no qual toda a revelação anterior se centralizou e se confirmou. Em outras palavras, o AT foi uma sombra do NT (Hb 10: 1; Cl 2: 17). A mensagem central da bíblia é a história da salvação, ou seja, o pacto de Deus com os homens.

Segundo a tradição judaica, a Bíblia Hebraica foi compilada (fechada) por Esdras (Ezra), o escriba, no século V antes da Era comum (EC) em hebraico bíblico e aramaico (fonte: Revista Vértices No. 15 (2013), Guertzenstein D.S.S, DLO/FFLCH/USP, Ph.D.). Segundo Flávio Josefo, o cânon do AT, com 39 livros, foi fechado entre 465 e 425 AC, no tempo de Esdras e Neemias. O que sabemos é que Zacarias profetizou no

período de 520-480 AC, e Malaquias, por volta de 450-400 AC. O segundo retorno dos exilados ocorreu em 458 AC, com a vinda de Esdras. O terceiro retorno ocorreu em 445 AC com Neemias, para reconstruir os muros de Jerusalém.

Na bíblia hebraica (Antigo Testamento = *Tanakh*) os livros são arranjados em três divisões diferentes. O termo Ta-Na-Kh é o acróstico das iniciais das palavras Torá, Nevyim (Nevi'im) e Ketuvim (Kethūvīm). O Tanakh é também conhecido como a 'Tradição Escrita do Povo de Israel'.

1) A Lei, dada por intermédio de Moisés, e compreende os cinco primeiros livros: Gn, Êx, Lv, Nm, Dt (bereshit, shemot, wayyiqrã, bamidhar, devarim), chamada de *Torá (= instrução, ensino, apontamento, lei) ou Pentateuco*. Em grego, a palavra é pentateuchos (pénte = cinco; teuchos = estojo, receptáculo, significando rolo ou volume. Assim, a palavra Pentateuco quer dizer: cinco estojos ou cinco receptáculos, que era onde os pergaminhos eram guardados). Um tema dominante nos cinco primeiros livros da bíblia é que Deus cumprirá as promessas feitas aos homens. A promessa feita a Abraão (a bênção de Abraão) se compõe de três elementos principais: descendência (nele seriam benditas todas as nações da terra, inclusive os gentios), terra (prosperidade, posse da terra de Canaã) e relacionamento com Deus (intimidade e amizade com o Senhor, pois Deus chamou Abraão de "meu amigo" – Tg 2: 23; Is 41: 8; 2 Cr 20: 7). Em Gênesis (Gn) vemos a reafirmação dessa promessa de descendência aos filhos e netos de Abraão. Êxodo (Êx) e Levítico (Lv) mostram a preservação do relacionamento com Deus. Números (Nm) e Deuteronômio (Dt) concentram-se na Terra Prometida, e em Josué a promessa é cumprida.

2) Profetas: em Hebraico Nevi'im, נביאים Nəḇī īm, 'Profetas', literalmente 'porta-vozes').

a) anteriores (נביאים ראשונים – Nevi'im Rishonim): Josué (Yehoshua), Juízes (Shofetim), Samuel (Shemuel), Reis (Melakhim). Narra o período da história de Israel desde a entrada na Terra Prometida até o exílio babilônico.

b) posteriores (נביאים אחרונים Nevi'im Akharonim): Isaías (Yeshayahu), Jeremias (Yirmeyahu), Ezequiel (Yekhezqel) e os doze profetas menores. (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias). Daniel é considerado livro histórico dentro dos Kethūvīm ('Escritos').

3) Escritos: 'Escritos', em hebraico: כתובים Kethūvīm; em grego: 'Hagiographa'). São divididos em:

a) Livros da verdade (Sifrei Emet): Salmos (Tehillim), Provérbios (Mishlei), Jó (Iyov).

b) Os Cinco Rolos ou Cinco Megillot (חמש מגילות – Hamesh Megillot ou Chomeish Megillos): Cânticos de Salomão ou cântico dos cânticos (Shir Hashirim), Rute (Rut), Lamentações (Eikhah), Eclesiastes (Kohelet ou Qohelet), Ester (Ester). Estão associados a cinco datas judaicas importantes na liturgia rabínica e são lidos por ocasião delas, iniciando pela Páscoa judaica (Pessach). O substantivo feminino 'megillah' (מְגִלָּה – Strong #4039) significa rolo, volume, pergaminho, e vem da palavra hebraica 'galal', que significa um rolo (isto é, um livro de pergaminho). A palavra Megillah é escrita em alguns versículos do AT, como, Sl 40: 7; Jr 36: 2; 4; 6; 14; 20; 21; 23; 25; 27; 28; 29; 32; Ez 2: 9 (um rolo = megillah; livro = sêfer – סֵפֶר – Strong #5612); Ez 3: 1; 2; 3; Zc 5: 1; 2. Segundo a fonte de pesquisa de que falei (Revista Vértices No. 15 (2013), Guertzenstein D.S.S, DLO/FFLCH/USP, Ph.D.), eles explicam da seguinte forma:

• *Cântico dos cânticos* (hebraico: Shir ha-Shirim; שיר השירים) é lido publicamente em algumas comunidades, especialmente pelos Ashkenazim (Judeus da Europa Central e Oriental e provém da palavra hebraica medieval para a Alemanha, Ashkenaz, אשכנז. Em hebraico, o singular é 'ashkenazi' e o plural, 'ashkenazim'), no Sábado da Páscoa

[no mês de Nisan ou Aviv – março-abril]. Judeus italianos o lêem no Ma'ariv (Oração da Noite) do primeiro e segundo dia da Páscoa. Na maioria das comunidades judaicas Mizrahi (Mizrahim = judeus no mundo islâmico), ele é lido publicamente a cada semana no início do Shabbat e na Páscoa. A Páscoa Judaica (Pessach) celebra a libertação do povo judeu do Egito, simbolizando assim o amor entre Deus e Israel, levando-o ao Sinai para conhecê-lO, ouvir Sua voz e 'casar' com Ele (da mesma forma que o livro de cânticos descreve o amor entre um casal).

• *Rute* (hebraico: Rut; רות) – o rolo é lido, especialmente pelos Ashkenazim, antes da leitura da Torá na manhã da Festa de Pentecostes (Shavuot) [Mês de Sivã ou Siwãn – Maio-Junho]. Para os judeus, Shavuot celebra a entrega da Torá e sua aceitação voluntária por Israel no deserto. Esse livro mostra: 1) como um não-judeu passa a ser parte da comunidade judaica, aceitando voluntariamente a Aliança de Deus com Seu povo através da Torá; 2) a ancestralidade parcialmente não-judaica da dinastia de Davi por causa de Rute, sua bisavó, que passou de moabita a judia. 3) Deixa o exemplo concreto da legislação social da Torá sendo aplicada em Israel, através da lei do levirato, do sistema previdenciário para os mais pobres (podemos dizer assim, em relação a 'respigar espigas' deixadas pelos ceifeiros) e do tratamento para com os estrangeiros.

• *Lamentações* [hebraico: Eikhah איכה ou Kinnot (2 Cr 35: 25) קינות – plural de Qinah, קִינָה, Ez 2: 10; 17; 32; Am 8: 10] – o rolo é lido no 9º dia do mês de 'Abh (Julho-Agosto), o dia do jejum do 5º mês, em todas as comunidades judaicas. Esse jejum instituído pós-exílio babilônico se referia ao mês em que o templo foi queimado (2 Rs 25: 8). Esse livro, que era um cântico de lamento pela destruição do Primeiro Templo, também se tornou um livro para lamento da destruição do Segundo Templo, e a data rabínica estabelecida para lamentar essa destruição foi chamada de Tisha B'Av (9º dia do mês de 'Abh). Para eles, a destruição do Templo envolve o abandono da própria presença divina com eles. 'Lamentações' reflete esse sentimento de abandono pela perda da segurança da sua pátria e da aprovação de Deus.

• *Eclesiastes* (hebraico: Kohelet ou Qohelet ou kahalet קהלת) é lido publicamente em algumas comunidades, especialmente pelos Ashkenazim, no sábado da festa dos Tabernáculos (festa das Cabanas), Sucot (Setembro-Outubro; mês de Tisri). Em outras comunidades não é lido. Eclesiastes é quase que uma inversão dos livros de sabedoria, com uma visão um tanto cética e pessimista da existência humana no mundo, quando Salomão, já velho, vê a futilidade e a vaidade da vida de prazeres que ele teve. A escolha aparentemente irônica desse livro para ser lido na festa das Cabanas, na qual Deus pede uma alegria especial e intensa, ajuda a valorizar e aproveitar a vida nesse mundo com muita alegria.

• *Ester* (Hebraico: Ester, אסתר) – o rolo é lido em todas as comunidades judaicas na Festa de Purim (Fevereiro-Março, mês de 'adhar). A leitura pública é feita duas vezes: na noite de Purim e de novo na manhã seguinte. Purim celebra a salvação do povo judeu do massacre pelos persas. O livro conta a história de Ester e seu tio Mordecai na Diáspora, conseguindo superar uma ameaça existencial voltada a todo o povo judeu morando longe de sua terra. Apesar de o nome de Deus não ser mencionado diretamente no livro, mesmo em condições adversas Seu povo deve ter esperança na libertação de toda opressão.

c) Livros históricos: Daniel (Daniyyel), Esdras-Neemias, Crônicas. No Hebraico, 1 e 2 Crônicas (Divre Hayyamim), junto com Esdras–Neemias (Hebr.: Ezra), formam um único livro, por isso são ao todo onze livros (Onze Kethūvīm).

Daniel viveu na Corte Babilônica após o exílio, e depois na Corte Persa (quando Ciro conquistou a Babilônia), onde ele começou interpretando os sonhos do rei

Nabucodonosor e depois recebeu suas próprias visões em relação ao domínio de Israel por grandes impérios pagãos, os quais 'no tempo do fim' seriam derrotados, dando lugar à restauração do povo judeu. É o único exemplo de literatura apocalíptica judaica a entrar na Bíblia Hebraica.

O livro de Esdras-Neemias (um único livro) descreve o fim do exílio babilônico e a reconstrução de Jerusalém e o Templo, sob o favor do Império Persa. Seria uma nova fase para o povo judeu, na qual a profecia dos profetas anteriores ao exílio influenciaria e daria lugar ao conhecimento aprofundado da própria Torá por meio de um intenso estudo.

O livro de 1 e 2 Crônicas reconta a história vista na Torá e nos Neviim (mais especificamente, nos Profetas Anteriores), recapitulando de Gênesis a 1 e 2 Reis, mas finalizando agora esse conjunto histórico com o Édito de Ciro, favorecendo o retorno dos exilados para a Terra Prometida e cumprindo a profecia de Jeremias (um dos Profetas Posteriores).

Com esta divisão de livros na bíblia hebraica (i.e., sem considerar a vinda de Jesus como o cumpridor da Primeira Aliança de Deus com os homens e, em particular com Seu povo), ela 'não se fecha', ou seja, a história do povo judeu desde então continua em aberto, baseada na esperança da restauração completa de Israel de maneira física. Em outras palavras, levando em consideração esses últimos livros e os profetas posteriores, o ciclo iniciado com o retorno dos judeus do exílio babilônico ficou em aberto, pois a restauração completa de Israel na sua terra sob um rei davídico e um Templo contendo a Arca sagrada não chegou a acontecer. Esdras e os demais homens inspirados por Deus seriam, por assim dizer, os ancestrais dos rabinos que escreveriam a Mishná e o Talmude, a saber, os estudiosos da Torá, independente destes alcançarem ou não o Espírito de Profecia (Ruwach HaKodesh, literalmente, o Espírito Santo).

Para nós, cristãos, a divisão é parecida para os 39 livros do AT, mas separados por temas, não mais por períodos da história da Israel:
1) Os livros da Lei: os cinco primeiros.
2) Poéticos e sabedoria: Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cânticos de Salomão, Jó.
3) Históricos: Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Lamentações.
4) Proféticos: Profetas *maiores* (Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel) e profetas *menores* (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias).

O NT (que em Hebraico é chamado HaBrit Hadasha – הברית החדשה) contém 27 livros:
1) Quatro evangelhos
2) Atos dos Apóstolos
3) 21 Cartas escritas por Paulo e outros homens de Deus
4) Apocalipse

Enquanto a escrita dos livros do AT (em hebraico) foi espalhada num período de mil ou mais anos, os livros do NT (em grego) foram escritos dentro de um único século. A compilação total de todos os livros ocorreu, provavelmente, *antes do século IV DC*. A bíblia contém, então, 66 livros e aproximadamente 44 autores.

Existem certos livros chamados *apócrifos* (o termo 'apócrifo' – apocryphus – foi criado por Jerônimo, no século VI), ou seja, documentos judaicos sem autenticidade comprovada, pois não são considerados pelo Cânon Eclesiástico como inspirados pelo

Espírito Santo, mas escritos por homens sem a participação divina. A maioria deles foi escrita num período de 400 anos, desde Malaquias até o nascimento do Messias, o "período de silêncio de Deus", pois os homens se afastaram demais da Sua presença e Ele não mais lhes falou através dos profetas. Os apócrifos são: Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão (o Livro da Sabedoria), Eclesiástico (ou Livro de Ben Siraque), 1 Macabeus, 2 Macabeus, as adições ao livro de Ester; o livro de Baruque; a carta de Jeremias; adições de Daniel (Oração de Azarias, o cântico dos três hebreus, a história de Susana e a história de Bel e o Dragão). A Vulgata Latina decidida pelo Concílio de Trento em 1546, publicada só em 1592, também inseriu os livros de 1 e 2 Esdras e a oração de Manassés (do livro de Odes).

Os católicos romanos e ortodoxos dão outro nome para os livros 'apócrifos'. Eles os chamam de 'deuterocanônicos', que significa 'pertencente ao segundo cânon', se referindo aos livros apócrifos do AT. Outra nomenclatura para esse tipo de livro é 'livros Pseudocanônicos', que incluem os apócrifos do AT e os livros escritos por comunidades cristãs do NT. São muitos: 1 e 2 Esdras, a livro de Odes (uma coleção de cânticos e preces, dentre os quais se destaca a Oração de Manassés), o salmo 151; 3 e 4 Macabeus; 1, 2 e 3 Meqabyan (Macabeus Etíopes); o livro dos jubileus (Gênese menor ou Leptogênese – antiga obra religiosa judaica de 50 capítulos), Paralipomena de Baruque [da Igreja Ortodoxa Etíope. A obra contém alguns acréscimos ao Livro das Lamentações: a epístola aos cativos (Lm 6), distinta da carta de Jeremias (Baruque 6) e a profecia contra Pasur (Lm 7: 1-5, cf. Jr 20: 1-6)] e o 'Cânon mais amplo' (com 81 livros, usado pela Igreja Ortodoxa Eritréia Tewahedo e Igreja Ortodoxa Etíope Tewahedo. Tewahedo é o nome comum dado às duas igrejas, que antes de 1959 pertenciam à Igreja Ortodoxa Copta de Alexandria), além dos apócrifos anteriormente citados. A Igreja Ortodoxa Etíope Tewahedo (Etíope ou Copta) admite também o Primeiro livro de Enoque. Vamos falar um pouco sobre ele:

O 'Primeiro Livro de Enoque' é também chamado 1 Enoque; em ge'ez: mätṣḥäfä henok. Ge'ez, também chamado de etíope, é uma antiga língua semítica que se desenvolveu na atual região da Eritréia e norte da Etiópia no Chifre da África, como a língua dos camponeses. Posteriormente veio a se tornar a língua oficial do Reino de Axum e da corte imperial da Etiópia. O 'Primeiro Livro de Enoque' é grandemente conhecido pela sua versão em etíope e mais tarde pelas traduções gregas. Ele teria sido escrito por Enoque, ancestral de Noé, contendo profecias e revelações. Sete cópias importantes em etíope, embora não idênticas na totalidade, foram encontradas em Qumran, em conjunto com cópias do Livro dos Gigantes referenciadas no capítulo IV do Primeiro livro de Enoque. Alguns arqueólogos e historiadores sugerem que a composição dos primeiros capítulos aconteceu a partir do século III AC, mais precisamente entre 200 AC (as seções mais antigas, como o Livro dos Vigilantes) e a parte mais recente (Livro de Parábolas) provavelmente data de 100 AC. A versão Etíope ou Copta cita os capítulos 1–36: O Livro dos Vigilantes (conta a queda dos anjos e a origem dos 'Nefilins' ou gigantes; enumera os nomes aramaicos dos vinte chefes dos anjos caídos e narra as viagens de Enoque nos céus); 37–71: O Livro de Parábolas (também chamado: O 'Similitudes' de Enoque) dá mais ênfase a sua especulação a respeito do 'Filho do Homem' na versão do Qumran do que na versão etíope. O Livro das Parábolas apresenta um desenvolvimento posterior da idéia de julgamento final e de escatologia. O Livro das Parábolas usa a expressão Filho do Homem para o protagonista escatológico, também é chamado de 'Justo', 'Escolhido' e 'Messias', e senta-se no trono da glória no julgamento final. Mas não faz nenhuma menção ao livro bíblico de Daniel; 72–82: O Livro Astronômico (também chamado de Livro dos Luminares Celestiais ou Livro dos Luminares; uns pesquisadores dizem que essa parte é mais

desenvolvida na versão etíope do que na versão de Qumran; outros, dizem o contrário). Este livro contém descrições do movimento dos corpos celestes e do firmamento, como um conhecimento revelado a Enoque em suas viagens ao céu e descreve um calendário solar que mais tarde foi descrito também no Livro dos Jubileus que foi usado pela seita do Mar Morto, mas incompatível com as festas judaicas comemoradas no Templo de Jerusalém; 83–90: O Livro dos Sonhos contém uma visão da história de Israel até a Revolta dos Macabeus, como foi interpretado pela maioria, e a história do mundo até a fundação do reino messiânico; 91–108: A Epístola de Enoque dá uma exposição profética do reinado de mil anos do Messias. Nessa epístola a história do mundo usa uma estrutura de dez períodos (denominados 'semanas'), dos quais sete referem-se ao passado e três a eventos futuros (o julgamento final). O clímax ocorre na sétima parte da décima semana, onde 'novo céu aparecerá' e 'haverá muitas semanas sem número para sempre, e tudo permanecerá em bondade e justiça'. A parte do Nascimento de Noé aparece em fragmentos de Qumran separados do texto anterior. Fala do Dilúvio e de Noé, que já nasce com a aparência de um anjo.

O 'Primeiro livro de Enoque' não foi considerado canônico nem pelos judeus nem pelos cristãos do AT, nem consta da versão grega do AT (Septuaginta), nem entre os livros Deuterocanônicos. Mas a bíblia Etíope (Copta) admite o Primeiro livro de Enoque. Seu conteúdo é realmente muito diferente dos escritos bíblicos, bastante místico, no mínimo escrito por uma mente fértil ou 'mal inspirada' por algum tipo de entidade que não Deus.

Vários fragmentos aramaicos encontrados nos Manuscritos do Mar Morto, bem como fragmentos gregos e latinos koiné, são a prova de que o Livro de Enoque era conhecido pelos judeus e pelos primeiros cristãos do Oriente Próximo. Os autores do Novo Testamento também estavam familiarizados com algum conteúdo da história. Uma pequena seção de 1 Enoque (1: 9) é citada na Epístola de Judas do Novo Testamento, Judas 1: 6; 14-15, e é atribuída a 'Enoque, o sétimo depois de Adão' (1 Enoque 60: 8). Também foi alegado que a Primeira Epístola de Pedro (1 Pe 3: 19-20) e a Segunda Epístola de Pedro (2 Pe 2: 4-5) fazem referência a algum material enoquiano.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Igreja SUD) não considera 1 Enoque como parte de seu cânon padrão, embora acredite que um suposto Livro 'original' de Enoque foi um livro inspirado, inclusive mencionado no 'Livro de Moisés', publicado pela primeira vez na década de 1830.

Por outro lado, o 'Segundo Livro de Enoque' (abreviado como 2 Enoque e também conhecido como Enoque Eslavo ou Segredos de Enoque) é um texto pseudepigráfico do gênero apocalíptico. Pseudepigrafia (do grego ψευδεπιγραφία) é o estudo dos pseudepígrafos ou pseudepígrafe, que são textos aos quais é atribuída falsa autoria ou um título falso. O 'Segundo Livro de Enoque' descreve a ascensão do patriarca Enoque, ancestral de Noé, por dez céus em um cosmos no centro da Terra, o que corresponde intimamente às primeiras crenças medievais sobre a estrutura metafísica do universo. O texto foi perdido após vários séculos e recuperado e publicado no final do século XIX. O texto completo existe apenas na Igreja eslava (Russa e Búlgara), mas fragmentos Coptas são conhecidos desde 2009. A versão búlgara antiga em si representa uma tradução de um original em grego. A autoria do 'Segundo Livro de Enoque' é discutida. Ele não está incluído nos cânones judaicos ou cristãos e se distingue do 'Primeiro Livro de Enoque' e ainda um 'Terceiro Enoque'.

Versões mais conhecidas entre os cristãos:

1) Septuaginta ou versão dos setenta: conhecida pela sigla LXX, é a mais importante tradução grega do AT, bem como a mais antiga tradução influente em qualquer idioma. A origem é incerta; provavelmente foi escrita por volta de 250 AC, no reinado de Ptolomeu Filadelfo ou Ptolomeu II (285-247 AC). Esse rei fez um apelo ao sumo sacerdote de Jerusalém para ter uma tradução das Escrituras hebraicas para sua biblioteca real. O sacerdote lhe enviou setenta e dois anciãos a Alexandria com uma cópia oficial da *Lei.* Ali, em setenta e dois dias, fizeram uma tradução que foi lida perante a comunidade judaica apresentada ao rei. Por causa do número de tradutores, essa tradução tornou-se conhecida como Septuaginta. Essa foi a Septuaginta original. *Os livros restantes* do AT foram sendo traduzidos aos poucos, posteriormente: os livros canônicos algum tempo antes de 117 AC, enquanto que os livros apócrifos foram traduzidos até o início da era cristã.

2) Vulgata: a versão latina da bíblia. Esta revisão foi empreendida por Jerônimo no século IV a pedido do papa Damaso em 382 DC. Ele se baseou nos textos gregos da Septuaginta, embora existam fontes de pesquisa dizendo o contrário: que a Vulgata foi traduzida diretamente do texto hebraico original. O nome vem da expressão 'vulgata versio', isto é, 'versão de divulgação para o povo', e foi escrita em um latim cotidiano, assim como a Septuaginta havia sido escrita em grego koiné (popular).

No século VI DC surgiu a *Massorá, que* é o conjunto de comentários críticos e gramaticais acerca da bíblia, sobretudo do AT, feitos pelos doutores judeus. Os *massoretas* (literalmente: *transmissores*) substituíram os antigos escribas (*sopherim*) como guardiões do texto sagrado. Estiveram em atividade desde cerca de 500 DC até cerca de 1000 DC. A escrita das consoantes apenas foi processo adequado enquanto o hebraico continuou sendo um idioma falado. Quando aparecia uma palavra que poderia ser ambígua, eram usadas letras vogais para deixar o texto mais claro. Os *massoretas* criaram os sinais vocálicos e a pontuação ou sinais de acentuação, que foram adicionados ao texto consonantal.

Resumindo: enquanto a Septuaginta foi uma tradução grega da bíblia hebraica para os povos gentios, a Massorá foi uma versão moderna escrita em hebraico para os próprios judeus, usando vogais, pois o hebraico falado na época de Moisés não mais existia.

A seguir, coloco o autor, a data em que foi escrito e o conteúdo de cada livro:

Gênesis: abrange o início da Criação e a queda do homem até o dia que Israel chegou ao Egito e se tornou nação (por volta de 1800 AC, segundo algumas fontes), passando por toda a história dos patriarcas. Foi provavelmente escrito por Moisés por volta de 1440 AC por revelação divina ou por antigos relatos escritos e orais. Deve-se buscar em Gênesis a relação entre Deus e a humanidade, quebrada no Éden e em vários ciclos de pecado e arrependimento, e restaurada por sacrifícios e encontros com Ele (as alianças). Gênesis, em hebraico, *Bereshit*, significa: *no início, no princípio.*

Êxodo: (Hebr.: Shemot = êxodo). O autor é Moisés e foi composto por volta de 1440 AC. Abrange a saída do Egito (1446 AC) e a entrada em Canaã (1406 AC). O Êxodo se deu em 1446 AC (cf. 1 Rs 6: 1, pois o reinado de Salomão ocorreu no período de 970-931 AC).

Levítico: escrito por Moisés por volta de 1440 AC. Fala das leis, regras e relacionamentos com Deus e com a sociedade, leis para a vida social e religiosa, pois diz respeito aos levitas e a como deveriam conduzir corretamente a adoração. *Levítico* é chamado *"O livro das Leis"*. Em hebraico, seu nome é *wayyiqrã,* que significa: *"ele chamou",* porque o livro inicia justamente com a frase: *"Chamou o Senhor a Moisés e, da tenda da congregação, lhe disse:..."*.

Números: quem escreveu foi Moisés, por volta de 1406 AC. Fala sobre os quarenta anos passados na peregrinação no deserto desde o Sinai até as margens do rio Jordão em frente a Jericó: três meses do Egito até o Sinai e um ano acampados ao pé desse monte, mais trinta e oito anos e nove meses vagando pelo deserto, após o castigo determinado por Deus para os rebeldes. Neste livro, contam-se as famílias que saíram do Egito em busca da Terra Prometida. Também conta histórias que mostram o pecado do homem e a ira de Deus, assim como Sua misericórdia para com os que se voltam para Ele. Em hebraico: *Bamidbar = no ermo,* por causa de Nm 1: 1: *"No segundo ano após a saída dos filhos de Israel do Egito, no primeiro dia do segundo mês, falou Deus a Moisés, no deserto [ermo] do Sinai, na tenda da congregação..."*.

Deuteronômio: Moisés é o autor, por volta de 1406 AC. Ensina o povo como ser livre, gozando da plena vontade de Deus no exercício da fé, que se torna ativa quando brota de um relacionamento vivo com um Deus de amor. Registra as palavras finais de Moisés aos israelitas antes de entrarem na Terra Prometida ordenando-lhes a obedecerem a Deus e a rejeitarem todas as formas de idolatria para não morrerem como seus pais morreram no deserto. *Deuteronômio (Devarim)* significa: *repetição das leis*.

Josué: Talvez escrito por Josué ou os sacerdotes Eleazar e Finéias, por volta de 1390 AC. Fala da entrada na Terra Prometida e de sua conquista, a segunda chance de Deus, já que tinham falhado da primeira vez e ficaram quarenta anos no deserto.

Juízes: Começaram a governar por volta de 1375 AC. Mostra a ascensão e queda do povo no relacionamento com Deus em vários ciclos consecutivos. Escrito, provavelmente, por Samuel ou qualquer outro profeta, por volta de 1050-1000 AC. O livro abrange mais ou menos trezentos e cinqüenta anos onde doze juízes julgaram sucessivamente a Israel, entre eles, uma mulher: Débora. Mais do que consultores jurídicos, eram líderes locais que passaram a ter destaque em toda a nação por conta de suas vitórias militares.

Rute: Provavelmente, uma história passada no período dos juízes (1375-1050 AC) e escrita por Samuel ou autor desconhecido, por volta de 1000 AC. Conta a história de Rute que, mesmo sendo estrangeira, viúva, sem filhos, pobre e abandonada, encontrou seu lugar numa nova comunidade.

1 Samuel: Autor anônimo. Os profetas Samuel, Natã e Gade mantiveram registros (1 Cr 29: 29) que, mais tarde, talvez, tenham sido compilados, formando assim 1 e 2 Samuel. Há quem acredite que historiadores oficiais da corte (cronistas) tivessem registrado esses acontecimentos (2 Sm 8: 16-17; 1 Rs 4: 3). O livro pode ter sido escrito por volta de 900 AC, após a divisão do reino do Norte e do reino do Sul. Mostra a história do relacionamento de Deus com o Seu povo. É a transição entre a era em que os juízes governaram em Israel e o período dos reis.

2 Samuel: Autor anônimo, por volta de 925 AC. Traça a história de Israel desde a morte de Saul até o fim do reinado de Davi (mais ou menos 1010-970 AC). Mostra também os detalhes mais importantes do reinado de Davi e a mão de Deus sobre os acontecimentos.

1 Reis: A tradição judaica considera o profeta Jeremias o autor desse livro ou autor desconhecido que tenha usado os documentos preexistentes, como o livro da história de Salomão (1 Rs 11: 41), o livro da história dos reis de Israel (1 Rs 14: 19) e o livro da história dos reis de Judá (1 Rs 14: 29) ou outras fontes (1 Cr 29: 29; 2 Cr 9: 29; 2 Cr 12: 15). Provavelmente foi escrito durante o exílio babilônico dos judeus, por volta de 560 e 550 AC. Abarca os últimos dias de Davi, o reinado e a queda de Salomão, além da divisão do reino em Israel e Judá (971-846 AC).

2 Reis: Provável autor: Jeremias ou desconhecido. Inicialmente, fazia parte de *1 Reis* e foi, provavelmente, escrito após a queda de Jerusalém em 586 AC, mas antes de 550 AC. Trata dos acontecimentos entre 853 e 562 AC. Foi escrito para preservar a história de Judá e Israel para os judeus que estavam vivendo no exílio na Babilônia. O autor queria que os leitores aprendessem as lições da História, lembrando-os das conseqüências da infidelidade para com Deus. O livro de reis foi dividido em duas partes no século II AC por ocasião da Septuaginta. Um rolo teria sido suficiente para o hebraico (que não usa vogais). Mas o grego (que precisa das vogais) exigiria o dobro do espaço. *2 Reis* mostra as conseqüências da idolatria: a derrota de Israel (722 AC) e seu cativeiro na Assíria e a derrota de Judá (586 AC) e seu cativeiro na Babilônia.

1 Crônicas: Tradicionalmente, a autoria é atribuída a Esdras, entre 450 e 400 AC. Foi escrito para um povo que retornava do exílio, perguntando se ainda se enquadrava nos planos de Deus. O propósito do autor era que os israelitas reconhecessem suas raízes santas e reencontrassem sua herança. Abrange a genealogia do povo, a morte de Saul, o reinado de Davi e a proclamação de Salomão como rei de Israel.

2 Crônicas: Quem o escreveu foi Esdras, sacerdote e escriba em fins de 400 AC. Embora o livro abarque o período desde o reinado de Salomão (970 AC) até a queda de Jerusalém (586 AC), foi escrito para os que estavam retornando do cativeiro e reconstruindo a sociedade.

Esdras: Esdras talvez o tenha escrito junto com o livro de Neemias, por volta de 430 AC. Na bíblia hebraica original, Esdras e Neemias compõem um só livro. Descendente de Arão, Esdras era sacerdote e escriba (copista da lei de Moisés) – Ed 7: 1-6; Ne 12: 26. Os acontecimentos relatados em Neemias foram concluídos um pouco depois de 440 AC. Esdras fala da reconstrução do templo, das dificuldades encontradas e das medidas drásticas exigidas para expurgar a impureza dos exilados que se uniram aos idólatras da terra.

Neemias: Esdras o compôs junto com o livro anterior, por volta de 430 AC. O episódio de Neemias se deu entre 445 e 432 AC. A Pérsia conquistou a Babilônia em 539 AC e depois permitiu que os judeus retornassem a Jerusalém (538 AC). O templo tinha sido reconstruído, mas os muros permaneciam em ruínas. O livro fala da reconstrução dos muros e da maneira pela qual Neemias equilibrou espiritualmente as ações práticas.

Ester: Escritor desconhecido, mas, provavelmente, um judeu consagrado como Mordecai, Esdras ou Neemias por volta de 460-350 AC. Ester veio a ser rainha em 479 AC. O autor relata a história de Ester na Pérsia, como veio a ser rainha e como Deus a usou em prol do Seu povo. Relata também a festa de Purim e a proteção de Deus sobre eles.

Jó: Autor desconhecido. Cogita-se Jó (embora não seja Israelita), Eliú, Moisés, Salomão, Isaías, Ezequias ou Baruque (amigo de Jeremias). Os antecedentes culturais e históricos parecem remontar aos tempos de Gênesis (uma vez que se faz menção de Elifaz, o temanita, um dos amigos de Jó – Jó 2: 11 etc.). Temã (têmãn) foi neto de Esaú (Gn 36: 11; 1 Cr 1: 36), e talvez tenha dado seu nome ao distrito, norte de Edom (Jr 49: 20; Ez 25: 13; Am 1: 12). Seus habitantes eram famosos por causa de sua sabedoria (Jr 49: 7; Ob 8 e seg.). Acredita-se que a história de Jó foi transmitida oralmente, de geração em geração, e só depois registrada por escrito. O livro foi escrito para lidar com a questão do sofrimento e da injustiça; também para nos alertar contra as acusações falsas que vêm dos supostos amigos.

Salmos: A maior parte dos salmos foi escrita durante os reinados de Davi e Salomão (1010-930 AC). Os autores são diversos: Davi (71 salmos, não necessariamente do nº 1 ao 71º como muitos pensam, pois há salmos posteriores reputados a Davi: 86, 96, 101, 103, 105, 108, 109, 110, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145), Asafe (Sl 50; 73-83), os descendentes de Coré (Neto de Coate e bisneto de Levi; por exemplo: Sl 42-49; 84; 85; 87), Hemã (Sl 88), Etã (Sl 89), Salomão (Sl 72 e 127), Moisés (Sl 90), Esdras (Sl 119) e outros autores (Sl 92; 93; 94; 95; 97; 98; 99; 100; 102; 104; 106; 107; 111; 112; 113; 114; 115; 116 ; 117; 118; 120; 121; 122; 123; 124; 125; 126; 128; 129; 130; 131; 132; 133; 134; 135; 136; 137; 146; 147; 148; 149; 150). O salmo 91 ninguém tem certeza de quem escreveu.

'Salmos', em hebraico, são chamados t^{e}hillïm, que significa 'cânticos de louvor'. Na Septuaginta, os salmos são chamados pelo nome de 'saltério' (Psaltírio, ψαλτήριο, ou Psaltíri, ψαλτήρι), o nome de um instrumento musical bastante conhecido na Antiguidade; em latim, 'salmo' é escrito como 'salterium'.

Os salmos são auxílios na adoração, na oração e na instrução a respeito de Deus. Revelam as emoções dos seus autores diante de várias situações, mostrando que são iguais a nós quanto à manifestação dos seus sentimentos mais profundos. O salmo 30 era empregado na festa da Dedicação do Templo (a 'Festa das Luzes', depois do período do segundo templo) e o salmo 92 era empregado no sábado (Shabbat). Os salmos 120 a 134 são chamados 'salmos de ascensão, peregrinação ou romagem', pois geralmente eram cantados após a volta do exílio babilônico por judeus que subiam a Jerusalém nas festas.

Nós podemos ver nos salmos a palavra Selá. Selá (סלאח, transliterada como selãh ou selâ) é uma palavra usada freqüentemente na bíblia hebraica, 71 vezes em 39 dos 150 salmos, na maioria dos casos no final de um verso, e três vezes no terceiro capítulo de Habacuque (Hc 3: 3, 9 e 13). Selá provavelmente registraria uma pausa na música, em grego traduzida às vezes por aei (ἀεί), significando 'sempre', ou eis telos (em grego: εἰς τέλος, 'no fim'), parecendo indicar uma bênção litúrgica semelhante a 'Amém e Aleluia'. Então, os adoradores deveriam elevar as vozes, clamando "Bendito seja Yahweh para sempre" ou "Yahweh vive para sempre".

Outras fontes dizem que selá significa 'elevação', pois vem da raiz hebraica (calah), que significa 'suspender' e por implicação medir (peso), indicando moderação nas palavras; então, pode estar ligada a um sinal litúrgico de elevação (salal, 'elevar'), para

que fossem elevadas as mãos em atitude de oração ou uma orientação musical dada aos cantores ou à orquestra para elevar, isto é, cantar ou tocar mais forte, ou um acompanhamento mais alto.

Na NVI, por exemplo, no salmo Sl 140, depois dos vs.3, 5, 8, a palavra selá (selah) está traduzida como 'pausa', o que significaria uma pausa para reflexão. Seria semelhante à Septuaginta, onde selah foi traduzida por diapsalma (em grego: διάψαλμα), que significa: intervalo, interlúdio, mudança de tom; um sinal indicativo para que nesse ponto o adorador se prostrasse, se levarmos em consideração que selah seja um termo derivado de uma raiz aramaica s-l, significando 'prostrar-se'. Também aparece no salmo 3 (depois dos vs. 2, 4, 8); no salmo 24 (depois dos vs. 6 e 10), no salmo 46 (depois dos vs. 3, 7 e 11) e no salmo 143 (depois do v.6).

Habacuque, avaliando as calamidades que viriam sobre seu país e os subseqüentes castigos sobre os caldeus, terminou seu livro com uma sublime e poética prece, na qual aparece três vezes a palavra 'Selá' (Hc 3: 3, 9 e 13), provavelmente indicando sua meditação sobre o que viria.

Na verdade, sua etimologia e significado são imprecisos.

O termo não deve ser confundido com sela', que significa 'rocha' e era o nome de uma cidade dos tempos bíblicos, hoje uma cidade da Jordânia, chamada Petra.

Provérbios: Autores: Salomão, Agur, Lemuel (talvez um rei não Israelita). Provavelmente escritos por volta de 935-930 AC, mas compilados mais ou menos em 700 AC. O objetivo é mostrar como a sabedoria de Deus serve para a vida real. O provérbio é uma verdade condensada em poucas palavras, sendo pertinente a várias situações da vida.

Eclesiastes: Talvez, escrito por Salomão (Ec 1: 1; Ec 1: 12; Ec 2: 8-9, provavelmente já idoso, após ter sido punido por Deus por causa de sua idolatria, por isso vendo a vaidade da vida) ou por um pregador anônimo (ou professor ou líder de assembléia) que, simplesmente, falou da perspectiva de um rei. Oferece uma filosofia de vida, usado pelos judeus como livro de instrução, mostrando como descobrir relevância espiritual numa vida que de outra forma seria irrelevante. Época em que foi provavelmente escrito: por volta do século X AC.

Cânticos: Salomão ou um autor desconhecido. Escrito, provavelmente, por volta do século X AC. A atribuição tradicional do livro a Salomão (séc. X AC) se baseia nas referências feitas a ele (Ct 1: 1; Ct 3: 7; Ct 3: 9; Ct 3: 11; Ct 8: 11), especialmente no versículo do título (Ct 1: 1). Alguns acham que Salomão escreveu este cântico na sua juventude, antes de adquirir seu enorme harém. Outros acham que o livro de Cânticos reflete o amor de um jovem pastor israelita e de sua noiva, criando a fantasia de serem 'rei e rainha' por um dia. A bíblia diz que Salomão compôs três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco (1 Rs 4: 32), por isso, não seria estranho pensar que foi ele realmente o autor deste livro, assim como Eclesiastes e a maioria dos Provérbios. Há uma grande controvérsia quanto à interpretação, tanto por parte dos judeus quanto dos cristãos, uns levando para o lado do amor humano, outros para o relacionamento de Deus com um povo. Seja como for, o amor é dádiva de Deus.

Isaías: Isaías, filho de Amoz, por volta de 700-680 AC. Seu ministério em Judá foi de 740 a 681 AC. Fala da posição dupla do povo de Israel diante de Deus, sua acomodação e falta de amor verdadeiro ao Senhor. Isaías trabalhou para dar ao povo a clareza dessa hipocrisia na esperança de mudarem de atitude. Em 722 AC houve o exílio de Israel e

em 586 AC, o exílio de Judá. Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram. Por meio de Isaías e de sua profecia, Deus mostrou ao povo Seus dois lados: misericórdia e juízo, justiça e perdão, exílio e salvação. Profetizou a vinda do Messias, por isso foi chamado de profeta messiânico.

Jeremias: Jeremias, durante seu ministério: 626-585 AC. Os últimos versículos foram acrescentados depois, mais ou menos 25 anos após a destruição de Jerusalém. Foi sacerdote e profeta (seu pai Hilquias era sacerdote da descendência de Abiatar, que oficiou no reinado de Davi, e da linhagem de Itamar, irmão de Eleazar, filho de Arão). Seu assistente, Baruque, anotou as profecias à medida que Jeremias as ditava. Recebeu ainda jovem o chamado de profeta (por volta do início de sua 2ª década de vida) para chamar o povo para Deus, antes que a destruição chegasse. Depois da queda Jerusalém, foi forçado a fugir para o Egito e supõe-se que ali tenha morrido na cidade de Tafnes.

Lamentações: Jeremias, pouco depois da queda de Jerusalém diante dos babilônios em 586 AC ou, talvez, um escritor anônimo, levando-se em conta algumas possíveis contradições no estilo literário entre seu livro profético (Livro de Jeremias) e o livro de Lamentações, por exemplo, ao ser mencionado o julgamento sobre Zedequias (Lm 4: 20 cf. Jr 24: 8), a esperança de ajuda por parte do Egito (Lm 4: 17 cf. Jr 37: 7) e a aceitação do sofrimento por causa de pecado dos pais (Lm 5: 7 cf. Jr 31: 29-30). Mas, com certeza, foi escrito por alguém que presenciou a destruição de Jerusalém pelos Babilônios. É para quem já sofreu uma grande perda e manifesta a grande tristeza de uma nação.

Ezequiel: Ezequiel, o sacerdote levado cativo para Babilônia, onde começaram suas visões proféticas, escrevendo-o entre 592 e 571 AC. O primeiro retorno dos exilados a Jerusalém só se deu em 538 AC. Escreveu para os que estavam com ele no exílio, tentando reanimá-los, dizendo que Deus os levaria de volta à sua terra. Temas principais do livro:

1) Advertências do juízo vindouro sobre a Jerusalém impenitente.
2) Promessas de juízo sobre outras nações.
3) Palavras de esperança para o futuro de Israel.
4) Visão do novo templo e do país restaurado.

Daniel: Daniel, membro de uma família real de Judá e que foi levado à Babilônia por volta de 605 AC. Provavelmente foi escrito entre 536 e 530 AC, pouco depois de Ciro conquistar a Babilônia em 539 AC. Fala da fidelidade de Deus e Seu poder sobre os líderes e os impérios, sempre comprovando Sua superioridade sobre todos os demais deuses. A História fala sobre três etapas do exílio de Judá: 605, 597, 586 AC.

Oséias: Oséias, profeta de Israel, do reino do Norte por volta de 715 AC (seu ministério profético foi de 755 a 715 AC, abarcando o exílio de Israel em 722 AC). Conta o amor de Oséias por Gômer, sua esposa infiel, que ilustra o amor de Deus por nós, mesmo quando lhe somos infiéis. Jeroboão II (782-753 AC) foi um rei ímpio cujo domínio produziu uma sociedade materialista, imoral e injusta. Os seis reis que se seguiram nos próximos vinte e cinco anos contribuíram para a queda de Israel em 722 AC.

Joel: Joel, numa época desconhecida. Pode ter sido quando o rei Joás ainda era uma criança (835 AC). Profetiza a descida do Espírito Santo e vincula a obra de Deus no AT

ao nascimento da Igreja no NT. Mostra o desejo intenso de Deus de ter intimidade com todo o Seu povo. Joel conclamou o povo a se voltar para Deus.

Amós: Amós, entre 760 e 750 AC, antes do exílio de Israel em 722 AC. Ele era um pastor de Judá sem credenciais conhecidas, a não ser o fato de que tinha uma palavra da parte de Deus (Am 7: 14-15). Amós fala sobre o descontentamento divino contra a exploração dos mais pobres e indefesos, assim como critica o materialismo e o baixo nível moral de Israel, que tinha absorvido dos seus vizinhos pagãos (Am 2: 8-16).

Obadias: Obadias, em época desconhecida (profetizou entre 605 e 583 AC, no tempo do exílio). Fala sobre a rixa entre Israel e Edom (parente distante de Israel por meio de Esaú), pois quando o reino de Judá foi invadido e conquistado pela Babilônia, Edom não só não os apoiou, mas ajudou a saquear o reino do Sul, entregando os israelitas aos seus inimigos. A primeira etapa que Judá foi levado à Babilônia foi em 605 AC, mais ou menos. Deus condenou os edomitas pela arrogância e pela traição.

Jonas: Jonas, entre 785 e 750 AC no reinado de Jeroboão II, rei de Israel (782-753 AC – 2 Rs 14: 25). Fala da compaixão de Deus por todo o Seu povo e Seu desejo de arrependimento sincero, independentemente do que a pessoa tenha feito.

Miquéias: Miquéias, por volta de 742-687 AC, durante os reinados de três reis de Judá: Jotão (740-732 AC), Acaz (732-716 AC) e de Ezequias (716-687 AC). Miquéias escreveu para os habitantes de Judá a fim de adverti-los de que o juízo divino era iminente por haverem rejeitado Deus e Sua lei. Falava também que a nação acabaria sendo restaurada. Profetizou o nascimento do Messias em Belém.

Naum: Naum, entre 663 AC (quando o Egito já estava nas mãos da Assíria) e 612 AC (quando a Assíria foi conquistada pela Babilônia, e quando ocorreu a queda de Nínive), mais ou menos cem a cento e cinqüenta anos depois de Jonas entregar a mensagem de Deus a Nínive, capital da Assíria. Naum faz lembrar que o Senhor detém o controle da História e que não permitirá que o mal prevaleça para sempre.

Habacuque: Habacuque, profeta de Judá, mais ou menos entre 610 e 597 AC, durante o reinado do rei Jeoaquim. Fala a Deus como um intercessor do povo pedindo que acabasse com a corrupção de Judá.

Sofonias: Sofonias, durante o reinado do rei Josias em Judá (640-609 AC), mas antes da destruição da cidade de Nínive em 612 AC (profetizada por Naum). Escreveu para o povo de Judá, advertindo-o do juízo de Deus pelos pecados e assegurando que isso abriria o caminho para uma nova sociedade, na qual a justiça prevaleceria e toda a humanidade adoraria ao Senhor.

Ageu: Ageu, mais ou menos em 520 AC. Embora os judeus tivessem iniciado a reedificação do templo dezesseis anos antes dessa profecia (por volta de 536 AC), a oposição dos povos vizinhos conseguia intimidá-los e levá-los a abandonar a obra de reconstrução. Ageu estimula o povo a reconstruir em 520 AC (Ag 1: 1; Ed 4: 24; Ed 5: 1-2). Ageu e Zacarias são os primeiros profetas referidos depois do retorno dos primeiros exilados em 538 AC. A ordem de reconstrução já havia sido dada por Ciro em 539-538 AC, quando teve início o Império Persa. O templo começou a ser edificado em

536 AC, mas parou por dezesseis anos e era por isso que Ageu clamava. Sua conclusão foi em 516 AC (em quatro anos). Segundo a História, o segundo retorno dos exilados a Jerusalém (sob comando de Esdras) foi em 458 AC e a reconstrução das muralhas de Jerusalém, em 445 AC (3º retorno: Neemias). Ageu testemunhou a crescente apatia durante aquele período e, ao chegar à idade apropriada, o Espírito de Deus sobre ele operou com o dom da profecia.

Zacarias: Zacarias, em 520 AC, durante o reinado de Dario. Era profeta e sacerdote e nasceu no exílio. Quando jovem, voltou da Babilônia para Jerusalém. Motivou o povo a restaurar o templo e fez predição sobre o Messias.

Malaquias: Malaquias, mais ou menos 440 AC, depois de Israel ter voltado do cativeiro babilônico e depois da reconstrução do templo de Jerusalém (516 AC). Combate o comodismo e a indiferença no meio do povo e dos sacerdotes. Ajuda a reavaliar o relacionamento com Deus.

A seguir coloco o período entre Malaquias e Cristo, que compreende os quatrocentos anos, aproximadamente, quando Israel foi dominado pelos pagãos e quando o Senhor deixou de falar ao Seu povo por intermédio dos profetas:

Período Persa:
539-333 AC.
Por cerca de cem anos após a época de Neemias (445-332 AC), os persas dominaram Judá, mas os judeus tiveram permissão de dar prosseguimento às observâncias religiosas sem enfrentar nenhuma oposição. Nesse período, Judá foi governado por sumos sacerdotes.

O período Helenístico:
333-167 AC.
Em 333 AC os exércitos persas concentrados na Macedônia foram derrotados por Alexandre, o Grande. Para ele, sem dúvida, a cultura grega seria a única força a congregar o mundo. Ele permitiu que os judeus guardassem suas leis e até mesmo lhes garantiu a isenção de tributos e impostos nos anos sabáticos. Por volta de 250 AC, a conquista grega possibilitou a tradução do AT para o grego [a chamada Versão dos Setenta ou Septuaginta, no reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-247 AC)]. Reis: Alexandre, o Grande (330-323 AC), Reinado dos Ptolomeus do Egito e dos Selêucidas da Síria (323-167 AC).

O período Hasmoneano:
167-63 AC
Hasmon era o nome da família de Judas ben Matatias.
No início desse período da História, os judeus submeteram-se a um jugo muito pesado. Os Ptolomeus tinham sido complacentes para com os judeus, permitindo suas práticas religiosas, mas os Selêucidas empenharam-se tenazmente por impingir-lhes o helenismo. Instituiu-se como lei a destruição dos exemplares das Escrituras, e esse decreto foi cumprido com extrema desumanidade. Os judeus oprimidos se rebelaram sob o comando de Judas Macabeu.

O período Romano:

No ano de 63 AC, o general romano Pompeu conquistou Jerusalém, e as províncias da Palestina se subjugaram ao domínio romano. O governo de cada região ficava parte do tempo a cargo de príncipes e, no restante, sob a responsabilidade de procuradores nomeados pelo imperador. Herodes, o Grande, foi rei de toda a Palestina na época do nascimento de Cristo. Em 476 DC ocorreu a queda do Império Romano do Ocidente.

Mateus: Mateus, o publicano, um dos doze apóstolos, provavelmente nos primeiros anos da era cristã (50 DC), dirigindo-se fundamentalmente a leitores judeus, pois citou as comprovações do AT em apoio às afirmações que os crentes vinham fazendo acerca de Jesus como o Messias esperado. Faz, assim, a transição do AT para o NT.

Marcos: João Marcos, primo de Barnabé e filho de Maria, a mulher viúva que oferecia sua casa para as reuniões da Igreja Primitiva (At 12: 12; 25; At 13: 13; At 15: 37-39; At 19: 29; At 27: 2; Cl 4: 10; Fm 24). Era teólogo e historiador. Marcos escreveu o livro por volta de 50-65 DC, provavelmente para os crentes gentios habitantes de Roma e para quem ele explica as tradições judaicas de forma clara (Mc 7:1-4; 14: 12; 15: 42).

Lucas: Lucas, médico gentio, companheiro de Paulo. Escreveu a Teófilo, provavelmente um gentio que acabara de se converter, por volta de 59-63 DC. Apresenta a maior variedade de ensino, parábolas e acontecimentos da vida de Jesus. Mostra o interesse de Jesus pelo mundo não judeu e pelos pobres.

João: João, apóstolo de Jesus, mais ou menos entre 80 e 85 DC, provavelmente em Éfeso (Turquia), pouco antes do seu exílio em Patmos (90-95 DC). Escrito para os seguidores não judeus de Jesus, provando que Ele era o Filho de Deus vivendo como homem aqui na terra e, portanto, na sua humanidade, fazendo os prodígios e os milagres do Pai. João registra sete milagres, culminando com a ressurreição do Senhor, que ele considera a prova de que Jesus é o Filho de Deus. Os demais relatos explicam o propósito da Sua vida.

Atos dos Apóstolos: Quem o escreveu foi Lucas, mais ou menos 63 a 70 DC, como historiador, para narrar o que aconteceu após a ressurreição de Cristo. Mostra a vida da Igreja Primitiva, o avivamento e o crescimento dependentes da ação do Espírito Santo.

Romanos: Paulo, ditado a Tércio (Rm 16: 22), mais ou menos 56 DC aos gentios de Roma. Temas principais: fé, graça, justiça, justificação, com o propósito de moldar o caráter do crente.

1 Coríntios: Paulo, provavelmente ditado a Sóstenes (1 Co 1: 1), mais ou menos 54 ou 55 DC, para os cristãos de Corinto, importante cidade comercial da Grécia, onde iniciou uma igreja. Dois a três anos depois de deixá-la, soube de conflitos e divisões tentando ameaçá-la por causa de crentes carnais e espiritualmente arrogantes. Dá conselhos honestos quanto à vida cristã e os relacionamentos na igreja. Segundo alguns autores, a cidade de Corinto tinha mais ou menos 650 mil habitantes, sendo que mais da metade deles eram escravos. Seu interesse era a filosofia grega, a sabedoria e a religião. Ali havia 12 templos dedicados a deuses gregos e era considerada uma cidade de grande imoralidade.

2 Coríntios: Paulo, provavelmente ditado a Timóteo (2 Co 1: 1), mais ou menos em 55 DC. Dá conselhos para resolver conflitos como choque de personalidade entre os membros da igreja, conflitos teológicos sobre falsos ensinos e conflitos culturais entre a igreja e o mundo. Paulo estava acalmando os ânimos, restaurando a unidade da congregação e reafirmando seu papel de líder.

Gálatas: Paulo, mais ou menos 48-53 DC, para os cristãos da Galácia, província romana na região central do que é hoje a Turquia. Corrige os falsos ensinos que se tinham infiltrado nas igrejas que Paulo e Barnabé haviam fundado.

Efésios: Paulo, mais ou menos 60 a 62 DC durante o seu encarceramento em Roma. Escreveu para os efésios, habitantes da cidade de Éfeso, cidade da atual Turquia, para que pensassem sobre si mesmos como novas pessoas em Cristo, pessoas com identidade radicalmente nova. Fala sobre o propósito da vida, ou seja, a eternidade, as pazes com Deus e a identificação com Cristo.

Filipenses: Paulo e Timóteo (Fp 1: 1), quando aguardavam o julgamento mediante apelo ao imperador romano Nero, mais ou menos 60-62 DC (Fp 4: 22). Paulo escreveu para os crentes de Filipos, localizada a Nordeste da Grécia (Macedônia). Filipos foi uma colônia romana, o primeiro lugar onde Paulo fundou a primeira igreja em solo europeu por volta de 50 DC (At 16: 11-40). Ele agradecia aos Filipenses por lhe mandarem dinheiro para cobrir suas despesas em Roma. Também os advertiu contra falsos mestres e exortou-os a ter mais unidade.

Colossenses: Paulo e Timóteo (Cl 1: 1), em prisão domiciliar em Roma enquanto esperava julgamento de Nero, mais ou menos 60-62 DC. Colosso era uma pequena cidade localizada a sudoeste da Turquia, perto de Laodicéia e Hierápolis. Paulo os advertiu contra os argumentos sutis e falsos ensinos que ameaçavam a fé dos Colossenses. Provavelmente, a igreja de Colosso recebeu o evangelho por meio de Epafras, cooperador de Paulo, como também a de Laodicéia (Cl 1: 7; Cl 4: 12-13; 15-16; Fm 23 – aqui, prisioneiro com Paulo em Roma). Ao que parece, Paulo não conheceu Laodicéia pessoalmente (Cl 2: 1).

1 Tessalonicenses: Paulo (Silvano e Timóteo, 1 Ts 1: 1), mais ou menos 50 DC aos crentes da Igreja da Tessalônica, fundada em sua 2ª viagem missionária. Distúrbios e oposição o haviam forçado a deixá-los antes do desejado, mas as notícias posteriores do progresso da igreja o incentivaram a escrever, elogiando-os por crescerem no Senhor e exortando-os a corrigirem os erros. Dá orientações práticas para os cristãos levarem uma vida santa numa cultura hostil aos valores cristãos.

2 Tessalonicenses: Paulo (Silvano e Timóteo, 2 Ts 1: 1), mais ou menos, 51-52 DC. Temas importantes: sofrimento do cristão, trabalho, tempos do fim.

1 Timóteo: Paulo, talvez 63 DC. Escreveu para Timóteo (1 Tm 1: 2; At 16: 1-5) dando conselhos sobre como conduzir melhor a Igreja de Éfeso frente aos falsos profetas que agiam ali.

2 Timóteo: Paulo, talvez 62-63 DC. Muitos o tinham abandonado na prisão. Paulo escreve para Timóteo (2 Tm 1: 2), colocando sua sabedoria a serviço de Deus. Desafiou Timóteo a ter um ministério mais eficiente.

Tito: Paulo, talvez 62-63 DC. Tito era amigo íntimo e protegido de Paulo e o ajudara a organizar e a dirigir igrejas na região leste do Império Romano. Paulo escreveu essas instruções para ajudar Tito a liderar a conturbada igreja da ilha de Creta, próxima à Grécia.

Filemom: Paulo, entre 60 e 62 DC quando estava preso em Roma. Filemom era cristão rico da igreja de Colosso e seu escravo fugitivo chamado Onésimo foi convertido à fé por Paulo. Ele escreveu a Filemom para que perdoasse seu escravo e o recebesse de volta sem puni-lo.

Hebreus: Paulo, Barnabé, Lucas ou Apolo em 60-70 DC. Forte evidência a favor de Paulo em Hb 13: 19 e 23 pela semelhança da frase com outras epístolas, embora o estilo literário pareça ser um pouco diferente das demais epístolas Paulinas. Outros acham que foi Apolo quem a escreveu, por causa do seu profundo conhecimento dos assuntos do AT, pois era um judeu alexandrino. Apolo é a abreviação de Apolônio. O termo *hebreu* é usado no AT como designação do povo semita. O filho de Noé, Sem, pai dos semitas, era antepassado de Héber (de onde se origina a palavra *'hebreu'*, Gn 10: 21; 1 Cr 1: 18). Aplicado em sentido mais amplo, o termo inclui outros povos não israelitas como os Arameus, os Moabitas e os Amonitas. O termo parece referir-se mais à cultura do povo que à sua identidade étnica. *Hebreus,* no NT, eram os primeiros crentes judeus que, por causa da perseguição e das dificuldades, sentiam-se fortemente atraídos a voltar ao estilo de vida segundo o AT. O autor traça contrastes freqüentes entre a lei cerimonial do AT e a fé do NT.

Tiago: Tiago, meio-irmão de Jesus, primeiro bispo de Jerusalém, mais ou menos 40-50 DC, às doze tribos [Tg 1: 1: às pessoas de Israel que se haviam convertido e habitavam em outras nações, ou à Igreja em sentido simbólico (judeus e gentios)]. Tiago advertiu os crentes sobre alguns hábitos que haviam adquirido e que corroíam a essência da sua fé: favoritismo, hipocrisia, calúnias, orgulho, mau uso das riquezas e falta de paciência.

1 Pedro: Pedro aos crentes ("eleitos" – ARA) gentios e de origem judaica, dispersos ("forasteiros" – ARA) entre os não-convertidos em diferentes regiões da Ásia Menor (atual Turquia), por volta de 60-64 DC; eram cristãos que, devido às crescentes lutas e perseguições, imaginavam que Deus os tinha abandonado.

2 Pedro: Pedro, para alertar os crentes quanto aos falsos mestres que haviam invadido a comunidade cristã. Aos crentes dispersos por todas as regiões da Ásia Menor (Turquia), entre 64 e 68 DC. Orienta a desenvolver o caráter cristão, apegar-se à verdade, ficar advertido contra falsos mestres e esperar a vinda do Senhor.

1 João: João, apóstolo, por volta de 85-90 DC, para incentivar e fortalecer os crentes de um grupo de igrejas nas proximidades de Éfeso (a oeste do que é hoje a Turquia). Fala sobre o amor de Deus.

2 João: João, apóstolo, por volta de 85-90 DC. Para os cristãos que se sentiam pressionados pelos falsos mestres, incentivando-os a renovar o compromisso com a verdade.

3 João: João, apóstolo, por volta de 85-90 DC, ao amigo Gaio, incentivando-o a continuar apoiando fielmente os mestres legítimos.

Judas: Meio-irmão de Jesus, irmão de Tiago, por volta de 65 DC. Advertia os crentes contra as falsas doutrinas e os mestres enganadores. Em sua epístola, ele menciona o livro apócrifo de Enoque, como eu disse acima (Jd 1: 14-15).

Apocalipse: João, apóstolo, 90-95 DC, às províncias da Ásia Menor (atual Turquia), a fim de adverti-los para que não abandonassem a fé em Cristo, assegurando sua vitória por permanecerem com Deus. A palavra grega *Apocalipse (Apokálypsis)* significa: *descobrimento, revelação*. Os escritos apocalípticos judaicos utilizavam a linguagem figurada e o simbolismo para mostrar que o mal será substituído pela bondade e pela paz do reino de Deus.

Nota:
A bíblia fala que o povo ficou setenta anos em cativeiro, provavelmente calculando desde a 1ª etapa do exílio de Judá em 605 AC até o 1º retorno dos exilados a Jerusalém em 538 AC (2 Cr 36: 21: "para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumprisse"). Outras referências em Jr 25: 11; Jr 29: 10; Dn 9: 2. A explicação para isso está na palavra *Sábado*. O povo deveria honrar a Deus permitindo que a terra descansasse a cada sete anos. Esse período sem plantio era considerado sábado de descanso (Lv 25: 2-4; Êx 23: 10-11). Como, porém, deixaram de fazer isso ao longo dos séculos, Deus os condenou e retirou todos os sábados de descanso de uma só vez. A terra ficaria adormecida durante o cativeiro na Babilônia (Lv 26: 34-35; 43).

Cronologia do Antigo Testamento

PRÈ-HISTÓRIA	A Criação Adão e Eva no Jardim do Éden Caim e Abel Noé e o Dilúvio A torre de Babel
2200 AC	Abraão – 2166-1991 AC (Gn 21: 5; Gn 25: 7) Isaque – 2066-1886 AC (Gn 25: 26; Gn 35: 28) Jacó e Esaú – 2006-1859 AC (Gn 47: 28; Gn 47: 9) José – 1915-1805 AC (Gn 50: 22; 26) – chegou ao Egito em 1898 AC (Gn 37: 2; 36), provavelmente no reinado de Sesóstris II (Senusret II) – 1897-1878 AC ou seu pai Amenemés II (1929-1895 AC) – 12ª dinastia egípcia
1900 AC	Migração dos filhos de Jacó com suas famílias para o Egito: 1876 AC (Êx. 12: 40-41; Gl 3: 17; Gn 46: 26-27; Êx 1: 5; Gn 41: 46; 53; Gn 45: 6). Os israelitas são escravizados no Egito: 1580 ou 1550 AC – Êx 1: 8: Amósis I – 17ª dinastia egípcia. Nascimento de Moisés: 1526 AC (Êx 7: 7) Saída dos israelitas do Egito: 1446 AC (1 Rs 6: 1; Êx. 12: 40-41) – Tutmósis III (ou Tutmés III, 1479-1425 AC, da 18ª dinastia). Peregrinação no deserto: 1446-1406 AC
1400 AC	Entrada em Canaã: 1406 AC Conquista de Canaã: 1406-1375 AC Morte de Josué: 1375 AC, com 110 anos (Js 24: 29; Jz 2: 8) Início do período dos juízes: 1375 AC

1100 AC	Reinado de Saul – 1050-1010 AC Reinado de Davi – 1010-970 AC Reinado de Salomão – 970-931 AC

O reino dividido

Judá (sul)	**Profetas**		**Israel (Norte)**
	Sul	**Norte**	
950 AC	Roboão (931-914 AC) Abias (914-911 AC) Asa (911-870 AC)		Jeroboão I (931-910 AC) Nadabe (910-909 AC)
900 AC	Josafá (870-845 AC)		Elias 875-848 AC	Baasa (909-886 AC) Elá (886-885 AC) Zinri (885 AC) Onri (885-874 AC) Acabe (874-853 AC) Acazias (853-852 AC)
850 AC	Jeorão (848-841 AC) Acazias (841AC) Atalia (841-835 AC) Joás (835-796 AC)	Joel?	Eliseu 848-797 AC	Jorão (852-841 AC) Jeú (841-814 AC) Jeoacaz (814-798 AC)
800 AC	Amazias (796-781 AC) Uzias (781-740 AC)	Isaías 740-681	Jonas 785-750 Amós 760-750 Oséias 755-715	Jeoás (798-782 AC) Jeroboão II (782-753 AC)

750 AC	Jotão (740-732 AC) Acaz (732- 716 AC) Ezequias (716-687 AC)	Miquéias 742-687 Joel?		Zacarias (753 -752 AC) Salum (752 AC) Menaém (752-742 AC) Pecaías (742-740 AC) Peca (740-732 AC) Oséias (732-723 AC) Queda de Samaria 722 AC

Últimos Anos do Reino de Judá

	Reis	Profetas
700 AC	Manassés (687-642 AC)	Naum (663-612 AC)
650 AC	Amom (642-640 AC) Josias (640-609 AC) Joacaz (609 AC) Jeoaquim (609-598 AC)	 Sofonias (640-621 AC) Jeremias (626-585AC) Habacuque (610-597 AC) Obadias (605-583 AC) Daniel (605-536 AC)
600 AC	Joaquim (598 AC) Zedequias (598-587 AC) Queda de Jerusalém (Julho 587 ou 586 AC) Habitantes de Judá levados para a Babilônia – 587-586 AC	Ezequiel (592-571 AC)
550 AC	Início do domínio persa – 539AC Ciro, o imperador da Pérsia, ordena a volta dos judeus – 538 AC (1º retorno dos exilados). Início da reconstrução do templo 520 AC; conclusão 516 AC 2º retorno a Jerusalém (Esdras) 458 AC Reconstrução das muralhas de Jerusalém 445 AC (3º retorno: Neemias)	Ageu e Zacarias (520-480 AC) Malaquias (450-400 AC)

Cronologia do Período Intertestamentário

400 AC	Alexandre, o Grande, governa a Palestina; domínio macedônico – 333-323 AC Domínio dos Ptolomeus sobre a Palestina – 323-198 AC
200 AC	Domínio dos Selêucidas sobre a Palestina – 198-167 AC Revolução de Judas Macabeu e domínio da família de Judas e seus descendentes, os asmoneus (Hasmoneanos), sobre a Palestina – 167-63 AC Conquista de Jerusalém por Pompeu, general romano, anexando a Palestina ao Império Romano – 63 AC Reinado de Herodes, o Grande, sobre a Palestina, por nomeação de Roma – 37 a 4 AC.

Cronologia do Novo Testamento

As referências cronológicas no Novo Testamento podem ser dadas apenas como aproximadas, tanto para as referências à vida de Jesus como para o período dos apóstolos. A respeito do nascimento de Jesus (6 AC), por exemplo, só se pode afirmar, com base em Mt 2: 1 (Lc 1: 5), que ele ocorreu durante o reinado de Herodes, o Grande, que morreu em 4 AC, enquanto que a respeito de Sua crucificação pode-se afirmar que ela ocorreu durante uma celebração da Páscoa no governo de Pôncio Pilatos (26-36 DC). Quanto ao período dos apóstolos, pode-se precisar com alguma certeza o ano da morte de Herodes Agripa I como sendo em 44 DC (At 12: 20-23), enquanto que as demais datas são aproximadas.

A vida de Jesus

Data	Imperadores romanos	Governadores e reis da Judéia	Eventos do Novo Testamento
1 DC	Augusto (29 AC-14 DC) Tibério (14-37 DC)	Herodes, o Grande (37 AC-4 AC) Arquelau (4 AC-6 DC) Pôncio Pilatos (26-36 DC) era governador da Judéia e Herodes Antipas, o tetrarca da Galiléia (6-41 DC)	Nascimento de Jesus (6 AC) Início do Ministério de Jesus – 26-27 DC Morte e ressurreição de Jesus – 30 DC

O período dos apóstolos

30 DC	Calígula (Gaio) – 37-41 DC		Dia de Pentecostes – 30 DC Conversão de Paulo – 35 DC
40 DC	Cláudio 41-54 DC	Herodes Agripa I (41-44) DC (sobrinho de Herodes Antipas e pai de Agripa, Berenice e Drusila, que se casou com Festo) Sérgio Paulo, procônsul 47 DC	Início do Ministério de Paulo (45 DC) Morte de Tiago, filho de Zebedeu (44 DC) Morte de Herodes Agripa I – 44 DC Fome no tempo de Cláudio – 46 DC Primeira viagem missionária de Paulo – 46-48 DC Edito de Cláudio – 49 ou 50 DC *
50 DC	Nero 54-68 DC	Félix – 52-60 DC	Conferência de Jerusalém 50-51 DC Segunda viagem missionária de Paulo – 50-53 DC Paulo em Corinto – 50-52 DC Terceira viagem missionária de Paulo – 53-57 DC Paulo em Éfeso – 54-57 DC Paulo preso em Jerusalém – 58 DC Paulo na prisão em Cesaréia – 58-60 DC
60 DC	Galba – 68-69 DC Oto – 69 DC Vitélio – 69 DC	Pórcio Festo – 60-62 DC	Paulo na prisão em Roma – 61-63 DC Morte de Paulo em Roma – 63 DC Morte de Pedro em Roma – 65-68 DC?

70 DC	Vespasiano – 69-79 DC Tito – 79-81 DC Domiciano – 81-96 DC Nerva – 96-98 DC Trajano – 98-117 DC		Destruição de Jerusalém e do Templo – 70 DC Morte de João – 100 ou 103 DC?

* Édito de Cláudio – 49 ou 50 DC = expulsão dos judeus de Roma

A TERRA DAS DOZE TRIBOS

A Criação – 1ª aula

Textos de referência: Gn 1–2

Resumo:

A doutrina bíblica da Criação se baseia na resolução divina e só pode ser compreendida do ponto de vista da fé (Hb 11: 3: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem").

• É clara a participação da Trindade (1 Jo 5: 7-8; Mt 3: 16-17; Mc 1: 9-11; Lc 3: 21-22) no processo criativo:

1) Gn 1: 1: "No princípio criou Deus o céu e a terra" (Deus Pai).

2) Gn 1: 2: "A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas" (o Espírito Santo).

3) Gn 1: 26: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra" (Pai, Filho e Espírito Santo; essa é nossa interpretação cristã, pois o uso do plural na língua hebraica para 'Deus' – Elohim – literalmente 'deuses', é simplesmente uma forma de respeito).

4) Gn 2: 7: "Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Deus Pai com a participação do Espírito).

5) Gn 3: 22: "Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós *[a trindade estava implícita neste comentário; cf. 1 Jo 5: 7],* conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e toque também na árvore da vida e coma, e viva eternamente".

6) Is 45: 12: "Eu fiz a terra e criei nela o homem; as minhas mãos estenderam os céus, e a todos os seus exércitos dei as minhas ordens" (Deus Pai).

7) Jo 1: 1-3: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (o Pai e o Filho).

8) Jo 1: 10: "O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu" (o Filho).

9) Cl 1: 16: "pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele" (o Filho).

• Deus criou o mundo para a manifestação da glória do Seu poder, sabedoria e bondade eterna através da Sua vontade:

1) Jo 1: 3: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”.

2) Cl 1: 16: “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (o Filho).

3) Ap 4: 11: “Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”.

No princípio, é o que diz a bíblia, a terra estava sem forma e vazia e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus falou Sua palavra e tudo veio a existir. Podemos ver certa ordem na Criação: Primeiro, a luz, pois todas as formas de vida necessitam da luz para existir. Depois, Deus criou o firmamento. Em terceiro lugar, os mares, a terra e a vegetação. Até aqui, já podemos ver que o cuidado de Deus providenciou o ambiente, ou seja, essas três primeiras criações são preparatórias para estabelecimento de habitantes.

Três palavras são usadas no hebraico para a vida vegetal: Grama (*deshe’* = vegetação nova), erva (*eçebh* = plantas) para produzir semente conforme a sua espécie, e árvores (‘*eç*) que produzem fruto cuja semente está no mesmo (Gn 1: 11-13).

Em quarto lugar, Deus criou o sol, a lua e as estrelas; em quinto, as aves (Gn 1: 20-22, sendo que a palavra usada aqui é *‘ôph,* que serve para designar todas as variedades de aves). Em sexto lugar, Deus criou os peixes, os animais terrestres e o homem.

Em último lugar, abençoou o dia do descanso.

Aprendizados importantes:

1) *O Universo foi criado debaixo da bênção de Deus:* Em vários versículos podemos ver que Deus, após criar algo, via que era bom e abençoava o que tinha criado: Gn 1: 22: “E Deus os abençoou, dizendo: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas dos mares; e, na terra, se multipliquem as aves” (em relação aos animais marinhos e às aves); Gn 1: 28: “E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (em relação ao homem e à mulher); Gn 2: 3: “E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como criador, fizera”. Podemos notar também que a bênção de Deus sobre algo gerava prosperidade, multiplicação.
2) *Palavra criadora:* No Sl 33: 6; 9 está escrito: “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles... Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir”. Em Jo 1: 1-3 está escrito: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. E em Jo 1: 10: “O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu”. A bíblia usa duas palavras em hebraico para designar a criação de Deus: Em primeiro lugar, *‘ãmar (disse)*, que é *produto da vontade de Deus.* Assim, em Gn 1: 3, por exemplo, está escrito: “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”. A palavra *disse* aqui pode ser traduzida literalmente por: *“Deus falou ao cerne da situação, Deus falou ao coração”.* A segunda palavra usada é *bãrã’ (criar)* que expressa *atividade divina*. Outra palavra que está relacionada com a atividade criadora é *‘ãçâ,* usada também nos versículos que falam

da criação dos animais, luminares, plantas etc. Embora a bíblia use tantas palavras para expressar a atividade divina, a atividade essencial tem origem na palavra de Deus *("disse Deus")* que é um produto da Sua vontade. Para nós, o aprendizado prático é que tudo o que falamos molda o nosso mundo espiritual e, conseqüentemente, a nossa vida. Assim, na nossa boca está a bênção e a maldição. Outra lição importante é que não adianta apenas falar, mas agir de acordo com o que falamos.

3) *Deus deu autoridade ao homem, lhe delegou o cuidado e a guarda do planeta.* Ele se preocupou com o homem dando-lhe suprimento, mas lhe deu também o encargo de administrar os recursos naturais e lhe deu um trabalho (Gn 1: 29-30; Gn 2: 15): "E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento. E a todos os animais da terra, e a todas as aves dos céus, e a todos os répteis da terra, em que há fôlego de vida, toda erva verde lhes será para mantimento. E assim se fez... Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar". Assim como Deus deu trabalho e responsabilidades a Adão, deu-os também ao homem ainda hoje. O homem precisa de trabalho para que não fique ocioso, sem provisão e sem sustento. Mas tem também a responsabilidade de cuidar dos recursos naturais do planeta para cooperar com a criação de Deus e com seus semelhantes.
4) *As duas etapas da criação do homem:* Gn 1: 26-27; Gn 2: 7: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou... Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente". Por estes versículos podemos ver que Deus criou primeiramente a porção espiritual do homem *('à sua imagem e semelhança');* depois, sua parte terrena, assim como tinha criado os outros seres animais. Ele criou o homem *('adhãm = humanidade);* a palavra posterior é *bãrã (criou)* = homem, de modo composto, isto é, *homem e mulher*. Assim, nossa porção terrena é vivificada pelo sopro de vida de Deus, como está escrito em Gn 2: 7: "... lhe soprou nas narinas o fôlego de vida e o homem passou a ser alma vivente".
5) *A mulher foi criada para ser auxiliadora do homem e andar em igualdade com ele:* Em Gn 2: 18 está escrito: "Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea". Em seguida, Ele fez cair pesado sono sobre o homem, lhe tomou uma das costelas *(hebr.: 'a parte de um dos lados do homem')* e a transformou numa mulher. O fato de Deus ter tirado uma costela do homem para formar a mulher significa que Ele planejou uma *interdependência,* ou seja, assim como a primeira mulher dependeu do homem para existir, o homem depende da mulher para nascer na terra. A palavra grega para mulher é *gyne* ou *gynai* e, em hebraico, *'ishstâ = varoa*, porquanto do varão *('ïsh)* foi tomada. Deus tomou uma costela *(hebr. çelã'* ou *'tsêlâ',* que em sumério significa *'vida')* e a fez *(bãnâ = edificar, construir)* numa mulher *(l^{e}'ishstâ)*. A palavra *tsêlâ,* em hebraico, significa *'face, lado ou parede do tabernáculo* (utilizada no mesmo sentido que tem a expressão *'Tsela Hamishcan'*, *'uma das faces, uma das paredes'; o tabernáculo = Hammishkân*). Dessa forma, uma das faces do primeiro ser humano tornou-se a parte masculina, e a outra, a parte feminina. De acordo com este conceito hebraico, a mulher possui um discernimento maior, pois foi criada

com um compartimento espiritual a mais do que o homem. Em outras palavras, está mais voltada às coisas de Deus *("Tabernáculo").* Explicando de maneira diferente: um dos lados de Adão era o lado masculino, feito pelas mãos de Deus em barro, simbolizando a matéria, a carne. O lado de onde foi retirada a costela para se fazer a mulher era o lado feminino, emocional ou espiritual, pelo significado hebraico de costela ('uma das paredes do tabernáculo', a tenda armada no deserto onde Deus falava com Moisés). Portanto, a mulher seria um complemento emocional e espiritual para o homem e ele, o material para ela. Por ter se originado do lado espiritual do homem, do que era 'voltado para as coisas do tabernáculo', a mulher teria esse lado mais expandido, o dobro do que teria o homem. *Chavá ou 'Chavah'* (o verbo de onde se origina o nome *Eva, Chavvah*) significa: *declarar, mostrar, tornar conhecido, expressar uma opinião (Lachavot dáat).* Eva conversava com Adão (diálogo), o que permitia o fluir da vida em comum. Dessa forma, o projeto inicial de Deus para a mulher foi a *igualdade com o homem*. Com a passagem dos séculos foi crescendo a tendência, sob ensinamento rabínico, de tornar o homem mais proeminente que a mulher, eliminando pouco a pouco a idéia ensinada por Gn 2: 20 *("uma auxiliadora que lhe fosse idônea").* No decorrer dos anos essa tendência tirou da mulher o direito até de aprender a ler. Quando falarmos sobre a queda do homem, voltaremos ao assunto, de como Deus tentou resgatar o que planejou através das alianças com os homens, principalmente com Moisés e através de Jesus. Em relação ao conceito hebraico comentado anteriormente sobre ter a mulher uma capacidade espiritual mais desenvolvida que o homem, a prova é que somente ao homem foi dado o direito de estudar a *Torá (o Livro da Lei)*, pois na verdade ele precisava estudar e aprender aquilo que à mulher é praticamente intuitivo.

6) *A função do homem e da mulher:* Ao lermos novamente a passagem sobre a criação do homem e da mulher vamos tirar conclusões importantes sobre a função de cada um deles do ponto de vista de Deus. Podemos ver que antes de criar Eva, Deus deu trabalho e responsabilidades ao homem. Assim é *função do homem:* a fundação da família e da sociedade, ser responsável por ensinar a mulher, trabalhar para provisão da família, guardar e proteger a mulher, semear. A *função da mulher* é: ser auxiliadora, precisa ser ensinada, portanto, necessita de comunicação; se ajustar ao homem (costela), ser uma multiplicadora (ela recebe, multiplica e devolve), cuidar e dar vida. Ela precisa ser suprida para depois multiplicar o suprimento.
7) *Obediência (as duas árvores):* Em Gn 2: 9; 15-17 está escrito: "Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal... Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás". Dessa forma, a vida abençoada do homem dependia de sua obediência a Deus e às Suas ordens. Enquanto estivessem em obediência teriam vida e poderiam tocar na árvore da vida e participar da vida de Deus. Assim, quando obedecemos ao Senhor e nos colocamos no centro do Seu querer e vontade, podemos experimentar da Sua vida em nós, participar da comunhão com Ele e receber Suas bênçãos.

Leitura complementar: https://www.searaagape.com.br/acriacaodouniversoedaterra.html
https://www.searaagape.com.br/acriacaodohomemedamulher.html
https://www.searaagape.com.br/ojardimdoeden_sualocalizacao.html

A queda do homem – 2ª aula

Texto de referência: Gn 3; complemente com Gn 4; 5; Gn 6: 1-7.

Resumo do texto:

Deus tinha criado o homem à Sua imagem e semelhança, abençoando-o em tudo e lhe dando o direito de conversar com Ele e conhecer Seus segredos e Seu caráter. A condição era a obediência. Mas, debaixo da influência sedutora da serpente, a mulher foi enganada e levou o homem a pecar também, comendo ambos do fruto da árvore proibida por Deus. A bênção de Deus se transformou em maldição. A terra se tornou maldita e o trabalho de Adão passou a ser com esforço. A terra que antes produzia frutos bons e agradáveis passou a produzir cardos e abrolhos (Gn 3: 18), isto é, ervas daninhas. A mulher, que tinha uma posição de honra e igualdade com o homem, passou a ser dominada por ele, ou seja, antes era ensinada por ele em amor e o complementava. A partir do pecado, entrou inimizade no seu relacionamento e ela passou a ser controlada por ele, pois não se mostrou digna de sua confiança. A semente da desconfiança gerou a escravidão. De qualquer forma, o pecado foi pelos dois e afetou a vida dos dois e do resto da humanidade. Para a mulher, a quem antes da queda seria abençoada a atividade de criar filhos, o fato de criar descendência num mundo decaído passou a ser um trabalho árduo (com dores). Deus sabia que, a partir daí, teria que colocar em prática Seu plano de salvação enviando Seu Filho, que nasceria na terra a partir do ventre de uma mulher, mas seria o único capaz de reverter todo o processo de destruição e acabar com as obras da serpente. Deus os expulsou do Éden e colocou querubins para guardar o oriente do jardim. O *oriente* na bíblia significa: o *espiritual;* isto quer dizer que Deus fez uma separação espiritual entre Ele e o homem, pois este tinha se maculado com o pecado e não mais poderia usufruir espiritualmente do relacionamento íntimo com Ele como tinha antes. Adão deu à sua mulher o nome de *Eva (Chavvah),* que significa: *vida* (*Hebr.: 'chay', 'hay'), doadora de vida, raiz da vida, mãe da humanidade, mãe de todos os seres vivos (nephesh hayyâ = criaturas vivas).*

Adão e Eva geraram dois filhos: Caim e Abel. O primeiro matou o irmão e este pecado de homicídio foi gerado em decorrência do pecado de Adão. A morte entrou no mundo e na natureza humana. O homem não só passou a experimentar a morte espiritual que veio com Adão (1ª morte), mas também a morte física. A 2ª morte descrita na bíblia, em Apocalipse (Ap 21: 14) se refere ao *lago de fogo*. Tornou Adão a coabitar com sua mulher e ela concebeu um filho que chamou *Sete* para ficar no lugar de Abel que tinha sido morto. *Sete* significa: *designado*. *Sete* gerou *Enos (= mortal, homem).* A partir daí, a humanidade passou a invocar o nome do Senhor.

Comentários sobre a queda:

A queda do homem envolve sua desobediência à palavra de Deus e o não cumprimento do propósito pelo qual foi criado. O resultado da desobediência é que sua vida se tornou caracterizada *pela escravidão* (Hb 2: 14-15: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida"), *pelo conflito com poderes malignos* (Ef 6: 12: "Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes"), *pela fragilidade e frustração* (Is 40: 6: "Uma voz diz: Clama; e alguém pergunta: Que hei de clamar? Toda a carne é erva, e toda a sua glória, como a flor da erva"; Jó 14: 1-2: "O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação. Nasce como a flor e murcha; foge como a sombra e não permanece"), *pela perversão na mente e no coração* (Gn 8: 21: "E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz"; Jó 14: 4: "Quem da imundícia pode tirar coisa pura? Ninguém!"; Sl 51: 5: "Eu nasci na iniqüidade, e em pecado me concebeu minha mãe"; Mt 15: 19-20: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina"; Mt 12: 39: "Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas") *que transforma a verdade de Deus numa mentira* (Rm 1: 25: "Pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amem!").

O eu que foi criado por Deus é a nossa racionalidade, senso de obrigação moral, sexualidade, vida familiar, dons de apreciação estética e criatividade artística, mordomia dos frutos da terra, nossa fome de amor e experiência de comunidade, nossa consciência de majestade transcendental divina, nosso impulso inato de nos prostrar e adorar a Deus. Essa natureza foi manchada e distorcida pelo pecado. Cristo veio para redimi-la, não destruí-la.

O eu que veio com a queda foi a irracionalidade, perversidade moral, obscurecimento das distinções sexuais e falta de domínio nesta área, egoísmo que deturpa a vida familiar, fascinação pelo feio, recusa de desenvolver os dons de Deus, poluição, danos ao meio ambiente, tendências anti-sociais que inibem a verdadeira comunidade, autonomia orgulhosa, recusa idólatra em adorar ao *Deus vivo e verdadeiro*. Cristo veio para destruí-la (1 Jo 3: 8).

É o nosso ego inicial que precisa ser resgatado. Assim, deixa de haver "crise existencial" no ser humano, pois ele vai saber como Deus o fez e para quê, portanto, passará a cooperar com o Espírito Santo para a cura da sua alma e sua restauração, diminuindo por assim dizer, o conflito entre carne e espírito. O homem passa a entender que se entregar a Jesus como seu Senhor não é uma perda, nem uma perda de sua identidade nem uma perda de seus sonhos e posses materiais, mas um meio de voltar ao princípio, quando foi criado à imagem e semelhança de Deus. Passará a orar a Ele da maneira certa, não mais colocando o foco da sua existência no 'ter' e no 'fazer', e sim, no 'ser'. Em outras palavras, ele deixa de identificar seu eu verdadeiro com uma profissão ou com aquilo que possui materialmente, e começa a se identificar com os

dons, qualidades e potenciais que o Senhor colocou dentro dele. Ao invés de dizer: eu sou médico, advogado, etc.; eu sou rico, faço isso ou aquilo, o homem passa a dizer: "eu sou um filho de Deus, chamado por Ele para mostrar Sua imagem na terra e me comportar como Ele, de tal e tal maneira; estou aqui para mostrar o Seu caráter e ser útil ao meu semelhante da forma que o Senhor quiser que eu seja". Os valores do reino de Deus (que se vêem através do espírito) passam a ter uma prioridade sobre os valores do mundo, sobre as coisas carnais, que só se vêem com os olhos humanos distorcidos.

Aprendizados:

1) O que era bênção se transformou em maldição pela desobediência: Como pudemos observar, Deus criou o mundo debaixo de bênção, mas o próprio homem optou pela maldição. Deus respeitou o livre-arbítrio que tinha colocado nele; sua vida na terra se tornou mais difícil.

2) O homem, baseado na sua própria sabedoria, se afasta da sabedoria de Deus, portanto, se afasta da verdade. O que Deus deseja é que abandonemos nossa própria sabedoria para nos voltarmos à dEle e, portanto, receber de volta a autoridade e o poder que o homem gozava no Éden.

3) A idolatria dentro do homem, seja ela qual for, o coloca numa posição de escravidão, confronto com forças espirituais das trevas e perversões, pois a mentira do diabo lhe causa cegueira e o impede de ver o real projeto de Deus para sua vida.

4) Quanto mais carnais formos, mais seremos frágeis, frustrados e impotentes, *pois o Espírito (que dá a vida e o poder de Deus) não encontra espaço para agir.*

5) O segredo do retorno à integridade inicial criada por Deus é *se submeter ao senhorio de Jesus.*

6) O homem passou a experimentar a morte espiritual e física.

Leitura complementar:
https://www.searaagape.com.br/aquedadohomem.html
https://www.searaagape.com.br/oiniciodahumanidade.html

Noé – 3ª aula

Textos de referência: Gn 6–10

Resumo:

O gênero humano tinha se corrompido e Deus decidiu destruir a criação que tinha feito. Mas encontrou Noé, homem justo e temente a Ele, com quem decidiu fazer uma aliança (Gn 6: 18) e, a partir daí, recomeçar a história da humanidade. Em Gn 5: 32a bíblia fala que Noé tinha três filhos e com quinhentos anos de idade foi chamado por Deus para construir uma arca que o protegesse, assim como a sua família e os animais da terra, do Dilúvio que estava por vir. Deus o orientou a construir uma arca de cipreste calafetada com betume de aproximadamente 300 x 50 x 30 côvados (NVI: 1 côvado = mais ou menos 45 cm), portanto, 135 m x 22,5 m x 13,5 m. O Senhor o orientou a separar sete pares de animais limpos e um par de animais imundos e colocá-los na arca (Gn 6: 19; Gn 7: 2). O termo hebraico para *arca (têbhath)* significa: *'cofre, arca, caixa'*. A arca levou cem anos para ser construída (Gn 5: 32; Gn 7: 6). No ano seiscentos da vida de Noé veio o Dilúvio, no 17º dia do segundo mês (Gn 7: 11) e durou quarenta dias e quarenta noites (Gn 7: 17). A bíblia fala também que o nível das águas cobriu os montes por sete metros. Quando as águas se escoaram a arca repousou sobre as Montanhas de Ararate, mas Noé aí permaneceu ainda por muitos meses até as águas secarem totalmente. Aos vinte e sete dias do segundo mês do ano seguinte a terra estava seca (Gn 8: 14) e, então, Noé e sua família saíram da arca. Noé levantou um altar ao Senhor como holocausto, e Deus os abençoou (Gn 9: 1) como tinha feito com Adão e Eva, dando-lhes fertilidade e prosperidade. Em Gn 9: 6, para que houvesse respeito pela vida e para que cada um visse nos outros a imagem de Deus, o Senhor disse que, se houvesse morte, essa morte seria também vingada pelo sangue (pena de morte). A aliança estabelecida com Noé foi que Deus jamais destruiria novamente Sua criação com outro Dilúvio. O sinal desta aliança seria a presença de um arco-íris no céu. Através de Cam, Sem e Jafé, filhos de Noé, o Senhor repovoou a terra. De *Cam* descenderam os povos do Egito, Etiópia, Norte da África e Canaã. De *Sem* nasceram os povos semitas (Gn 10: 24-29; 1 Cr 1: 1-27, os descendentes de Héber: povos israelitas e não israelitas como os moabitas, os amonitas, os árabes, os acadianos e os arameus: sírios e assírios que ocuparam grande parte da Mesopotâmia); e de *Jafé,* os povos indo-europeus. Noé era lavrador e plantou uma vinha. Ao beber o vinho embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, vendo a nudez do pai, falou com os irmãos que, andando de costas, cobriram-no com um manto para nada verem. Quando se viu novamente sóbrio, Noé amaldiçoou Cam para que fosse servo dos seus irmãos. Assim, feita a aliança com o homem, Deus espalhou os povos sobre a terra.

Aprendizados importantes com Noé:

1) *Dentro da arca se encontra o projeto de Deus: Noé* significa *'trabalho do Senhor, repouso, consolo, Deus trouxe alívio'*. Deus trabalhou com Noé para cumprir o Seu propósito para os homens. Nós, hoje, somos uma arca, um vaso nas mãos do Senhor, onde Ele guarda Seu propósito eterno e, através de nós, deseja mudar o rumo da humanidade lembrando os povos da Sua aliança.
2) *Integridade, justiça e fidelidade a Deus:* (Gn 6: 9: "Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus"). Noé era diferente de todas as pessoas da época. Em meio a um ambiente decaído e uma sociedade depravada e sem compromisso com Deus, ele manteve sua integridade e não negou seu relacionamento com o Criador. Não se importou com o externo, mas com o que o seu interior o aconselhava. Manteve-se fiel ao Senhor, por isso pôde ouvir Sua voz e obedecer ao Seu chamado. Quando não nos importamos com as influências à nossa volta, mas conservamos no nosso coração o compromisso de sermos fiéis a Deus nós podemos ouvir Seu chamado com clareza e, portanto, sermos preservados da destruição que os desobedientes experimentam. *Integridade* significa: *sermos autênticos, coerentes,* ou seja, *andarmos de acordo com o que pregamos, o nosso exterior refletindo exatamente o nosso interior*.
3) *Obediência e fé:* "Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara" (Gn 6: 22). Embora Noé não tenha sido reconhecido como *pai da fé* como Abraão, ele exercitou sua fé em Deus, obedecendo-Lhe sem questionar, quando tudo ao redor parecia contrário e improvável. Aos olhos humanos o que ele fazia parecia loucura, mas não se importou com as opiniões dos outros, pelo contrário, permaneceu na visão divina.
4) *Aproveitou a situação para exercitar seu ministério profético:* A sua atitude de obediência, exteriorizada através de uma ação prática (construir a arca) era uma forma de pregar o juízo vindouro de Deus sobre os que não se arrependessem. Deu ao povo a chance de conhecer o seu Deus e experimentar Seu livramento, mas não o ouviram, como aconteceu com outros profetas que vieram depois dele. O povo optou pelo pecado, pelo comodismo e pela falta de compromisso com o Altíssimo.
5) *Perseverança e determinação:* "Era Noé da idade de quinhentos anos e gerou a Sem, Cam e Jafé... Tinha Noé seiscentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra" (Gn 5: 32; Gn 7: 6). Noé levou cem anos para realizar o projeto de Deus, pois muito provavelmente não tinha a ajuda dos outros, no máximo de sua própria família. Passaram-se cem anos até o Senhor cumprir o que prometera. Noé teve que permanecer firme na Palavra, usar sua força para ir em frente e não desistir, confiando Naquele que tinha feito a promessa.
6) *Adoração e gratidão:* "Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar" (Gn 8: 20). Assim como outros homens na bíblia que experimentaram o poder de Deus em suas vidas, Noé ergueu um altar a Ele em adoração e gratidão pelo livramento e pela promessa cumprida. Depois que o 'dilúvio' leva as coisas mortas e as iniqüidades das nossas vidas, podemos e devemos erguer um altar ao Senhor, declarando-O o Único no nosso coração. Ele passa a ocupar o centro da nossa vontade e nos dar uma nova história.
7) *Usou a autoridade de líder e profeta que Deus lhe tinha dado:* "Despertando Noé do seu vinho, soube o que fizera o filho mais moço e disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. E ajuntou: Bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e

Canaã lhe seja servo. Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo" (Gn 9: 24-27). Agiu como profeta, como instrumento de Deus para fazer justiça, liberando a bênção sobre Sem e Jafé e a maldição sobre Cam, colocando a vontade e a justiça divina acima das ligações carnais. Não deixou que nada o trouxesse de volta ao passado nem competisse mais com o senhorio do Senhor na sua vida. Viu, talvez, depravação moral em Cam e amaldiçoou o pecado em nome de Deus. Não permitiu que se repetisse a história anterior de pecado dentro de sua própria casa e na nova terra que Ele lhe tinha dado. Assim, quando conquistamos a bênção, não devemos mais viver dos erros do passado, mas das novidades de Deus, e zelar pelo que Ele nos confiou.

8) *Noé pôde experimentar a proteção de Deus pela sua fidelidade mesmo no período da tribulação:* "Durou o dilúvio quarenta dias sobre a terra; cresceram as águas e levantaram a arca de sobre a terra" (Gn 7: 17). O número quarenta na bíblia se refere a uma geração ou a um período de aprendizado. Noé, assim como todos nossos irmãos do passado, foi provado e venceu a prova, sobreviveu ao Dilúvio. Mesmo com as águas destruidoras ao seu redor, foi protegido por Deus e superou as dificuldades, como um prêmio pela sua integridade e fidelidade. Nesse período que ficou dentro da arca, com certeza, teve tempo de meditar e ouvir Sua voz; teve tempo para ser preparado para uma nova maneira de viver; teve tempo até de conhecer melhor sua família e instruí-la nos caminhos do Senhor; teve tempo para aprender. Da mesma forma acontece conosco: somos protegidos quando somos fiéis a Deus e temos tempo de aprender com Ele, mesmo nos períodos de tribulação da nossa vida, nos lembrando sempre que Ele é que está no comando do 'nosso barco'.
9) *Deus responde às nossas orações e ao nosso louvor (holocaustos) quando o colocamos em primeiro lugar na nossa vida:* "Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar. E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz. Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite" (Gn 8: 20-22). Em Gn 9: 1 está escrito: "Abençoou Deus a Noé e aos seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra". A mesma bênção que tinha sido dada a Adão antes do pecado estava sendo reafirmada sobre a humanidade, agora, na pessoa de Noé. Quando o Senhor passa a ser verdadeiramente o nosso centro podemos experimentar Sua recompensa e Sua bênção.

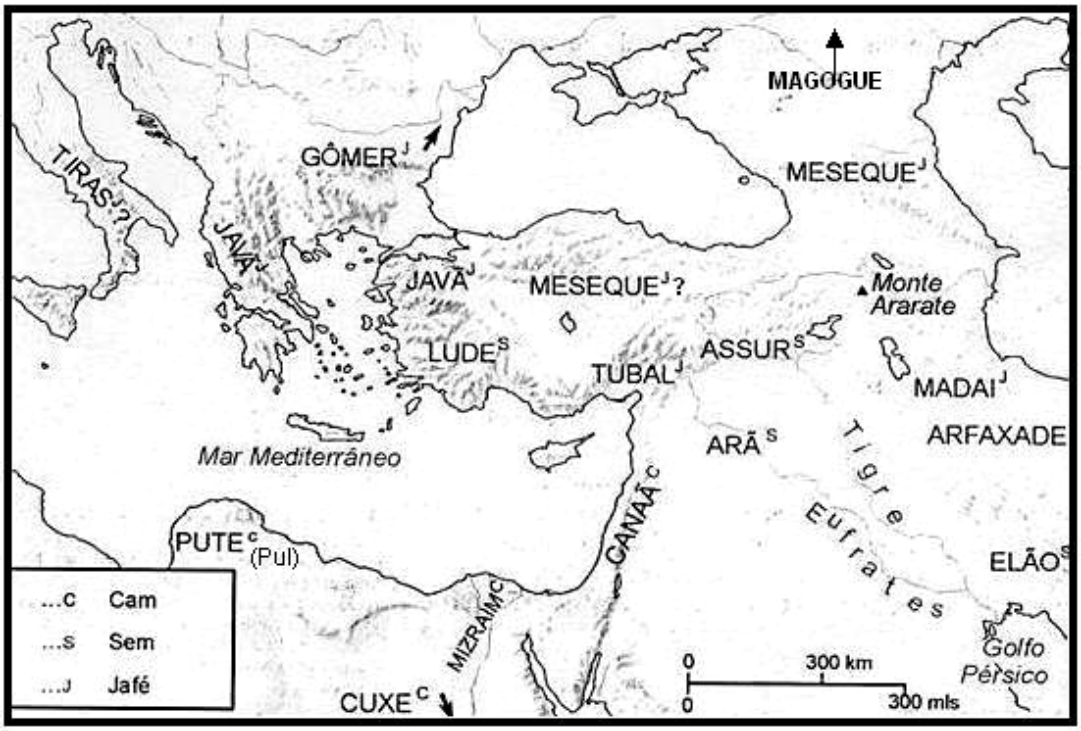
Nações originárias dos filhos de Noé (Gn 10: 1-32) – setenta

De *Sem:* Elão, Assur, Arfaxade, Lude, Arã, Uz, Hul, Geter, Meseque, Selá (Salá), Héber, Pelegue, Joctã, Almodá, Salefe, Hazar-Mavé, Jerá, Hadorão, Uzal, Dicla, Ebal, Abimael, Sabá, Ofir (Ufaz), Havilá, Jobabe.

De *Cam:* Cuxe, Mizraim, Pute, Canaã, Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá, Sabtecá, Ninrode, Sabá, Dedã, Ludim, Anamim, Leabim, Naftuim, Patrusim, Casluim e Caftorim [Gn 10: 14; 1 Cr 1: 12; Dt 2: 23 (kaphtõrïm – Strong #3732; 3731); Jr 47: 4; Am 9: 7 – os dois povos dos quais descendem os filisteus]; Sidom, Hete, jebuseus, amorreus, girgaseus, heveus, arqueus, sineus, arvadeus, zemareus, hamateus.

De *Jafé:* Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque, Tiras, Asquenaz, Rifate, Togarma, Elisá, Társis, Quitim, Rodanim.

O número 70 corresponde ao número de nações (povos) que repovoaram a terra após o Dilúvio (Gn 10: 1-32; 1 Cr 1: 5-23). Assim, os descendentes de Jacó foram uma maneira de povoar o Egito; um grande momento para a humanidade, cumprindo-se parte da promessa de fazer de Abraão uma grande nação. Portanto, o número setenta pode simbolizar um tempo de reconstrução, de encher de novo a nossa terra que foi assolada.



Abraão – 4ª aula

Textos de referência: Gn 11: 10-32–Gn 23

Resumo:

Sem, filho de Noé, gerou descendentes, entre eles o avô de Abrão, Naor, que gerou a Terá. Este gerou três filhos: Abrão, Naor e Harã. Harã gerou a Ló e morreu na terra do seu nascimento, em Ur dos caldeus. Abrão casou-se com Sarai, sua meia-irmã por parte de pai (Gn 20: 12), e Naor com Milca, que era filha de Harã. Sarai era estéril. Ur era terra pagã, assim como eram os antepassados de Abrão que aí viveram. Terá saiu de Ur dos caldeus levando consigo a Abrão, Sarai e Ló para a terra de Canaã. Pararam em Harã onde ficaram até a morte de Terá com 205 anos (Gn 11: 31-32). Embora a bíblia fale em Gn 11: 31-32 que Terá, pai de Abrão saiu de Ur dos caldeus levando apenas Abrão, Sarai e Ló, em Gn 22: 20-23, Gn 24: 10 e Gn 25: 20, ela também diz que Naor mandou de Padã-Arã, na Mesopotâmia, a notícia da sua descendência a Abraão e foi para lá que este mandou seu servo para buscar esposa para Isaque, seu filho, na cidade de Naor, na Mesopotâmia – ver mapa no final do capítulo. Isso nos faz pensar que não só Abrão veio junto com Terá de Ur dos Caldeus para Harã, mas toda a família; só ele, Abrão, partiu depois para Canaã, com Sarai e Ló, após o chamado do Senhor.

Em Gn 12: 1-4 está escrito: "Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Partiu, pois, Abrão, como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã".

Quando Deus pediu a Abrão que saísse da sua terra, Ele queria dizer: deixar a terra dos seus ancestrais, as raízes familiares e o que era conhecido para ele, as tradições do seu lugar de origem. Quando disse para deixar a parentela, Ele se referia mesmo aos parentes e conhecidos, ou seja, deixar seus problemas para Deus resolver. A casa de teu pai significa: deixar aqueles mais próximos a ele, os pensamentos familiares e ser igual a Deus. Só aqui já podemos imaginar o grande desafio que o Senhor estava propondo a Abrão. Naquele tempo, viver em família era manter laços fortes de dependência e compromisso, prendendo uns aos outros a todo tipo de herança e costume. A família de Abrão era idólatra, o que nos faz pensar que além das ligações emocionais doentes, havia a ação de outros deuses alimentando aquela união pecaminosa. A bíblia não fala como Abrão começou a ter consciência do Deus verdadeiro nem como começou a ouvir Sua voz. Podemos imaginar que foi pela ação do próprio Deus que, conhecendo o Seu coração sincero, se agradou dele desejando fazer com ele uma aliança.

Em Harã, Abrão ouviu a voz de Deus que lhe disse para sair da sua terra, da sua parentela e da casa de seu pai para ir para uma terra que Ele lhe mostraria. O objetivo de

Deus era fazer de Abrão uma grande nação e através dele abençoar todas as famílias da terra. Assim, ele deixou Harã com setenta e cinco anos de idade e partiu para Canaã levando Sarai e Ló e os que estavam com ele (Gn 12: 1-4). Ao chegar a Siquém, ao carvalho de Moré, edificou um altar ao Senhor, onde habitavam os cananeus e Ele lhe confirmou a promessa de dar-lhe aquela terra. Dali partiu para o sul, para Betel (aí também edificou um altar ao Senhor: Gn 12: 8) e para o Neguebe. Porque havia fome na terra partiu para o Egito, mas com medo de ser morto pelos egípcios ordenou a Sarai que lhes dissesse que era sua irmã, não sua esposa. Ela foi levada para a casa de Faraó. Abrão prosperou ali, aumentando o número de pessoas e o gado que estavam com ele. Mas por causa de Sarai, Deus feriu a Faraó com pragas e ele os expulsou do Egito. Abrão novamente subiu para o Neguebe chegando a Betel. Ele e Ló eram muito ricos e, para evitar contendas entre eles por causa de pastagem, se separaram. Ló escolheu as campinas do Jordão, a leste, por serem favoráveis ao gado, e habitou próximo a Sodoma. Abrão ficou a oeste, na terra de Canaã, e ali Deus confirmou pela segunda vez sua promessa de lhe dar aquela terra, assim como à sua descendência. O que Abrão conseguisse percorrer, o Senhor lhe daria (Gn 13: 14-18). Abrão saiu e foi habitar nos carvalhais de Manre, ao Sul, junto a Hebrom.

Naquele tempo, quatro reis da região estavam em guerra contra cinco. O vale onde estavam tinha poços de betume. Alguns fugiram e alguns caíram neles. Os que chegaram a Sodoma e Gomorra levaram todos os bens, inclusive Ló. Abrão saiu com seus homens e os derrotou, trazendo Ló de volta, todos os seus bens, o seu povo e as suas mulheres. Quando voltou vitorioso, o rei de Sodoma veio lhe prestar homenagem pela vitória sobre seus adversários comuns. Melquisedeque (rei cananeu e sacerdote de Salém) também se encontrou com ele e o abençoou. Abrão, como gratidão a Deus, deu o dízimo de tudo a Melquisedeque. Depois de tudo isso, Deus falou novamente com Seu ungido, fortalecendo sua fé nEle de que teria um descendente. Foi aí que o conduziu para fora da tenda e o fez olhar para o céu. Assim como as estrelas, seria o número de seus descendentes. Ele creu no Senhor e isso lhe foi atribuído para justiça, diz a bíblia (Gn 15: 5-6). Ele arriscou a vida, a segurança, a reputação, o futuro e até mesmo o filho com base na palavra de alguém a quem não podia ver, mas em quem cria.

Abrão (Gn 15: 8) estava pedindo ao Senhor um sinal de Sua promessa de que ele possuiria aquela terra (cf. Gn 13: 14-15), para o fortalecimento de sua fé (Gn 15: 6) e a fé da sua posteridade. O texto (Gn 15: 8-21) descreve a maneira antiga de se selar os pactos. Cortava-se o animal ao meio e se passava por entre as duas partes para dizer que o pacto estava feito; em outras palavras, os homens declaravam seu solene propósito de manter o acordo (cf. Jr 34: 18). Nesse caso, podemos notar no v. 17, que apenas uma tocha de fogo, símbolo da glória de Deus, um único representante do acordo, passou entre as metades dos animais e, neste caso, isso simbolizava que a aliança só seria mantida da parte de Deus, pois só Ele poderia cumprir a promessa que havia dado a Abrão: “Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates” (Gn 15: 18). Ainda no v. 17, o fogareiro esfumaçante (NVI) ou fogareiro fumegante (ARA) pode ter sido uma visão profética dada a Abrão em relação à sua descendência no Egito, como escravos de faraó, queimando os tijolos nas fornalhas (Êx 9: 8), com seus olhos escurecidos pela fumaça, e passando por grandes dificuldades e aflições, pois o Egito foi chamado na bíblia de ‘fornalha de ferro’ (Dt 4: 20). Talvez, a tocha acesa que passou entre as partes prefigurasse a coluna de nuvem e fogo que os levou para fora do Egito.

Como Sarai era estéril, ela mesma ofereceu sua serva Agar a Abrão para que pudessem ter filhos. Abrão já tinha oitenta e cinco anos. Dez anos já tinham se passado desde que Deus falara pela primeira vez com ele sobre sua descendência. Agar

engravidou e Sarai a expulsou por tê-la humilhado por ser estéril. Quando estava no deserto, o Anjo do Senhor lhe apareceu e abençoou o filho que estava no seu ventre, dando-lhe o nome de *Ismael,* que significa: *Deus ouve, Deus ajuda,* pois Deus a ouvira na sua aflição. Abençoou também a descendência de Ismael como tinha prometido à de Abrão. Ismael nasceu quando Abrão tinha oitenta e seis anos. Foi o pai da nação árabe. Treze anos depois, com noventa e nove anos de idade, Abrão ouviu novamente a voz de Deus (Gn 17: 1-8). Ele lhe mudou o nome de *Abrão (’abhrãm, pai exaltado)* para *Abraão (’abhrãhãm, pai de multidões, pai de muitos)* e confirmou Seu pacto com ele e com sua descendência. Deus instituiu a circuncisão como um sinal dessa aliança (a 2ª feita com o gênero humano) entre Abraão, seus descendentes e Deus. Também mudou o nome de *Sarai (briguenta, minha princesa)* para *Sara (princesa)* e lhe prometeu um filho que se chamaria *Isaque (yiçhãq, riso),* pois Abraão se riu do fato de ter filhos com cem anos de idade. Abraão com noventa e nove anos e Ismael com treze e todos os homens escravos da sua casa foram circuncidados naquele dia.

Assim, a promessa feita a Abraão (a bênção de Abraão) se compõe de três elementos principais: descendência (nele seriam benditas todas as nações da terra, inclusive os gentios), terra (prosperidade, posse da terra de Canaã) e relacionamento com Deus (intimidade e amizade com o Senhor, pois Deus chamou Abraão de “meu amigo” – Tg 2: 23; Is 41: 8; 2 Cr 20: 7). Jesus veio e cumpriu a promessa, dando a nós, os gentios, a mesma bênção dada aos judeus através de Abraão (Gl 3: 14). A intimidade com Deus, a prosperidade e a fertilidade são bênçãos derramadas pelo Espírito Santo através do dom da fé que foi desenvolvido por Abraão.

Para confirmar mais uma vez sua promessa, Deus *(“O Anjo do SENHOR”)* apareceu novamente a Abraão nos carvalhais de Manre em forma humana, junto com dois anjos, falando que dali a um ano Sara daria à luz um filho (Gn 18: 1-33, onde *‘SENHOR’* – Gn 18: 1; 13 – aparece escrito com letra maiúscula). Sara também riu quando ouviu a notícia.

Abraão os acompanhou até o caminho para Sodoma. O Anjo do SENHOR lhe falou que Sodoma e Gomorra seriam destruídas pelo seu pecado. Abraão, então, intercedeu por Ló e por sua família que ali moravam. Os dois anjos visitaram Ló à noite e o avisaram sobre a destruição que viria, orientando-o a sair da cidade com sua família. Saiu Ló com sua esposa e suas duas filhas, sendo advertidos a não olhar para trás. Mas a mulher de Ló desobedeceu e foi transformada numa estátua de sal. As duas cidades foram completamente destruídas. As duas filhas de Ló, para gerarem descendência, cometeram incesto com o pai já velho e geraram dois filhos: Moabe (pai dos Moabitas), filho da primogênita, e Ben-Ami, da mais nova, pai dos Amonitas. Ló escolheu a Campina do Jordão para morar (Gn 13: 10-12; Gn 19: 30); mais especificamente numa caverna perto de Zoar, antes chamada Bela (Gn 14: 8; Gn 19: 20; 22), na planície localizada ao longo do vale do Jordão inferior e da planície do Mar Morto. Zoar significa ‘pequeno’. Zoar era uma das cinco cidades descritas em Gn 14: 8 [Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim, Bela (Zoar – Gn 19: 20; 22)], a qual foi poupada na destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 19: 23-25; 29; 30; Dt 29: 23).

Abraão partiu dali de volta para o Neguebe, para Gerar, e mentiu ao rei da região, Abimeleque, que Sara era sua irmã. À noite, Deus avisou o rei através de um sonho que ela era mulher de Abraão. O rei os expulsou da sua presença, mas lhe deu o direito de escolher qualquer lugar de sua terra para morar. Abraão orou por Abimeleque e Deus o sarou e às suas mulheres para que pudessem ter filhos, pois as tinha tornado estéreis por causa de Sara.

Nasceu Isaque. No dia em que foi desmamado, Sara notou que Ismael caçoava do menino e pediu a Abraão que despedisse Agar e o filho e os rejeitasse. Eles se foram

pelo deserto e quase desfaleceram de sede até que Deus os fez ver um poço de água. Eles saciaram sua sede e o rapaz habitou no deserto, se tornou flecheiro e se casou com uma egípcia. E Deus o abençoou como havia prometido, dando-lhe doze filhos, que se tornaram príncipes das nações árabes.

Algum tempo depois, Deus colocou Abraão à prova pedindo a ele que lhe oferecesse Isaque como holocausto no *Monte Moriá (= Visto por Deus ou Escolhido por Deus)*. Abraão levou Isaque até o lugar do sacrifício e, quando ia matar o filho, Deus o chamou e o impediu, pois viu que sua fé nEle era real e firme. Abraão viu um carneiro atrás dos arbustos e o imolou ao Senhor. Deu ao Monte Moriá o nome de *'O Senhor Proverá'* (Gn 22: 14). Vendo a ação de Abraão, Deus o abençoou, assim como toda a sua descendência para sempre, confirmando Sua fidelidade.

Sara morreu com cento e vinte e sete anos e foi enterrada na Caverna de Macpela em Hebrom, na terra de Canaã. Abraão desposou a Quetura, que lhe deu mais seis filhos (Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Sua – 1 Cr 1: 32-34). Morreu Abraão com cento e setenta e cinco anos sendo enterrado na mesma caverna que Sara.

Aprendizados importantes com Abraão:

1) *Fé:* Abraão se tornou conhecido como *o pai da fé,* pois todas as provas pelas quais o Senhor o fez passar foram para provar sua fé nEle e no impossível de Deus. Abraão creu contra as evidências, creu naquilo que para o homem era impossível; da insegurança alcançou a plena confiança em Deus. Podemos ver que em todas as circunstâncias sua fé foi ativa: saiu da sua terra e foi para a terra que o Senhor lhe mostrava, creu na promessa da descendência e por vinte e cinco anos foi preparado por Ele para receber a bênção, mesmo tentando apressar Seu trabalhar, gerando Ismael. Ele peregrinou por toda aquela terra como o Senhor lhe tinha ordenado, na esperança de que seria realmente sua e da sua descendência. Chegou ao ponto de quase sacrificar o filho, pois cria que Deus seria capaz de ressuscitá-lo, se fosse o caso. O fato de ter saído da tenda e olhado para o céu, crendo na promessa que o Senhor lhe fazia, era um ato simbólico de sair de dentro de si mesmo e de sua vida e de sua visão pequena e humana para crer no grande de Deus para ele. Saiu da tenda da insegurança, da visão humana, para ter a visão divina. Por isso, seu exemplo de fé fica como uma herança para nós até hoje para que possamos crer nas promessas do Senhor para nós, por mais impossíveis que possam parecer, e nos faz agir de acordo com o que Ele coloca no nosso coração, entendendo que, em todo o processo, estamos sendo preparados para receber Sua bênção.
2) *Fidelidade e gratidão a Deus:* Abraão deu a Deus o dízimo quando Ele lhe deu a vitória sobre os reis inimigos. Deu-o nas mãos do sacerdote Melquisedeque, e a bíblia fala que esse ato foi espontâneo da parte de Abraão. Esse ato e muitos outros de fé e gratidão, erguendo altares ao Senhor quando conquistava uma vitória, o aproximaram cada vez mais do Altíssimo, por isso se tornou próspero, pois descobriu o segredo da prosperidade falando com Ele. Para nós, isso significa que, quando somos fiéis ao Senhor e gratos a Ele pelo que Ele nos dá, melhoramos nosso relacionamento com Ele e passamos a conhecer mais profundamente o Seu coração. Conhecendo Seu coração e Seus pensamentos, podemos profetizar Suas bênçãos em nossas vidas, gerando prosperidade em todas as áreas. Melquisedeque é a figura de Jesus e não só o nosso dízimo, mas nosso coração reverente e grato diante dEle,

trazem as bênçãos desejadas por nós, além da Sua proteção sobre o que é nosso, pois Ele assume a responsabilidade pelos Seus filhos.

3) *Desprendimento, entrega, submissão, logicamente ligadas à fé:* Abraão abriu mão da carne para viver no espírito, ou seja, deixou que a vontade de Deus prevalecesse sobre a sua. Descobriu que nada podia ocupar o lugar dEle em seu coração. Por isso, despediu Agar e Ismael para o deserto [despediu seu sonho (Ismael) para o de Deus ocorrer: Isaque] e entregou aquele que tinha nascido de sua própria carne (Isaque) para que muitos pudessem ser abençoados com esse ato, pois sua atitude propiciou mais tarde a entrega do Filho de Deus para toda a humanidade. Quase todos, senão todos nós, já passamos por isso. Entregamos nossa vida a Jesus e, de repente, perdemos algo que significava segurança para nós. Não precisamos nos desesperar; é um tratamento de Deus para nos ensinar que não conseguiremos manter certas posses ou posições se continuarmos na carne ou se elas forem nossos deuses. Só as receberemos de volta, quando entendermos que Jesus é o centro e que tudo está debaixo do domínio do Seu Espírito. Não é punição do Senhor; é cuidado e proteção de um Pai amoroso que quer nos dar algo sólido, que não perderemos nunca mais. É presente de um Deus que quer nos ensinar a reinar aqui na terra para podermos reinar no céu. Quando estamos plantados em Jesus, o superficial pode sair da nossa vida, mas a essência do Seu Espírito permanece em nós.
4) *Deus é um Deus de alianças:* a cada prova vencida, era reafirmada Sua aliança na vida Abraão. Abraão não teve que fazer nada para merecer as bênçãos, pois o amor de Deus é incondicional, mas sua resposta positiva aos Seus desafios o tornou cada vez mais Seu amigo íntimo e mais consciente do caráter divino. O Senhor renovava as alianças com Abraão após cada vitória sua sobre as circunstâncias e sobre sua própria carne. Deus renova periodicamente a nossa esperança, a nossa fé e a nossa confiança nEle e na Sua promessa para nós.
5) *Abraão foi um intercessor:* primeiro, pela vida de Ló e pelos habitantes justos de Sodoma e Gomorra; depois, pelo seu inimigo, Abimeleque, que teve sua casa punida por Deus por causa de Sara. Assim, nos ensina Jesus a interceder e orar pelos nossos amigos e até pelos nossos inimigos.
6) *Não há idade para ser feliz:* é sempre tempo de receber a bênção de Deus. Abraão tinha cem anos quando recebeu a bênção de ser pai. Por mais que nossas bênçãos pareçam demorar, sempre é tempo para usufruí-las. Não é nossa idade cronológica que conta, mas nosso preparo interior para não as perdermos nunca mais.
7) *Não querer apressar o tempo de Deus, criando bênçãos por nossos próprios meios:* Deus não faz aliança com nossos projetos, mas com os Seus para nós. Sua bênção é plena e completa. A bênção de Deus na vida de Abraão era sobre Isaque, não sobre Ismael. Por isso, o Senhor só a aprovou verdadeiramente quando nasceu Isaque.
8) *Os rejeitados dos homens são cuidados e amparados por Deus:* foi o caso de Agar e Ismael que, embora tendo sido expulsos do acampamento, não foram desamparados por Deus, mas cuidados e protegidos, com direito também a uma bênção para si e para sua descendência. Por mais que sejamos rejeitados por homens, somos amados, amparados e protegidos por Deus, que nos envia Seu socorro na hora certa e nos garante a bênção e o sustento.
9) *A provisão e o livramento de Deus estão sempre presentes quando estamos no centro da Sua vontade:* no monte Moriá Deus providenciou o cordeiro para o sacrifício e o livramento para Isaque, pois ele e Abraão estavam no centro da Sua vontade. Eles tinham obedecido às ordens do Senhor, por isso Ele foi fiel e cumpriu Sua parte no acordo. Se Abraão tivesse desobedecido ou se não tivesse ido até lá com fé verdadeira no coração, poderia ter acontecido o contrário. Quando estamos em

obediência ao Senhor e no centro de Sua vontade, mesmo que para os homens pareça absurdo, Ele cumpre Sua promessa, nos supre e nos livra do mal.

10) *Estar disponível nas mãos de Deus:* Abraão não se fixou em nenhum lugar em especial, mas foi aonde Deus o levou para ter um aprendizado e um crescimento; ele não empacou, não estagnou. Isso significa não termos apegos nem falsas seguranças, mas fluir no Espírito conhecendo nossa terra prometida e tomando posse dela.

AS JORNADAS DE ABRAÃO

1 – De Ur dos Caldeus para Harã (Gn 11: 31)
2 – De Harã para Canaã até o carvalho de Moré em Siquém (Gn 12: 4-6); depois para Betel
3 – De Betel partiu para o sul, indo sempre para o Neguebe (Gn 12: 9)
4 – Por causa da fome naquela terra partiu para o Egito (Gn. 12: 10-20)
5 – Do Egito voltou para o Neguebe e para Betel (Gn 13: 3), depois se mudando para os Carvalhais de Manre, que estavam junto a Hebrom (Gn 13: 18)

Isaque – 5ª aula

Textos de referência: Gn 17: 19; Gn 21: 1-7; Gn 22: 1-19; Gn 24–27

Resumo:

Em Gn 17: 19 Deus diz a Abraão que Sara dará à luz um filho e lhe porá o nome de Isaque (hebr. *Yiçhãq, riso*). Podemos ver aqui que foi *Deus que lhe deu o nome*: "Deus lhe respondeu: De fato, Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque; estabelecerei com ele a minha aliança, aliança perpétua para a sua descendência". Isaque nasceu e foi circuncidado no oitavo dia como sinal da aliança com o Senhor (Gn 21: 1-7).

Isaque também foi posto à prova quando Deus disse a Abraão que Lhe oferecesse seu único filho como holocausto. Em Gn 22: 12 pela palavra usada pelo Senhor ("Não estendas a mão sobre o *rapaz* e nada lhe faças, pois sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho"), podemos imaginar que Isaque não era mais uma criança indefesa, poderia se defender se quisesse, mas a bíblia não disse que ele reagiu. De acordo com a tradição judaica, Isaque tinha aproximadamente trinta e sete anos de idade quando Abraão o levou a Moriá e foi um sacrifício voluntário que se pôs no altar. Mas por causa desse ato, Deus pôde mais tarde dar Jesus para morrer pela humanidade. Em Gn 22 : 19 está escrito: "Então, voltou Abraão e seus servos, e, juntos, foram para Berseba, onde fixou residência".

Abraão enviou Eliézer, seu servo, à sua parentela em Padã-Arã (Gn 24: 1-4; Gn 25: 20) para tomar esposa para seu filho Isaque. O servo lá chegou e encontrou Rebeca, filha de Betuel, filho de Milca e Naor, irmão de Abraão. Ela o levou à sua casa e o apresentou à sua família. Rebeca tinha um irmão chamado Labão, que se sentiu interessado na história de Eliézer, pois viu as jóias que este tinha dado a ela. Passaram ali a noite, ele e toda a sua comitiva, e pela manhã resolveram partir. Rebeca quis ir com ele e foi abençoada pela família com a bênção semelhante à que Deus tinha dado a Abraão: "Abençoaram a Rebeca e lhe disseram: és nossa irmã; sê tu a mãe de milhares de milhares, e que a tua descendência possua a porta dos seus inimigos" (Gn 24: 60). Partiu Rebeca com suas moças e sua ama *[Débora – cf. Gn 35: 8]* para o Neguebe para se encontrar com Isaque. Ele a tomou por esposa. Isaque tinha, segundo a bíblia, quarenta anos (Gn 25: 20) quando se casou com Rebeca. Abraão morreu com cento e setenta e cinco anos e foi enterrado por Isaque e Ismael junto com Sara (Gn 25: 7-10).

O nome 'Rebeca', em hebraico, Ribkah ou Ribqah (רבקה – Strong #7259), significa 'laço' ou 'corda com laço', ou seja, 'obstruir ou entupir amarrando o boleto (a parte inferior da perna do cavalo)', 'acorrentado' (pela beleza); por conseguinte, 'aquela que une', 'união', 'ligação', 'uma donzela cuja beleza prende os homens', como Rebeca era bela (Gn 24: 16; Gn 26: 6; 9) e prendeu Isaque a ela pelo amor (Gn 24: 67).

Rebeca também era estéril (Gn 25: 21) e Isaque intercedeu por ela junto ao Senhor. Deus ouviu sua oração e Rebeca engravidou. No seu ventre foram gerados gêmeos. Os dois lutavam e naquela ocasião Deus já lhe disse que o mais velho serviria ao mais moço, ao contrário do que devia se esperar. O primeiro nasceu ruivo e coberto de pêlos, por isso, o chamaram *Esaú,* que quer dizer: *peludo, cabeludo*. Depois nasceu o irmão e segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, o chamaram *Jacó (o suplantador, o enganador, o que segura pelo calcanhar)*. Isaque tinha sessenta anos quando nasceram seus filhos (Gn 25: 26). Os meninos cresceram. Isaque amava Esaú, e Rebeca, Jacó.

Como veio fome à terra, Isaque foi a Gerar para falar com Abimeleque, o filisteu. O Senhor lhe disse que permanecesse ali e não descesse ao Egito e confirmou sobre Isaque a mesma bênção da descendência dada para Abraão (Gn 26: 2-6). Então, Isaque ficou em Gerar. Ali, aconteceu caso semelhante com o que tinha acontecido com Abraão e Sara: Isaque disse aos homens da terra que Rebeca era sua irmã, com medo de ser morto pelos filisteus, mas Abimeleque descobriu a farsa e, com temor do juízo de Deus, proibiu qualquer um de tocar em Rebeca.

Isaque ficou ali, semeou e prosperou porque o Senhor o ajudava. Ficou riquíssimo. Os filisteus o invejaram e entulharam todos os poços que os servos de Abraão tinham cavado naquela região; eles os encheram de terra. Isaque saiu e se acampou no vale, reabrindo os poços que se cavaram nos dias de seu pai e que os filisteus tinham entulhado. Deu-lhes os mesmos nomes. Seus servos acharam um poço de água nascente e os pastores de Gerar contenderam com eles pelo poço de *Eseque (= opressão, contenda)*. Cavaram os servos de Isaque outro poço e também houve contenda por causa dele *(poço de Sitna = luta, cansaço, inimizade)*. Cavaram um terceiro poço e aí não houve contenda, por isso, o chamou *Reobote (= espaço, lugar extenso)*. O Senhor o prosperou na terra.

Dali subiu para Berseba e, na mesma noite, o Senhor lhe apareceu confirmando mais uma vez Sua bênção sobre sua vida (Gn 26: 24). Então, levantou um altar a Ele e seus servos abriram um poço. Ali armou sua tenda. Fez também aliança com Abimeleque e o nome do poço, o mesmo que tinha sido aliança entre Abraão e Abimeleque, foi *Berseba (poço dos sete ou poço do juramento)*. Isaque estava trilhando os mesmos passos de Abraão, aprendendo a confiar em Deus através das provações da vida.

Esaú, com quarenta anos, tomou duas esposas hetéias (Judite e Besamate), que foram amargura de espírito para Isaque e Rebeca (Gn 26: 34-35). Mais tarde, tomou por esposa a Maalate (filha de Ismael e neta de Abraão – Gn 28: 8-9). Tomou também mulheres entre as filhas de Canaã (Ada – hetéia e Oolibama – hevéia). Na região de Edom, a sudeste do Mar Morto, em Seir (terra montanhosa na região de Edom), Esaú se fixou e estabeleceu descendência. Como tinha aberto mão do seu direito de primogenitura para Jacó por um cozido de lentilhas (Gn 25: 27-34), agia como um ímpio, não dando valor à promessa de Deus feita a Abraão.

Isaque já velho e enfraquecido quis abençoar os filhos. Seus olhos não enxergavam mais com nitidez. Pediu a Esaú que lhe fizesse uma comida saborosa de caça. Mas para se cumprir a palavra profética que Deus tinha dado a Rebeca, quando ainda os filhos estavam no seu ventre, de que o mais moço é que herdaria a bênção dada a Abraão, Jacó, usando de fraude (falaremos mais tarde quando estudarmos sobre ele), chegou primeiro e Isaque o abençoou como primogênito. Isaque morreu com cento e oitenta anos (Gn 35: 28) em Hebrom, onde peregrinou seu pai.

Aprendizados importantes com Isaque:

1) *Foi o filho da promessa,* do milagre de Deus, por isso seu nome foi dado pelo próprio Deus e não foi mudado como o de Abrão e Jacó. Seu nome significa *riso* e ele viu a mão do Senhor sobre sua vida em bênção e proteção, poupando-o do sacrifício e cumprindo nele a promessa dada para sua descendência. Como ele tinha sido motivo de riso na vida de Abraão e Sara, a ação divina em sua vida também foi para ele motivo de riso, apesar das provações que passou. Assim também é conosco: nós podemos mostrar o riso sincero e verdadeiro de quem crê na palavra de Deus, mesmo que ainda não vejamos a promessa cumprida. Mantermo-nos na presença do Senhor como ele ficou nos garante livramento.
2) *Ficou na presença de Deus apesar dos momentos difíceis e confiou,* ou seja, ficou na total e completa dependência de Deus. Podemos ver isso quando esteve em Moriá, quando dependeu do Senhor para escolher sua esposa e quando esteve na terra dos filisteus (Gn 26: 2-6) e no caso dos poços disputados com Abimeleque.
3) *O que Deus nos dá nós não perdemos mais:* Isaque reabriu os poços cavados pelo pai e entulhados pelo inimigo, mas para não haver contendas maiores e até morte, abriu outro, quando o Senhor lhe deu, e não o perdeu mais *(Reobote = lugares amplos)*. Aqui temos dois ensinamentos interessantes sobre os poços. Um ensinamento positivo é que seguiu os passos do pai como uma maneira de reafirmar sua fé como descendente da promessa e tentou reabrir os poços que Abraão havia aberto, mas os inimigos entulharam, pois assim poderia recolocar a marca da família ali naquela terra. Entretanto, Deus não permitiu que os poços fossem recuperados por Isaque, pelo contrário, deixou que as contendas o afastassem deles até que ele descobrisse outra lição importante: recursos antigos não matam a sede, e sim os novos dados pelo Senhor. Ele não queria que Isaque andasse na visão dos antepassados (carne), nem nas vitórias e experiências de outros, mas nas suas próprias experiências e conquistas, buscando novas revelações divinas para sua vida. Não era preciso contender pelo que não tinha mais vida, pelo velho, pelo que já passou, pois o Altíssimo tinha lugares mais amplos (Reobote) para ele habitar e águas mais frescas para saciar sua sede.
4) *Assim como Abraão, Isaque também foi um intercessor.* Abraão intercedeu por Ló no caso de Sodoma e Gomorra; Isaque o fez por Rebeca que era estéril e Deus o ouviu. A oração transforma maldição em bênção, morte em vida, esterilidade em prosperidade.
5) *Apesar dos nossos aparentes erros e fracassos, prevalece a vontade de Deus.* Apesar de o primogênito ser Esaú, com direito à bênção dobrada do pai, e apesar de parecer que Isaque foi enganado, o plano de Deus estava se cumprindo, pois Ele tinha escolhido Jacó para herdar a bênção da primogenitura. Posteriormente (Gn 28: 4), Isaque aceitou o fato de que seu filho mais moço era quem o Senhor usaria para o cumprimento da promessa dada a Abraão. Por isso o abençoou, tornando-o herdeiro do mais importante bem da família: a amizade com Deus.

Jacó – 6ª aula

Textos de referência: Gn 25: 21-32; Gn 27–35

Resumo:

Rebeca era estéril e Isaque intercedeu por ela junto ao Senhor. Ela engravidou e os dois filhos lutavam no seu ventre: Esaú e Jacó. Foi quando Deus lhe falou que dela nasceriam duas nações e o filho mais velho serviria ao mais novo. Ao nascer, o primogênito era ruivo e peludo, por isso o nome Esaú *(= peludo, cabeludo)*. Jacó nasceu em seguida, segurando o irmão pelo calcanhar, por isso seu nome *(Ya'aqõbh = ele agarrava, suplantador, enganador, o que segura pelo calcanhar)*.

"Os meninos cresceram e Esaú se transformou em perito caçador e homem do campo; Jacó, porém, homem *pacato (hebr., 'cuidava do rebanho'),* habitou em tendas. Isaque amava Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava Jacó" (Gn 25: 27-28). Jacó fez um cozido de lentilhas e Esaú veio faminto do campo; pediu, então, a Jacó que o deixasse comer do cozido vermelho. Jacó, entretanto, se valendo da fraqueza do irmão, pediu a ele que lhe vendesse o direito de primogenitura. Esaú, com muita fome e pensando nas suas necessidades imediatas, vendeu seu direito de primogenitura ao irmão e jurou. Desprezar essa bênção era desprezar o direito de ter a bênção dobrada do pai, além da liderança da família e da descendência. Quando Isaque envelheceu e não enxergava mais como antes, chamou Esaú, pediu que saísse ao campo, apanhasse alguma caça e lhe fizesse uma comida saborosa; assim, o abençoaria como primogênito antes de morrer. Enquanto Esaú foi caçar, Rebeca disse a Jacó o que tinha escutado e, por meio de uma fraude, planejou enganar Isaque para que Jacó ficasse com a bênção da primogenitura. Rebeca cozinhou dois cabritos para Isaque. Com a pele dos animais cobriu as mãos e o pescoço de Jacó. Pegou a roupa de Esaú e colocou-a no filho mais novo. Este se foi ao pai levando a comida e os pães preparados por Rebeca. Ao tocá-lo, Isaque percebeu que o pescoço e as mãos eram peludos como os de Esaú, assim como o cheiro de sua roupa era de seu filho mais velho, embora o tom da voz fosse de Jacó. Então, o abençoou: "Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo, que o Senhor abençoou; Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto. Sirvam-te os povos, e nações te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar" (Gn 27: 27-29). A bênção da descendência era semelhante à que Deus tinha feito a Abraão, assim como Sua promessa de proteção. Quando Esaú voltou e descobriu a fraude, se entristeceu. Passou a odiar o irmão e planejou matá-lo. Rebeca, para proteger Jacó, lhe contou das intenções do irmão e o aconselhou a deixar sua casa e partir para a terra de seu tio Labão (irmão de Rebeca) em Harã. Nem Isaque, nem Rebeca queriam que Jacó se casasse com mulher cananéia como Esaú tinha feito. Isaque quis que Jacó tomasse por esposa alguém da casa de Rebeca. Assim, abençoou mais

uma vez o filho com a bênção de Abraão (a bênção da descendência, da prosperidade e da intimidade com Deus). Jacó rumou para Padã-Arã à casa de Labão, irmão de Rebeca, filha de Betuel.

Jacó saiu de Berseba para Harã. Depois de muito caminhar, chegou a um lugar para passar a noite, deitou-se e colocou sua cabeça sobre uma pedra como travesseiro. Teve um sonho de uma escada que subia até o céu e por ela os anjos de Deus subiam e desciam. Viu, então, o Senhor perto dela lhe confirmando a bênção de Abraão e Isaque sobre aquela terra e sobre sua descendência (Gn 28: 13-15). Ele prometeu Sua proteção a Jacó até ele voltar ali. Quando despertou do sono, ergueu uma coluna com a pedra sobre a qual estivera deitado e entornou azeite sobre ela. Àquele lugar chamou Betel *(A casa de Deus),* pois o Senhor ali lhe aparecera. Jacó fez um voto a Deus de dar-Lhe o dízimo (Gn 28: 20-22; Gn 31: 13) se sua viagem tivesse sucesso (Gn 12: 8 fala que ali mesmo Abraão fez um altar ao chegar à terra de Canaã).

Ao chegar a Harã, conheceu Raquel que pastoreava o rebanho de seu pai com outros pastores, e estava junto a um poço. Jacó amou Raquel logo que a viu. Ela correu para casa e falou a seu pai que tinha conhecido seu primo. Jacó ficou com Labão por um mês. Labão, então, pelo serviço de Jacó, quis lhe dar um salário. Como Jacó amava Raquel e ela era de todo bela, disse ao seu pai que o serviria sete anos por ela. Entretanto, Raquel era a mais moça. A mais velha se chamava Lia, não tão bela quanto Raquel, mas seus olhos eram delicados, amáveis, diz a bíblia (palavra traduzida por 'olhos baços'). Por sete anos Jacó serviu a Labão por amor a Raquel. No final do prazo Jacó a pediu em casamento. No dia do enlace, o pai da moça usou de engano e lhe deu Lia. Quando Jacó descobriu o que fizera o sogro, se enfureceu muito, mas o velho só lhe prometeu Raquel após uma semana e, por ela, o genro teria que trabalhar mais sete anos.

Raquel era estéril. Vendo o Senhor que Lia era desprezada, fê-la fecunda e concebeu o primeiro filho de Jacó e lhe deu o nome de *Rúben* (*Re'ubhen*, no massorético, *ou Rã'â b^{e}ʿonÿi,* no hebraico), que significa: *o Senhor olhou para minha aflição* ou *eis um filho*. A competição começou entre as duas irmãs e até suas servas participaram (Zilpa, serva de Lia, e Bila, serva de Raquel).

Assim, de *Lia* nasceram: *Rúben* (1º), *Simeão* (2º – *Shimʿôn = Deus ouviu, aquele que ouve*), *Levi* (3º – *lewi, da raiz lãwâ = juntar*; portanto, *Levi = unido, ligado, aderido*), *Judá* (4º – *Y^{e}hüdhâ = louvado, celebrado, festejado em louvor (ydh) ao Senhor*), *Issacar* (9º – *'ïsh = homem* e *sãkhãr = salário, trabalhador alugado,* pois Lia comprou de Raquel o direito de coabitar com Jacó por um punhado de mandrágoras) e *Zebulom* (10º = *exaltar*). Deu também à luz uma filha que chamou *Diná = inocente, absolvida, julgada*.

De *Bila* nasceram: *Dã* (5º – *Deus me julgou, Deus é juiz*) e *Naftali* (6º – *Naftali,* do hebr. *Naphtãlï = lutador*, pois disse Raquel: com grandes lutas tenho competido com minha irmã e logrei prevalecer).

De *Zilpa* nasceram: *Gade* (7º = *boa sorte, afortunado* ou *uma tropa está vindo*) e *Aser* (8º – *'ãsher, feliz, bem-aventurado, tesouro*).

Deus ouviu o clamor de Raquel e a fez fértil. Ela concebeu e deu a Jacó um filho que chamou *José* (11º), originado do verbo *Yãsaph = adicionar;* portanto, *yôseph = que Deus adicione* (filhos), pois Raquel pediu a Deus que lhe desse outro filho. Assim, após o nascimento do seu 11º filho, ele pediu a Labão que o deixasse partir de volta à sua terra. Labão reconheceu que tinha sido abençoado por Deus por causa de Jacó e não quis deixá-lo ir. Jacó pediu que Labão lhe dissesse, então, o que ele queria e foi combinado que os cordeiros, ovelhas e cabras negras, salpicadas e malhadas seriam dele (Jacó) e os sem mancha, de Labão. Assim, com o rebanho ele poderia sustentar sua família.

Labão, porém, separou os bodes listrados e malhados e todas as cabras salpicadas e malhadas naquele mesmo dia e os cordeiros negros e os entregou aos seus filhos para que os colocasse à distância de três dias de jornada de Jacó. Sem os machos listrados do rebanho, as possibilidades de Jacó eram mínimas. Por isso, Deus lhe deu uma estratégia. Jacó removeu a casca de varas verdes de álamo, aveleira e plátano e as colocou em frente ao rebanho. Quando as ovelhas concebiam diante das varas, davam crias listadas, salpicadas e malhadas. Ele colocava as varas quando o rebanho forte ia conceber. Quando era o fraco, não as colocava. Assim, as fracas eram de Labão e as fortes, de Jacó. Pelo rebanho, Jacó trabalhou para Labão mais seis anos. Enriqueceu e teve também servos, camelos e jumentos.

Assim, Jacó ouviu de Deus que era tempo de retornar à sua terra, pois o Senhor seria com ele. Por dez vezes Labão mudara o salário de Jacó naqueles anos, mas nenhum mal lhe acontecera porque a mão do Senhor estivera com ele e Deus tinha visto tudo o que Labão lhe fizera. Por quatorze anos serviu Jacó por causa das filhas de Labão e seis anos por causa do seu rebanho. Jacó saiu com todos os seus pertences, gado, filhos e mulheres. Mas Raquel furtou os ídolos do lar que eram de Labão. Jacó fugiu sem que Labão soubesse. Quando este soube de tudo, o perseguiu e o alcançou no 7º dia e lhe pediu conta de seus deuses roubados. Jacó jurou que aquele com quem Labão achasse seus ídolos morreria, pois não sabia que estavam com Raquel. Labão procurou, entretanto, não os encontrou. Mesmo assim, quis ficar com as filhas, com os netos e com o rebanho. Jacó discutiu com ele e fizeram uma aliança, colocando Deus entre os dois para julgá-los e prometeu que não faria mal nenhum às suas filhas e aos seus netos, nem tomaria outras esposas para si. Assim, Jacó partiu.

Quando estava chegando à terra prometida Deus lhe enviou anjos que saíram a encontrá-lo e não só lhe asseguravam proteção, mas confirmavam a promessa divina para ele e para Seu povo escolhido. Àquele lugar se chamou *Maanaim (Mah^{a}nayin, hebr.),* que quer dizer, *dois acampamentos* ou *dois exércitos* (por causa dos anjos – Gn 32: 2). Ele precisava se sentir seguro, pois se encontraria com Esaú. Jacó lhe deu um rico presente do seu rebanho com o intuito de lhe aplacar a ira; ainda tinha medo dele. Naquela noite ficou no acampamento. Levantando-se de noite, tomou sua família e transpôs o vau de Jaboque, levando com ele tudo o que lhe pertencia. Quando ficou só, viu-se à frente com um desconhecido e lutou com ele até pela manhã e o estranho, não podendo resistir a ele, tocou-lhe na articulação da coxa, deslocando-a. Jacó não o queria deixar ir sem que o abençoasse. Foi aí que o estranho lhe disse: "... já não te chamarás *Jacó*, e sim *Israel,* pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste". *Israel* significa: *o que luta com Deus (como Deus, no original), vencedor, príncipe de Deus*. E o homem o abençoou ali. Segundo alguns estudiosos, o nome Israel é, muito provavelmente, uma compilação do verbo *sara* e do substantivo *El,* abreviação comum para *Elohim* (Deus). Tem a mesma raiz do nome *Sara* que vem do verbo *sarar,* e significa: reinar, governar, ser nobre, principesco. Assim, Israel teria o significado de *"Deus luta, Deus persevera, Deus contende, ele será um príncipe com Deus".* Jacó chamou o lugar de *Peniel [que significa: A face de Deus (do hebraico: Pnuw'el ou Pniylel = Penuel ou Peniel –* פניאל*; de: Pney ou Pniy ou pnim = face* פנים*; e El = Deus –* אל*), encontro com Deus, lugar de confronto com Deus],* pois disse: "Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva" (Gn 32: 30). Conseguiu a bênção que queria, que era reconciliar-se com Esaú. Quando o irmão o viu o beijou e choraram ambos. Depois se separaram indo Esaú para Seir e Jacó para Sucote e edificou ali uma casa e fez tendas para o seu gado *(Sucot = tendas)*. Ele chegou a Siquém, na terra de Canaã e levantou ali um altar e lhe chamou *Deus, o Deus de Israel; ou Poderoso é o Deus de Israel (El-Elohe Israel)*. Comprou aquele campo dos filhos de Hamor, pai de Siquém.

Siquém tomou a Diná, filha de Jacó, à força. Pediu ao pai (Hamor) que a comprasse de Jacó, mesmo sabendo que a tinha violentado, pois a amava. Os filhos de Jacó se iraram com a situação e só permitiram que Diná ficasse com ele (Siquém) se fosse circuncidado, assim como todo o seu povo. Como Siquém a amava, fez como os filhos de Jacó disseram e passaram a ser um só povo. Entretanto, no terceiro dia após a circuncisão dos homens, Simeão e Levi tomaram cada um da sua espada e mataram todos os homens da cidade, inclusive Hamor e Siquém e a saquearam. Jacó repreendeu os filhos, pois ficou com medo da retaliação por parte dos habitantes da terra (Gn 34: 30). O Senhor disse, então, a Jacó que fosse a Betel para ali habitar e lhe erigisse novamente um altar. Jacó purificou seu povo dos deuses estranhos e não foi perseguido por ninguém. Chegou a Betel e edificou um altar ao Senhor, chamando-o de *El-Betel*. Deus apareceu novamente a ele e confirmou a mudança do seu nome para *Israel,* reafirmando também a bênção de Abraão e Isaque. Ao partir de Betel, antes de chegar a Efrata (Belém), Raquel deu à luz seu 2º filho, com muito sofrimento e, antes de morrer, deu-lhe o nome de *Benoni (filho da minha aflição ou filho da minha dificuldade),* mas Jacó lhe deu o nome de *Benjamim (filho da minha mão direita ou filho da felicidade).* Estava se cumprindo a maldição que lançara sobre aquele que tivesse roubado os ídolos do lar de Labão, pois sem saber que fora Raquel quem os furtara, liberou essa sentença de morte.

Jacó voltou a Hebrom para se encontrar com Isaque, que ainda vivia. Morreu Isaque com cento e oitenta anos e Jacó e Esaú o sepultaram. Em Gn 37: 1 está escrito que Jacó habitou na terra das peregrinações de seu pai, na terra de Canaã. Sua história continua paralela à de José. Faleceu com 147 anos (Gn 47: 28) e foi sepultado em Macpela (Gn 50: 13). Antes, porém, abençoou todos os seus filhos e os filhos de José, mais uma vez na história da família invertendo a posição deles, colocando o mais novo como primogênito (Efraim, o mais novo, ocupou o lugar de Manassés, o mais velho).

Aprendizados importantes com Jacó:

1) *Visão de Deus para os homens:* Deus escolheu Jacó ao invés de Esaú antes do seu nascimento, portanto, Jacó não fez por merecer suas bênçãos, pois o Senhor já o havia designado para patriarca do Seu povo escolhido. Agindo ou não do jeito que agiu, ele herdaria a bênção da primogenitura, pois já fora determinado.
2) *Visão humana:* Jacó não conhecia a maneira de Deus de fazer justiça e fazer prevalecer Sua vontade na vida dos Seus escolhidos, portanto, agiu na terra seguindo os impulsos do seu coração, tendo por base as dificuldades e as barreiras humanas que procuraram se levantar contra sua bênção, pois sabia que a bênção do avô (a bênção da descendência, da prosperidade e da intimidade com Deus) lhe pertencia. Guerreou por suas bênçãos, até usando métodos errados, mas não abriu mão delas; lutou como muitos de nós, na força do seu braço, até descobrir e conhecer de verdade o Deus a quem servia e confiar nEle totalmente, sabendo que Ele sempre estaria do seu lado. Assim, Deus trabalhou o caráter de Jacó, ensinando-lhe a maneira correta de conquistar suas bênçãos, ao mesmo tempo em que se deu a conhecer a ele lhe revelando Seu caráter e Suas boas intenções. Quando se fala *"O Deus de Israel, o Deus de Jacó",* estamos nos referindo à entrega completa e ao encontro com Ele para ser mudado à Sua imagem e semelhança. Isso nos mostra que o encontro verdadeiro com Deus traz mudança real.

3) *A fé de Jacó foi aumentada na sua trajetória de vida:* é sempre o mesmo processo que Deus usa para se revelar aos homens e aumentar sua fé nEle. Assim como fez com Abraão e com Isaque, através das provas e lutas, o Senhor também aumentou em Jacó sua fé nEle através dos desafios que ele enfrentou. Deus permaneceu sempre fiel à Sua promessa, confirmando-a a ele todas as vezes que conseguia ultrapassar um obstáculo.
4) *Inconstância, covardia, outras falhas de caráter como engano e astúcia foram trabalhadas por Deus* para transformá-lo num patriarca à altura de Abraão e Isaque; isto quer dizer que houve um amadurecimento. Assim, caminhar com Deus é aprendizado e autoconhecimento, aprimoramento e santificação.
5) Mesmo com falhas de caráter, *o temor e a obediência a Deus* estavam nele como estava nos seus antepassados, assim como uma *determinação forte* de ser abençoado e não abrir mão de suas bênçãos por qualquer coisa. Jacó não via empecilhos para fazer o que tinha que ser feito. Conseguiu superar todas as armadilhas que Labão colocou em seu caminho, pois não tirou os olhos do seu projeto nem da sua recompensa. Quando começou a conhecer melhor a Deus e confiar mais nEle, descobriu que com a Sua sabedoria conseguiria saquear o inimigo e vencê-lo, o que de fato ocorreu. Aprendeu a obedecer-lhe e reconhecer Seu senhorio e Sua mão protetora sobre sua vida, por isso erguia altares ao Senhor quando conseguia atingir mais uma vitória.
6) *Soube resistir ao inimigo, não cedeu às suas chantagens e não abriu mão da sua bênção; além disso, deixou a vingança na mão de Deus* (Gn 31: 53).
7) *O dízimo não é barganha com Deus.* Jacó fez um voto com o Senhor de que Lhe daria o dízimo, caso obtivesse êxito nas suas peregrinações, mas não deveria fazê-lo. O seu ato foi muito diferente do de Abraão que deu seu dízimo espontaneamente para Melquisedeque. No caso de Jacó, é a segunda vez que se fala sobre dízimo na bíblia.

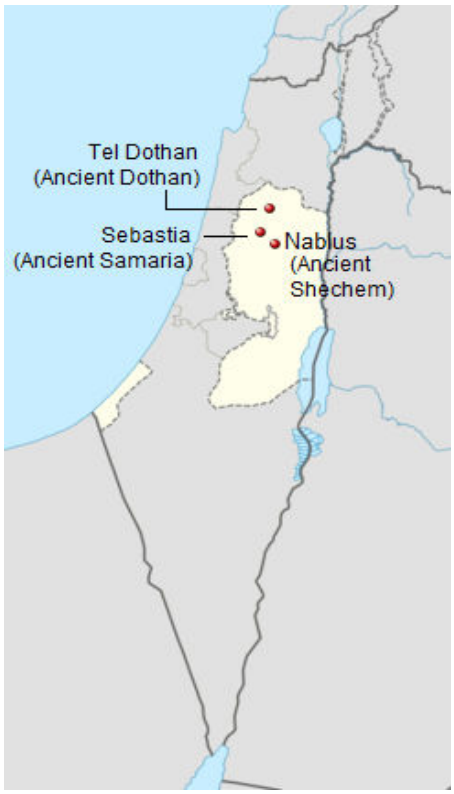
José – 7ª aula

Textos de referência: Gn 37: 1-36; Gn 39–50

Resumo:

José tinha dezessete anos e apascentava os rebanhos com seus irmãos (Gn 37: 2). Israel (Jacó) amava José mais do que todos os seus filhos porque foi o primeiro filho que Raquel lhe deu na sua velhice. Jacó lhe deu uma túnica talar de mangas compridas, o que provocou ciúmes nos irmãos. Um dia, teve um sonho no qual os irmãos atavam feixes no campo e o de José se levantou e ficou em pé e os feixes dos seus irmãos se inclinavam perante o dele. Os irmãos o odiaram, pois imaginaram José reinando sobre eles. Teve outro sonho em que o sol, a lua e as estrelas se inclinavam perante ele. Jacó o repreendeu, pois não podia aceitar que a família um dia viesse se inclinar perante José, mas considerou o caso consigo mesmo, enquanto os irmãos o odiaram ainda mais.

Os filhos de Jacó foram a Siquém apascentar os rebanhos do pai e este, então, enviou José a eles para trazer-lhe notícia. José os achou em Dotã, mas quando o viram de longe conspiraram entre si para matá-lo.



Hoje, Dotã é o sítio arqueológico de Tel Dothan, também conhecido como Tel al-Hafireh, na Cisjordânia. Tel Dothan está a 12 milhas (19.312 km) de distância ao norte da cidade de Sebastia (em latim, Sebaste), antigamente chamada de Samaria; e a 36 km de Siquém (atual Nablus).

Entretanto, Rúben não deixou que o matassem; apenas sugeriu que o lançassem dentro de alguma cisterna. Pensava em restituí-lo ao pai. Logo que José chegou, seus irmãos lhe tiraram a túnica e o lançaram numa cisterna vazia sem água. Viram que uma caravana de ismaelitas [também chamados midianitas (Gn 37: 25; Gn 37: 36)], vinha de Gileade; seus camelos traziam especiarias para o Egito. Judá sugeriu, então, que vendessem José para os ismaelitas e todos concordaram. Assim, José foi vendido aos mercadores midianitas.

Os irmãos rasgaram a túnica de José e a mancharam com sangue de um bode e levaram a Jacó, que imaginou que José tivesse sido devorado por algum animal selvagem. Jacó o pranteou por muitos dias, recusando-se a ser consolado. Nesse ínterim, os midianitas venderam José no Egito a Potifar, oficial de Faraó, comandante da guarda. Como Deus estava com ele, veio a ser homem próspero na casa de Potifar e José achou mercê perante seu senhor, que o pôs por mordomo de sua casa e sobre tudo o que tinha. O Senhor abençoou a casa do egípcio por amor a José; a bênção do Senhor estava tanto sobre o que tinha em sua casa quanto no campo. Potifar tudo confiou a José.

José era formoso de porte e aparência e a mulher do seu senhor o seduziu, mas José recusou seu convite. Pela segunda vez ela fez o mesmo, mas quando José fugia, suas vestes ficaram nas mãos dela, que gritou e o acusou de molestá-la. José, acusado falsamente, foi preso e lançado no calabouço junto com os presos do rei.

O Senhor, porém, era com José e lhe foi benigno, dando-lhe mercê perante o carcereiro, o qual confiou às suas mãos todos os presos que estavam no cárcere; e ele fazia tudo quanto se devia fazer ali. O carcereiro lhe confiou tudo e tudo o que José fazia prosperava porque o Senhor era com ele. Certo dia o mordomo e o padeiro do rei vieram parar na prisão e José foi designado para servi-los. Ambos tiveram um sonho, mas não souberam interpretá-lo (Gn 40: 1-23). Então, o contaram a José que os interpretou e, de acordo com o que tinha dito, o padeiro-chefe foi executado e o copeiro-chefe restituído ao seu cargo. José tinha pedido ao copeiro-chefe que intercedesse por ele junto a Faraó, mas quando ele foi liberto, se esqueceu de José.

Depois de dois anos, Faraó teve sonhos que o perturbaram muito. Chamou a todos os magos do Egito, que não puderam interpretá-los. Foi, então, que o copeiro-chefe se lembrou de José e falou dele ao Faraó. José foi chamado à presença do rei para interpretar seus sonhos. Os dois sonhos significavam a mesma coisa: haveria um período de sete anos de grande abundância no Egito, seguidos de sete anos de muita fome (Gn 41: 1-36). Sugeriu que Faraó arranjasse um homem sábio que soubesse administrar os suprimentos para o tempo de fome não ser tão ruim. Faraó escolheu José para ser administrador e o pôs por autoridade no país, apenas abaixo dele. Como governador, Faraó mudou seu nome para *Zafenate-Panéia* que significa: *'O homem que vive quando fala a deidade'* ou *'Deus fala e Ele vive'* (o significado hebraico). O significado egípcio é *'O salvador do mundo'*. José casou com *Asenate,* filha do sacerdote *Potífera,* e percorreu toda a terra do Egito. Ele tinha trinta anos na época (Gn 41: 46).

José ajuntou suprimento durante os sete anos de fartura. Antes de chegar a fome, José teve dois filhos com *Asenate*: o primogênito se chamou *Manassés (= aquele que fez esquecer),* pois Deus o tinha feito se esquecer de todos os seus trabalhos e de toda a casa de seu pai. Ao segundo chamou *Efraim (= frutífero),* pois Deus o tinha prosperado

na terra da sua aflição. Vieram, então, os sete anos de fome em todas as terras e José vendia suprimentos aos necessitados.

Jacó soube que havia mantimento no Egito e enviou seus filhos para lá para comprarem cereais. Todos desceram ao Egito, menos Benjamim. Chegaram e se prostraram diante de José. Ele os reconheceu, porém, não se lhes deu a conhecer. Perguntou de onde vinham e lembrou-se do sonho que tivera quando jovem; para testá-los, acusou-os de espionagem. Eles o negaram e lhe contaram sobre seu pai e sobre Benjamim, que tinham ficado na terra de Canaã. José, então, exigiu que trouxessem o irmão mais novo também e, até que se provasse o que estavam dizendo, os manteve na prisão por três dias.

Depois de três dias ele deixou que fossem ao seu pai com o cereal necessário, mas um deles ficaria na prisão até que lhes trouxessem Benjamim. José entendeu o que falavam quando eles comentavam uns com os outros sobre o remorso que sentiam em relação a ele pelo que lhe fizeram quando era jovem.

José chorou sem que eles vissem. Voltando, algemou Simeão e deixou os outros irem. Os sacos de cereal foram cheios, porém, por sua ordem, o dinheiro que haviam trazido lhes foi restituído. Abrindo os sacos durante a viagem, eles viram o dinheiro dentro deles e se alarmaram. Chegaram e contaram tudo o que tinha acontecido a Jacó. Rúben argumentou com o pai e se propôs a trazer de volta Simeão e Benjamim, se este fosse com eles ao Egito. Mas, com medo, Jacó não consentiu.

A fome persistia na terra e, quando o cereal deles acabou, Jacó ordenou-lhes que voltassem ao Egito para comprar mais. Judá o lembrou das ordens do governador acerca de Benjamim. Então, Jacó mandou que levassem o mais precioso que tinha para presenteá-lo: bálsamo, mel, arômatas e mirra, nozes de pistácia e amêndoas; também, dinheiro em dobro, além daquele que tinha sido restituído nos sacos.

Chegando ao Egito, se apresentaram perante José. Vendo Benjamim, ordenou ao seu servo que preparasse o almoço e levassem os viajantes para sua casa. Seus irmãos ficaram com medo e lhe contaram sobre o dinheiro que tinha sido posto nos sacos de cereal na viagem anterior. Ele os tranqüilizou e foram levados à sua casa, sendo preparados para o almoço.

Deram-lhes os presentes que trouxeram e ele lhes perguntou sobre Jacó, se ainda vivia. Soube por eles que Jacó estava vivo e bem. José teve que sair da presença deles para chorar quando viu Benjamim. Voltou e almoçou com eles, servindo porção cinco vezes maior para Benjamim. Isso mostrava a todos que ele era seu convidado de honra.

José deu ordem ao mordomo que enchesse os sacos de cereais, devolvendo-lhes o dinheiro em cada um deles e colocasse seu copo de prata no de Benjamim.

Na manhã seguinte, quando se despediram, José ordenou ao seu mordomo que os seguisse e os acusasse de terem roubado seu copo de prata. Ocorreu o que José ordenara e eles se alarmaram com o que viram. Foram trazidos de volta à presença de José. Judá se desculpou em nome de todos e intercedeu por Benjamim para que Jacó não morresse de tristeza com o filho longe dele. Confirmou que era fiador de Benjamim perante Jacó e se ofereceu para ficar como servo de José no lugar do irmão mais novo.

José fez todos saírem de sua presença, exceto os judeus, seus irmãos. Então, ele se deu a conhecer e chorou, o que deixou seus irmãos perplexos e atemorizados, pois tinham medo de sua reação, que poderia ser de vingança contra eles. Mas José os perdoou e lhes explicou que tudo aconteceu por permissão de Deus para executar Seu propósito soberano na vida dele (José) e de toda sua família. Seu propósito como governador do Egito era trazê-los para essa terra, a fim de que pudesse supri-los por mais cinco anos, pois ainda haveria cinco anos de fome. Falou-lhes para trazerem Jacó, suas mulheres, seus filhos e seus rebanhos para a terra de Gózen, na região do delta do

Nilo, pois ali havia mais vegetação. Abraçou Benjamim e chorou com ele, assim como o fez com todos os outros. José tinha trinta e nove anos agora.

Faraó soube que a família de José tinha vindo e permitiu que habitassem na terra de Gózen. Em Berseba, Jacó ofereceu sacrifícios ao Senhor e Ele, em visão, acalmou seu coração, confirmando a jornada para o Egito, além da bênção da descendência.

Vieram os descendentes de *Jacó* (Gn 46: 1-27; Êx 1: 5) para o Egito:

• De *Rúben*: *Enoque, Palu, Hezrom e Carmi*.

• De *Simeão*: *Jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul (filho de uma Cananéia)*

• De *Levi*: *Gérson, Coate e Merari*

• De *Judá*: Er († em Canaã), Onã († em Canaã), *Selá, Perez e Zerá*;
De Perez: *Hezrom e Hamul*

• De *Issacar*: *Tola, Puva (no texto Massorético; ou Pua), Jó (no texto Massorético; ou Jasube) e Sinrom*

• De *Zebulom*: *Serede, Elom e Jaleel*

• *Diná* (todos os filhos de Lia, que já havia morrido em Canaã – Gn 49: 31); total de **33 pessoas** (incluindo Jacó).

• De *Gade*: *Zifiom (no texto Massorético; ou Zefom na Septuaginta e Pentateuco Samaritano), Hagi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli*

• De *Aser*: *Imna, Isvá, Isvi, Berias e Sera* (♀). *Berias* gerou *Héber e Malquiel* (todos os filhos de Zilpa, serva de Lia); total de **16 pessoas.**

• De *José*: *Manassés e Efraim*.

• De *Benjamim*: *Bela, Béquer, Asbel, Gera, Naamã, Eí, Rôs, Mupim, Hupim e Arde* (todos os filhos de Raquel, que já tinha morrido em Canaã – Gn 35: 19); ao todo **14 pessoas.**

• De *Dã*: *Husim*

• De *Naftali*: *Jazeel, Guni, Jezer e Silém* (todos os filhos de Bila, serva de Raquel); total de **7 pessoas.**

Não foram contadas as mulheres dos filhos de Jacó.

Total: 33 + 16 + 14 + 7 = **70 pessoas.**

O número 70 corresponde ao número de nações (povos) que repovoaram a terra após o Dilúvio (Gn 10: 1-32; 1 Cr 1: 5-23). Assim, os descendentes de Jacó foram uma maneira de povoar o Egito; um grande momento para a humanidade, cumprindo-se parte da promessa de fazer de Abraão uma grande nação. Portanto, o número setenta pode simbolizar um tempo de reconstrução, de encher de novo a nossa terra que foi assolada. At 7: 14 menciona que esse número foi de 75 pessoas. Isso é por causa da tradução grega do texto de Gn 46 : 19-20, que acrescenta 5 descendentes de Efraim e Manassés [fonte: vídeo YouTube: 'Especial Egito – O Faraó do Êxodo'| Evidências NT | canal: Rodrigo Silva | Em busca de evidências].

José se encontrou com o pai Jacó e tomou apenas cinco dos seus irmãos e os apresentou a Faraó, realçando sua ocupação como pastores de ovelhas, acalmando sua preocupação sobre eles terem ambição política no país.

Jacó abençoou os filhos de José, colocando a mão direita (símbolo de bênção, força, autoridade, privilégio, honra) sobre o mais moço, Efraim, ao invés do mais velho, Manassés, pela quarta vez na história da família, confirmando o Senhorio de Deus e Sua escolha sobre a primogenitura (*Isaque* era mais novo que Ismael; *Jacó* era mais novo que Esaú; *José* era mais novo que Rúben, e *Efraim* era mais novo que Manassés). Jacó os abençoou com a bênção da descendência sobre a terra, sendo a de Efraim maior do que a de Manassés.

Quando abençoou os demais filhos, Jacó abençoou Judá com a liderança governamental do seu clã, embora o direito de primogenitura tivesse sido dado a José (1 Cr 5: 1-2: *'príncipe'*, no v. 2, era uma referência a Davi e, conseqüentemente, Jesus).

Jacó pediu a José que o sepultasse na caverna de Macpela, junto com Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia (Gn 48: 7 cf. Gn 49: 31). Foi embalsamado (levou quarenta dias para isso) e sepultado como desejara. José e seus irmãos voltaram ao Egito. José viveu cento e dez anos e viu os filhos de Efraim até a terceira geração. Pediu aos seus irmãos e à sua descendência que transportassem seus ossos do Egito para a terra de Canaã, quando Deus os tirasse de lá, e os fez jurar. Os ossos de José foram enterrados em Siquém, na região dada à tribo de Manassés (Js 24: 32).

Aprendizados importantes com José:

1) *Integridade, retidão, aliança com Deus:* José se manteve íntegro, reto e fiel a Deus, mesmo diante das propostas impuras, como no caso da mulher de Potifar, ou das circunstâncias adversas como aconteceu quando estava na prisão, acusado injustamente. Como o Senhor estava com ele, prosperou, e suas atitudes de fé e sinceridade fizeram com que ele ganhasse a confiança dos ímpios, pois puderam conhecer o seu Deus. Ele preferiu ser rejeitado pelos homens a ser rejeitado pelo Senhor ou ir contra os Seus mandamentos. Quando mantemos firmes as nossas convicções e agimos de acordo com o que pregamos, nossa luz passa a ser vista e muitas pessoas vão vir a nós para conhecerem o nosso Deus e a razão da nossa fé.
2) *O Senhor o sustentou, prosperou, libertou e o honrou fazendo-o governador de uma nação:* Deus sustentou José nas suas necessidades básicas e, porque se dispôs a ser instrumento em Suas mãos, Ele o capacitou com dons naturais e espirituais que geraram prosperidade não só para ele, mas para os que estavam ao seu lado, como aconteceu com Potifar. Deus o libertou da prisão e o honrou no tempo certo, colocando-o numa posição de destaque diante de todos, inclusive aos olhos de Faraó. Muitas vezes, nosso caminhar parece longo, difícil e sem sentido, mas se estivermos no centro da vontade do Senhor, Ele, no devido tempo, nos libertará de todos os jugos, nos sustentará e nos honrará diante daqueles que se acham poderosos, pois mostrará a eles a Sua soberania colocando no poder quem Ele quiser.
3) *Fé e paciência:* como Abraão exercitou a fé, José também a exercitou, pois teve que crer nos sonhos que Deus colocou no seu coração quando ainda era um jovem e que só foram se realizar anos mais tarde. Nem a própria família creu nele no início e até atentou contra sua vida. José teve que exercitar a fé no seu Deus quando estava na casa de Potifar, quando ficou na prisão e quando foi colocado em posição de autoridade no Egito, pois dependia dEle para administrar a nação e para cumprir a palavra profética dada por ele mesmo, no caso do sonho de Faraó. A paciência que teve que exercitar caminhou junto com a fé; ele dependeu do tempo para ver sua promessa cumprida e realizada.
4) *Sabedoria para gerenciar a bênção de Deus:* José teve a sabedoria divina para gerenciar a bênção que fora colocada em suas mãos, pois só a sabedoria do Senhor poderia lhe ensinar como armazenar tanto cereal nos celeiros da nação para supri-la e às terras em redor nos próximos anos de fome. Mesmo quando chegou ao Egito, ainda jovem, quase um garoto, dependeu da sabedoria de Deus para estar à frente dos negócios de Potifar e lhe prestar contas de tudo corretamente. Teve sabedoria

divina para interpretar os sonhos dos companheiros de prisão, assim como o sonho de Faraó. Teve sabedoria para tratar com seus irmãos, deixando que o Senhor curasse feridas antigas e restaurasse a união familiar. Teve sabedoria e prudência para apresentar seus parentes diante de Faraó, apaziguando todos os seus temores em relação à disputa de poder político na nação. Quando Deus nos dá Sua bênção, devemos pedir a Ele a sabedoria para podermos administrá-la com sucesso, pois muitos vão depender da nossa ação correta.

5) *Exercitou o perdão:* não só exercitou o perdão em relação aos seus irmãos, mas para com outros: Potifar e sua esposa (que o colocaram na prisão injustamente) e o copeiro-chefe (que saiu da prisão e foi restaurado ao seu cargo, de acordo com as previsões de José, porém, se esqueceu dele quando se viu livre do cárcere. Pagou o bem que José lhe fez, no mínimo, com indiferença). Assim, também, temos que passar pelas duras provas de exercitar o perdão para com aqueles que nos fazem mal, nos acusam injustamente, põem obstáculos ao nosso caminhar por inveja da nossa determinação, e para com os que reagem com indiferença e ingratidão, depois que foram abençoados através da nossa vida e do nosso trabalho.
6) *Experimentou a reconciliação* com quem o tinha injustiçado, pois Deus lhe deu estratégia e sabedoria para reverter situações que aparentemente não tinham solução, como aconteceu no caso da sua família; foi o próprio Deus que colocou no coração dos seus irmãos o arrependimento em relação a José, porém, usou-o com sabedoria para confrontá-los com seu pecado. No tempo certo, Deus pode trazer a nós aqueles que nos feriram ou nos insultaram, colocando o arrependimento nos seus corações. Pode usar qualquer pessoa e qualquer tipo de estratégia para realizar Seu plano de restauração na nossa vida.
7) *A promessa de Deus pode ser frustrada pelas ações humanas, mas sempre será preservada por Ele:* as pessoas podem retardar o plano de Deus, mas nunca podem impedir sua realização. Ele pode usar até as más intenções dos homens para cumprir Seus propósitos na vida dos Seus escolhidos. Os irmãos de José tentaram impedir que Deus manifestasse nele o Seu projeto; mesmo assim, ele foi usado por Ele para abençoar seus irmãos.
8) *Manter a visão profética do projeto de Deus:* José manteve dentro de si a visão do projeto de Deus para ele; deu valor aos sonhos que foram colocados no seu coração ainda jovem e não os desprezou para agradar a homens. Da mesma forma, devemos dar valor aos sonhos que Ele coloca no nosso interior, ainda que tenham sido colocados na infância ou mesmo que outros não dêem valor a eles e até zombem deles. A visão profética do Seu projeto deve estar sempre viva dentro de nós para que nossa esperança e nossa fé nEle não morram.
9) *Tirar proveito das situações adversas:* José foi vendido aos egípcios quando era jovem, entretanto, já sabia aproveitar as situações para aprender e crescer. Não importa como nem com quem José aprendeu a escrever em língua egípcia. O que importa é que quando chegou à casa de Potifar já possuía algo que o capacitava a realizar tarefas que outros escravos não poderiam. Ler, escrever e entender de matemática lhe deram a chance de mostrar ao seu senhor que ele era um escravo diferente e digno da sua confiança. A lição para nós é: devemos sempre aprender o que for para estarmos capacitados em qualquer situação, pois não sabemos de que forma Deus vai querer nos usar. Nossa habilidade e nosso interesse por aprender poderão fazer com que achemos graça diante das pessoas, que verão Sua boa mão sobre nós.
10) *Aprender a ser um provedor:* José aprendeu a ser um provedor. O Senhor lhe deu sabedoria para saber administrar os recursos naturais e fez do seu coração um

coração doador e abençoador. Com os cereais que ele tinha acumulado no período de abundância, pôde abençoar muitos povos no período da fome. Pelas atitudes de José, podemos notar que ele nunca foi mesquinho ou avarento; seus valores eram outros e fazia questão de mostrar isso às pessoas para que aprendessem com ele a exercitar a semeadura e a prosperidade. Quando nossos valores são espirituais, não carnais, Deus nos coloca em posição de honra e liderança porque temos capacidade de mostrar o Seu reino àqueles que ainda não O conhecem verdadeiramente; através de nós, Ele mostra Sua bondade, Sua misericórdia e Sua prosperidade.

11) *O abençoador é abençoado por Deus:* por ser um abençoador de muitos, José foi abençoado não só pelo pai, mas igualmente por Deus com as bênçãos dos *altos céus* (espirituais), das *profundezas* (emocionais) e *dos seios e da madre* (materiais; *'da fertilidade e da fartura'* – NVI), como está descrito em Gn 49: 25, assim como toda a sua descendência.

Moisés – 8ª aula

Textos de referência: Êx. 1–40; Nm 11–14; Nm 16–17; Nm 19–24; Nm 27; Dt 34: 1-12

Resumo:

José faleceu no Egito, mas sua descendência se multiplicou grandemente e se fortaleceu, enchendo toda aquela terra. O novo rei que se levantou na nação não conhecera José e, para que o povo judeu parasse de se multiplicar, Faraó pôs feitores de obras sobre eles para os afligirem com suas cargas, edificando cidades-celeiros como Pitom e Ramessés (Êx 1: 11). Entretanto, continuavam a crescer e se espalhar, e isso inquietava os egípcios. Estes começaram a usar de tirania para com os hebreus fazendo-os produzir tijolos para suas construções, assim como os puseram para trabalhar duro no campo. A terra que há centenas de anos tinha sido 'terra de refúgio' tornou-se 'terra de escravidão'.

O rei ordenou às parteiras hebréias que matassem os recém-nascidos do sexo masculino. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram o que Faraó lhes ordenara. Deus as abençoou e lhes deu família. O povo aumentou e se tornou muito forte. Então, Faraó ordenou ao seu povo que lançassem os recém-nascidos meninos no rio Nilo, deixando viver as meninas.

Um homem da casa de Levi, da família dos Coatitas, chamado Anrão, se casou com uma mulher também descendente de Levi, chamada Joquebede (Êx 6: 20) e tiveram três filhos: Miriã, Arão e Moisés. Este nasceu debaixo das ordens de Faraó. Era formoso e a mãe o escondeu por três meses, mas vendo que não mais podia ocultá-lo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o menino, largou-o no carriçal (local dos juncos) à beira do Nilo. A irmã do menino ficou de longe para observar o que lhe havia de suceder. Quando a filha de Faraó estava se banhando no rio, viu o cesto e, ao abri-lo, percebeu que era um menino hebreu que chorava. Teve compaixão do garotinho e aí Miriã, sua irmã, sugeriu que uma hebréia cuidasse dele para ela. Sua própria mãe cuidou dele e, quando já tinha dois anos [depois do desmame], devolveu-o à filha de Faraó, da qual passou ele a ser filho, e ela o chamou *Moisés*, que quer dizer: *tirado das águas,* pois do Nilo foi tirado.

Moisés cresceu e se tornou homem. Foi preparado para ser príncipe do Egito.

Presenciando um egípcio espancar um hebreu e não vendo ninguém por perto, matou o egípcio e o escondeu na areia. No dia seguinte viu dois hebreus brigando e repreendeu o culpado, que lhe perguntou sobre o egípcio morto no dia anterior. Faraó procurou matar a Moisés. Então, ele fugiu para a terra de Midiã onde se casou com Zípora, filha de Jetro, sacerdote, também chamado Reuel (= *'Sua Excelência' ou 'amigo de Deus'.* Os dois nomes têm o mesmo significado). Teve com ela um filho a quem

chamou *Gérson (= peregrino, estrangeiro)*. Ficou ali por mais ou menos quarenta anos até que morreu Faraó.

Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e seu clamor subiu a Deus. Assim, Ele se lembrou de Sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó e atentou para o choro do povo. 'Lembrar-se', em hebraico, no Antigo Testamento, significa: 'dar atenção'.

Moisés estava apascentando o rebanho do sogro a oeste de Midiã, no deserto do Sinai, chegando ao *Monte Horebe* (conhecido como *'o monte de Deus'; Horebe* significa: *seco, deserto*). Ali lhe apareceu o Anjo do Senhor, numa chama de fogo, no meio de uma sarça que, entretanto, não se consumia.

Então, o Senhor lhe falou que tinha visto o sofrimento do Seu povo no Egito e o estava escolhendo para livrá-lo das mãos de Faraó para levá-lo a uma terra que 'manava leite e mel', ou seja, uma terra fértil e abundante. Seu nome, *YHWH, 'o Senhor', 'O Eu Sou o Que Sou' (ehyeh-asher-ehyeh),* seria conhecido pelo Seu povo (Êx 3: 14-15; Êx 6: 2-3). *EU SOU,* em hebraico, *Ehyeh,* provém do verbo *Hayah, 'ser',* muitas vezes traduzido como *'Eu serei', 'tornar-se' ou 'mostrar ser'. Asher* é um pronome ambíguo que pode significar, dependendo do contexto, 'que', 'quem', 'qual', ou 'onde'. Portanto, embora *Ehyeh-Asher-Ehyeh* geralmente seja traduzido como *'Eu Sou o Que Sou'*, a expressão pode significar: *'Eu serei o que serei'* ou *'Eu vou ser quem eu vou ser'* ou *'Eu vou provar ser o que eu vos revelar ser'* ou *'eu vou ser porque eu vou ser'*. Os patriarcas o tinham conhecido como *El-Shaddai ('O Todo-Poderoso', 'o Deus que é mais do que suficiente', 'o Deus que detém todo o poder') – Gn 17: 1*, entre outros nomes.

O Senhor também lhe disse que com mão forte feriria o Egito e livraria o Seu povo. Moisés tentou argumentar com Deus, pois temia sua missão. Como tinha sido treinado para ser príncipe do Egito, conhecia bem seu poderio militar e achava impossível que um povo daquele tamanho (o povo hebreu) pudesse ser liberto de Faraó. Disse ao Senhor que tinha um problema de fala; talvez isso quisesse dizer que não sabia argumentar, que não era bom orador. Mas Deus não voltou atrás. Deu-lhe dois sinais (Êx 4: 9) e o mandou ir. Garantiu-lhe que Ele poria em sua boca as palavras corretas e Arão, seu irmão, sacerdote e levita, falaria ao povo por ele. Dessa forma, Moisés tomou sua mulher e seus dois filhos, pois mais um lhe nascera em Midiã (*Eliézer, meu Deus é auxílio,* Êx 18: 4), e partiu para o Egito, levando na mão o bordão de Deus.

Encontrou-se com Arão em Horebe. Arão era casado com Eliseba e tinha quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar (Êx 6: 23). Chegaram ao Egito e comunicaram ao povo as palavras de Deus; o povo creu no Senhor e O adorou.

Arão e Moisés foram falar com Faraó, que não lhes deu ouvidos; pelo contrário, afligiu ainda mais os hebreus, tirando deles a palha para fazerem os tijolos.

Moisés e Arão falaram novamente com Faraó, mas o Senhor os avisou que endureceria o coração do rei para que ele pudesse ver as maravilhas e o poder do Deus verdadeiro. A bíblia diz que Moisés tinha oitenta anos e Arão oitenta e três, quando falaram a Faraó (Êx 7: 7).

Assim, Deus enviou dez pragas ao Egito para mostrar Seu poder ao rei e libertar Seu povo:

1º) As águas se tornaram em sangue
2º) Rãs
3º) Piolhos
4º) Moscas
5º) Peste nos animais
6º) Úlceras
7º) Chuva de pedras

8º) Gafanhotos

9º) Trevas

10º) A morte dos primogênitos do Egito. Aqui, Deus instituiu a Páscoa e instruiu o povo como deveria se preparar para a partida. À meia-noite o *Destruidor* passou sobre o Egito, deixando vivos apenas os filhos dos hebreus, que tinham a marca do sangue do cordeiro nas suas portas.

Com a morte do seu primogênito, Faraó os lançou fora da sua terra e o povo saiu com ovelhas, gado, ouro, prata e vestes e despojaram os egípcios.

A bíblia diz em Êx 38: 26 (Nm 1: 46; Nm 26: 51) que saiu do Egito um exército de 603.550 homens de vinte anos para cima, afora as mulheres e crianças, idosos e estrangeiros que decidiram ir com eles. Em Nm 1: 47 a bíblia também deixou de contar os levitas (Nm 3: 39 diz que eram 22.000). Diz, igualmente, que o tempo que habitaram no Egito desde que chegou Jacó foram quatrocentos e trinta anos (Êx 12: 40-41; Gl 3: 17) sendo que, provavelmente, sua escravidão tenha começado cento e vinte anos antes do Êxodo, pois no tempo de José foram hóspedes bem-tratados. Ao saírem, levaram também os ossos de José, como ele os fizera jurar antes de morrer. O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa nuvem para guiá-los pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo.

Faraó os perseguiu e os alcançou no deserto quando eles estavam acampados junto ao mar. A palavra hebraica usada para *Mar Vermelho* é *Yam suf,* que significa: *Mar de juncos*. Juncos são papiros que proliferavam na área pantanosa que ia desde o Golfo de Suez até o Mediterrâneo e que crescem em água doce, como os Lagos Amargos, Timsa, Balá e Manzalé, no Delta do Nilo. Por isso, não podemos identificar em nenhum mapa sobre o Êxodo, o local de passagem pelo Mar Vermelho propriamente dito. Imagina-se que os locais mais prováveis sejam o Golfo de Suez, o Grande Lago Amargo entre o Golfo e o Mediterrâneo, o Lago Manzalé na boca do Nilo, no Norte do Egito, ou o Mediterrâneo Sul. O termo *Yam suf* é usado para diferentes tipos de formação aquática. Apesar de todas as cogitações, permanece a hipótese principal (levando-se em conta Nm 33: 1-37) de ter sido a travessia próxima a Suez (ver mapa no final do capítulo).

O povo, então, tirou satisfação com Moisés, acusando-o de tê-lo tirado do Egito para morrer no deserto. Moisés reforçou neles a fé no Senhor, ergueu o bordão e estendeu sua mão sobre o Mar Vermelho como Deus lhe mandara e as águas se separaram. Assim, Israel passou pelo meio do mar. Quando terminaram de passar, as águas retomaram sua força e afogaram os egípcios que os tinham perseguido. Morreram todos: soldados e cavalos.

Moisés entoou um cântico de vitória e exaltação ao nome do Senhor e todo o povo o acompanhou. Miriã também tomou um tamborim e cantou, e todas as mulheres dançaram com ela. A partir daí, Moisés começou a dirigir o povo conforme o Senhor o orientava, mas teve que administrar as reclamações contra ele, como se fosse culpado de qualquer circunstância que parecesse contrária. Podemos ver isso no caso das águas amargas de Mara, que Deus transformou em doces para dessedentar o povo; também quando pediram comida e Ele lhes deu o maná pela manhã e carne à tarde. Ninguém conhecia o que era aquele 'orvalho' que caía pela manhã, por isso lhe chamaram *Maná* (Hebr. = *que é isso?* – Êx 16: 15; 31). Os israelitas ainda não mostravam confiança em Deus depois de tudo o que já tinham visto; assim, reclamavam por qualquer motivo. Facilmente resistiam ao comando de Moisés e duvidavam do cuidado do Senhor. Novamente contenderam em Refidim por causa de água e Ele os dessedentou (Moisés feriu a rocha e dela manou água).

Moisés também teve que enfrentar uma batalha com Amaleque em Refidim. Amaleque, pai dos amalequitas, foi descendente de um neto de Esaú; eram nômades

ferozes que pilhavam outras tribos, muitas vezes, matando por simples prazer. Eram encontrados no Neguebe e no Sinai. Ali, Moisés já começou a treinar Josué como comandante militar de Israel. Moisés ficou no alto do monte com o bordão erguido para dar vitória ao povo de Deus. Quando seus braços cansaram, Arão e Hur (segundo a tradição judaica, era marido de Miriã) os seguraram um de cada lado até o pôr-do-sol. Dessa maneira, Israel prevaleceu e Moisés edificou ali um altar ao Senhor e lhe chamou: *O Senhor é minha bandeira (YHWH Nissi)* – Êx 17: 15.

Moisés julgava o povo desde manhã até à tarde. Vendo isso, seu sogro o aconselhou a nomear auxiliares para esta tarefa para que não se cansasse. Conseqüentemente, não levaria a carga sozinho, mas a dividiria com outros. Ele assim o fez e Jetro voltou para sua terra. Esses chefes (Êx 18: 13-27 e Dt 1: 9-18) julgavam as causas menores do povo, enquanto Moisés julgaria as mais importantes e difíceis, concernentes às instruções de Deus (Êx 18: 26 ; Dt 1: 13; 15-16). Apesar disso, Moisés continuou sobrecarregado. Por isso, mais adiante, Deus mesmo separou 70 anciãos sobre os quais Ele derramou o Seu Espírito para ajudarem Moisés na administração do acampamento (Nm 11: 16-17; 25): "Disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, que sabes serem anciãos e superintendentes do povo; e os trarás perante a tenda da congregação, para que assistam ali contigo". A Septuaginta traduz como 'escribas' (grammateis), mas o hebraico escreve 'shoter' (שֹׁטֵר), Strong #7860, que significa: escrever; um escriba, um superintendente ou magistrado oficial; oficial, supervisor, governante.

No terceiro mês após a saída do Egito, chegaram ao Sinai. E no meio do fogo e da fumaça, de trovões e relâmpagos, Deus falou a Moisés e Arão para subirem ao monte. Ali lhes deu as leis que regeriam o povo. Depois, Deus pediu a Moisés que ele subisse novamente e ficasse lá, pois lhe daria tábuas de pedra com a Lei e os Mandamentos que tinha escrito, para que ele ensinasse os israelitas. Arão e Hur ficaram com o povo. Só Josué o acompanhou até um pedaço do caminho. No sétimo dia, o Senhor apareceu a Moisés e ele ali ficou quarenta dias e quarenta noites. Naquele lugar Deus lhe deu as orientações para construir o tabernáculo, assim como escolheu Arão e seus filhos para ministrarem como sacerdotes diante da tenda da congregação (Tenda do Testemunho – Êx 38: 21; Nm 1: 50; Nm 9: 15; Nm 17: 7; 8; Nm 18: 2; 2 Cr 24: 6 ou Santuário – Êx 25: 8). Tendo acabado de falar com ele, deu-lhe as duas tábuas de pedra escritas pelo *dedo de Deus* (Êx 31: 18).

Vendo o povo que Moisés demorava em descer e achando que Deus tinha se ausentado deles, obrigaram Arão a fazer para eles um deus que pudessem ver. Ele, então, fez um bezerro de ouro (Êx 32: 1-10; 18-24) e eles festejaram. Deus comunicou isso a Moisés enquanto ele estava no Monte Sinai e expressou Seu desagrado falando ao Seu ungido que consumiria o povo e, dele apenas (Moisés), faria uma grande nação. Mas Moisés intercedeu pela multidão e desceu da montanha. Quando se aproximou do arraial, viu o bezerro e as danças e, com raiva, quebrou as tábuas da Lei ao pé do Monte. Queimou o bezerro e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água, e deu de beber aos filhos de Israel. Repreendeu Arão e ordenou aos levitas que matassem os idólatras. Três mil foram mortos naquele dia.

O povo que saiu do Egito não conhecia ainda o "Deus do Sinai", nem tinha Suas leis; estavam mais familiarizados com os deuses egípcios. Por isso, podemos pensar que o bezerro de ouro feito por Arão estava relacionado com a idolatria egípcia. Cativos há quatrocentos e trinta anos, mal se lembravam da herança deixada pelos patriarcas, a não ser da terra prometida por Deus a eles. Assim, há duas possibilidades quanto ao bezerro de ouro: **a)** O *deus Ápis (Hapi-anku),* personificação da terra e reencarnação de Osíris. Era o touro de Mênfis e estava associado com o deus Ptah, o deus construtor da referida

cidade; simbolizava a força do rei (Faraó). **b)** A deusa *Hator,* deusa das mulheres, dos céus, do amor, da alegria, do vinho, da dança, da fertilidade e da necrópole de Tebas, pois acolhia os mortos e velava os túmulos. Era representada como uma vaca com o disco solar entre os chifres ou como uma mulher com cabeça ou com orelhas de vaca, ou ainda como uma mulher de pele amarela e que carrega na cabeça um par de chifres de vaca, entre os quais se encontra um disco vermelho rodeado por uma cobra. Ela segura um bastão bifurcado em uma mão e um sinal de Ankh na outra. A Ankh (pronuncia-se 'Anak', a vértebra torácica de um touro, vista em corte transversal), era para os egípcios o símbolo da vida, também como símbolo da vida eterna, a vida após a morte.

Pela reação dos israelitas descrita na bíblia (como uma orgia), é mais provável que estivessem adorando *Hator* ou os dois (ver Êx 32: 4, onde está escrito: "teus deuses": "Este [Arão], recebendo-as das suas mãos, trabalhou o ouro com buril e fez dele um bezerro fundido. Então, disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito"). "Teus deuses", no hebraico, "elohim" (Strong #430), plural de Eloá, pode significar "deuses" (no sentido comum) ou ser um nome usado para o Deus Supremo.

No dia seguinte, Moisés subiu ao Monte e intercedeu novamente pelo povo, oferecendo sua própria vida em troca. Mas o Senhor disse que Ele mesmo os puniria pelo seu pecado e Seu Anjo iria adiante deles para lhes dar vitória sobre seus inimigos. Ele mesmo não seguiria no meio deles. Moisés Lhe pediu, então, para ver a Sua glória, ou seja, o próprio Deus. O Senhor o colocou numa fenda da rocha, passou por ele e deixou Moisés ver Suas costas ("Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" – Êx 33: 23). Depois disso, deu-lhe novamente as tábuas de pedra com a Lei. Quando desceu do Monte, seu rosto resplandecia.

Deusa egípcia Hator

Debaixo da orientação de Deus o Tabernáculo foi levantado. Quando a nuvem ficava sobre ele os israelitas paravam e, quando ela se levantava, eles caminhavam avante. Apesar de tudo o que tinha visto pelas mãos do Senhor, o povo continuou insatisfeito, tendo grande desejo das comidas dos egípcios; queriam carne, peixe, pepinos, melões, alhos e cebolas, reclamando do maná. Moisés se queixou com o Senhor porque achava pesado demais o seu cargo e não tinha como satisfazer o desejo dos seus irmãos. Pediu até para que Deus o matasse, pois não suportava mais. O Senhor lhe disse para ajuntar setenta homens dos anciãos de Israel, sobre os quais Ele derramaria do Seu Espírito, e eles levariam a carga do povo junto com ele. Deus também lhe falou para preparar os hebreus porque no dia seguinte comeriam carne e a comeriam por um mês, até se enfastiarem dela porque reclamaram contra Ele. Então, soprou um vento do Senhor e trouxe codornizes do mar, e as espalhou pelo arraial quase caminho de um dia, ao seu redor, cerca de dois côvados sobre a terra (1 côvado = 44, 4 cm – segundo a tabela no final do livro), portanto, havia codornizes atingindo uma altura de quase noventa centímetros sobre a terra. Enquanto comiam, acendeu-se a ira do Senhor contra o povo e o feriu com praga.

Não bastasse esse problema, Miriã e Arão tiveram inveja da posição especial de Moisés como porta-voz de Deus e, usando como pretexto a mulher cuxita (Etíope) que ele tomara, provocaram contenda, mas o Senhor os repreendeu. Miriã ficou leprosa e, por intercessão de Moisés foi curada, porém, detida fora do arraial por sete dias.

Pouco depois, duzentos e cinqüenta homens liderados por Coré (Corá), Datã e Abirão se rebelaram contra a liderança espiritual de Moisés e Arão, pois para eles toda a congregação era santa. Além disso, Coré era da tribo de Levi, da família dos coatitas, como Arão, e levavam a arca e os objetos sagrados; era levita, entretanto, não era da linhagem sacerdotal porque não descendia de Anrão, pai de Arão e Moisés, mas de Isar, irmão de Anrão (Êx 6: 21; Nm 16: 1; 1 Cr 6: 33-38). O Senhor abriu a terra debaixo dos

três rebeldes e os tragou, assim como suas famílias. Os outros duzentos e cinqüenta foram consumidos pelo Seu fogo. Da descendência de Coré (Nm 26: 11) procedeu Elcana, pai de Samuel (1 Cr 6: 22; 27).

No dia seguinte, toda a congregação murmurou contra Moisés e Arão, acusando-os de matarem seus irmãos. Mas Deus, com grande ira, já estava consumindo o povo com praga. Moisés e Arão intercederam por eles e a praga cessou; entretanto, mais quatorze mil e setecentos morreram. Assim, o Senhor falou para que os doze príncipes das tribos trouxessem seus bordões para a tenda da congregação e o bordão que Ele escolhesse floresceria e cessariam as murmurações. O de Arão era pela casa de Levi; floresceu no dia seguinte e foi colocado junto à arca do testemunho como um sinal da escolha de Deus.

Por ordem divina, Moisés enviou doze homens para espiar a terra que Deus lhes prometera (Nm 13: 1-17), um príncipe de cada tribo de Israel, entre eles Calebe, pela tribo de Judá, e Josué, pela tribo de Efraim. Voltaram depois de quarenta dias. Josué e Calebe mostraram-lhes o fruto da terra: um cacho de uvas que trouxeram numa vara, como também romãs e figos. No entanto, os outros dez transmitiram medo ao povo quando lhes contaram sobre as nações que lá habitavam: gigantes (enaquins), diante dos quais os israelitas pareciam gafanhotos. Apenas Josué e Calebe viam a terra com bons olhos e com ousadia para conquistá-la. O povo murmurou novamente contra Moisés e contra Arão e eles se prostraram perante a congregação. Também queriam apedrejar Josué e Calebe. Então, a glória do Senhor apareceu no Tabernáculo, desejando dizimar o povo. Novamente Moisés intercedeu por ele junto a Deus, mas Ele deu o castigo: nenhum dos homens de vinte anos para cima que saiu do Egito, colocando-o à prova dez vezes (Nm 14: 11; 21-23 cf. Sl 78: 40-41), veria a Terra Prometida, pois morreria no deserto; apenas a segunda geração a veria. Também Josué e Calebe a veriam por terem perseverado e crido na promessa (Nm 14: 21-24; 29-30). Essa conversa entre Deus e Moisés aconteceu em Cades Barnéia (Nm 13: 26; Nm 33: 36). A partir daí, peregrinariam no deserto por quarenta anos (Nm 14: 34). Os outros dez espias morreram de praga perante o Senhor. Após a morte de Arão (Nm 33: 37-38) o povo volta a Eziom-Geber e começa sua jornada rumo à Terra Prometida (Nm 33: 38-49).

As dez vezes que o povo tentou o Senhor até este ponto foram:

1) Junto ao Mar Vermelho, antes da travessia: Êx 14: 11-12.

2) Em Mara, por causa da água amarga: Êx 15: 22-25.

3) Em Taberá, quando o povo começou a se queixar da sua sorte: Nm 11: 1-3; Dt 9: 22. Taberá significa: ardente, queimado.

4) Murmuração por querer as comidas dos egípcios. Deus lhes deu o Maná pela manhã e mandou as codornizes à tarde: Êx 16: 1-8; 11-15; 31; Nm 11: 4-7; 13; 31-35 (v. 34-35: Quibrote-Hataavá = sepulcros da concupiscência); Dt 9: 22; Sl 78: 23-31 e Sl 106: 14-15, onde o salmista repete o episódio ocorrido no deserto e a reação de Deus.

5) Reclamaram por não haver água para beber; e o lugar passou a ser chamado Massá e Meribá, por causa da provocação (Massá = provocação) e da contenda do povo (Meribá = contenda): Êx 17: 1-2; 5-7; Dt 9: 22.

6) O bezerro de ouro: Êx 32: 1-10; Sl 106: 19-23.

7) A sedição de Miriã e Arão: Nm 12: 1; 6-10; 13; 15.

8) A rebelião de Corá (ou Coré, filho de Isar, irmão de Anrão, pai de Moisés – Êx 6: 21; Nm 16: 1; 1 Cr 6: 33-38). Pode ser que esse incidente tenha ocorrido enquanto os homens estavam espiando a terra (nos quarenta dias em que ficaram fora do arraial): Nm 16: 1-3; 8-10; 28-33; 35; Sl 106: 16-18.

9) Murmuração contra a liderança de Moisés e Arão (O bordão de Arão floresce): Nm 16: 41-50; Nm 17: 5-8.

10) Murmuração contra Moisés e Arão, após o relatório dos doze espias: Nm 13: 1-3; 25-26; 32; Nm 14: 1-4; Sl 106: 24-27.

A trajetória dos Israelitas até este ponto (Cades Barnéia), onde Deus se queixa com Moisés, pode ser vista em Nm 33: 1-37.

Os acampamentos dos israelitas desde o Egito foram (Nm 33: 1-37): Ramessés – Sucote – Etã – voltaram a Pi-Hairote (defronte a Baal-Zefom, e acamparam-se diante de Migdol) – atravessaram o Mar Vermelho – deserto de Etã – Mara – Elim – acampamento junto ao Mar Vermelho – deserto de Sim – Dofca – Alus – Refidim – deserto do Sinai, onde ficaram acampados por um ano (Nm 9: 1; Nm 10: 11; Êx 40: 2; 17) – Quibrote-Hataavá (Nm 11: 35) – Hazerote – Ritma – Rimom-Perez – Libna – Rissa – Queelata – Monte Sefer – Harada – Maquelote – Taate – Tera – Mitca – Hasmona – Moserote – Benê-Jaacã – Hor-Hagidgade – Jotbatá – Abrona – Eziom-Geber – deserto de Zim (**Miriã morreu** – Nm 20: 1; cf. Nm 33: 36), onde está Cades-Barnéia. Neste ponto o Senhor deu o castigo: eles peregrinariam no deserto por quarenta anos (Nm 14: 34). Ao final deste tempo, partiram de Cades, voltaram a Eziom-Geber, subiram para o norte e acamparam-se no Monte Hor, na fronteira da terra de Edom, onde Aarão morreu (Nm 33: 37-39; Dt 2: 1-4). A partir dali, atravessariam o ribeiro de Zerede (limite entre Edom e Moabe – Dt 2: 14). De Hor foram para Zalmona – Punom – Obote – Ijé-Abarim (ou Ijim) – Dibom-Gade – Almom-Diblataim – montes de Abarim, defronte de Nebo – campinas de Moabe junto ao Jordão, na altura de Jericó (Nm 33: 40-49).

Como não havia água para o povo (Nm 20: 1-13 cf. Dt 32: 51), houve novamente contenda contra Moisés, e Deus ordenou a ele e a Arão que tomassem o bordão e *falassem* à rocha para que dela manasse água. Entretanto, ao invés de falar à rocha, Moisés a feriu duas vezes com o bordão. Saiu água e beberam. Por essa desobediência, pois a pressão do povo provocou em Moisés uma atitude irrefletida, ele e Arão foram proibidos de entrar na terra de Canaã. Por isso o Senhor disse que Ele não havia sido santificado diante dos filhos de Israel (Nm 20: 12). As águas receberam novamente o nome de Meribá, pois ali houve outra contenda com Deus: Nm 20: 1-3; 7-13; Sl 106: 32-33. Logo depois, Arão morreu no Monte Hor no 1º dia do 5º mês do 40º ano da saída dos filhos de Israel do Egito (Nm 33: 38). E Eleazar, seu filho, ficou como sumo sacerdote em seu lugar.

Novamente o povo reclamou e Deus mandou serpentes venenosas que matassem muitos filhos de Israel. Moisés, mais uma vez, orou pelo povo e Deus lhe disse que fizesse uma serpente de bronze e a colocasse sobre uma haste; se alguém, que fosse mordido, olhasse para ela, sararia (Nm 21: 4-9 cf. 2 Rs 18: 4). Mais tarde, a serpente se tornou objeto de veneração idólatra (2 Rs 18: 4 – rei Ezequias se desfez dela). Ela era chamada de Neustã (a nota de rodapé da NVI diz: 'Neustã, em hebraico, soa como a palavra para bronze e serpente e coisa impura'. A nota também diz que, no original, a frase 'e lhe chamavam Neustã' pode ser 'ele lhe deu o nome de Neustã', se referindo a Moisés como aquele que lhe deu este nome).

A bíblia muitas vezes traduz indiferentemente a palavra 'cobre' (em Hebraico, nehosheth ou nchosheth – Nm 21: 9; Dt 8: 9; Ed 8: 27; Jó 41: 27) por 'bronze' (nehushah – bronze é um amálgama marrom-amarelado de cobre com até 1/3 de estanho; Ez 1: 4 usa a palavra hashmal – 'metal brilhante', na nossa tradução – para descrever o verdadeiro bronze ou latão, amálgama de cobre e zinco). Em Nm 21: 9, ao se referir à 'serpente de bronze', a bíblia escreve a palavra nchosheth, correspondente a 'cobre'. A palavra para serpente é 'nachash'.

O povo peregrinou mais alguns meses no deserto, até que o Senhor começou conduzi-lo em direção ao Norte para Basã e Amom, regiões ao oriente do Jordão. Ele os

estava treinando para serem conquistadores da Terra Prometida. Deus lhes deu vitória sobre os dois reis amorreus dessas terras (Seom, rei de Hesbom e Ogue, rei de Basã).

Quando chegaram às campinas de Moabe na altura de Jericó, o rei moabita (Balaque, filho de Zipor) ficou com medo dos israelitas e alugou Balaão (filho de Beor), um famoso adivinho assírio que vivia em Petor, para amaldiçoá-los. Deus inverteu a situação e Balaão, por três vezes, abençoou Israel. Ele e Balaque voltaram cada um para sua terra e Israel ficou acampado nas campinas de Moabe. Mais tarde, Balaão foi morto pelos israelitas quando venceram os Moabitas, antes de atravessarem o Jordão e entrarem na Terra Prometida (Nm 31: 8).

Ainda nas planícies de Moabe o povo adorou a Baal-Peor (Nm 25: 1-3 (1-18); Sl 106: 28-31; Sl 78: 56-59), a principal divindade moabita. Peor era um monte muito conhecido na região. Os israelitas iniciaram uma adoração a essa divindade, e isso provocou a ira de Deus. Um israelita trouxe uma mulher Midianita para o arraial; então, a praga começou a dizimar o povo. Graças a Finéias, o sacerdote, filho de Eleazar e neto de Arão, a adoração a Baal-Peor cessou, pois com uma lança ele atravessou os corpos do israelita e da mulher que ele trouxera para o acampamento, matando-os dentro da tenda. A praga matou 24.000 pessoas.

Deus chamou Moisés e o fez subir ao Monte Nebo para vislumbrar a terra antes de morrer e ordenou que impusesse as mãos sobre Josué para que o substituísse na liderança. Moisés repetiu as leis para o povo e o abençoou. A bíblia diz (Dt 34: 6) que ali morreu Moisés com cento e vinte anos de idade e Deus o sepultou em um vale, na terra de Moabe, onde ninguém encontrou o seu corpo.

Aprendizados importantes com Moisés:

1) *Nada nem ninguém conseguem matar o projeto de Deus:* Faraó, apesar de todas as tentativas para conter o crescimento do povo hebreu, não conseguiu matar Moisés, recém-nascido em vigência daquelas ordens. Assim, podemos dizer que Moisés era o projeto de Deus para o Seu povo naquele momento da humanidade e ninguém pôde impedir o seu nascimento nem o seu crescimento como o Senhor já tinha planejado para ele. Todos os acontecimentos que sucederam ao seu nascimento estavam sob total controle de Deus. Quando Ele tem um projeto em nossa vida, por mais que tentem atrasá-lo, detê-lo ou matá-lo ele vai se cumprir, pois a mão do Senhor está sobre ele.
2) *Deus se responsabiliza pelo Seu projeto do começo ao fim,* cuidando dos mínimos detalhes e dando provisão e suprimento para que ele vá em frente: podemos ver que Deus providenciou a amamentação de Moisés e o cuidado com ele quando bebê e depois, seu sustento e educação como filho da filha de Faraó. Providenciou sua formação em todas as áreas como se ele fosse o futuro rei do Egito. Ele precisava de estudo e sabedoria nas ciências e na política egípcia, ao lado do treinamento de combate, como se fazia com um guerreiro. Ele aprendeu a se defender, aprendeu a ser líder no âmbito militar. Tudo isso lhe deu condições de sobreviver no deserto. Conosco ocorre a mesma coisa. Quando Deus tem um projeto para nós, Ele prepara pessoalmente todo o nosso treinamento. Todas as experiências de vida pelas quais passamos são lições que Ele usa para o nosso crescimento e nada vai ser perdido, pelo contrário, tudo o que aprendemos passa a ter um objetivo que se encaixa perfeitamente nos Seus planos para nós.

3) *Quando uma etapa de aprendizado termina Deus se encarrega de providenciar as condições favoráveis para a outra:* quando Deus terminou o treinamento de Moisés na corte egípcia, levou-o ao deserto (após ele ter matado seu compatriota e escondido na areia), onde ele aprendeu a pastorear ovelhas; uma atividade completamente diferente daquilo que tinha feito até agora, mas que era um acréscimo de Deus em sua vida, pois a primeira etapa teve o objetivo de prepará-lo como um líder militar e essa tinha o objetivo de prepará-lo como líder espiritual. Aqui, Moisés precisava aprender a desenvolver alguns dons como: mansidão, paciência, perseverança, cuidado pelas ovelhas, pensar mais em Deus, depender mais dEle e se achegar mais a Ele. Da mesma forma acontece em nossa vida. Ele nos prepara, primeiramente, com as condições apropriadas para agirmos no mundo natural e depois nos prepara para conhecermos mais de perto o Seu reino e o mundo espiritual, com o objetivo de nos tornar líderes, reis e sacerdotes como está escrito em Sua palavra; em suma, Ele nos dá condições de atuar com autoridade para que possamos agir em Seu nome na terra e no mundo espiritual. Ele quer se revelar através do nosso testemunho de vida àqueles que ainda não O conhecem e nos fazer conquistar a Sua plenitude e a Sua abundância, pois somos Seus filhos e herdeiros.
4) *Quando o período de treinamento termina, a revelação de Deus se torna clara:* Moisés teve um encontro com Deus no Monte Horebe, diante da sarça; ali ele soube com clareza qual o projeto do Senhor para sua vida. Nós, da mesma forma, quando terminamos nosso período de treinamento, experimentamos o nosso 'momento de sarça', onde se torna claro o que Deus quer de nós. A revelação divina surge de maneira clara e inconfundível.
5) *Fé:* assim como os patriarcas antes dele, Moisés aprendeu a desenvolver sua fé em Deus de uma maneira ativa e crescente; cada desafio o colocava num exercício de fé, pois muitos dependiam dela para serem libertos do cativeiro e sobreviverem em condições precárias. Começou com o encontro com Arão e a visita a Faraó, passando por todos os milagres e prodígios no Egito, no Mar Vermelho e no deserto até poder contemplar a Terra Prometida.
6) *Deus não olha o exterior, mas o interior por Ele formado em nós:* em outras palavras, Ele não leva em conta nossas fraquezas nem nossos argumentos, mas a força do nosso espírito e a disposição da nossa alma ao Seu serviço. Como aconteceu com Davi quando foi ungido, Deus não olhou para a aparência, e sim para o coração, e o escolheu dentre os oito filhos de Jessé. Como Moisés argumentou com Ele baseado nas suas impossibilidades, nós até podemos colocar diante dEle as nossas opiniões, sentimentos, argumentos e limitações; porém, Ele nos faz olhar com Seus olhos, não com os nossos. Ele nos faz enxergar a capacidade do Seu Espírito em nós e crer na Sua direção e ajuda para desempenharmos com sucesso nossa missão.
7) *Deus está no controle de todas as coisas* e, mesmo que o inimigo pareça ter poder, o Senhor faz prevalecer a Sua vontade para proteger e salvar os que são Seus. Nós podemos ver isso através das pragas que enviou ao Egito. Nem os poderes dos magos nem a autoridade de Faraó foram capazes de impedir a saída do povo da escravidão. Deus mostrou Sua forte mão em favor dos oprimidos e dos Seus escolhidos.
8) *A palavra de Deus abre o mar das impossibilidades:* Moisés é o símbolo da palavra profética na Igreja, além de simbolizar a Lei. Assim, a palavra profética de Deus abre o mar das impossibilidades *(o Mar Vermelho)* e derrota o inimigo. O milagre se torna possível. Quando o povo atravessou o mar, experimentou uma nova condição de vida. Deixou de ser escravo para ser um futuro líder e um conquistador. Da

mesma forma, a passagem pelo Mar Vermelho é um marco importante na vida do crente, pois prefigura o batismo nas águas, onde Deus nos separa da antiga vida como escravos do mundo (Egito) e nos prepara para nos dar o Seu reino. A palavra *Egito,* em hebraico, *Mizraim,* significa: *terra de escravidão, dilema, conflito, confusão, aflição, problema, perturbação.*

9) *O louvor e a gratidão ao Senhor pela vitória:* depois que atravessaram o Mar Vermelho, a bíblia diz que Moisés e Miriã entoaram um cântico como gratidão pela vitória que o Senhor lhes tinha dado.
10) *Mansidão, paciência, disciplina e capacidade de administrar as circunstâncias adversas e as vontades humanas:* logo que atravessou o Mar Vermelho e entrou no deserto, Moisés teve que se deparar com as murmurações do povo, o que aconteceu praticamente por quarenta anos. Muitas vezes, teve que usar a disciplina para deixar clara a sua posição de autoridade. Ele teve que exercitar a fé em Deus, sabendo que Ele estava no controle de tudo, e Sua vontade, no final, haveria de prevalecer.
11) *O socorro de Deus vem, muitas vezes, do improvável:* podemos ver isso nas passagens onde Deus supre a sede do povo através de uma rocha. É improvável é que se consiga água de pedra, mas Deus quis ser glorificado nesses milagres. Figuradamente, a *Rocha* é *Jesus* e é dEle que manam as águas vivas para nos refazer na nossa caminhada espiritual. É tocando na *Rocha* que conseguimos vida eterna (Dt 32: 15; Ez 47: 1; Zc 14: 8; Jo 7: 38; Jo 3: 36).
12) *Às vezes, uma luta inesperada é o início de um treinamento, mesmo que não tenhamos condições aparentes:* podemos ver isso quando tiveram que enfrentar Amaleque. Ainda não era um exército treinado; na verdade, eles eram recém-saídos da escravidão, não tinham condições aparentes de vencer. A vitória veio pela fé. Com essa situação, Deus já os estava preparando para serem conquistadores, estava fazendo com que eles se vissem como vencedores.
13) *Deus cumpriu a promessa feita a Moisés* quando lhe falou na sarça, de que ele seria confirmado como líder do Senhor. O sinal é que ele voltaria àquele lugar com o povo e adoraria o Senhor ali. O interessante é que, muitas vezes, o nome *Horebe* é usado como *Sinai,* embora no sentido estrito, o Monte Horebe seja um Monte na Cordilheira do Sinai. Muitos acham que o Monte Sinai recebeu este nome por se encontrar no deserto de Sim, portanto, *'sim-nai'* (*'Sim'* significa: *'pântano'*). *Horebe* quer dizer: *'seco, deserto',* aparentemente um contraste com *Sinai,* que quer dizer: *'bosque do Senhor'*. Quando pensamos num bosque não o associamos a um deserto, mas a um lugar fértil e cheio de vida. Assim, a promessa de Deus que é feita quando nos encontramos num deserto se cumpre trazendo vida e abundância. Da primeira vez que Deus se manifestou a Moisés ali foi de uma maneira inusitada, mas simples, como uma sarça. Quando voltou com o povo ao Sinai, a manifestação de Deus foi portentosa, com relâmpagos e trovões, fogo e nuvens.
14) *Delegar funções:* um líder tem que aprender a delegar certas funções para que não se sobrecarregue com as coisas menores que possam tirar o tempo de estar em um relacionamento mais íntimo com Deus; só assim, pode receber direções maiores e mais importantes para o ministério. Moisés teve que atender às orientações de Jetro para estar mais livre para ouvir a voz do Senhor, ao invés de julgar causas sem importância no meio do povo.
15) *Para se ter intimidade com Deus é necessário subir a um lugar alto, longe da multidão:* Moisés recebeu as leis e os estatutos de Deus em contato particular com Ele no cimo do Sinai, longe da multidão, para que pudesse estar à frente da sua missão. Quando queremos receber revelações divinas importantes, temos que nos

afastar da multidão, da presença daqueles que estão na carne e não têm nenhum compromisso com Ele.

16) *Submissão e entrega trazem as diretrizes corretas para o líder:* Moisés ficou quarenta dias e quarenta noites na presença do Senhor e podemos imaginar que estava em jejum, com a alma e o espírito totalmente voltados para Deus, a fim de receber dEle as diretrizes importantes para a nação. Da mesma forma, quando somos chamados por Ele para um propósito especial, devemos nos colocar numa posição de submissão e entrega, sem nos preocuparmos com a carne ou com outras distrações que possam ocupar Seu lugar como Senhor da situação.
17) *Falta de compromisso com Deus gera insegurança, inconstância e idolatria:* é o que podemos ver quando o povo, sem a presença do líder, pois Moisés simbolizava a presença de Deus com eles, construiu o bezerro de ouro. Eles se sentiram afastados da comunhão com o Senhor, o que os colocou numa posição desfavorável de fraqueza e pecado.
18) *Ser intercessor:* Moisés, como Abraão e Isaque, por exemplo, foi um intercessor. Deus pode adaptar Seus métodos às nossas escolhas, mas Suas leis pré-estabelecidas são imutáveis, pois Sua justiça jamais deixará de ser realizada. Várias vezes, Moisés impediu o próprio Deus de consumir o povo pelo seu pecado e começar tudo de novo apenas com ele (Moisés). Entretanto, podemos ver que Ele nunca deixou de executar Sua justiça, punindo o pecado individual para deixar intocada a Sua santidade. Da mesma forma, Ele usou o próprio Moisés com autoridade e disciplina para ensinar a verdade, o que era correto, não acobertando o erro nem o pecado. Podemos notar que, em várias ocasiões, a atitude de Moisés foi até dura para preservar os inocentes de um dano maior.
19) *O líder tem que ter ousadia e não pode ter medo de conhecer mais de Deus:* Moisés teve muita ousadia em pedir a Deus para deixá-lo ver Sua glória. Ele queria mais dEle, precisava conhecê-lO em profundidade para poder avançar na sua caminhada. O Senhor atendeu o seu pedido, o que aumentou nele a fé e a segurança. Assim, não precisamos ter medo de pedir mais de Deus, pois isso aumentará nossa fé nEle e nos colocará num novo patamar de relacionamento com Ele.
20) *Visão distorcida, não dar valor à liberdade de Deus, não dar valor ao alimento espiritual nos leva à murmuração e nos afasta de dEle:* foi o que aconteceu com o povo quando desprezou tudo o que o Senhor já havia feito em seu favor e passou a reclamar do alimento *(Maná),* desejando a comida do Egito. O povo, simbolicamente, desprezou o alimento espiritual de Deus para alimentar os desejos pecaminosos da carne. Não deu valor à liberdade que Ele lhes havia trazido, foi ingrato.
21) *Muitas vezes, o líder também experimenta a fragilidade humana, o que deve levá-lo a buscar auxílio no Senhor.* Moisés se viu impotente diante das reclamações constantes do povo, mas apresentou sua queixa ao Senhor e fez o que outros homens na bíblia fizeram: a estafa quase o levou a se esquecer das vitórias que tinha conquistado e do poder sustentador de Deus sobre sua vida e desejou morrer. O mesmo aconteceu com Elias, depois que obteve uma grande vitória sobre os profetas de Baal: desejou a morte devido à estafa psicológica e espiritual. Nenhum dos dois morreu, mas foram confortados e vivificados pelo Senhor.
22) *Deus não sobrecarrega ninguém, pois conhece o nosso limite:* Jetro, sogro de Moisés, já o tinha aconselhado a delegar funções e arranjar auxiliares para julgar o povo. Mas, aqui, foi o próprio Deus que distribuiu o Seu Espírito sobre setenta homens dos anciãos de Israel para carregarem a liderança espiritual junto com Moisés. Ele reconheceu o seu limite humano e o supriu com Sua força.

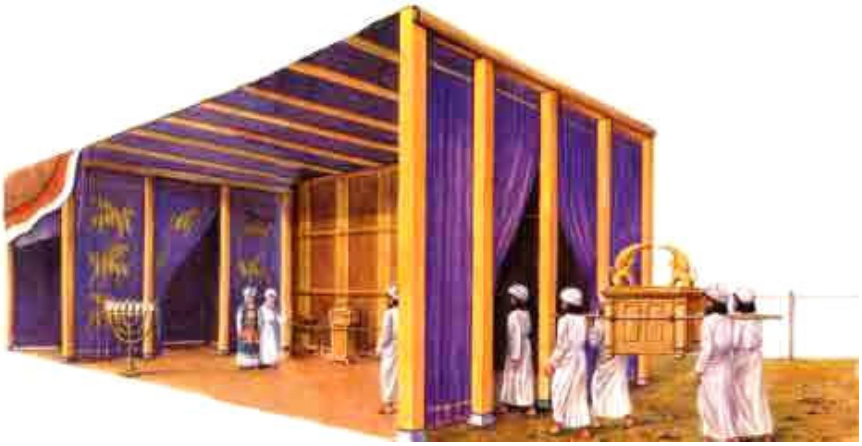
23) *Devemos orar de acordo com a vontade Deus:* nem sempre nossos pedidos de oração são bons. Foi o que aconteceu quando o povo se rebelou contra Deus e contra Moisés, pedindo carne para comer e vieram as codornizes do deserto para alimentá-los, mas quando ainda estavam comendo, a ira do Senhor os destruiu. Eles não tinham pedido de acordo com Sua vontade. Eram ingratos e murmuradores e O provocavam constantemente. A bíblia fala na epístola de Tiago 4: 3: "pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes nos vossos prazeres", e nos Sl 78: 23-31 e Sl 106: 14-15 o salmista repete o episódio ocorrido no deserto e a reação de Deus. Aqui Ele satisfez a vontade do povo, vontade má visando à sua própria carne; pediram mal, como diz Tiago. Isso nos ensina que Ele nos faz ver onde erramos e as conseqüências do nosso pedido errado.
24) *Inveja entre irmãos gera pecado (lepra), feridas emocionais e isolamento:* podemos ver isso quando Miriã e Arão conspiraram contra Moisés porque invejaram a liderança que Deus lhe tinha dado. O resultado foi que Ele confirmou Sua escolha e ainda puniu os invejosos, mostrando claramente diante deles o seu pecado (lepra), levando-os ao isolamento e afastando-os de Sua presença.
25) *Covardia, incredulidade e fraquezas de caráter podem roubar a fé dos mais fracos e acarretar retardo da bênção:* foi o que aconteceu quando os dez espias voltaram e contaminaram os israelitas com sua visão distorcida dos fatos. Sua covardia e sua ação errada geraram conseqüências sérias para toda uma nação, fazendo-os peregrinar pelo deserto por quarenta anos, portanto, retardando a posse da bênção. Nossas fraquezas de caráter não podem de forma alguma ser pedra de tropeço para os novos na fé, pois podem desanimar e desistir; mesmo que nos sintamos incapazes, às vezes, nossa boca deve proclamar com fé a palavra de Deus. Dar ouvidos a palavras mentirosas acarreta injustiças (Josué e Calebe quase foram apedrejados pelo povo que se viu desanimado e desesperado).
26) *Os que conseguem enxergar com os olhos de Deus ganham o direito de herança:* ao contrário dos dez espias, Josué e Calebe viram a Terra Prometida com os olhos de Deus, portanto, foram os únicos daquela geração que ganharam dEle o direito à herança de Canaã.
27) *Paciência:* os quarenta anos no deserto desenvolveram a paciência e a perseverança, além do que foi um tratamento emocional e espiritual, não só para Moisés, Josué e Calebe, mas principalmente, para aquela nação. Quarenta, na bíblia, se refere a um tempo de aprendizado, tempo de deserto ou ao tempo de uma geração. Moisés passou quarenta anos sendo treinado como príncipe do Egito, quarenta anos em Midiã como pastor de ovelhas, e quarenta anos no deserto conduzindo o povo até a Terra Prometida. Moisés ficou na presença de Deus no Sinai, em jejum por 40 dias. Todos os israelitas precisaram aprender a paciência, pois não estavam prontos para receber a bênção. Três que já estavam, tiveram que exercitá-la e aperfeiçoá-la por causa do erro dos outros. Não só a paciência foi aperfeiçoada, como também a fé em Deus. Lembremo-nos do número 40 no livro de Juízes onde, muitas vezes, está escrito que houve um descanso da opressão do inimigo ("E a terra ficou em paz por quarenta anos" – Jz 5: 31b). Jesus passou 40 dias em jejum no deserto, assim como Elias, desde o deserto até o monte Horebe. O coxo que foi curado na porta Formosa do templo por Pedro e João também tinha mais de quarenta anos quando recebeu a cura (At 4: 22). O reinado de Davi e Salomão foi de 40 anos. O Dilúvio durou 40 dias, e Noé viu isso. Todos eles aprenderam neste período de tempo.
28) *Tempo para renovar a mente e aprender a dar valor às promessas e ao sonho de Deus:* o tempo de quarenta anos no deserto não só aperfeiçoou a paciência; foi um tempo de aprendizado para todos eles, ensinando-os a renovar a mente e a pensar,

não da maneira da carne, mas da maneira de Deus. Precisavam se enxergar como conquistadores, não como escravos derrotados. A auto-estima ainda precisava ser curada.

29) *A ganância e a competição não fazem parte do reino de Deus e a escolha do líder é divina, não humana:* a ganância e a competição são as armas do mundo, não as armas de Deus. Foi o que aconteceu com Coré, Datã e Abirão que cobiçaram a liderança de Moisés e Arão. O resultado disso foi a punição do Senhor e a confirmação da Sua escolha sobre quem estava na liderança. Não são homens que elegem líderes, mas o próprio Deus. Ele coloca a autoridade espiritual sobre quem Ele quer e deixa isso bem claro. Com o Senhor não há disputa de poder.
30) *Desobediência é barreira à bênção e Deus nunca repete as mesmas estratégias conosco:* A desobediência de Moisés e Arão às ordens de Deus sobre *falar à rocha, não feri-la com a vara,* os impediu de tomar posse da terra. Eles pensaram que o Senhor usaria as mesmas estratégias que tinha usado no passado, mas dessa vez Ele queria fazer diferente para mostrar a eles que é um Deus criativo e que detém todo o poder; além disso, Suas diferentes estratégias nos colocam dependentes dEle para que a glória sempre seja Sua e não nossa. Porém, não podemos nos esquecer que Moisés e Arão estavam se sentindo muito pressionados pelo povo, e a fraqueza da carne prevaleceu sobre a força do espírito.
31) *O pecado gera brecha para o diabo (serpente):* aqui, mais uma vez, o pecado de rebeldia e incredulidade do povo abriu brecha para a assolação e a morte. Deus enviou serpentes venenosas, ou seja, Ele os entregou, novamente, nas mãos do inimigo para aprenderem que a desobediência e o pecado geram morte. Entretanto, deu uma estratégia de escape e salvação: mandou que Moisés fizesse uma serpente de bronze e a pendurasse numa haste e todo aquele que olhasse para ela seria salvo. A serpente de bronze prefigura a *CRUZ,* a redenção através do sangue de Jesus, nos livrando da morte e do pecado (Jo 3: 14-15).
32) *Deus nos dá uma experiência real para confirmar Sua cura sobre nossa vida:* quando estavam terminando sua jornada no deserto e prontos para entrar na terra de Canaã, Deus lhes deu uma experiência prática para mostrar a eles que estavam sarados e transformados, que não eram mais escravos, mas conquistadores. Ele os ajudou a tomar a região de Basã e Amom, antes de acamparem nas campinas de Moabe, perto de Jericó. Estavam prestes a entrar na Terra Prometida.
33) *A bênção de Deus permanece de pé, mesmo que dada há muito tempo atrás:* Deus tinha dado a Abraão a bênção de ser protegido por Ele dizendo: “Benditos os que te abençoarem e amaldiçoados os que te amaldiçoarem”. A palavra continuava valendo (Nm 24: 9b), por isso Balaão não foi capaz de amaldiçoar o povo escolhido. O Senhor continuava zelando sobre a Sua promessa. Contra o povo de Deus não vale encantamento nem adivinhação (Nm 23: 23a).

ÊXODO

A SERPENTE DE BRONZE E O RIO JORDÃO



TABERNÁCULO

Função dos levitas (descendentes de Levi, filho de Jacó, separados para o sacerdócio no tabernáculo): Levi gerou Gérson, Coate e Merari. Foi dos descendentes de Coate que nasceram Moisés, Arão e Miriã. A família de Coate cuidava dos utensílios do tabernáculo, após Arão e seus filhos os cobrirem; aí eles os carregavam, inclusive a arca da Aliança. Arão e seus filhos cuidavam do sacerdócio propriamente dito, de servir no Santo dos Santos e no Lugar Santo. A família de Gérson cuidava de carregar as cortinas e os reposteiros, assim como os demais utensílios da tenda da congregação, que não os objetos sagrados; e a família de Merari era responsável pelos objetos, pelas estacas e por tudo o mais que estava no pátio externo da tenda da congregação, além das tábuas do Tabernáculo.

Josué – 9ª aula

Textos de referência: Js 1–24

Resumo:

Moisés tinha morrido e a liderança do povo estava agora sobre Josué. Foi chamado por sua família de Oséias (Hoshea, הושע, 'salvador, libertador', Strong #1954; Nm 13: 8; 16; Dt 32: 44), mas foi Moisés quem o chamou de Josué (Yehôshua', יהושע, Strong #3091, YHWH salvou). Era efraimita, filho de Num (1 Cr 7: 27).

Deus lhe disse para passar o Jordão e tomar posse da terra, garantindo a ele que todo o lugar que pisasse a planta do seu pé seria dele. Confirmou Sua proteção e lhe renovou a esperança de vitória, dando-lhe força e coragem para entrar em Canaã.

Como as tribos de Gade, Rúben e meia tribo de Manassés já tinham suas terras deste lado do Jordão, o que foi combinado é que deixariam suas famílias aqui e cruzariam o rio para ajudarem seus irmãos a tomar posse das deles; depois poderiam voltar para casa.

Josué enviou dois espias à frente para observarem a cidade de Jericó. Eles entraram na casa de uma prostituta chamada Raabe e ali ficaram. Sua chegada foi anunciada ao rei de Jericó, que mandou vasculhar a casa da mulher para encontrá-los, mas ela os escondeu bem e despistou seus perseguidores.

Todos naquela terra já tinham ouvido falar dos israelitas e do seu Deus poderoso e tinham medo deles. Então, Raabe fez um acordo com os espias de que lhe poupassem sua vida, assim como a de sua família, pois ela os protegera em sua casa e, por sua vez, não denunciaria a missão dos filhos de Israel aos cidadãos dali.

Sua casa estava sobre o muro da cidade e ela os fez descer até o chão por uma corda. Eles lhe disseram para atar um cordão escarlate à janela e, assim, toda a sua casa seria poupada da destruição.

Os espias contaram o que viram para Josué e ficaram às margens do Jordão por três dias. Ali, Josué instruiu o povo a passar o rio após a arca do Senhor, que seria carregada pelos levitas, e Israel manteria, mais ou menos, uma distância de novecentos metros dela. Ao colocar a planta dos pés dos sacerdotes no leito do rio, aconteceu que as águas se dividiram e o rio secou como tinha acontecido ao Mar Vermelho. Os levitas ficaram com a arca no meio do Jordão até que todo o povo passou. Um chefe de cada tribo de Israel tomou uma pedra do seu leito e a levou ao acampamento. No lugar em que a arca estava, também foram erguidas doze pedras em memorial ao Senhor. Quando as plantas dos pés dos sacerdotes que levavam a arca pisaram em terra seca, as águas do Jordão voltaram a correr como antes. Acamparam em Gilgal, do lado oriental de Jericó; as doze pedras que foram tiradas do rio, levantou-as Josué em coluna em Gilgal em memorial ao Senhor pela vitória.

Então o Senhor lhe falou para circuncidar o povo, pois este que entrava agora na Terra Prometida tinha nascido no deserto e não fora circuncidado como seus pais. Ficaram no arraial até que sararam. Josué novamente ouviu a voz de Deus dizendo: "Hoje, removi de vós o opróbrio do Egito", por isso, o nome daquele lugar se chamou *Gilgal,* que quer dizer *remover, revolver*.

Dessa forma, o Senhor reafirmava a aliança com Seu povo. Celebraram a Páscoa no dia quatorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. No dia seguinte, o povo comeu os frutos da terra de Canaã, pois cessou o maná.

Estando Josué aos pés de Jericó, levantou os olhos e viu o anjo do Senhor que lhe confirmou a vitória sobre os inimigos e lhe deu as estratégias para tomar posse da cidade: eles a rodeariam uma vez por seis dias consecutivos, tendo os sacerdotes à frente carregando a arca da Aliança e tocando trombetas de chifre de carneiro e, no sétimo dia, o fariam por sete vezes. Durante os seis dias os israelitas ficariam em completo silêncio e no sétimo, após as trombetas soarem, eles gritariam e o muro da cidade cairia; aí a saqueariam. Não deveriam tomar para si os despojos, pois era condenado por Deus; somente o ouro, a prata, o bronze e o ferro consagrariam ao Senhor e iriam para o Seu tesouro. Também Raabe e sua família seriam poupados.

Tudo foi destruído quando o muro ruiu. Raabe e sua parentela foram salvos e acamparam fora do arraial de Israel até que foram incorporados à nação, pois, posteriormente, Raabe se casou com um dos espias, Salmom, e passou a fazer parte do povo israelita (Mt 1: 4-5; 1 Cr 2: 11), por parte da tribo de Judá. Para fazer daquela conquista um memorial permanente da provisão e do livramento de Deus, Josué amaldiçoou todo o homem que tentasse levantar e reedificar a cidade, à custa da vida do seu filho primogênito e do seu mais novo. A profecia se cumpriu em 1 Rs 16: 34.

Entretanto, Acã, filho de Carmi, filho de Zabdi (NVI e na Septuaginta: Zinri), filho de Zera, descendente de Judá, tomou algo das coisas condenadas que Deus tinha proibido os filhos de Israel de tocarem.

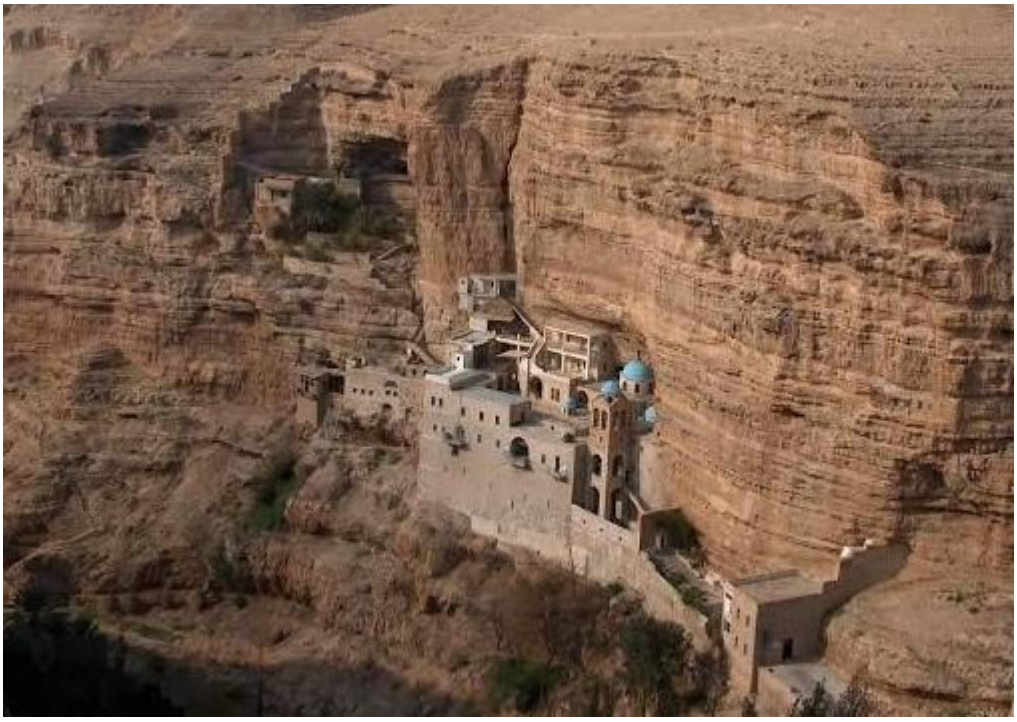
A próxima cidade era *Ai (ruína),* muito pequena em relação a Jericó, por isso estavam confiantes de que com apenas dois ou três mil homens a derrotariam, mas foram vencidos, feridos e perseguidos pelos cidadãos de Ai.

Então, Josué se prostrou com o rosto em terra e clamou ao Senhor, pois não entendia porque Deus os havia abandonado. Mas Ele lhe disse que Israel tinha pecado e guardado as coisas condenadas escondendo-as na sua bagagem. Enquanto não eliminassem do seu meio o que roubaram, o Senhor não iria com eles. Pela manhã, Deus revelou com quem estavam as coisas condenadas e Sua punição era que o homem seria queimado, assim como tudo o que tivesse. Acã foi achado culpado e revelou que tinha escondido uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata (aproximadamente dois quilos e trezentos gramas, considerando o siclo igual a onze gramas e meio) e uma barra de ouro de cinqüenta siclos (quinhentos e setenta e cinco gramas) na terra, no meio de sua tenda. Tudo foi queimado no vale de Acor conforme a sentença do Senhor, assim como Acã, toda sua família, seu gado, sua tenda e seus pertences. E todo o Israel os apedrejou e os queimou. Assim, limpos e purificados aos olhos de Deus, tomaram Ai de emboscada e a saquearam. Mataram seu rei e todos os habitantes, ficando com os despojos. Josué ergueu no Monte Ebal um altar ao Senhor e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas, que simbolizavam o agradecimento a Deus pela Sua vitória, como um culto de ação de graças que fazemos hoje. Ali escreveu uma cópia da lei de Moisés e a leu para todo o povo.

O vale de Acor (Js 7: 24-26; Is 65: 10; Os 2: 25), na fronteira de Judá (Js 15: 7), é provavelmente o Wadi Qelt, localizado 1,6 km ao sul de Jericó. No Wadi Qelt pode-se ver hoje um monastério do Cristianismo Bizantino, chamado de Monastério de São

Jorge, construído em 340 EC e destruído pelos persas em 614 EC (a dinastia Sassânida: 224–651). Foi novamente reconstruído e abandonado no século XII e finalmente reconstruído e habitado por monges Greco-Ortodoxos no século XIX. Seu nome em árabe é Mar Jaras.

O Vale de Acor no Wadi Qelt em Israel



Detalhes do Monastério de São Jorge

Os moradores de Gibeão, com medo de Josué, enviaram espiões disfarçados de embaixadores de uma terra distante para fazerem acordo com Israel, mas o estratagema deles foi descoberto depois de três dias e, como os israelitas não podiam voltar atrás na promessa que lhes tinham feito de não os matarem, os condenaram a trabalhos forçados, assim como toda a sua descendência seria para sempre escrava do povo do Senhor.

O rei de Jerusalém fez pacto com mais quatro reis para pelejar contra Gibeão, pois tinha feito acordo com os israelitas. Porém, Deus os entregou nas mãos de Josué; fez cair uma chuva de pedra do céu que os dizimou. A bíblia diz que neste dia, pela palavra de Josué, o sol e a lua se detiveram no céu, até que a batalha estivesse ganha. Assim, Deus lhes deu vitória sobre os amorreus. Os cinco reis que tinham se escondido numa cova em Maquedá foram mortos pelos israelitas e pendurados num madeiro. Depois os tiraram e os enterraram naquele lugar.

Josué, então, entrou em Maquedá destruindo toda a cidade e o seu rei. As outras seis cidades ao redor também foram tomadas pelos homens de guerra e destruídas, assim como seus reis. Voltaram a Gilgal, ao acampamento. No dia seguinte o Senhor lhes deu vitória sobre mais três reis. Dessa forma, Josué tomou toda a terra, inclusive as cidades dos enaquins (apenas alguns sobreviveram em Gaza, Gate e Asdode, região dos filisteus: Js 11: 22).

Alguns anos se passaram e as batalhas de conquista da terra chegaram ao fim. Entretanto, algumas regiões permaneciam ainda não conquistadas. Josué já era velho. As terras eram: a terra dos filisteus (Gaza, Asdode, Asquelom, Gate e Ecrom – Js 13: 1-6); uma parte ao Sul de Canaã, a terra dos aveus; ao Norte, a terra dos sidônios, dos gibleus (correspondente à cidade de Biblos) e todo o Líbano ao pé do Monte Hermon; Gesur, a leste do Jordão e Maacate (Js 13: 13).

O Senhor lhe ordenou que distribuísse a terra pelo Seu povo. A terra não conquistada seria repartida da mesma forma e caberia ao povo tomá-la, assim como derrotar os inimigos que ficaram nela (Js 11: 22; Js 15: 63; Js 16: 10; Js 17: 12; Jz 1: 21; Jz 1: 27-36). Somente os levitas não tiveram herança, pois o Senhor lhes dissera que Ele seria a sua herança. Deram-lhes cidades em que habitassem (quarenta e oito cidades) e os seus arredores para o seu gado e para sua possessão (Js 14: 4; Js 21: 41). Josué abençoou Calebe, filho de Jefoné, *o quenezeu,* e lhe deu *Hebrom (= união, confederação),* uma parte no meio dos filhos de Judá. Era, na verdade, o campo da cidade, com suas aldeias (Js 20: 12), pois a cidade propriamente dita tinha caído por sorte aos levitas, além de ser Hebrom também uma cidade de refúgio (as outras são: Quedes, Siquém, Bezer, Ramote, Golã). *Quenezeu (salvo de uma vez, jogado de escanteio),* dos filhos de Quenaz, era descendente de Elifaz, filho mais velho de Edom (ou Esaú; Gn 36: 11; 15; 42; 1 Cr 1: 36; 53). Uma parte deles se reuniu aos judeus (1 Cr 4: 13-15), como Calebe, pela tribo de Judá. Calebe derrotou os enaquins dessa região com a ajuda do sobrinho Otniel e lhe deu sua filha Acsa por esposa (Js 15: 13-19; Jz 1: 13). Ela, por sua vez, pediu a ele um presente, as fontes de água, não terra seca (as terras do Neguebe de Judá). Calebe lhe deu as fontes superiores e as fontes inferiores (Js 15: 19; Jz 1: 15). As fontes de água (gullot) são cisternas ou reservatórios formados por wadis represados; essas cisternas davam acesso à água subterrânea. Os arqueólogos identificam os poços dados a Acsa com as fontes acima e abaixo da estrada de Seil ed-Dilbeh, 9,25 kms a sudoeste de Hebrom, no caminho de Berseba. Este é um dos vales mais bem regados de água no sul da Palestina. Acabando de repartir a terra em herança, os filhos de Israel deram a Josué a cidade que pediu, *Timnate-Sera (Timnate-Heres),* que significa: *porção do sol ou porção dobrada*, na região montanhosa de Efraim; reedificou a cidade e habitou nela.

Muito tempo depois que o Senhor dera repouso a Israel de todos os seus inimigos em redor, sendo Josué já velho, chamou todo o Israel e o exortou a observar a lei do Senhor, lembrando-o das vitórias que Ele lhe dera e advertindo-o a não servir outros deuses. O povo renovou sua aliança perante o Senhor.

Josué faleceu com a idade de cento e dez anos e foi sepultado na sua própria herança. Eleazar, filho de Arão, também faleceu e o sepultaram em Gibeá (na região montanhosa de Efraim), que pertencia ao seu filho Finéias, levita, o qual ficou em seu lugar.

Aprendizados importantes com Josué:

1) *Paciência e mansidão:* devemos lembrar que Josué foi seguidor de Moisés, e escolhido por Deus para ser seu sucessor. A bíblia relata que quando Moisés subiu ao monte para receber as tábuas da Lei, foi Josué que o esperou em um ponto até que ele voltasse. Era Josué que ficava à porta da tenda da congregação quando Moisés falava com o Senhor. Portanto, podemos imaginar que essas qualidades foram incorporadas à sua personalidade ou desenvolvidas nela, caso já as tivesse, no contato íntimo com seu líder. A paciência e a mansidão eram, sem dúvida, qualidades imprescindíveis a um conquistador da Terra Prometida, pois, se elas lhe faltassem, poderia ser um desastre para a nação. Conosco ocorre da mesma maneira. Quando queremos tomar posse definitiva da nossa terra, devemos ter a paciência e a mansidão para estarmos na total dependência de Deus, esperando o momento certo para agir e perceber Suas estratégias.
2) *Deus sempre cumpre o que promete e completa o que começou:* a promessa foi feita a Abraão, se estendendo a Isaque, Jacó e José no que diz respeito à descendência, mas só começou a ter realização no que diz respeito à Terra Prometida quando os filhos de Israel deixaram o Egito. Ela só seria completa diante dos olhos do mundo com a tomada definitiva de Canaã pelos israelitas. Por isso, o Senhor levantou Josué para levar a cabo Seu projeto inicial para que todos os povos vissem que Ele era um Deus verdadeiro e digno de confiança, um Deus cumpridor de Sua palavra.
3) *O individualismo não faz parte dos projetos de Deus:* quando Deus nos levanta para algo, Ele, na verdade, pensa na coletividade e quer que pensemos assim também. Foi o que aconteceu quando entraram em Canaã. As tribos de Rúben, Gade e meia tribo de Manassés já tinham conquistado sua terra do lado leste do Jordão, mas o Senhor orientou Josué que eles deixassem suas famílias e ajudassem seus irmãos a tomar posse das suas; só, então, voltariam. É o famoso *"um por todos e todos por um",* que na mentalidade judaica da Antigüidade era o comum de acontecer. Raramente eles pensavam em suas atitudes como atos isolados, pelo contrário, tudo o que faziam envolvia toda a comunidade, por isso Deus falava com Moisés sobre destruir todo o povo quando encontrava pecado em alguns indivíduos; suas ações repercutiam na vida dos seus semelhantes, como veremos mais tarde com Acã (item 12). Isso para nós pode parecer injusto até certo ponto, mas devemos pensar que essa 'lei' ainda continua a atuar de certa forma, queiramos ou não, pois nossas atitudes se refletem na vida de muitas pessoas do nosso relacionamento. Se pecarmos ou cometermos atos impensados, outros podem sofrer por causa disso. E se tomarmos decisões de acordo com a vontade de Deus, muitos podem ser libertos e abençoados. Então, quando Ele nos abençoa ou nos escolhe para um propósito especial, está pensando em fazer de nós uma bênção para inúmeros irmãos, não só em nos abençoar individualmente.

4) *Ousadia e disposição de mudar de vida geram transformação e milagre:* aqui se trata de Raabe, que decidiu mudar de atitude e conhecer a salvação verdadeira. Ela, provavelmente, já estava nos planos de Deus, tanto é que teve seus olhos abertos para ver a oportunidade de ser livre de uma vida de pecado e humilhação quando os dois espias apareceram em sua casa. De acordo com o relato bíblico, desde que Moisés tinha saído do Egito, os povos de outras terras começaram a tomar conhecimento do Deus dos israelitas e, quando eles tomaram a terra dos amorreus (Basã e Hesbom), todos os outros moradores de Canaã começaram a temer diante de Josué. É provável que Raabe já tivesse tomado conhecimento do Deus de Israel antes que os judeus cruzassem o Jordão. Como ela mesma disse, o povo de Jericó estava com medo; com certeza, teve tempo de meditar e encontrou dentro de si a ousadia para mudar completamente de vida. De qualquer forma, o Senhor a honrou, casando-a com um descendente de Judá, o que faria dela uma ascendente de Davi. Como aprendizado para nós, podemos dizer que quando temos a ousadia de tomar uma nova posição em qualquer área das nossas vidas, Deus nos honra, nos traz os recursos e nos dá a vitória para servirmos de testemunhos vivos do Seu poder.
5) *Quando temos o selo do sangue de Jesus sobre nós, somos poupados da destruição:* o cordão escarlate que Raabe pendurou na janela foi outra forma de manifestar a proteção de Deus sobre Seu povo, como fizera no Egito com o sangue do cordeiro nas portas das casas, quando o Destruidor veio matando os primogênitos. É a mesma maneira do Senhor nos proteger do inimigo, quando temos sobre nós o selo do sangue do Seu Filho.
6) *Mudar a mente pode ser o passo decisivo para tomarmos posse da bênção:* passar o Jordão simboliza separar a mente do homem da mente de Deus, ser limpo da lepra, passar pelo divisor de águas. Quando o povo passou o Jordão, pôde se ver como conquistador e vencedor, não mais como um escravo de outras nações; em outras palavras, só tomou posse da terra, verdadeiramente, quando teve a certeza interior de que já não era mais escravo, e sim uma nação livre pela mão de Deus. O interessante aqui é que os sacerdotes foram uma peça chave no plano divino, pois foram os primeiros a ter que mostrar ousadia e coragem para colocar os pés no rio carregando a arca, crendo na Sua palavra que as águas se abririam assim que pisassem nelas. Eles foram à frente do povo levando a presença de Deus, simbolizada pela arca da Aliança, e esperaram que todos passassem para saírem do leito do rio. Por isso, o nosso pensamento deve estar sempre em obediência ao Senhor, em constante renovação e crescimento, para termos vitórias maiores.
7) *Lembrar-se do autor da conquista:* assim que deixaram o Jordão, as doze pedras que ergueram no seu leito como memorial ao Senhor ficaram lá e nunca mais foram retiradas, assim como as que foram trazidas para o acampamento também foram erguidas em forma de coluna como um memorial a Deus pela Sua vitória. Quando recebemos uma bênção em nossa vida, devemos nos lembrar de quem foi o estrategista e o autor dela e proclamar Sua glória.
8) *Quando algo cessa é porque estamos prontos para o novo de Deus:* no dia seguinte à Páscoa, o maná cessou e o povo comeu dos frutos de Canaã. Eles, agora, não precisavam do suprimento escasso de Deus, pois tinham conquistado a terra da abundância. Não precisavam mais do alimento velho, pois tinham algo novo para desfrutar. Além disso, comemoraram a Páscoa, que simboliza escravatura e morte, mas também liberdade e ressurreição. Eles enterraram o passado, morreram para o antigo, abandonaram a escravidão e os velhos hábitos para poderem ressuscitar para o novo, para a liberdade. Conosco acontece a mesma coisa: quando entregamos para

Deus o que é velho, nós podemos experimentar o Seu novo em nossa vida; o pouco cessa para podermos desfrutar o muito.

9) *Antes da derrota definitiva do inimigo, Deus se revela a nós com a estratégia perfeita:* o anjo do Senhor apareceu a Josué quando este estava aos pés de Jericó, provavelmente só e à noite, escondido do adversário, tentando obter informações sobre seus pontos fracos para poder encontrar estratégias de batalha. O anjo do Senhor o supriu com as informações que necessitava para vencer. Quando estamos frente a uma batalha decisiva, devemos nos colocar em oração buscando a orientação de Deus. Nossas estratégias são espirituais, não carnais. O anjo do Senhor aqui (Js 5: 14) era, provavelmente, o arcanjo Miguel, uma vez que na NIV, no lugar de 'príncipe do exército do Senhor' (ARA), está escrito: "Venho na qualidade de comandante do exército do Senhor". Se não era Miguel, era, pelo menos, um anjo de guerra. Alguns dizem ser o próprio Jesus, o verdadeiro comandante do exército de Deus, já que a ARA tem como título: 'Deus aparece a Josué', e a expressão: 'Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo' foi a mesma dita pelo Senhor a Moisés na sarça. O texto diz: **13** Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos adversários? **14** Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do Senhor e acabo de chegar ["Venho na qualidade de comandante do exército do Senhor" (NIV). Em hebraico está escrito: "Chefe do exército do Senhor"]. Então, Josué se prostrou com o rosto em terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo? **15** Respondeu o príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.

10) *Muitas vezes, é o nosso grito de fé na promessa de Deus que nos garante a vitória:* no sétimo dia rodeando Jericó, após a sétima volta, os israelitas gritaram e esse grito simbólico de fé na promessa divina é que fez os muros ruírem. Muitas vezes, é um grito de 'glória a Deus' dado no momento certo, ou um louvor 'do fundo de nossa alma' que põe um fim à nossa guerra e nos dá a vitória. Provavelmente, os cidadãos de Jericó estavam preparados para uma investida direta dos israelitas, mas não para trombetas tocando solitariamente por seis dias à frente de um povo mudo e passivo; também não estavam esperando que o povo gritasse de maneira desenfreada antes de atacar. Isso os desconcertou e colocou o poder de Deus em ação, derrubando, Ele mesmo, a fortaleza do inimigo.

11) *Lembrar-se das primícias:* na lei de Moisés, o povo era orientado a trazer ao Senhor a oferta de primícias, ou seja, o que primeiro tinha frutificado da colheita, para garantir a bênção de Deus para toda a safra. Assim, Jericó era como uma oferta de primícias (*oferta = corbam,* em hebraico, *qorbãn* ou *qrbh = 'aquilo que é trazido para perto', 'aproximar-se de Deus'*; *qorbãn* é praticamente um termo genérico, enquanto outros são usados especificamente para holocausto, oferta pelo pecado e pela culpa etc.), por isso Ele tinha orientado o povo a não tocar no despojo. Isso mostrava Sua soberania e garantiria Sua glória sobre a primeira vitória dos israelitas em Canaã. A partir daí, eles não seriam mais derrotados.

12) *Desobedecer a Deus e tocar no sagrado traz conseqüências sérias para muita gente:* Acã não só desobedeceu a Deus, mas gerou com esse pecado uma maldição sobre a nação, pois foram derrotados em Ai e sua família toda 'pagou o preço' por seus atos de rebeldia. Segundo a tradição judaica, Acã nasceu no meio do Mar Vermelho, quando o povo saiu do Egito, e viu a morte dos seus pais no deserto pela sentença de Deus. Talvez, isso tenha deixado uma mágoa em seu coração ou um desejo desesperado de posse de bens para compensar a privação do deserto. Por isso,

provavelmente, tenha agido mais no impulso carnal do que pela razão; entretanto, esse 'esquecimento' em relação a Deus como *o Primeiro* em tudo lhe trouxe a maldição e a morte. *Acã* significa: *o que dá trabalho, perturbador, homem da tribulação;* e deriva de *Acor ou Acar,* em hebraico (*'ãkhar* significa: agitar, perturbar), derivado do verbo *cãkhar = afligir, perturbar, causar transtorno, atribular.* Portanto, o pecado gera maldição, que compromete outras vidas.

13) Deus não compactua com pecado: em Js 7: 12 está escrito: "Pelo que os filhos de Israel não puderam resistir aos seus inimigos; viraram as costas diante deles porquanto Israel se fizera condenado; já não serei convosco, se não eliminardes do vosso meio a coisa roubada". E no *v.13a* a bíblia diz: "Dispõe-te, santifica o povo e dize: Santificai-vos para amanhã, porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: Há coisas condenadas no vosso meio, ó Israel". Deus é santo e deseja que o sejamos. Obedecendo às Suas ordens estaremos seguros e debaixo do Seu querer.

14) O mal precisa ser extirpado, pois afeta toda a comunidade: "Aquele que for achado com a coisa condenada será queimado, ele e tudo quanto tiver, porquanto violou a aliança do Senhor e fez loucura em Israel" (Js 7: 15). Para não desanimar as pessoas e não 'contaminar' a mente dos outros com a rebeldia, o Senhor puniu fisicamente o pecado de Acã para extirpar o mal do meio do Seu povo. Conosco, que vivemos debaixo da *graça,* não da *lei,* confessar nossos pecados e nos cobrir com o sangue perdoador de Jesus é a forma de extirparmos o mal da nossa alma para que outros ao nosso redor não sejam afetados também. Precisamos mudar nossas atitudes.

15) A promessa de Deus permanece de pé, independente da nossa disposição interior: a promessa da parte de Deus foi cumprida dando a eles toda a terra, mas da parte deles foi deficiente; ao longo dos anos, eles desanimaram, deixando alguns antigos moradores junto com eles, por isso, mais tarde, arcaram com as conseqüências do erro, pois as advertências do Senhor dadas a Moisés e Josué se realizaram, tirando deles a soberania e fazendo com que Deus, pela idolatria do Seu povo, os entregasse nas mãos do inimigo. Portanto, quando Ele nos promete vitória total sobre a nossa terra, não devemos fazer o trabalho pela metade, mas perseverar até que todo o antigo morador seja extirpado. Dessa forma poderemos habitar seguros, sem o risco de um 'contra-ataque'. Veja novamente em Js 11: 22; Js 15: 63; Js 16: 10; Js 17: 12; Jz 1: 21; 27-36.

16) O suprimento precisa ser total: quando Acsa pediu a Calebe um campo, ele lhe deu terra seca, todavia, ela perseverou e lhe pediu as fontes de água. Então, ele lhe deu as fontes superiores e as inferiores, metaforicamente falando, as fontes espirituais e materiais. Quando tomamos posse da nossa terra, devemos pedir a Deus que Ele nos dê suprimento abundante em todas as áreas, espiritual e material, as fontes do céu e da terra, para podermos lavrar e semear nossa terra sem escassez.

Em Js 15: 16-19 está escrito: "Disse Calebe: A quem derrotar Quiriate-Sefer e a tomar, darei minha filha Acsa por mulher. Tomou-a, pois, Otniel, filho de Quenaz, irmão de Calebe; este lhe deu a filha Acsa por mulher. Esta, quando se foi a Otniel, insistiu com ele para que pedisse um campo ao pai dela; e ela apeou do jumento; então, Calebe lhe perguntou: Que desejas? Respondeu ela: Dá-me um presente; deste-me terra seca, dá-me também fontes de água [no oirginal está escrito: 'Dá-me um presente *[Berakâ];* desde que me colocaste na terra do Negeb']. Então, lhe deu as fontes superiores e as fontes inferiores".

Neguebe significa: 'seco'. É uma região deserta ao sul de Israel, perto da península do Sinai e do Mar Mediterrâneo e que só experimenta vida quando as chuvas enchem os leitos secos dos seus rios. Quiriate-Sefer ('aldeia de escribas', antigo nome de Debir), que os pesquisadores não conseguiram ainda identificar com precisão com nenhuma

cidade atual, possivelmente ficava na orla setentrional do Neguebe; portanto num lugar muito seco. 'Fontes da água', pode se referir aos gullot, que são mais provavelmente cisternas ou reservatórios formados por wadis represados (wadis = leitos secos de rios que se enchem de água na estação chuvosa). Ruínas de represas antigas ainda se encontram no Neguebe. Gullot é o plural de gullah (Strong #1543), que significa: uma fonte, tigela ou globo (todos redondos); manancial, fonte.

17) O conquistador tem direito à porção dobrada de unção: Josué 'pagou o preço' e venceu, por isso pôde habitar na terra que pediu. *Timnate-Sera* ou *Timnate-Heres* significa: *porção dobrada, porção do sol*. Ele foi o 'primogênito' na terra, por isso teve o direito à bênção do primogênito, a porção dobrada do pai, a unção dobrada da luz (sol) do Senhor sobre sua vida.

AS SETE NAÇÕES DE CANAÃ NO TEMPO DE JOSUÉ

Débora – 10ª aula

Textos de referência: Jz 2: 1-18; Jz 4; Jz 5

Resumo:

O período dos juízes (Com início em 1375 AC) compreende o período depois que o povo entrou em Canaã e depois que morreram Josué e todos os anciãos de Israel, que viram todas as grandes obras de Deus no meio deles (Jz 2: 7-10; 16), e se estende por um tempo de 325 anos, mais ou menos. A outra geração que se levantou depois de Josué ter morrido não conhecia o Senhor, tampouco as obras que fizera a Israel. Fizeram o que era mau perante o Senhor, pois serviram os baalins (plural de Baal = Senhor, possuidor, marido; Astarote ou Aserá era sua consorte), que eram os deuses cananeus cultuados em cada localidade da terra. Deus já tinha se desagradado do Seu povo por não tê-la tomado toda, deixando os antigos moradores ficarem, pois conhecia o risco que os israelitas corriam de aderir à idolatria. Por isso, o Anjo do Senhor veio e os advertiu (Jz 2: 1-5), entretanto, não mudaram de atitude. Assim, Ele os entregou nas mãos dos seus inimigos e não puderam resistir a eles. Deus suscitou juízes que os livraram dos seus adversários, mas quando o juiz falecia, eles reincidiam no pecado e voltavam à condição anterior.

Juízes que julgaram Israel e suas tribos: Otniel (Judá – Jz 3: 7-11), Eúde (Benjamim – Jz 3: 12-30), Sangar (tribo desconhecida – Jz 3: 31; Jz 5: 6), Débora (julgava em Ramá de Efraim – Jz 4: 1-5; Jz 5: 7; 31), Gideão (Manassés – Jz 6:1-8), Abimeleque (Filho de Gideão com uma concubina; na verdade ele se escolheu para juiz e foi morto – Jz 8: 31; Jz 9: 22), Tola (Issacar – Jz 10:1-2), Jair (Gileadita da tribo de Manassés – Jz 10: 3-5; Gileade foi filho de Maquir, o primogênito de Manassés, filho de José – Js 17: 1), Jefté (Manassés – Jz 11: 1-2; Jz 12: 7), Ibsã (Da cidade de Belém, provavelmente em Zebulom, pois Belém de Judá é normalmente conhecida como Belém Efrata – Jz 12: 8-10), Elom (Zebulom – Jz 12:11-12), Abdom (Efraim – Jz 12: 13-15) e Sansão (Dã – Jz 13: 1-5; Jz 15: 20; Jz 16: 31). Depois da morte de Jair (por volta de 1103 AC) houve um período de 40 anos quando Israel foi entregue nas mãos dos filisteus (Jz 13: 1) e o sacerdote Eli estava como líder do Senhor sobre Seu povo, e no período em que o profeta Samuel foi criado pelo sacerdote e cresceu em estatura perante o Senhor (1 Sm 4: 18). Na verdade, alguns historiadores vêem **Sangar** não como um juiz, mas como um cananeu procedente da cidade de Bete-Anate do Sul, ou Bete-Anote – ARA – cf. Js 15: 59), que venceu 600 filisteus e deu alívio temporário aos israelitas, com uma aguilhada ou aguilhão de bois (Jz 3: 31), que tinha uma ponta de metal afiada. A aguilhada devia ter cerca de 2,44 metros de comprimento. Em uma das pontas havia um ferrão e na outra

uma lâmina com a forma de uma talhadeira, que se usava na limpeza do arado. Quando necessário, a aguilhada servia de substituto da espada. (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995).

Anos	**Referência bíblica**
1375-1367 AC	O rei da Mesopotâmia (Cusã-Risataim) dominou os Israelitas por 8 anos → Jz 3: 7-10 Otniel (Judá)
40 anos de paz	Jz 3: 11
18 anos de opressão	Jz 3: 12-14 serviram a Eglom (moabita) + amonitas e amalequitas (Jz 3: 13); Eúde (juiz – tribo de Benjamim) Jz 3: 15-30 Depois Sangar derrotou os filisteus (Jz 3: 31; Jz 5: 6)
80 anos de paz	Jz 3: 30
20 anos de opressão	Jz 4: 1-3 Jabim (Cananeu) → Débora, a juíza (Ramá de Efraim) – Jz 4: 1-5; Jz 5: 7; 31
40 anos de paz	Jz 5: 31 (Período do exercício de Débora): 1209-1169 AC
7 anos de opressão	Jz 6: 1 midianitas → Gideão (Manassés) – Jz 6: 1-8; Jz 6: 32 / Coincide com o período de Rt 1: 1 (1170-1169 AC). Gideão vence – Jz 7: 19-25; 8: 10-12
40 anos de paz	Jz 8: 28 – Coincide com o período de Rt 1: 22; Rt 2: 1 Gideão julgou Israel: 1162–1122 AC
3 anos como juiz	Abimeleque (mas não foi escolhido por Deus) – Jz 9: 22
23 anos como juiz	Jz 10: 1-2 – Tola (Issacar) (c. 1126-1103 AC)
22 anos como juiz	Jz 10: 3-5 – Jair (Manassés) (c. 1125-1103 AC)
18 anos de opressão	Jz 10: 6-8 Filisteus e filhos de Amom – concomitantemente
6 anos como juiz	Jz 12: 7 Jefté (Manassés) – Jz 11: 1-2; Jz 12: 7 – venceu os Amonitas
7 anos como juiz	Jz 12: 8-10 Ibsã (Belém de Zebulom) – foi juiz e continuou lutando ainda contra os filisteus
10 anos como juiz	Jz 12: 11-12 Elom (Zebulom) – lutando ainda contra os filisteus
8 anos como juiz	Jz 12: 13-15 Abdom (Efraim) – lutando ainda contra os filisteus
	40 anos nas mãos dos filisteus (Jz 13: 1 – 1103-1063 AC). O sacerdote Eli viveu durante esses 40 anos (1 Sm 4: 18).
	Sansão: Jz 13: 1-5; Jz 15: 20; Jz 16: 31 (Da tribo de Dã – Jz 13–16). Nasceu por volta de 1090 AC e julgou por 20 anos: 1075-1055 AC (O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995)

Samuel (Da tribo de Efraim – 1 Sm 1—25) julgou concomitantemente com Sansão em Betel, Mispa e Gilgal (1 Sm 7: 15-16) como profeta e juiz itinerante. Samuel foi reconhecido como profeta (1 Sm 3: 20), e depois da morte de Eli (1 Sm 4: 18) ele

assumiu o ofício de sacerdote em Israel também, embora não fosse de linhagem Aarônica (em 1063 AC – O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995 – pg. 889 – Livro de juízes), quando os filisteus roubaram a arca da Aliança em Ebenézer e os filhos de Eli também foram mortos (1 Sm 4: 1; 11; 17; 22; 1 Sm 5: 1). É interessante que quando Samuel conseguiu reunir o povo em Mispa e o exortou ao arrependimento (1 Sm 7: 3; 6), eles mesmos pelejaram contra os filisteus e os venceram (1 Sm 7: 10-11; 13), e Samuel tomou uma pedra como memorial da vitória e lhe deu o nome de Ebenézer, que significa 'pedra de ajuda' (1 Sm 7: 12), o mesmo nome que o lugar onde tinham sido anteriormente derrotados e onde a arca da Aliança foi tomada.

Débora:

Os israelitas haviam se desviado dos caminhos do Senhor depois da morte do juiz Eúde e foram entregues nas mãos de Jabim, rei de Canaã, descendente dos heveus e que reinava em Hazor, ao norte da Terra Prometida. O comandante do seu exército era Sísera e comandava os novecentos carros de ferro de Jabim. Sua opressão já durava vinte anos sobre Israel.

Então, Débora se levantou *'por Mãe em Israel'*. Era profetisa e atendia debaixo da *palmeira de Débora* entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim (Jz 4: 4-5). Seu nome *(d^{e}bhôrâ)* significa *abelha*; mas procede de duas raízes hebraicas: *Davah (dizer, falar), Ledabet (qualquer coisa)*. A bíblia se refere a ela como mulher de *Lapidote (lappïdhôth, 'tochas')*. Outros acham que o comandante dos exércitos de Israel, *Baraque (bãrãq, 'relâmpago'),* era o marido de Débora. Outros ainda acham que *'mulher de Lapidote'* era uma descrição dela *('mulher de tochas ou mulher de relâmpagos')*.

Os filhos de Israel subiram a Débora. Foi, então, que ela chamou Baraque, filho de Abinoão, de Quedes (ou Cades), de Naftali, tribo do Norte, e o mandou ao Monte Tabor com dez mil homens de Naftali e Zebulom. O Senhor levaria Sísera ao ribeiro de Quisom e o entregaria em suas mãos. Baraque se sentiu inseguro e pediu a Débora que os acompanhasse nessa campanha. Ela concordou em ir com eles, mas lhe revelou que a honra da vitória não seria dele, pois o inimigo pereceria nas mãos de uma mulher.

Héber, o queneu, descendente do cunhado de Moisés, Hobabe (Nm 10: 29 cf. Jz 4: 11; Jz 1: 16), morava junto a Quedes e era aliado de Sísera. Este levou seus novecentos carros para o ribeiro de Quisom e foram derrotados por Baraque. Sísera fugiu para a tenda de Jael, mulher de Héber, o queneu. Entretanto, ela sabia que os ancestrais de Héber eram aparentados dos israelitas por parte de Moisés e, provavelmente, a família de Jael tinha sofrido nas mãos de Sísera (heveu), pois ela tinha consciência do seu erro e de sua maldade e porque ela vivia na terra de Israel. *Queneu* (Jz 1: 16; 4: 11) era o integrante de uma tribo quenita-midianita, localizada a sudeste do Golfo de Aqaba (parte do Mar Vermelho, a leste, entre da península do Sinai e a região de Midiã, correspondente à Arábia Saudita). O nome *queneu* significa *ferreiro,* por causa do cobre (ou bronze, uma liga de cobre com zinco) existente nessa região (Gn 15: 19; Nm 10: 29-33; Jz 1: 16; Jz 4: 11; 1 Sm 15: 6; 1 Sm 27: 10; 1 Sm 30: 29; 1 Cr 2: 55). Reuel (Jetro), sogro de Moisés, era queneu-midianita (Jz 1: 16). Os recabitas (Jr 35: 2, 3, 5, 18) pertenciam à tribo dos queneus (1 Cr 2: 55; 2 Rs 10: 15; Jr 35: 6-19). Os recabitas rejeitavam a vida civilizada agrícola e fixa. Seguiam a vida nômade, conforme sucedeu a Israel durante o período que andou pelo deserto em fidelidade a Deus. O ancestral era Caim que trazia a marca de Deus (Gn 4: 15-22). *Node (nôdh – o nome nôdh é o mesmo que o infinitivo do verbo nüdh (nwd) que significa 'andar para lá e para cá', 'vaguear'),* a terra de Caim, era uma terra para o oriente do Éden. Esse nome é desconhecido fora da bíblia, porém, sua forma e o contexto sugerem que se tratava de

uma região onde se tornava necessária uma existência nômade, local depois do Dilúvio reputado ao Oriente Médio, provavelmente Midiã, a terra do sogro de Moisés. Os midianitas eram descendentes de Midiã *('contenda'),* filho de Abraão com Quetura (Gn 25: 2), e viviam como seminômades, habitando no deserto, nas fronteiras da Transjordânia com Moabe e Edom.

Sísera entrou na tenda de Jael e lhe pediu água. Ela lhe abriu um odre de leite, deu-lhe de beber e o cobriu. Então, tomou uma estaca da tenda e, com um martelo, cravou-lhe a estaca na cabeça, traspassando-lhe as fontes (região temporal do crânio, onde estão os ouvidos) e o matou enquanto ele dormia. Saiu da tenda e contou a Baraque onde estava Sísera. Assim, os filhos de Israel prevaleceram contra Jabim, rei de Canaã, até que exterminaram todo o seu exército.

O cântico de Débora (Jz 5: 1-31) confirma a história descrita no capítulo anterior (Jz 4) e diz que ela se levantou por *mãe* em Israel para julgar seu povo no meio de tanta idolatria, pois ninguém mais o fez e as aldeias estavam desertas. Baraque, um dos comandantes do exército de Israel, dirigiu o ataque contra Jabim. Efraim, Manassés, Benjamim, Naftali, Zebulom e Issacar ajudaram na guerra. Na tribo de Rúben ouve discussão. As tribos de Gade, Dã e Aser não vieram em socorro dos irmãos. Na verdade, Israel já não se via como um único povo, mas como muitas tribos separadas. Aí veio uma grande chuva por parte do Senhor, que fez transbordar o Ribeiro de Quisom, atolando os carros e os cavaleiros, e o exército cananeu foi vencido pelas espadas dos israelitas. O cântico também rememora a morte de Sísera por Jael e narra a expectativa de sua mãe, esperando-o voltar da batalha e buscando consolo na esperança de ele estar repartindo os despojos, por isso se demorava a chegar. O cântico termina como uma prece ou como uma profecia sobre a derrota dos inimigos e a vitória dos justos, que amam o Senhor.

A bíblia relata que a terra ficou em paz por quarenta anos (Período do exercício de Débora): 1209–1169 AC.

Aprendizados importantes com Débora:

1) *Mesmo vendo Seu povo em pecado, Deus não o abandona, mas procura meios de resgatá-lo:* podemos ver isso por toda a Palavra, sobretudo neste livro de juízes, onde o Senhor atentava para a opressão do Seu povo e levantava líderes para libertá-los. A bíblia diz: "Eu, o Senhor, não mudo", por isso, até os dias de hoje, Deus continua atento aos que são Seus, mesmo estando eles em caminhos errados, esperando o momento certo de resgatá-los das veredas do erro e do pecado.
2) *Uma única pessoa que esteja na presença de Deus pode estimular os outros que não estão:* Débora tomou, na verdade, uma iniciativa de avivamento naquela nação. Em Jz 5: 7 está escrito: "eu me levantei por mãe em Israel" e em Jz 5: 12, onde está escrito a palavra "desperta" (em português), no original está escrito: "Tu te levantaste", ou "Levanta-te, Débora". Assim, ela se ofereceu como instrumento de Deus. A partir da sua atitude, Baraque foi avivado e levou consigo todo o exército e todo o povo para destronar seus opressores. Nós também devemos nos colocar como instrumentos nas mãos do Senhor para que Seu plano de salvação se cumpra nas vidas de uma forma geral, assim como Seu projeto individual se cumpra naqueles que Ele deseja trazer para o Seu reino.
3) *Nem sempre Deus escolhe os mais capacitados,* mas os humildes e fracos, em quem pode despertar ousadia e coragem para envergonhar os fortes. Baraque estava

tecnicamente mais capacitado que Jael, pois era comandante militar, entretanto, o Senhor deixou que Jael, uma mulher aparentemente frágil, recebesse a honra por derrotar o líder inimigo. Foi o próprio Deus que, provavelmente, infundiu em Jael a coragem para tomar a decisão que tinha que tomar usando, talvez, sua vontade interior de ver Sua justiça prevalecer sobre as marcas deixadas pelos anos de opressão que experimentara nas mãos de Jabim. Nós podemos nos sentir incapacitados para certas missões ou tomadas de posição, porém, quando reconhecemos a mão de Deus sobre o projeto, adquirimos ousadia para seguir em frente. O importante não é ter recursos e capacidades humanas, e sim estar na dependência dEle.

4) *Deus é Soberano sobre toda a criação:* mais uma vez na história de Israel, Deus usa as forças da natureza para livrar Seu povo. Ele pode usar o comum, como uma chuva de pedras, ou o improvável, como separar as águas do mar ou do rio, pois é o soberano sobre todas as coisas. Ainda hoje, Ele é o mesmo e pode usar de todas as maneiras para trazer Sua bênção às nossas vidas; dessa forma, a honra e a glória pela vitória serão exclusivamente dEle.
5) *Não deixar o inimigo se esconder em nossa casa e não colocar a fidelidade aos homens acima da fidelidade a Deus:* Jael, aparentemente, deixou o inimigo entrar na tenda dela, mas não o deixou permanecer lá, ou seja, o inimigo das nossas almas pode até tentar deixar sua marca, todavia, cabe a nós colocá-lo para fora da nossa terra para não incorrermos no mesmo erro de Israel quando entrou em Canaã. Mesmo porque se nos acostumarmos com o mal dentro de nós, não poderemos mostrar ao mundo a luz de Jesus nem viver Sua santidade, o que nos afasta da comunhão verdadeira com Ele. Jael tomou também outra decisão importante: ela não colocou a obediência ao seu marido ou a Jabim acima da obediência a Deus, pois embora Héber tenha feito pactos e acordos com os heveus e cananeus, talvez por alguma compensação pessoal, ela decidiu obedecer à voz do Senhor em seu coração e destruir o inimigo de Israel; provavelmente, se lembrou do parentesco longínquo existente entre os queneus e os israelitas e do quanto as duas nações foram beneficiadas por terem se unido no projeto do verdadeiro Deus (Moisés e seu sogro Jetro, midianita). Nós não devemos colocar nossa fidelidade aos homens acima da nossa fidelidade ao Senhor. Pedro e os demais apóstolos entenderam essa verdade, por isso disseram: "Antes importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5: 29).
6) *Quando o povo de Deus deixa outros deuses reinarem no seu meio, a visão do todo deixa de existir:* aqui, podemos nos lembrar da reação das tribos em relação à batalha. Umas aderiram e ajudaram, outras fugiram da luta, pois preferiram cuidar de si mesmas. Nós podemos identificar muitos deuses neste texto de Juízes, como, por exemplo: comodismo, doutrinas, egoísmo, idolatria, individualismo, conforto material etc. Efraim e Manassés (filhos de José) ajudaram na batalha. Os significados dos seus nomes são: *'frutífero' (Efraim)* e *'aquele que fez esquecer' (Manassés)* e Jacó exaltou o poder militar de José (sua bênção era profética sobre o filho – *Gn 49: 24*). Benjamim também esteve ao lado de Débora e seu nome significa *'filho da minha mão direita' (Gn 49: 27),* o que, simbolicamente, fala de lealdade e da disposição de ajudar. Naftali *(Gn 49: 21)* ajudou e seu nome significa *'lutador',* característica necessária ao combate em Quisom. Zebulom *(Gn 49: 13)* significa *'exaltar'* e Débora exaltou sua coragem e sua capacidade de luta quando fez seu cântico. Issacar também ajudou. Seu nome significa *'trabalhador alugado' (Gn 49: 14-15)* e já estava acostumado com a posição de servo e carregador de cargas. Talvez, as tribos de Judá e Simeão também ajudaram. Se olharmos, agora,

para os que não ajudaram, veremos uma característica em Rúben, descrita em *Gn 49: 3* nas bênçãos de Jacó: *altivez e poder* que, provavelmente, causou disputa entre os componentes da tribo, dificultando a ajuda aos irmãos. Em outras palavras, a altivez do ego e a disputa de poder são deuses que competem com a diretriz divina de interação e cooperação. Gileade era a terra ocupada pela tribo de Gade, a leste do Jordão, fértil e apropriada para o gado. Gade significa *'afortunado, boa sorte'*. O bem-estar de que esta tribo desfrutava, a abundância em que vivia, pode tê-la desestimulado da guerra, mantendo-a no comodismo e no individualismo. Aser *(Gn 49: 20)* significa *'feliz'* e a característica principal desta tribo era a prosperidade, outro deus que pode ocupar o coração do povo do Senhor, fazendo-o se esquecer dos menos favorecidos. Dã *(Gn 49: 16-17)* tem uma característica descrita por Jacó parecida com a *astúcia e a traição* (serpente). Talvez por isso negasse ajuda quando seus irmãos mais precisavam dela. Resumidamente: quando se goza de certo bem-estar, mesmo sendo este bem-estar sustentado por um mau hábito, torna-se mais difícil se identificar com os que sofrem. Por outro lado, aqueles que já estão mais acostumados com a vida difícil ou com o trabalho árduo respondem mais prontamente a um pedido de socorro, pois conheceram a necessidade por eles mesmos.

7) *A sabedoria de Deus gera respeito, confiabilidade e segurança:* Débora tinha a sabedoria de Deus, não a humana, por isso o que ela falava era acatado e reconhecido como verdadeiro. Baraque confiou nela para subir ao Tabor com os dez mil homens. Débora, como vimos, tem o significado hebraico de: *"falar qualquer coisa"*. Na verdade, ela não falava qualquer coisa, ela falava com Deus e Ele era com a boca de Débora. Ele lhe deu sabedoria para julgar e isso lhe garantiu o respeito da nação. A sabedoria é um dom que concede à pessoa que a possui a capacidade de agir da maneira correta e de usar os conhecimentos que tem da forma acertada em qualquer situação.
8) *Dar exemplo através das atitudes:* o judeu dá muito valor ao significado do nome de alguém, pois o nome não é só um título, mas descreve a personalidade real dessa pessoa. Débora também significa *abelha* e, como uma abelha, ela agiu no meio de Israel. Esse inseto vive em enxame, em uma comunidade com a qual se importa. Seu trabalho produz coisas boas. A abelha trabalha fora da colméia para depois trazer o fruto do seu trabalho para o bem da comunidade (pólen para produção de mel). Débora, por estar na presença de Deus, foi um instrumento útil aos seus compatriotas e o trabalho que desempenhou trouxe benefícios para todos, mesmo para aqueles que se conservaram à margem do conflito. Ela soube usar o que tinha de melhor com sabedoria e deu exemplo aos seus irmãos, avivou seu povo e o lembrou da importância da união e do serviço.
9) *Semelhança com Moisés e Miriã:* à semelhança dos seus antepassados, que ergueram um cântico ao Senhor após a vitória, Débora também entoou um cântico. Naquela época o cântico era um recurso didático muito comum: ele contava uma história, celebrava a vitória com a intenção de inspirar louvor e adoração a Deus, reavivava a fé e o cuidado do Senhor por Seu povo e era um alívio para quem tinha sofrido por tantos anos debaixo de jugo. Além disso, era uma forma de ensinar as pessoas e deixar gravado na sua memória algo importante para as futuras gerações. Débora deixou registrada a glória de Deus sobre Sísera e Jabim. Da mesma maneira nós devemos fazer após uma vitória que o Senhor nos concede: agradecer e deixar registradas, de alguma forma, a honra e a glória devidas a Ele.

JUÍZES DE ISRAEL

Gideão – 11ª aula

Textos de referência: Jz 6–8

Resumo:

Débora julgou Israel por quarenta anos e, como sempre, o povo voltou a pecar depois que ela deixou de liderá-los. Por isso, o Senhor entregou os filhos de Israel nas mãos dos midianitas por sete anos. Os midianitas eram descendentes de Midiã *('contenda'),* filho de Abraão com Quetura (Gn 25: 2), e viviam como seminômades, habitando no deserto, nas fronteiras da Transjordânia com Moabe e Edom. Montavam os camelos dos amalequitas, que eram nômades encontrados no Neguebe e no Sinai. Por causa dos midianitas, os filhos de Israel abriam covas nos montes, se escondiam em cavernas ou construíam fortificações para preservar um pouco da colheita pelo menos, pois cada vez que semeavam os midianitas e os amalequitas vinham e destruíam tudo, não só a plantação, mas também o rebanho e o gado. Assim, os israelitas ficavam sem seu sustento. Eles clamaram ao Senhor.

"Então, veio o Anjo do Senhor, e assentou-se debaixo do carvalho que está em Ofra, que pertencia a Joás, abiezrita; e Gideão, seu filho, estava malhando trigo no lagar, para o pôr a salvo dos midianitas" (Jz 6: 11). Abiezer era sobrinho de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés, filho de José, filho de Jacó (1 Cr 7: 14-18). Portanto, era um clã de Manassés e era o clã de Gideão, segundo ele o mais pobre. Sua sede era em Ofra, a oeste do Jordão, onde se estabeleceu a segunda metade da tribo de Manassés. A primeira metade dessa tribo tinha ficado dalém do Jordão, junto com Rúben e Gade, quando os israelitas chegaram a Canaã. Manassés ocupou a região de Basã, Rúben a Transjordânia e Gade, a região de Gileade.

Gideão *(Gidh^{e}ôn)* significa: *'lenhador, batedor' (de trigo)*. O Anjo o chamou de homem valente e disse que o Senhor era com ele e que o chamava para livrar Israel dos midianitas. Gideão abriu seu coração e se queixou de sua condição, da pobreza de sua família e do abandono de Deus. Mas o Anjo fortaleceu sua fé na vitória. Como um sinal da veracidade do chamado, o Anjo consumiu com fogo o cabrito e os pães asmos que Gideão trouxera para Ele como oferta. Gideão temeu o Senhor, pois O reconheceu no Anjo, e ouviu Sua voz lhe falando de paz. Edificou ali um altar e o chamou de 'o Senhor é paz' (YHWH Shalom). Naquela mesma noite, Deus lhe pediu que destruísse o altar de Baal que era de seu pai, Joás, e derrubasse o poste-ídolo que estava junto a ele. Ali ele deveria erguer outro altar, agora ao Senhor, e oferecer um boi como holocausto. A família de Gideão misturava a adoração a Deus com a adoração a deuses falsos. Ele sabia que tinha fracassado espiritualmente, por isso não queria aceitar a liderança que o Senhor estava lhe dando; entretanto, justamente por ter consciência da sua incapacidade é que Ele o estava usando. Deus via sua insegurança, mas também um líder corajoso.

Então, Gideão, juntamente com dez dos seus servos, obedeceu às ordens, executando-o à noite com medo dos cidadãos do lugar.

Quando descobriram o fato, foram a Joás tomar satisfação e ele lhes disse que se Baal fosse deus que ele mesmo se defendesse. Por isso, Gideão foi chamado de *Jerubaal (y^{e}rubba'al = Baal luta, Baal funda, que Baal dê o aumento, que Baal contenda*, Jz 6: 32*)*. Em 2 Sm 11: 21 o nome é substituído por *Jerubesete (y^{e}rubbesheth),* eliminando o abominável nome de Baal, e sendo incluída a palavra que significa 'vergonha' *(besete, hebr. besheth). Jerubesete* significa: *que a vergonha contenda*.

Como os midianitas e amalequitas se puseram contra ele, Gideão convocou também toda a cidade e toda a tribo de Manassés, assim como a de Aser, Zebulom e Naftali para que se encontrasse com ele. Gideão pediu novamente um sinal a Deus que confirmasse Sua escolha a respeito dele como libertador de Israel e por duas vezes o Senhor lhe respondeu (prova com a lã). Trinta e dois mil homens estavam com ele, mas para que não se gloriassem em sua força, o Senhor lhe disse para mandar de volta para casa os medrosos e tímidos. Assim, voltaram vinte e dois mil, ficando apenas dez mil com Gideão. Para Deus ainda era povo demais e fez os homens descerem às águas da fonte de Harode. Apenas os que lamberam a água levando a mão à boca foram escolhidos; os que se ajoelharam foram dispensados. Ficaram então trezentos homens. No vale abaixo deles estavam os midianitas. Antes de descer contra eles por ordem de Deus, desceu Gideão com seu escudeiro para inspecionar o arraial do inimigo. Ouviu um deles contando a outro soldado o sonho que tivera e que era, na verdade, a confirmação que Gideão precisava para entender que o Senhor já estava lhe dando vitória. Gideão e os trezentos homens desceram contra eles com trombetas na mão direita e com cântaros com tochas acesas na esquerda. Era noite. Ao quebrar os cântaros e soar as trombetas os inimigos se assustaram e, por maneira milagrosa de Deus, mataram-se uns aos outros. Os restantes que fugiram foram perseguidos pelos homens de Naftali, Aser e Manassés que foram convocados. Quando Gideão convocou os homens de Efraim eles desceram contra os midianitas e mataram dois príncipes deles, mas reclamaram com Gideão pelo fato de não terem sido chamados antes quando o acampamento deles foi atacado. Efraim tinha um grande poder militar e se sentiu desprezado por Gideão. Com diplomacia, ele os acalmou. Passou o Jordão com os trezentos homens e pediu alimento aos cidadãos de Sucote; entretanto, eles lho negaram. Os homens de Penuel (Peniel) fizeram o mesmo que os de Sucote. Todos os que restaram dos midianitas eram quinze mil soldados liderados por Zeba e Salmuna (Zalmuna). Os outros cento e vinte mil já tinham morrido. Gideão foi contra eles e os destruiu, sendo que os dois príncipes fugiram. Gideão os alcançou e os prendeu. Mostrou-os aos cidadãos de Sucote que lhe tinham negado ajuda e puniu com a morte os setenta e sete anciãos responsáveis, usando chicotes feitos de espinhos do deserto e abrolhos. Derrubou a torre de Penuel e matou os homens da cidade, pois também lhe tinham negado auxílio com alimento para seu exército. Executou Zeba e Zalmuna por terem matado seus irmãos (sua família de origem) em Tabor, entretanto, tomou para si os ornamentos em forma de meia-lua que estavam no pescoço dos seus camelos.

Antes de seguir com os texto eu gostaria de colocar uma coisa que achei interessante, sobre a localização de Ofra, a cidade de Gideão, e das cidades de Penuel (Peniel) e Sucote. Elas existem ainda?

'Ofra dos Abiezritas' era uma cidade de Manassés, 10 km a sudoeste de Siquém, tradicionalmente identificada com Nablus desde 1913 (chamada de Flavia Neapolis, no tempo de Flávio Josefo), entre o Monte Gerizim e o Monte Ebal, e que hoje é um sítio arqueológico localizado perto de Tell Balata, no subúrbio de Balata al-Balad, na

Cisjordânia. Ofra foi assim chamada até o século XIV, quando passou para o domínio árabe e adotou o nome Far'ata na Cisjordânia. Ophrah é um nome na Bíblia Hebraica que significa 'um cervo', 'um fulvo', ou seja, um jovem cervo em seu primeiro ano.

Quanto a Sucote e Penuel (Peniel, ou Pniel, Pnuel; Hebr.: פְּנוּאֵל Pənūʾēl (Strong #6439), que a bíblia sugere ser ao sul do rio Jaboque – Gn 32: 22; 24; 30-31), que Gideão puniu por lhe negar auxílio, presume-se que sejam hoje os locais arqueológicos na Jordânia, perto do rio Zarqa, chamado na bíblia de Jaboque, onde Jacó lutou com o Anjo. Até 1970, os historiadores identificaram Penuel (Peniel) com picos gêmeos de Tulul adh-Dhahab na Jordânia. Mas o arqueólogo israelense contemporâneo Israel Finkelstein considera os dois picos gêmeos como locais distintos que provavelmente apresentavam nomes diferentes na Antiguidade e sugere que a colina maior, a ocidental (Tell edh-Dhahab al-Gharbi), corresponda à antiga cidade bíblica de Maanaim, e a oriental (Tell edh-Dhahab esh-Sharqi) corresponda a Penuel. Um comentário aqui que acho pertinente, é que no mapa das doze tribos, Maanaim está colocada no lado oriental, Sucote ao ocidente; então, provavelmente, Penuel estaria logo ao sul do rio Jaboque, entre Maanaim e Sucote, mesmo porque a bíblia diz que Jacó veio de Maanaim para Peniel e depois da luta com o Anjo, ele armou suas tendas em Sucote; daí seguiu para Siquém (é apenas uma sugestão minha ao olhar o mapa tradicional).

Gideão se recusou a ser rei sobre Israel; disse que o Senhor os dominaria, não ele nem seu filho (Jéter, o primogênito). Pediu ao povo as argolas de ouro do despojo dos ismaelitas no peso de mil e setecentos siclos de ouro (1 siclo = 11, 5 g, portanto, dezenove quilos, quinhentos e cinqüenta gramas), além dos ornamentos e vestes dos reis midianitas e dos ornamentos dos camelos. Com o metal, fez uma estola sacerdotal (que normalmente era usada apenas pelo sumo sacerdote) e a pôs na sua cidade, em Ofra. Isso foi mau aos olhos do Senhor, pois para o povo se tornou objeto de idolatria, sendo um laço a Gideão e à sua casa. Ele transformou aquilo num culto pagão. Nos dias de Gideão (1162–1122 AC), a terra ficou em paz por quarenta anos.

Ele tinha setenta filhos, pois possuía muitas mulheres. Sua concubina lhe deu um filho, que foi chamado Abimeleque *("Meu pai é rei"),* que mais tarde se tornou também juiz de Israel matando sessenta e oito dos seus irmãos para ficar com o poder. Apenas Jotão (69º) escapou e lançou maldição sobre Abimeleque pelo seu pecado de traição. A maldição se cumpriu e este foi morto por uma pedra na cabeça e pela espada do seu escudeiro ao tentar entrar em Tebes. Tebes (Jz 9: 50) é a Moderna cidade de Tubas, situada a 20,9 km ao norte de Siquém. O nome da cidade, 'Tubas', é derivado da palavra Cananita 'Tuba Syoys', que significa 'estrela iluminada'.

Gideão faleceu com idade avançada e foi sepultado em Ofra.

Aprendizados importantes com Gideão:

1) *Deus ouve o clamor dos aflitos e dos oprimidos:* sempre que Seu povo esteve sob jugo e sempre que se arrependeu dos seus pecados e clamou ao Senhor, Ele o atendeu e o livrou das mãos do inimigo. Nesta passagem, Ele agiu enviando o Seu Anjo e lhes dando um libertador. Conosco é a mesma coisa. Quando nos sentimos sozinhos, abandonados e oprimidos, por causa de pecado ou não, podemos ter a certeza de que seremos ouvidos e Ele nos enviará socorro e livramento. Deus não só nos envia socorro como também fortalece em nós a coragem. Ele chamou Gideão de homem valente numa situação em que a coragem parecia ser a última qualidade nele.
2) *Deus não vê as aparências, mas o interior:* a insegurança gerada pelo pecado e pelas circunstâncias à sua volta estava estampada na atitude de Gideão, mas Deus via nele um líder corajoso. Gideão estava com a auto-estima baixa e não conseguia se ver com bons olhos, porém, o Senhor já estava enxergando o que seria realizado por meio dele. Ele mesmo colocaria no coração do Seu escolhido a ousadia necessária para liderar. Quando nos sentimos incapazes de realizar a missão que o Senhor nos coloca nas mãos, Ele nos mostra que nos vê com bons olhos. Ele não leva em conta as nossas fraquezas. Ele vê a força do Seu Espírito agindo em nós e aprimora as qualidades positivas da nossa personalidade para nos trazer vitória.
3) *Deus não deixa dúvidas em relação ao Seu chamado nem às Suas revelações:* a paz se instala no nosso coração como um sinal de que estamos fazendo a escolha certa. Quando o Anjo falou com Gideão debaixo do carvalho de Ofra, consumiu o holocausto com fogo para dar a ele a certeza do Seu chamado e da revelação que tinha lhe dado. Por isso, Gideão sentiu paz e ergueu um altar ao Senhor, chamando-o: *"o Senhor é paz"*. Quando respondemos ao chamado de Deus para nós, sentimos Sua paz em nosso coração e Ele não deixa nenhuma dúvida quanto àquilo que nos revelou. Quando Ele fala, temos a certeza que foi Ele que falou, não a nossa mente.
4) *Deus não compactua com a idolatria nem divide Sua glória com outros; Ele não aceita adoração dividida:* a primeira providência que o Senhor tomou antes de dirigir Gideão à batalha foi deixar bem claro a ele quem era o Deus a quem ele servia, orientando-o a destruir os falsos altares. Assim, Deus fechava a brecha deixada pelo pecado dos seus antepassados para que ele pudesse sair ileso e fortalecido da luta. Além disso, deixava bem claro aos olhos de todos que Ele, *o SENHOR, YHWH, o EU SOU,* era o Deus da vitória, não Baal.
5) *Nossa fé é aumentada pela vitória que conquistamos num ato de obediência ao Senhor:* Gideão obedeceu a Deus e destruiu o altar de Baal, por isso teve sua fé aumentada, assim como sua confiança interior, quando lhe deram o nome de Jerubaal, pois sua atitude lhe trouxe o respeito dos cidadãos de Ofra. Quando obedecemos à voz de Deus e executamos o que Ele nos dá para fazer, nossa fé nEle é aumentada, assim como nossa confiança em nós mesmos, porque ganhamos o respeito e a admiração daqueles que estão à nossa volta ao verem que realizamos algo que eles não tiveram coragem para realizar.
6) *Tolerância e misericórdia de Deus para com as nossas fraquezas:* tudo o que Deus tinha feito e falado até ali já seria o bastante para que Gideão se posicionasse, mas Ele conhecia sua insegurança e sua necessidade por confirmações, por isso lhe deu mais dois sinais através da prova com a lã. Ele sabia que Gideão precisava de sinais visíveis para poder crer. Embora pedir sinais a Deus não seja pecado, Ele quer que acreditemos nEle e no que Ele coloca no nosso coração através do Seu Espírito para não vivermos a vida inteira sobre 'muletas', mas sobre a verdade da Sua palavra. Quando precisarmos de um consolo ou de um fortalecimento Ele mesmo nos dará até que nós possamos nos sentir seguros para caminhar. O Senhor deu mais um sinal

da Sua força e da Sua fidelidade a Gideão antes de invadir o acampamento dos midianitas, através do sonho que foi contado ao soldado adversário e ouvido por Gideão e pelo seu escudeiro.

7) *A vitória de Deus independe da força, da confiança e da capacidade humana:* ao mandar de volta os vinte e dois mil homens e depois, mais nove mil e setecentos dos dez mil que restaram, deixando apenas trezentos com Gideão, Deus quis mostrar ao Seu povo que continuava o mesmo que tinha livrado seus antepassados do Egito. Ele não dependia da força nem da capacidade humana para agir; eles, sim, é que estavam precisando confiar mais nEle, por isso o Senhor lhes deu uma vitória impossível aos olhos dos homens para lhes mostrar que Ele era o único Deus. Essa geração não se lembrava das vitórias no Mar Vermelho e no deserto, pois não as tinha visto, por isso Ele quis dar a eles uma experiência de milagre para que pudessem restaurar sua aliança com Ele. Conosco é a mesma coisa. Deus não depende da nossa capacidade ou da nossa força para realizar milagres. Ele os faz da maneira mais inusitada para nos mostrar que para Ele tudo é possível.
8) *Medo e timidez não ajudam a vencer, pelo contrário podem desestimular os outros:* os tímidos e medrosos não estavam preparados para uma batalha e poderiam ser uma pedra de tropeço para o restante do exército, por isso Deus os dispensou. A covardia nos afasta do Seu reino, pois não nos deixa agir pela fé. Além disso, desestimula nossos irmãos de caminhar também.
9) *Vigilância e disciplina são qualidades importantes para um guerreiro:* Deus testou os homens que estavam com Gideão, colocando-os na fonte. Os descuidados se abaixaram para beber, mas os vigilantes se mantiveram de pé, levando a água à boca com as mãos, mantendo os olhos no que acontecia ao redor e vigiando para ver se o inimigo estava por perto. Deus nos quer vigilantes para que não percamos nossas batalhas. O descanso está reservado para depois da vitória, não para quando estamos prestes a entrar na luta.
10) *A sabedoria de Deus é loucura para os homens, Suas estratégias parecem absurdas:* ninguém poderia imaginar que trezentos homens com trombetas e cântaros com tochas poderiam desbaratar um exército de milhares de soldados. Mas foi com uma estratégia tão absurda que Deus concedeu vitória ao Seu povo, pois o temor causado por Ele no coração do inimigo fez com que os midianitas e amalequitas matassem uns aos outros. Quando o Senhor nos dirige a um desafio, podemos ter certeza da vitória e seguir com segurança as estratégias que Ele nos dá, por mais absurdas que possam parecer. A sabedoria de Deus, diz a bíblia, é loucura para os homens.
11) *Um bom líder não deixa seus liderados humilhados:* mesmo dispensando os medrosos da batalha mais difícil, Gideão fez com que se sentissem importantes e participantes da vitória, ao fazê-los perseguir os midianitas quando estavam fugindo, pois puderam se sentir úteis apesar das suas fraquezas anteriores. Por isso, não devemos desprezar os mais fracos, mas incentivá-los a usar o que têm de positivo para se sentirem participantes da vitória. Cada um vai servir a Deus com o que tem, não com o que não tem. A Palavra diz: "Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem" (2 Co 8: 12).
12) *Existe conseqüência na traição:* os cidadãos de Sucote e de Penuel preferiram manter boas relações com os midianitas por medo das retaliações e negaram ajuda aos seus próprios irmãos. Eles acharam que Gideão não tinha chance alguma de vencer e escolheram ficar do lado mais forte. Resolveram ficar do lado do inimigo e isso era traição. O resultado foi a morte, pois Gideão voltou vitorioso e os matou. Da mesma forma, quando traímos a confiança de Deus ou dos nossos irmãos em

Cristo poderemos sofrer as conseqüências do nosso pecado de traição e covardia, que é nos sentirmos afastados da comunhão com Seu Espírito.

13) *As heranças familiares precisam ser totalmente extirpadas:* Gideão, por um ato de humildade, se recusou a governar sobre o povo, dizendo que só Deus poderia governar sobre ele, mas cometeu em seguida um erro grave que foi um laço à sua vida: fez a estola de ouro como um altar de adoração; isso foi um ato de idolatria. Gideão ainda não tinha sido tratado totalmente da idolatria e da insegurança no seu relacionamento com o Senhor; não conseguiu se libertar dos sinais visíveis que pedia, nem dos costumes da falsa adoração ou da mistura de deuses que aprendera com seu pai. Esse costume familiar ainda estava nele. Por isso, para servirmos a Deus de uma maneira sincera e verdadeira devemos procurar extirpar os velhos costumes da nossa natureza, mudando totalmente nossa maneira de pensar e agir. Em Cristo somos novas criaturas.
14) *Querer reinar pelas próprias forças, sem a bênção de Deus leva à punição:* Abimeleque não tinha sido escolhido por Deus para juiz sobre Israel. Ele matou seus irmãos; não levou em conta os atos positivos de Gideão, seu pai, e ainda foi punido pelo Senhor por ter 'usurpado um trono' que não era seu. O que conseguimos pelas nossas forças, nós podemos perder, mas o que Deus nos dá, nós não perdemos mais, pois é decorrente de Sua bênção.

Sansão – 12ª aula

Textos de referência: Jz 13–16

Resumo:

Sansão, em hebraico, *Shimshôn*, é proveniente de *shemesh, sol*; portanto, significa: *'pequeno sol'*. Nasceu por volta de 1090 AC (Jz 13: 1) no início da opressão dos filisteus, que se prolongou por quarenta anos. Iniciou sua carreira em torno de 1075 AC, um pouco antes de os filisteus capturarem a arca e incendiarem Ebenézer (1 Sm 4: 1-22) e julgou Israel por vinte anos (1075–1055 AC), enquanto em Siló ou em Mispa julgava Samuel como profeta.

Seu pai se chamava Manoá *(= descanso, quietude),* da tribo de Dã, e morava em Zorá. Sua mãe era estéril, até que o Anjo do Senhor lhe apareceu e lhe disse que ela conceberia e seu filho seria consagrado a Deus desde o ventre materno para ser um Nazireu. *Nazireu* vem do hebraico *nãzïr (vinha),* derivado de *nãzar*: *separar, consagrar, abster-se,* comparada com a palavra *nezer*: *diadema, coroa de Deus*, algumas vezes identificada com os cabelos compridos dos Nazireus. Embora na lei de Moisés se fale sobre o Nazireado (Nm 6: 1- 21), a origem da prática é pré-mosaica e obscura (semitas e outros povos primitivos). Existiam três regras a serem respeitadas pelo Nazireu:

1) Renunciar ao vinho e bebidas tóxicas, vinagre, uvas, passas e tudo o que provém da vinha, desde as sementes até as cascas (Nm 6: 3-4), para manter sua integridade e santidade e não ser possuído por qualquer espírito que não o de Deus (Pv 20: 1; Lv 10: 9-11). Assim, se aproximava dEle de modo mais digno. O significado espiritual para nós dessa abstinência é renunciar às paixões carnais e aos descontroles emocionais, se submetendo ao controle do Espírito Santo.

2) Não cortar os cabelos (Nm 6: 5). Os cabelos, para os judeus daquela época, simbolizavam a sede da vida, assim como a vinha (*nãzïr = vinha não podada* – Lv 25: 5; 11; no final do período do voto os cabelos eram queimados sobre o altar – Nm 6: 18-19). Para nós o significado espiritual desta prática é não sair da cobertura espiritual de Deus, mas ter consciência da Sua proteção e da presença do Seu Espírito.

3) Não se aproximar de qualquer cadáver (Nm 6: 6), até mesmo no caso de parentes e isso se aplicava também ao sumo sacerdote (Arão não pôde chorar a morte dos seus filhos Nadabe e Abiú que foram mortos pelo Senhor por queimar incenso no altar sem Sua ordem, nem ir ao enterro, pois era o sumo sacerdote: Lv 10: 6-7). Outras referências: Lv 21: 1-4; 10-12. Para nós, o significado disso é não voltar a tocar no que é velho, nas coisas passadas, nas coisas mortas, no pecado.

O Nazireado era normalmente praticado para se conseguir certos favores da parte de Deus. Alguns faziam o voto temporário (no mínimo por trinta dias, como no caso de Paulo – At 18: 18; At 21: 23-24); outros o fizeram como voto vitalício: Samuel, Sansão, João Batista.

Os pais de Sansão receberam, então, esta orientação da parte do Senhor. Mais tarde, Sansão violou os votos em algumas situações, como veremos adiante. Deus também disse a Manoá e sua esposa que seu filho começaria a livrar Israel do poder dos filisteus.

Sansão cresceu e Deus o abençoou, até que o Espírito do Senhor passou a agir através dele.

Sansão viu uma mulher filistéia em Timna e se apaixonou. Pediu aos seus pais que falassem aos pais dela de forma a ser ela sua esposa. Isso foi orientação do Senhor, que procurava ocasião contra os filisteus. Ao ir com os pais a Timna para pedi-la em casamento, Sansão se deparou com um leão novo que vinha ao seu encontro e, pela força do Espírito do Senhor, rasgou o animal ao meio. Depois de alguns dias, quando se daria o casamento, encontrou dentro da carcaça do leão morto por ele um enxame de abelhas com mel, que ele comeu, assim como seus pais, sem saberem de onde provinha. Aqui ele violou um dos votos do Nazireado que era a *proibição de tocar em cadáver* (Jz 14: 8).

Seu banquete de casamento também foi uma violação aos votos de nazireado, pois foi um *banquete com vinho* (*Mishteh*, Jz 14: 10: "vayyêredh 'âbhiyhu 'el-hâ'ishâh vayya`as shâm shimshon**mishteh** kiy kên ya`asu habbachuriym", ou seja, "Descendo, pois, seu pai à casa daquela mulher, fez Sansão ali um **banquete**; porque assim o costumavam fazer os moços"). Em hebraico, 'mishteh' tem o significado de 'beber, bebida, um banquete ou festa, geralmente com muita bebida'; vinho = 'yayin'; banquete de vinho = mishtêhhayyayin, o mesmo tipo de banquete (banquete do vinho) dado por Ester a Assuero e Hamã (Et 5: 6; Et 7: 2; Et 7: 7) e por Assuero aos nobres da Pérsia (Et 1: 3; 5 cf. Et 1: 7-8). Apresentou aos trinta homens que estavam com ele um enigma para ser decifrado nos sete dias das bodas e ele daria em troca trinta vestes festivais. Pressionando sua mulher, eles conseguiram que ela obtivesse de Sansão a resposta do enigma e ela contou aos homens. Quando eles a declararam a Sansão, ele descobriu a traição e foi à cidade de Asquelom (Cidade filistéia); matando trinta cidadãos, despojou-os das vestes festivais e deu-as aos convidados que declararam a resposta ao seu enigma. Sua noiva foi dada como esposa ao seu padrinho de casamento.

O casamento de Sansão foi um *sadiga,* no qual a mulher permanece morando com os pais e o marido a visita de vez em quando. Passou-se um tempo e Sansão foi visitar a esposa; então, soube que ela tinha sido dada a outro. Ficou furioso e saiu, tomando trezentas raposas e, ateando fogo em suas caudas, as largou na seara dos filisteus, destruindo suas vinhas, seus olivais e cereais. Em represália, os filisteus queimaram sua esposa e seu pai. Sansão, por sua vez, os matou e se escondeu na fenda de uma rocha em Etã. O povo de Judá sofria por causa de todas essas coisas, por isso três mil homens desceram até Etã e prenderam Sansão com cordas para o entregarem aos filisteus. Tomado pelo Espírito do Senhor ele rompeu as cordas e com uma queixada de jumento feriu mil dos seus inimigos. Sentiu sede e clamou ao Senhor. Este feriu a cavidade da rocha e dela saiu água. Sansão recobrou alento e reviveu e aquele lugar ficou conhecido como *En-Hacoré*, que quer dizer: *fonte do que clama*.

Depois, Sansão foi a Gaza e *coabitou com uma prostituta*, violando mais uma vez seu voto de Nazireado (Jz 16: 1 – renunciar às paixões carnais e descontrole emocional). Os inimigos o esperavam até que amanhecesse para prendê-lo, mas depois da meia-noite Sansão se levantou e foi até a porta da cidade e a arrancou com as folhas, as

ombreiras e a tranca, levando-a para Hebrom. Essa foi uma das maiores humilhações que os filisteus poderiam sofrer, pois a porta da cidade era símbolo do poder nacional.

Pela quarta vez, Sansão violou os votos de Nazireado ao se apaixonar por Dalila, mulher filistéia que morava no vale de Soreque, perto de Timna. Os príncipes dos filisteus a persuadiram a fazer com que Sansão lhe contasse o segredo de sua força. Por três vezes ele a enganou e os inimigos não puderam pegá-lo, até que ele lhe falou sobre seu voto de Nazireado (Jz 16: 17) e sobre a força que estava ligada ao comprimento do seu cabelo. Com isso, ela o traiu recebendo mil e cem siclos de prata (aproximadamente doze quilos, seiscentos e cinqüenta gramas) de cada príncipe dos filisteus. Eles vazaram os olhos de Sansão e o colocaram para virar um moinho no cárcere. Seu cabelo começou a crescer de novo e, durante este período, teve tempo também de deixar vir o arrependimento ao seu coração.

Os príncipes dos filisteus se reuniram para oferecer um grande sacrifício ao seu deus Dagom e para se alegrarem pela vitória sobre Israel por prenderem Sansão. Este foi chamado do cárcere para diverti-los. Três mil homens e mulheres estavam no templo de Dagom. Sansão clamou ao Senhor para que pela última vez lhe desse força para se vingar dos filisteus. O Senhor lho concedeu e ele, se agarrando às duas colunas que sustentavam a casa, a derrubou, matando os filisteus que lá estavam e morrendo também com eles. Foi sepultado no sepulcro de Manoá, seu pai.

Aprendizados importantes com Sansão:

1) *Como já foi falado sobre as proibições pertinentes ao voto de Nazireado,* Deus nos orienta a nos abster das paixões da carne, estar debaixo do domínio do Seu Espírito e não tocar mais naquilo que não nos traz mais vida, ou seja, no pecado e no que já ficou para trás.
2) *Deus pode tornar fértil aquilo que era estéril quando tem um grande projeto a ser cumprido:* a esposa de Manoá não foi a primeira mulher estéril na bíblia a conceber depois da visitação do Senhor. Ele tinha um projeto para a vida deles através de Sansão, por isso transformou a maldição em bênção fazendo a mulher gerar um filho que, desde o ventre já seria consagrado a Deus. Há uma semelhança muito grande entre o caso de Sansão e sua mãe e o caso de Samuel e João Batista, que foram Nazireus por voto vitalício e nasceram de mulheres estéreis transformadas em férteis pelo Senhor: Ana e Isabel. Da mesma forma na nossa vida, quando Ele tem um grande projeto, pode transformar algo que aparentemente estava seco e sem vida em algo frutífero para que o Seu poder seja manifestado.
3) *O que Deus projeta para nossa vida sempre é luz:* Sansão significa: *pequeno sol* e, pela maneira milagrosa como foi gerado, por ser sua mãe estéril, foi um projeto ousado de Deus para livrar Seu povo do cativeiro, pois tinha pecado novamente e feito o que era mau aos Seus olhos. Sansão foi projetado por Deus para ser uma *pequena luz* para aquela geração. Da mesma forma, o apóstolo João fala sobre João Batista em Jo 1: 6-9: "Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz, a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem". Paulo fala em alguma das suas epístolas que nós, que somos da luz, devemos andar como filhos da luz (Ef 5: 8). Jesus também disse que nós somos a luz do mundo (Mt 5: 14-16) e que as nossas boas obras devem ser vistas pelos homens para que glorifiquem

ao Pai que está no céu. Por isso, quando Deus nos escolhe e nos chama para sermos Seus, passamos a ser *pequenos sóis* para que o mundo o conheça.

4) *Levar a sério a escolha e o compromisso com Deus:* Sansão sabia de sua separação desde o ventre materno como Nazireu e, provavelmente, foi criado na disciplina do Nazireado como tinha sido orientado a Manoá. Entretanto, não levou a sério aqueles votos e por quatro vezes deixou sua carne ser levada por suas paixões; abandonou o compromisso com o Senhor, o que lhe custou a visão e a vida, pois o Espírito de Deus tinha se retirado dele. Ao desvendar o seu segredo para Dalila, ele rompeu completamente seu voto e sua aliança e o Senhor o abandonou (Jz 16: 4-20). Isso quer dizer que *romper o relacionamento com Deus acarreta perda de força,* pois a chama do Espírito vai se apagando, enquanto a carne prevalece. Isso é uma escolha consciente, um exercício do nosso livre-arbítrio. Pode ser que, em alguns casos, por esgotamento espiritual depois de uma luta muito prolongada, a sensibilidade espiritual fique temporariamente embotada, como aconteceu com Elias depois que destruiu os profetas de Baal e se confrontou com Acabe, e até pode parecer que o Espírito de Deus tenha se retirado; entretanto, no caso de Sansão, sua fraqueza humana sobrepujou o compromisso do seu espírito. Podemos tirar, também, outra conclusão das experiências de Sansão, no caso da luta com o leão novo que veio ao seu encontro: na bíblia, *leão* significa: *poder, liderança,* além da *manifestação de poderes ou influências sobre nós*. Ele tinha se envolvido com uma mulher não israelita, o que era mau para Deus. Relegou a Sua orientação e a orientação dada pelos pais, a fim de obedecer às suas próprias paixões, o que o deixou suscetível a influências, como vimos a partir da sua festa de casamento. Embora esta fraqueza tenha sido permitida pelo Senhor para realizar Seus planos contra os filisteus, o que podemos perceber é que *as paixões carnais tornam o homem sujeito às más influências* e, se ele não reagir e destruí-las, não conseguirá se livrar delas. Sansão destruiu o leão pelo poder do Espírito sobre ele. É o poder de Deus que destrói nossos inimigos.
5) *Quando Deus destrói o que nos era prejudicial, podemos desfrutar de Sua abundância:* Sansão destruiu o leão e pôde comer o mel. Assim, quando passamos por uma luta, mas conseguimos sair vitoriosos, podemos saborear o gosto da nossa recompensa. Aquilo que parecia invencível e destrutivo já não existe e Deus coloca Sua bênção no lugar.
6) *Se esconder no coração de Deus: Etã* significa: *firme, fortaleza, lugar de feras*. Depois que Sansão destruiu a seara dos filisteus com as raposas e se vingou deles por terem matado sua esposa e seu sogro, se refugiou na fenda de uma rocha em Etã. Quer dizer que após uma luta, quando precisamos refazer nossas forças, ou quando pecamos e precisamos de perdão, devemos buscar o abrigo no Senhor. É no coração de Deus que encontramos não só o perdão que precisamos, mas a proteção contra os que querem nos destruir.
7) *Quando clamamos, Ele nos responde:* podemos ver uma ação semelhante de Deus suprindo Sansão, quando o dessedentou fazendo jorrar água da rocha em *En-Hacoré*. A *Rocha* em nossa vida é Jesus, e Seu Espírito é a água que sacia nossa sede, nos fazendo recobrar alento e nos enchendo de vida. Sansão clamou e Deus o ouviu e o socorreu.
8) *O arrependimento nos coloca novamente debaixo da proteção do Senhor,* como aconteceu quando o cabelo de Sansão começou a crescer novamente e ele pôde, pela última vez, se vingar dos filisteus. Não teve vitória por causa do cabelo, mas, provavelmente, porque sem a visão física que lhe acarretava concupiscência, teve

tempo para olhar para dentro de si e se arrepender do seu pecado. Aí, Deus o cobriu novamente com Seu manto e com Sua força.

Rute – 13ª aula

Textos de referência: Rt 1–4

Resumo:

O tempo dos Juízes foi uma época bastante conturbada para o povo judeu. Josué já havia morrido e as gerações posteriores não conheceram o Senhor nem as obras que Ele fizera a favor de Israel (Jz 2: 10; 16-19). Nessa época em que a fome material e espiritual reinava é que Noemi *(meu deleite, deleitosa, ditosa, amável, formosa)* e Elimeleque *(Meu Deus é rei)* se mudaram para Moabe com seus filhos, Quiliom e Malom.

Moabe era o nome da terra do descendente de Ló (Gn 19: 37), de seu relacionamento incestuoso com a filha mais velha. Moabe significa: *desejo, família de um pai*. Era irmão de Ben-Ami ou Amom, descendente do incesto de Ló com a filha mais nova e significa: *filho de meu povo (Ben-Ami) e artesão (Amom)*. Eram, portanto, povos aparentados com Israel. O casamento entre Moabitas e judeus não era proibido pelo Senhor; apenas, os Moabitas e amonitas eram proibidos de entrar no tabernáculo (Dt 23: 3-4), não propriamente pelo pecado de incesto dos seus ancestrais, mas porque alugaram Balaão para amaldiçoar os israelitas (Nm 22: 1-6).

Quiliom *(definhamento; ansiedade; consumpção – como numa doença debilitante; ruína acabada)* se casou com Orfa, moabita, cujo nome significa: *vigor juvenil***,** entre outros *(pescoço, juba, gazela);* aparentemente alguém que compensaria seu espírito definhado e arruinado. Malom *(adoentado, franzino, doença)* se casou com Rute *(amiga, companheira, fiel, vistosa)*. Após a morte de Elimeleque, Quiliom e Malom, Noemi resolveu voltar para Belém de Judá. Orfa era fiel, mas sua fidelidade era apenas humana, portanto, no meio do caminho cedeu às insistências de Noemi e voltou a Moabe, àquilo que ela conhecia. Rute, ao contrário, seguiu Noemi. Chegando a Belém, porém, Noemi trouxe um traço de amargura em seu coração (Rt 1: 20-22): "Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso. Ditosa eu parti, porém o Senhor me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o Senhor se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido? Assim, voltou Noemi da terra de Moabe, com Rute, sua nora, a moabita; e chegaram a Belém no princípio da sega de cevada". Ela trouxe essa amargura pelas circunstâncias extremamente contrárias e cheias de roubo, perda, desolação e opressão espiritual que a envolveram em terra estranha impedindo-a de manter sua característica original de *feliz, ditosa e venturosa*.

Em Rt 2: 2 está escrito: “Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele que mo favorecer. Ela lhe disse: Vai, minha filha!” Rute sabia que, se não trabalhasse, não haveria sustento para ela nem para sua sogra. Ela não se importava com o tipo de trabalho, se parecia humilhante para os outros ou não.

Respigar era o ato de ajuntar os grãos esquecidos pelos ceifeiros e era algo permitido na lei de Moisés como um sistema de previdência social (Dt 24: 19-22). *Respigar* era uma maneira zombeteira de expressar *dependência da provisão divina*. Rute estava, literalmente, vivendo pela fé. Ela respigava as espigas e as ajuntava entre as gavelas, nome dado ao feixe de espigas. Ela era uma simples ‘catadora de canto’, mas a providência divina já a tinha colocado no campo de Boaz, o resgatador de Noemi. *Boaz* significa: *força, firmeza* e é a figura de Jesus. O resgatador era um parente não tão distante, influente, a quem a família podia em geral recorrer quando a sua linhagem ou os seus bens corressem o risco de ser perdidos. Ele deveria, entre outras coisas, comprar de volta a terra da família vendida em tempos de crise.

Boaz foi benigno com Rute, dando-lhe proteção, ordenando aos servos que não tocassem nela, orientando-a que seguisse o que as servas dele fizessem e dando-lhe porção de água e alimento como se ela trabalhasse para ele. Deu ordem também aos seus servos que a deixassem colher um pouco mais para que sobrasse para ela e para a sua sogra. Boaz foi receptivo e bondoso com ela, pois ela fora buscar auxílio no lugar certo (Rt 2: 12: “O Senhor retribua o teu feito, e seja cumprida a tua recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas vieste buscar refúgio”) e porque viu nela fidelidade e uma mudança real de atitude (Rt 2: 11: “Respondeu Boaz e lhe disse: Bem me contaram tudo quanto fizeste a tua sogra, depois da morte de teu marido, e como deixaste a teu pai, e a tua mãe, e a terra onde nasceste e vieste para um povo que dantes não conhecias”). Rute trabalhou no campo de Boaz até que a cega do trigo e da cevada se acabou. Geralmente a colheita de cevada precede a do trigo e começa por volta do dia 14 do mês de Zive ou ‘Iyyar, que corresponde a abril-maio. A Páscoa começa no dia 14 do mês anterior, o primeiro mês do calendário judaico religioso, o mês de Abibe ou Nisã**,** que corresponde a março-abril. Por volta do dia 6 do mês de maio-junho (mês de Siwãn) ocorre o Pentecostes ou Festa das Semanas (sete semanas após o início da colheita), comemorando o fim da colheita de trigo (Dt 16: 9-12). A bíblia não conta os detalhes emocionais que aconteceram na vida de Rute nesse tempo de adaptação a essa nova comunidade, mas podemos imaginar, pelo nosso próprio crescimento com Deus, que não foi fácil esquecer e mudar os hábitos de origem, lidar com suas heranças familiares e espirituais e deixar para trás as lembranças ruins da velha vida. Com certeza, o que facilitou o processo foi o amor e o cuidado de Noemi e Boaz e sua própria vontade de ter uma nova vida e uma nova chance. Noemi também esperou por sinais de autoconfiança e maturidade em Rute para sugerir a idéia de casamento com Boaz e, portanto, um resgate mais profundo para as duas. Noemi sabia que havia um resgatador mais próximo que poderia ocupar o lugar de Boaz nas negociações (Rt 4: 1-10), mas resolveu confiar nele e em Deus.

Em Rt 3: 7-8; 13-14 a bíblia fala que Rute se deitou aos pés de Boaz, o que significava um pedido cerimonial de casamento e lhe pediu que estendesse a *capa (kanaph)* sobre ela (Rt 3: 9b). No hebraico, a palavra *kanaph* (כָּנָף) – Strong #3671 – tem vários significados como: *capa, manto (como em* 1 Sm 24: 5 *– quando Davi corta a borda do manto de Saul), asas, alado (pássaro), extremidade (de uma ave ou um exército), borda, canto da veste, camisa*. Neste caso de Rute, refere-se a um costume associado aos *pedidos de casamento (no caso da mulher) e um sentido de posse, de aquisição (para o homem),* pois *kanaph* também tem a conotação de *cobertura, domínio, posse, proteção,* dando a entender que, mais do que casamento, aquele era um

pedido de proteção. Em Rt 3: 9, está escrito: "Disse ele: Quem és tu? Ela respondeu: Sou Rute, tua serva; estende a tua capa sobre a tua serva, pois tu és resgatador". A transliteração hebraica é: "vayyo'mer miy-'âttvatto'mer 'ânokhiy Ruth 'amâthekha uphârastâ **khenâph**ekha `al-'amâthkhakiy **gho'êl** 'âttâh". **Goel** *(gho'êl)* é um termo hebraico que vem do verbo *ga'al* ('redimir'), portanto, *gho'êl* significa *resgatador,* o que na bíblia e na tradição rabínica denota uma pessoa que, como parente mais próximo de outra, está encarregado do dever de restaurar seus direitos e vingá-la dos danos causados a ela. Outros nomes usados para o resgatador são: 'parente redentor' e 'vingador'. Assim, quando ela diz: "Estende a tua capa sobre a tua serva, pois tu és resgatador" (Rt 3: 9 b), ela quer dizer: "Estende as tuas asas" ou "Toma-me sob tua asa de proteção", mostrando-nos também a força que tem um compromisso de casamento para um judeu. A mulher recebe a proteção do homem e ele a recebe como um bem precioso, não no sentido pejorativo de posse de um objeto material apenas, como se interpreta hoje. Um se torna um complemento para o outro. Boaz declara que ele está disposto a redimi-la através do casamento, mas informa a ela que há outro parente do sexo masculino que tem o primeiro direito de resgate. Ele também usou o mesmo termo anteriormente, quando disse que Rute confiava em Deus ao buscar refúgio sob suas *asas* (Rt 2: 12) ou *manto*. Espiritualmente, *manto* significa: *unção, proteção, cobertura do sangue da aliança sobre nossa vida.* É aquele momento de decisão em que vamos ocupar lugares espiritualmente mais altos, em que precisamos de uma maior proteção, uma unção maior e capacitação do Espírito Santo. Talvez esse casamento esteja se referindo ao batismo no Espírito Santo ou a um derramar maior dEle.

Boaz não decepcionou Rute; pelo contrário, tomou o seu manto e o encheu com suprimentos e a mandou de volta à cidade. Ao voltar para casa e contar para Noemi, sua incentivadora no projeto, ela recebeu a confirmação da determinação e do caráter perseverante de Boaz (Rt 3: 18: "Então, lhe disse Noemi: Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará, enquanto não se resolver este caso ainda hoje").

Na verdade, o casamento deveria ser com Noemi, não com Rute, pois ela era a viúva de Elimeleque e a terra era dela (Rt 4: 3: "Disse ao resgatador: Aquela parte da terra que foi de Elimeleque, nosso irmão, Noemi, que tornou da terra dos Moabitas, a tem para venda"), mas Noemi já não tinha possibilidade de ter filhos para suscitar descendência; portanto, coube a Rute ocupar o lugar de matriarca da família. Deus a abençoou e ela, que era estéril, gerou um filho que daria continuidade à linhagem dos resgatadores na família, além do que foi um meio de restaurar a alegria a Noemi e tirar a amargura do seu coração, pois ela se viu restituída e justificada. O nome do bebê foi *Obede* que tem vários significados: *servo de Deus, adorador* e *Ele restaurou*. Através do crescimento e do testemunho de Rute, Noemi foi novamente restaurada e curada.

Aprendizados importantes com Rute:

1) *Efeitos da escassez espiritual:* parece contraditório que alguém que se chama Elimeleque (cujo significado é: *meu Deus é rei*) e Noemi (que significa: *meu deleite, deleitosa, ditosa, amável, formosa*) tenham filhos que se chamam Quiliom *(definhamento; ansiedade; consumpção – como numa doença debilitante; ruína acabada)* e Malom *(franzino, adoentado, doença)*. Provavelmente, era o retrato da fome e da escassez que acontecia em Israel e que causou uma conformação física e emocional doente, com ansiedade e baixa resistência física. Podemos extrapolar essa

deformidade para o espiritual também, onde o conhecimento da palavra parecia escasso e detido por alguns sacerdotes apenas, mas o povo não tinha acesso a ele e vivia na idolatria. Quando o suprimento físico e material faltam, principalmente na área da alimentação, é óbvio o quadro de desnutrição protéico-calórica que se instala, inclusive afetando o aprendizado e a inteligência. Mas quando o suprimento de fé, paz, amor e compreensão faltam pela escassez e pelo desconhecimento da palavra de Deus, as conseqüências emocionais e espirituais podem ser trágicas, deformando o caráter, matando os sonhos, dificultando os relacionamentos sadios, destruindo a família e gerando todo o tipo de deformação da personalidade que abre brechas espirituais para a assolação e a destruição. Só o amor verdadeiro poderá trazer cura, libertação e resgate.

2) *A maldição impede o relacionamento com Deus:* aqui eu me refiro aos Moabitas. Note bem que o Senhor não os proibiu de entrar no Seu santuário, ou seja, em Sua presença, pelo pecado da carne deles, mas por terem amaldiçoado o povo que Ele tinha abençoado. Isto significa que todas as vezes que amaldiçoamos os ungidos e os escolhidos de Deus somos impedidos por esse nosso pecado de entrar em Sua presença. Então, nos sentimos afastados e tristes, pois não podemos gozar de Sua bênção sobre nós. Essa comunhão só pode ser restaurada quando reconhecemos nosso pecado e pedimos perdão ao Senhor; a partir daí, nossa responsabilidade passa a ser a de quebrar com a nossa própria boca as maldições por nós proferidas.
3) *Quando falta o suprimento espiritual verdadeiro e os relacionamentos são insatisfatórios, doentes ou pecaminosos, os resultados são: morte, esterilidade, assolação, privação e perda de sonhos; o crescimento é impedido pelas prisões e cadeias do diabo.* Quiliom se casou com Orfa, moabita, cujo nome significa: *vigor juvenil***,** entre outros; aparentemente, alguém que compensaria seu espírito 'definhado e arruinado'. Malom *(adoentado)* se casou com Rute que, nos dez anos em que viveu com Malom, não teve filhos, o que nos leva a pensar que era estéril (Rt 1: 4; Rt 4: 10), embora não se possa descartar a possibilidade de a esterilidade ser de Malom, pois o 'adoentado' era ele. Com certeza, o contato constante com uma pessoa adoentada, estéril e pessimista deve tê-la afetado também ou, na melhor das hipóteses, deve tê-la feito meditar na sua própria vida e nas suas circunstâncias para levá-la, mais tarde, a tomar a decisão de conhecer o verdadeiro Deus, o Deus de Noemi, se ver livre dessa contaminação e ter uma nova chance de ser feliz.
4) *Fidelidade, lealdade e aliança na carne:* Orfa era fiel, mas sua fidelidade era apenas humana, portanto, voltou a Moabe, àquilo que ela conhecia. Quem é fiel apenas à carne, mas não tem aliança no espírito, em outras palavras, quem só ama com o amor humano tem ponte com o passado e fica com a alma comprometida com aquilo de onde foi tirada.
5) *Aliança espiritual:* Rute, ao contrário de Orfa, fez com Noemi e com o Deus de Noemi uma aliança espiritual e sua declaração em Rt 1: 16-17 foi uma verdadeira conversão, pois deixou a velha vida, sua família e arriscou uma nova história e uma nova família: "Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti". Portanto, tomou a decisão e não voltou atrás. Ficou firme e destruiu a ponte com o passado. É assim que acontece com quem tem verdadeira aliança espiritual com Jesus.
6) *Deus tem um objetivo para nós e um prêmio pela nossa fidelidade:* respigar era uma maneira zombeteira de expressar dependência da provisão divina. Rute estava,

literalmente, vivendo pela fé. Respigava as espigas e as ajuntava entre as gavelas, nome dado ao feixe de espigas. Ela era uma simples 'catadora de canto', mas a providência divina já a tinha colocado no campo de Boaz, o resgatador de Noemi. *Boaz,* como vimos, significa: *força, firmeza* e é a figura de Jesus. Ele não a queria como uma 'catadora de canto', mas como 'a dona do campo'. Assim, quando obedecemos às Suas orientações, Ele tem um prêmio pela nossa fidelidade e nos coloca em posição de 'cabeça'.

7) *Temos um resgatador:* o resgatador era um parente não tão distante, influente, a quem a família podia em geral recorrer quando a sua linhagem ou os seus bens corressem o risco de ser perdidos. Cristo é o nosso parente próximo que nos veio comprar de volta para a família de Deus. No NT, este conceito se revela nos vários sinônimos de resgatar, que transmite a idéia de pagar um resgate, fazer uma aquisição ou reaver o que se perdeu. Nós, os gentios, ao sermos enxertados na árvore genealógica de Jesus através da nossa conversão, passamos a tê-lO como nosso resgatador.
8) *Há um tempo para a cura:* após sua conversão, Rute estava passando por uma cura através do Espírito, fortalecendo-a para ocupar o lugar que Deus já tinha determinado para ela e preparando-a para assumir uma aliança com o resgatador. Vejo também que, todo o tempo em que rebuscou espigas, Rute foi trabalhada e liberta do espírito de pobreza e miséria, da idolatria e das distorções da sua auto-imagem, que poderiam impedi-la de assumir sua posição de honra naquela sociedade. A bíblia não conta os detalhes emocionais que aconteceram na vida de Rute nesse tempo de adaptação a essa nova comunidade, mas podemos imaginar pelo nosso próprio crescimento com Deus, que não foi fácil esquecer e mudar os hábitos de origem, lidar com suas heranças familiares e espirituais e deixar para trás as lembranças ruins da velha vida. Da mesma forma, quando nós nos entregamos a Jesus, Ele começa um processo de cura, restauração e resgate em nossas vidas, nos fazendo pensar, sentir, agir e falar de uma maneira diferente daquela que tínhamos no mundo. Somos agora novas criaturas.
9) *Quando buscamos a Deus com sinceridade, Ele não nos decepciona:* Em Rt 3: 7-8; 13-14, a bíblia fala que Rute se deitou aos pés de Boaz, o que significava um pedido cerimonial de casamento e lhe pediu que estendesse a capa sobre ela. Espiritualmente, *manto* significa: *unção, proteção, cobertura do sangue da aliança sobre nossa vida*. É aquele momento de decisão em que vamos ocupar lugares espiritualmente mais altos, quando precisamos de uma proteção, de uma unção e de uma capacitação maior do Espírito Santo. Talvez, esse casamento esteja se referindo ao batismo no Espírito Santo ou a um derramar maior dEle. Boaz não decepcionou Rute; pelo contrário, tomou o seu manto e o encheu com suprimentos e a mandou de volta à cidade. É o que Jesus faz por nós, quando, pela fé, assumimos o compromisso com Ele e Lhe pedimos ajuda. Ele não só nos confirma Sua promessa como nos aumenta a unção, pois vencemos mais um desafio para chegar até Ele e até a nossa bênção. Vejo algo além de um pedido de casamento ou proteção no fato de Rute se deitar aos pés de Boaz; vejo submissão e entrega à sua vontade, pois ela e Noemi sabiam que havia um resgatador mais próximo que poderia ocupar o lugar de Boaz nas negociações (Rt 4: 1-10), mas resolveram confiar nele e em Deus. Esse resgatador, figuradamente, é o pecado que tenta nos prender de volta nas suas tramas, nossas heranças familiares que tentam nos trazer de volta à origem; em resumo, tudo o que tenta nos manter presos a Satanás e à lei ao invés da graça.
10) *Deus não descansa até terminar Sua obra em nós:* quando fazemos nossos pedidos a Jesus e Lhe confiamos nossa causa, Ele não descansa até que Seu trabalho em nós

se complete para recebermos o que nos pertence (Rt 3: 18: "Então, lhe disse Noemi: Espera, minha filha, até que saibas em que darão as coisas, porque aquele homem não descansará, enquanto não se resolver este caso ainda hoje"). Também trabalha nas circunstâncias ao nosso redor para que o mais breve possível tudo possa estar clareado, pois viu em nós fé e determinação.

11) *Ele a tudo restaura e transforma:* o nome do bebê foi *Obede,* que tem vários significados: *servo de Deus, adorador* e *Ele restaurou*. Em outras palavras, quando entregamos nossa vida para Jesus e buscamos uma mudança real de vida, aquilo que era estéril se torna fértil, o que é amargo se torna doce, o que era assolação e fracasso se transforma em realização e o que era escasso e insuficiente se transforma em abundância. Rute, de 'catadora de canto' se transformou na 'dona do campo', porque se casou com seu proprietário. Ao casarmos emocional e espiritualmente com Jesus, toda a Sua seara, todo o Seu reino, passam a ser nossos por herança. Muito provavelmente, o sonho de Rute era ser feliz, ter uma nova família e ser mãe, ser restituída, honrada e amada, ser acolhida na sociedade mesmo sendo estrangeira, em resumo, fazer parte do grupo. O sonho do nosso coração pode ser: ter filhos, biológicos ou espirituais, a realização profissional ou ministerial ou nos sentirmos um ser humano útil a Deus e à sociedade, sermos aceitos e amados, termos de volta o que perdemos ou termos aquilo que nunca tivemos. Quando isso é conquistado com a ajuda de Jesus, acontece o que aconteceu com Rute: geramos um *Obede,* ou seja, nós e nosso sonho passamos a *ser servos de Deus*, instrumentos de Deus aqui na terra, por isso podemos ser verdadeiros *adoradores* porque *Ele* nos *restaurou*. Rute veio para Belém, que significa *'Casa de Pão'* (em Hebraico, Beth Lechem ou Bet Leḥem). Essa Belém, em Judá, era também conhecida como Belém-Efrata (Mq 5: 2; Rt 4: 11. Efrata era o nome mais antigo da cidade: Gn 35: 16; 19; Gn 48: 7; Sl 132: 6). Efrata (Ephrath, Ephrathah ou Ephratah) significa *'frutífero'*, e vem da raiz hebraica, parah, que significa *'fecundidade'*. Rute fez a escolha certa, veio para o Deus e para a cidade natal de Noemi, se alimentou do pão espiritual verdadeiro, e viu o fruto de sua obediência, que foi Obede e seus descendentes. Jesus nasceu em Belém-Efrata. Ele é o pão da vida e quem come dEle tem a vida eterna; quem permanece nEle, é capaz de multiplicar esse 'pão', que é Sua palavra de vida (Jo 6: 1-14: A multiplicação dos pães e peixes).

12) *Em nós existe uma Rute e uma Noemi:* não há lugar para a amargura (Mara – Rt 1: 20) e para a frustração quando a bênção de Deus chega plena e completa sobre nossas vidas. Também o inverso é verdadeiro; não podemos ter uma bênção grande de Deus com amargura e frustração no coração. Por isso, o enfoque da história foi sobre Rute, pois através do seu crescimento e do seu testemunho Noemi foi restaurada e curada. É interessante perceber que dentro de nós podemos ter uma Rute e uma Noemi; Noemi, uma velha criatura (nossa carne) que foi privada de amor, alimento, compreensão, luz de Deus, de uma vida mais leve e que foi assolada, destituída, enviuvada, frustrada e que acabou por se amargurar. E podemos, também, ter uma nova criatura dentro de nós, uma Rute, o nosso espírito, que decidiu nascer de novo, fazer a vontade de Deus e ter força para recuperar o que foi perdido. É com o nosso espírito que Jesus faz aliança, e através dele, nossa carne, nossa Noemi, passa ser mudada e curada das feridas do passado.

Ana e Samuel – 14ª aula

Textos de referência: 1 Sm 1–3; 1 Sm 7–16; 1 Sm 25: 1

Resumo:

Um homem de Efraim chamado Elcana (hebr. *Elkaná, Deus consolou*) tinha duas mulheres: *Ana* (Hannâ, 'cheia de graça', 'favorecida'; Strong #2584) e *Penina* (deriva da palavra pəninā, que significa 'coral,' 'pérola', 'pedra preciosa'; Strong #6444. Está relacionada ao verbo PaNaH, que significa 'voltar, voltar-se, encarar, de face para, girar'). Penina tinha filhos; Ana, não. Elcana era de linhagem levítica dos Coatitas, mas não pertencia à linhagem de Anrão (1 Cr 6: 18; 27; 33-38), pois descendia do irmão deste: Isar. A bíblia escreve em 1 Sm 1: 1 a linhagem e a origem de Elcana com a genealogia Levítica descrita acima no livro de Crônicas. Elcana era filho de Jeroão, filho de Eliú, filho de Toú, filho de Zufe, efraimita. Em 1 Cr 6: 34-35, o nome Eliel pode se referir à mesma pessoa de 1 Sm 1: 1 (Eliú); Toú em 1 Sm 1: 1 pode ser a mesma pessoa que Toá (1 Cr 6: 34); Zufe (1 Sm 1: 1) é confirmado em 1 Cr 6: 35. Zufe, provavelmente, era um levita que habitava na terra de Efraim.

Elcana morava na região montanhosa de Efraim, na cidade de Ramataim-Zofim, conhecida também como Ramá, a cidade de Samuel (1 Sm 7: 17). Havia em Israel mais duas cidades chamadas Ramá: uma em Benjamim (Js 18: 25), outra em Naftali (Js 19: 36).

Quando Elcana, uma vez por ano, em Siló, oferecia seu sacrifício ao Senhor, dava porções deste a Penina, a Ana e a seus filhos. Porém, dava a Ana porção dobrada porque a amava. Ana era estéril e Penina a provocava até irritá-la; assim Ana chorava e não comia. Elcana procurava consolá-la, tentava suprir com seu amor a necessidade que Ana tinha de ter filhos. No templo em Siló, Ana orou ao Senhor e chorou abundantemente derramando perante Ele sua alma e fez um voto de que se Ele lhe desse um filho homem ela o consagraria a Deus como Nazireu por toda a sua vida. Ana se demorou na presença do Senhor e o sacerdote *Eli* (hebr. = *Meu Deus;* aramaico = *altura*) viu que ela movia os lábios, mas não saía deles som algum e achou que estava embriagada. Ana lhe contou sua aflição e ele a despediu em paz, abençoando-a e desejando que Deus lhe concedesse o que pedira.

Ana voltou sem tristeza para sua casa em Ramá. Ela concebeu e teve um filho a quem chamou Samuel, pois dizia: "Do Senhor o pedi". Provavelmente a sentença completa teria sido: "Pedi para ele um nome piedoso" (ref. O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995). *Samuel (Shemü'el)* significa: *'nome de Deus', 'nome piedoso, 'pedido de Deus', 'ouvido por Deus'.*

Um ano após ter orado no templo pedindo um filho, Ana não subiu junto com Elcana para oferecer seu sacrifício anual, mas disse ao marido que, quando o menino fosse desmamado, com mais ou menos dois anos de idade, ela o levaria para ser

apresentado ao Senhor e para lá ficar para sempre. Depois do desmame ela o levou a Eli, o sacerdote, e ali o deixou. Ana entoou um cântico de louvor e exaltação a Deus e voltou a Ramá.

Os filhos de Eli, Hofni *('pugilista' ou 'pertencente ao punho')* e Finéias *('negro')* eram homens pervertidos, indignos *("filhos de Belial" – Belial na bíblia pode se referir a um demônio, um anjo de hostilidade, ou simbolizar pessoas ímpias, pervertidas e sem valor)* e não se importavam com o Senhor. Não exerciam corretamente os ofícios sacerdotais e, assim, pervertiam também o povo.

Samuel ministrava perante o Senhor, sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho. De ano em ano, Ana lhe trazia uma túnica nova quando Elcana subia ao templo e Eli os abençoava. Deus também a abençoou e ela teve mais três filhos e duas filhas.

O jovem Samuel crescia em estatura e no favor do Senhor e dos homens.

Veio um homem de Deus a Eli e lhe disse da parte do Senhor que Ele não se agradava dele nem de seus filhos e todos os seus descendentes morreriam jovens. Disse ainda que Hofni e Finéias morreriam no mesmo dia (o que de fato aconteceu quando os filisteus roubaram a arca do Senhor – 1 Sm 4: 11) e que Ele levantaria no seu lugar um sacerdote fiel, que lhe obedeceria; assim, sua descendência seria abençoada.

A bíblia fala que naqueles dias a palavra de Deus era muito rara e as visões não eram freqüentes. Sendo Samuel ainda jovem, o Senhor o chamou. Ele não tinha ainda a revelação de Deus; a bíblia fala que Samuel ainda não conhecia a voz do Senhor. Por três vezes Ele o chamou, mas o menino pensou que era Eli quem o chamava; até que na quarta vez ele disse: "Fala, Senhor, porque teu servo ouve". Então, Deus lhe revelou o que iria acontecer a Israel num futuro próximo, principalmente, com Eli e sua casa. Samuel contou a este o que tinha ouvido, pois o sacerdote lhe pediu que dissesse tudo aquilo que o Senhor lhe tinha revelado. Samuel cresceu e suas palavras eram confiáveis, pois vinham da parte de Deus e todas se cumpriam. Todo o Israel o reconheceu como profeta do Senhor e Este continuou a aparecer a ele em Siló.

Quando a arca da Aliança foi roubada pelos filisteus (por volta de 1063 AC, quando Samuel iniciou seu ministério), os dois filhos de Eli morreram e Samuel assumiu o ofício de sacerdote, pois aquele também faleceu ao saber da notícia da morte dos filhos. De ano em ano, Samuel fazia uma volta, passando por Betel, Gilgal e Mispa; e julgava a Israel em todos esses lugares – 1 Sm 7: 16. Mispa estava situada entre Efraim e Benjamim. Betel ficava em Efraim, e Gilgal ficava em Manassés do Oeste, próximo a Efraim.

Anos mais tarde, Samuel como juiz das questões religiosas, conclamou o povo ao arrependimento e a se voltar ao Senhor.

Os filhos de Samuel (Joel, *'YHWH é Deus'*, e Abias, *'YHWH é Pai'*, 1 Sm 8: 1-5) não foram bons juízes do povo, pois se inclinaram à avareza, aceitaram subornos e perverteram o direito. Então, o povo pediu um rei que governasse sobre ele. Samuel não só oficiava como juiz sobre questões religiosas, mas também estava envolvido com os negócios do estado, por isso os israelitas lhe pediram que ungisse um rei sobre eles. Deus permitiu e Saul foi ungido rei de Israel. Entretanto, suas atitudes trouxeram grande tristeza a Samuel, pois por duas vezes Saul desobedeceu às ordens divinas. Então, o Senhor o instruiu a ungir um sucessor de Saul e o profeta foi enviado à casa de Jessé em Belém de Judá, onde ungiu Davi como futuro rei. Eles dois (Samuel e Davi) voltaram a se encontrar anos mais tarde, quando Davi fugia de Saul, antes de Davi ser ungido rei de Judá em Hebrom.

A partir daí Samuel, 'desaparece de cena' e a bíblia volta a falar sobre ele em 1 Sm 25: 1; 1 Cr 28: 3a, quando menciona sua morte e seu sepultamento em Ramá

(Ramataim-Zofim, em Efraim). Morreu antes de ver Davi subir ao trono da nação. Joel o levita, filho de Samuel, gerou Hemã, um dos cantores da tribo dos coatitas separados para o louvor no reinado de Davi (1 Cr 6: 33-38).

Aprendizados importantes com Ana e Samuel:

1) *Jesus nos dá porção dobrada:* Elcana é a figura de Jesus e, como amava Ana, dava-lhe porção dupla de alimento para compensá-la por sua aflição. Assim, somos escolhidos e amados do Senhor e Ele sempre tem para nós a porção dobrada das Suas bênçãos para nos consolar na nossa aflição e na nossa carência.
2) *Ceder às provocações do inimigo tira a nossa força e nos faz rejeitar a graça de Deus:* as provocações de Penina irritavam Ana e ela chorava e não comia. Ela rejeitava o consolo e o suprimento de Elcana porque dava atenção à sua rival; suas lágrimas embaçavam seus olhos e sua tristeza impedia de receber alimento e força para lutar. Da mesma forma, quando deixamos o adversário tirar nossa paz e nossa comunhão com Deus, não conseguimos usufruir o Seu melhor, pois nossa visão espiritual fica embaçada, da mesma forma que o choro nos tolda a visão física.
3) *Perseverar no pedido e derramar o coração perante Deus traz solução:* a bíblia fala que Ana se demorou na presença do Senhor, orando, o que chamou a atenção de Eli. Mesmo enfraquecida pelas provocações que ouvia, Ana derramou a amargura de sua alma diante do altar, se demorou ali, buscando a solução definitiva para seus problemas no trono de Deus. Por isso, voltou para casa justificada e satisfeita. A bíblia fala que seu semblante já não era triste. Nós devemos perseverar no nosso caminho, não abrindo mão dos nossos pedidos (sonhos), mesmo que tenhamos que chorar nossa aflição e nossa amargura diante do Senhor. O importante é crer que nEle está a solução para o que buscamos e Ele nos ouve.
4) *Quando Deus é o autor do milagre, a honra é totalmente Sua:* Deus foi o autor do milagre na vida de Ana, portanto, ela Lhe deu 'as primícias' da sua bênção, que foi Samuel. Este foi consagrado ao Senhor como Nazireu por toda a vida. Podemos ver uma semelhança com mais duas situações onde o filho teve consagração de Nazireado vitalício: Sansão, cuja mãe foi resgatada da esterilidade, e João Batista, pois Isabel também era estéril. Nas três situações de impossibilidade humana (esterilidade), Deus fez o milagre e Lhe foi tributada a honra por isso; os filhos representaram as ofertas de primícias que Lhe foram dadas.
5) *Deus consola aqueles que o buscam e honram:* o Senhor conhecia o coração de Elcana e Ana e, como foi honrado por eles no seu voto, Ele os consolou dando-lhes aquilo que mais desejavam. Quando nós O colocamos em primeiro lugar em nossa vida, Ele nos consola, manifestando a Sua promessa.
6) *Quando fazemos um voto devemos cumpri-lo e as primícias para Deus nos garantem novos frutos:* o voto de Ana foi totalmente cumprido, por isso o Senhor a abençoou muito mais. Ela não só cumpriu o voto em si, mas Lhe deu o que primeiro frutificou em sua vida, por isso foi abençoada com novos filhos e filhas. Sua fidelidade não só gerou bênçãos para si, mas para a sua descendência, pois por seu intermédio Samuel foi também abençoado. Nossa fidelidade a Deus é preciosa e uma porta para que Sua abundância esteja sobre nós e não cesse mais.
7) *Quando servimos ao Senhor de coração nossa unção vai aumentando:* Samuel servia ao Senhor no templo e a cada ano Ana Lhe trazia uma túnica nova; isso significa que, a cada ano, Deus acrescentava ao Seu escolhido mais unção, mais

conhecimento dEle e mais intimidade com Ele. Se formos constantes na nossa busca e no nosso crescimento espiritual, Deus nos honra aumentando a cada dia a unção do Seu Espírito, pois através dEle, poderemos ter mais conhecimento da verdade. Assim, Ele nos capacita com poder para realizarmos o Seu propósito aqui na terra.

8) *Falta de compromisso gera conseqüências sérias:* a falta de temor e de compromisso com suas funções sacerdotais fizeram com que Hofni e Finéias morressem e sua descendência sofresse a maldição decretada pelo Senhor. Eli também foi punido por não ter repreendido adequadamente os filhos e não tê-los corrigido pelo seu pecado.
9) *É necessário um encontro particular com Deus para conhecê-lO de verdade:* Samuel era jovem e ministrava no Tabernáculo junto com Eli, mas ainda não tinha experimentado um encontro pessoal com Deus, por isso não conhecia Sua voz e não entendia muitas coisas, porém, quando o Senhor lhe falou à noite e ele abriu sua mente para ouvi-lO, aí sim, lhe foi revelado Seu propósito como profeta e sacerdote de Israel. Não basta andarmos na revelação nem nas experiências dos outros. É necessário termos nossa própria revelação para sabermos, com exatidão, o que Ele quer de nós.
10) *Deus sempre confirma Sua palavra:* o Senhor falou duas vezes com Eli, usando pessoas diferentes para adverti-lo quanto à conduta errada de sua casa perante Ele. Usou em primeiro lugar outro profeta, e depois, o próprio Samuel. Quando Deus tem alguma mensagem importante para nos dar, vai falar a mesma coisa através de pessoas diferentes até que tenhamos entendido Seu recado.
11) *A responsabilidade é pessoal, ou seja, o livre-arbítrio é individual:* podemos ver referência sobre isso em Ez 18: 20; Dt 24: 16; 2 Cr 25: 4b; Jr 31: 30. Os pais não são responsáveis pelas escolhas pessoais dos filhos, nem os filhos pelas dos pais. Cada um receberá de Deus a justiça ou a punição de acordo com suas próprias escolhas. Samuel seguiu os caminhos piedosos de Elcana e Ana, por isso foi abençoado pelo Senhor e pôde viver debaixo de Sua *graça* (significado do nome *Ana*) e do Seu *consolo* (significado de *Elcana*). Entretanto, os filhos de Samuel não optaram pela mesma piedade e fidelidade a Deus, por isso foram rejeitados e desmoralizados como juízes de Israel. Desprezaram a herança que lhes tinha sido dada: ter Deus como Pai *(Abias = YHWH é Pai)* e Senhor *(Joel = YHWH é Deus),* para seguir às inclinações da carne. Da mesma forma, os filhos de Eli foram negligentes para com Deus e se inclinaram para o mal, para a força da carne *(Hofni = pugilista ou pertencente ao punho; Finéias = negro)* e experimentaram a morte gerada pelo seu pecado. Não precisamos andar nos caminhos errados dos nossos pais, mas procurar seguir sempre a fidelidade e a obediência à Palavra; assim, seremos abençoados.

Rei Davi – 15ª aula

Textos de referência: 1 Sm 8–1 Rs 2; 1 Cr 2–29

Reinado de Saul: 1050–1010 AC
Reinado de Davi: 1010–970 AC

Resumo:

Quando Samuel estava velho e constituiu seus filhos juízes sobre Israel, o povo viu que o procedimento deles não era digno, portanto, pediu um rei que os governasse. Samuel orou a Deus e Ele concedeu o desejo do povo, orientando-o a ungir Saul *(shã'ül, pedido, suplicado, desejado, implorado),* benjamita, filho de Quis *(qïsh, arco, poder)*. Saul tinha um porte majestoso e a aparência de um rei. Naquele momento, Saul estava em busca das jumentas do pai que tinham se extraviado. Ele e seus servos chegaram à terra de Zufe, onde Samuel estava com o povo para oferecer sacrifícios no alto (nos lugares altos como, por exemplo, os montes). Convidou Saul para jantar com eles e lhe deu uma porção especial; no dia seguinte o ungiu (1 Sm 10: 1) secretamente como rei sobre Israel. Comunicou a ele que não se preocupasse mais com as jumentas do pai, pois tinham sido achadas. Depois, em Mispa, (1 Sm 10: 17-25) Saul foi ungido publicamente, num episódio singular onde, por meio de sortes, o povo ficou sabendo da escolha de Deus sobre seu rei que, porém, foi achado escondido no meio da bagagem. Saul confirmou sua eleição como rei vencendo Naás, rei dos amonitas em Jabes-Gileade. Naás fizera um acordo de paz bem cruel com os israelitas, prometendo vazar o olho direito dos cidadãos que, por sua vez, pediram auxílio a Saul. Ele venceu os inimigos e ficou confirmado como rei sobre eles. Uma cerimônia religiosa em Gilgal confirmou sua nomeação como monarca (1 Sm 11: 14-15).

Durante os anos que se seguiram à sua nomeação, Saul agiu como um guerreiro destruindo os inimigos de Israel, mas na batalha contra os filisteus, vendo que Samuel demorava a chegar e o povo começava a desistir de lutar, ofereceu sacrifício sacerdotal em Gilgal sem ser sacerdote, ou seja, tomou para si os ofícios de sacerdote sem sê-lo. Quando Samuel chegou, repreendeu-o severamente (1 Sm 13: 8-14) e lhe falou que tinha sido rejeitado por Deus como rei. Saul soube que, na mente do Senhor, já havia um homem segundo o Seu coração para substituí-lo. Jônatas, filho de Saul, iniciou o ataque contra o acampamento dos filisteus, e assim os israelitas puderam derrotá-los. Durante seu reinado houve forte guerra contra os filisteus. Deus, novamente, enviou Samuel ao rei lhe comunicando que entregaria Amaleque em suas mãos (1 Sm 15: 1-35), mas que tanto o rei como toda a nação amalequita deveriam ser destruídos; nada deveria ficar deles, pois o Senhor já os tinha amaldiçoado. Saul desobedeceu às ordens de Deus e poupou seu rei, Agague, e parte do gado. Foi novamente repreendido por Samuel, que lhe disse que a obediência era melhor para Deus do que sacrifícios e

holocaustos e que, por causa dessa segunda desobediência às orientações divinas, Ele o destituiria do seu cargo, dando-o a outro. Assim, Samuel cortou suas relações com Saul, pois o Senhor o rejeitara.

O profeta foi instruído por Ele a ir a Belém para ungir um filho de Jessé, pois ali seria escolhido o sucessor de Saul. Samuel chegou a Belém e os habitantes se perturbaram com tão ilustre visita. Ele lhes disse que tinha vindo para sacrificar ao Senhor. Chegou à casa de Jessé e, depois de ter passado por ele seus sete filhos sem, entretanto, nenhum deles ser escolhido por Deus, ele chamou o último que estava pastoreando suas ovelhas. Seu nome era Davi (*Dãwidh ou Dãwïdh* tem raiz e significados duvidosos; talvez como *Dawïdum*, *chefe*, do babilônico antigo. A raiz hebraica 'dod' ou 'dud' significa *'amor'*). O significado mais conhecido por todos ("O amado de Deus"), possivelmente é uma descrição do papel de Davi como escolhido do Senhor para líder do Seu povo (como Seu amado, que fez toda a Sua vontade), ao invés do significado propriamente dito do seu nome. Em 1 Sam. 16: 12-13 está escrito: "Então, mandou chamá-lo e fê-lo entrar. Ele era ruivo, de belos olhos e boa aparência. Disse o Senhor: Levanta-te e unge-o, pois este é ele. Tomou Samuel o chifre do azeite, e o ungiu no meio dos seus irmãos; e daquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apossou de Davi. Então, Samuel se levantou e foi para Ramá". 'Ruivo' (em hebraico, admoni, אדמוני, ruivo, avermelhado) não significava exatamente a cor dos seus cabelos. Em hebraico, significa: 'avermelhado', 'corado' (sadio). Talvez, isso possa se referir à destreza física dele ou que era um guerreiro. No AT, apenas Davi e Esaú receberam essa qualificação ('ruivo'). Isso significa que era corajoso, acreditava no bem, na justiça de Deus sobre sua vida e era sincero, transparente e de coração puro. Em hebraico, a locução 'se apoderou' ou 'se apossou' significa 'apressou-se sobre', ou seja, o Espírito de Deus veio rapidamente sobre ele. Então disse o Senhor: "Levanta-te e unge-o, pois este é ele". Samuel tomou do chifre de azeite e o ungiu perante seus irmãos e voltou para Ramá.

Tendo-se retirado de Saul o Espírito do Senhor, da parte dEle um espírito maligno o atormentava. Seus servos lhe sugeriram que se buscasse um homem que soubesse tocar harpa para que, ao tocá-la, o espírito imundo saísse da presença do rei. Então, um dos servos, conhecendo Davi e sabendo que louvava ao Senhor com toda a sua alma, sugeriu que o trouxessem a Saul. Davi 'esteve perante o rei' (ARA; NVI: 'passou a trabalhar para ele'. A tradução original sugere que *"estar perante"* não significava permanecer eternamente ali, mas *"estar a serviço de alguém"*) e, sempre que era chamado, tocava para ele para acalmá-lo. Os filisteus não desistiam de guerrear contra Israel e, um dia, saiu do seu arraial um guerreiro que, por quarenta dias, pela manhã e à tarde, gritava para o exército de Saul, desafiando Israel. Em 1 Sm 17: 4-10; 16 está escrito: "Então, saiu do arraial dos filisteus um homem guerreiro, cujo nome era Golias, de Gate, da altura de seis côvados (1 côvado = 45 cm) e um palmo (20 cm). Trazia na cabeça um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas cujo peso era de cinco mil siclos de bronze (1 siclo = 11, 5 gramas). Trazia caneleiras de bronze nas pernas e um dardo de bronze entre os ombros. A haste de sua lança era como o eixo do tecelão [NVI, "era como uma lançadeira de tecelão"], e a ponta da sua lança, de seiscentos siclos de ferro; e diante dele ia o escudeiro. Parou, clamou às tropas de Israel e disse-lhes: Para que saís, formando-vos em linha de batalha? Não sou eu filisteu, e vós, servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça contra mim. Se ele puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer e o ferir, então, sereis nossos servos e nos servireis. Disse mais o filisteu: Hoje, afronto as tropas de Israel. Dai-me um homem, para que ambos pelejemos... Chegava-se, pois o filisteu pela manhã e à tarde; e apresentou-se por quarenta dias".

Assim, Golias tinha a altura de dois metros e noventa centímetros, sua lança pesava sete quilos e duzentos gramas, e sua armadura, cerca de sessenta quilos. Olhando pelos olhos humanos, portanto, era impossível que um garoto o vencesse, mas Davi aceitou o desafio, sabendo que o prêmio para quem o derrotasse seria a mão da filha do rei por esposa e a isenção de impostos para toda a casa de seu pai. Chegou-se a Saul e se apresentou como guerreiro para lutar contra o filisteu. Saul viu diante de si apenas um menino que não tinha, aparentemente, condições de lutar contra um soldado experimentado como Golias e lhe ofereceu sua armadura. Em 1 Sm 17: 39-40; 50 nós podemos ler: "Davi cingiu a espada sobre a armadura e experimentou andar, pois jamais a havia usado; então, disse Davi a Saul: não posso andar com isto, pois nunca o usei. E Davi tirou aquilo de sobre si. Tomou o seu cajado na mão, e escolheu para si cinco pedras lisas do ribeiro, e as pôs no seu alforje de pastor, que trazia, a saber, no surrão; e, lançando mão da sua funda, foi-se chegando ao filisteu... assim, prevaleceu Davi contra o filisteu, com uma funda e com uma pedra, e o feriu, e o matou; porém não havia espada na mão de Davi". Davi tomou a espada do gigante e com ela lhe cortou a cabeça, levando-a a Saul. Davi foi de encontro a Golias com a simplicidade e a fé da entrega a Deus, não com a armadura de Saul nem com espada. Também foi com a autoridade (cajado) e a reverência a Ele, pois se incomodou com a afronta do gigante ao povo do Senhor. Assim, vencendo o inimigo da nação, foi nomeado escudeiro de Saul. Ele se transformou num herói nacional. Quando Israel voltava da vitória sobre os filisteus, pois depois de derrotado o gigante os israelitas perseguiram os inimigos e os venceram, as mulheres cantaram e engrandeceram os atos heróicos de Davi, o que gerou ciúmes no coração de Saul. Em contrapartida, Jônatas *(y^{e}hônãthân ou yônãthân, YHWH nos deu, dádiva de Deus, YHWH tem dado),* filho de Saul, amou Davi assim que o viu e fizeram uma aliança. Passaram a ser bons amigos.

Todas as vezes que o espírito maligno se apossava de Saul, Davi tocava sua harpa e o espírito se retirava. Numa dessas crises de raiva, Saul tentou encravar Davi na parede com uma lança e este se desviou dele por duas vezes (1 Sm 18: 11). Saul não via Davi com bons olhos, pois o ciúme e a inveja tinham se apossado dele. Então, planejou uma nova maneira de matá-lo. Como tinha prometido a mão de sua filha àquele que vencesse o gigante, pediu como dote cem prepúcios dos filisteus; dessa forma, se Davi morresse pelas mãos do inimigo, Saul não seria responsável direto (1 Sm 18: 21). A primeira filha de Saul se chamava Merabe, mas acabou se casando com outro, e Mical foi dada a Davi (1 Sm 18: 17; 21; 25). Entretanto, Davi saiu vitorioso e trouxe a Saul duzentos prepúcios dos filisteus, o dobro do que tinha pedido (1 Sm 18: 27). As vitórias de Davi começaram a engrandecê-lo perante o povo e, novamente, houve batalha contra os filisteus. Eles foram derrotados pelo ungido do Senhor mais uma vez e, à noite, quando o espírito maligno se apossou de Saul estando Davi tangendo sua harpa para acalmá-lo, o rei tentou encravá-lo na parede com sua lança. Davi fugiu para sua casa e quando Saul enviou guardas para prendê-lo, já não o encontraram lá porque Mical *(mïkhal = quem é como Deus),* segunda filha de Saul e esposa de Davi, o havia ajudado a escapar do pai. Mais tarde, Saul deu Mical para Palti (Paltiel) como esposa (1 Sm 25: 44): "porque Saul tinha dado sua filha Mical, mulher de Davi, a Palti, filho de Laís, o qual era de Galim". Quando Davi se tornou rei, ele a mandou buscar de volta para ele (2 Sm 3: 14-16): "Também enviou Davi mensageiros a Is-Bosete filho de Saul, dizendo: Dá-me de volta minha mulher Mical, que eu desposei por cem prepúcios de filisteus. Então, Is-Bosete mandou tirá-la a seu marido, a Paltiel, filho de Laís. Seu marido a acompanhou, caminhando e chorando após ela, até Baurim. Disse Abner: Vai-te, volta. E ele voltou".

A partir daí, Davi tornou-se um fugitivo. O primeiro lugar onde se refugiou foi com Samuel, na casa dos profetas, na província de Ramá (1 Sm 19: 18- 24). Saul enviou três

delegações para poder resgatar Davi das mãos do homem de Deus, mas as três foram tomadas pelo espírito de profecia. Quando ele, em pessoa, também foi até lá, começou a profetizar como os outros.

Davi pediu ajuda a Jônatas e, depois, fugiu para Nobe, para o sacerdote Aimeleque. Estava com fome e conseguiu do sacerdote que comesse os pães da proposição que estava no Lugar Santo, onde só os levitas poderiam entrar. Tomou a espada de Golias que estava com Aimeleque e tornou a fugir. Quando Saul soube, matou o sacerdote e seus filhos. O único deles a escapar foi Abiatar, que mais tarde veio a ser sacerdote de Davi (1 Sm 22: 20-23; 2 Sm 8: 17; 2 Sm 20: 25; 1 Cr 18: 16).

Procurando um lugar seguro, longe de Saul, Davi se refugiou na terra dos filisteus, pois sabia que seria o último lugar que Saul iria procurá-lo. Fez-se de louco para que o rei Aquis não o matasse e, expulso dali pelo próprio rei, dirigiu-se para a caverna de Adulão. Ali já havia quatrocentos homens com ele e a sua própria família. Podemos ver que a princípio era uma coleção heterogênea de fugitivos; posteriormente, uma força armada que atacava invasores estrangeiros, protegia as colheitas e rebanhos das comunidades israelitas das fronteiras e que vivia da generosidade das mesmas. O Senhor estava treinando Davi para ser rei, não só capacitando-o na guerra, mas trabalhando interiormente a alma dele. Não ficou muito tempo ali; passou a se refugiar no bosque de Herete, depois em Queila, no deserto de Zife, em Horesa, passando a En-Gedi, depois ao deserto de Parã (ou Maom, o que é o mais correto, e ficava nas terras altas da tribo de Judá – Js 15: 55; 1 Cr 4: 41; 1 Sm 23: 24. No texto Massorético foi escrito erroneamente 'deserto de Parã', pois Parã (Hc 3: 3) é um deserto situado na região centro-oriental da península do Sinai, a nordeste do Monte Sinai e a sudoeste de Cades, com a Arabá e o Golfo de Aqaba em sua fronteira oriental), até que se refugiou na terra dos filisteus, Gate (aqui já tinha seiscentos homens consigo: 1 Sm 23: 13; 1 Sm 27: 2). *En-Gedi ('en-gedhï, 'fonte da cabra')* é uma fonte de água fresca a oeste do Mar Morto, na terra de Judá. A fertilidade dessa área, em meio a uma região tão estéril, tornava-a local ideal para os fora-da-lei, para encontrar alimento e como lugar de esconderijo, por isso Davi foi para lá (1 Sm 23: 29; 1 Sm 24: 1-3). Seu antigo nome era Hazazom-Tamar, *'fendas das palmeiras'* (Gn 14: 7; 2 Cr 20: 2), porque era banhada por uma quente e constante corrente, e foi outrora célebre pelas suas palmeiras e vinhas (Ct 1: 14).

Este é um resumo da rota de fuga de Davi, que durou anos até Saul morrer e ele pudesse substituí-lo no trono de Israel. Voltando à atividade que Davi realizava para o seu povo, protegendo-o dos inimigos, houve um episódio relatado em 1 Sm 25: 2-44, quando se deparou com um rico criador de ovelhas, chamado Nabal *(louco, desvairado)*, no deserto de Maom. Este se recusou a reconhecer sua dívida de gratidão para como ungido de Deus. A esposa de Nabal, Abigail, interveio a favor de Davi; o Senhor matou seu louco marido e ela passou a ser mulher de Davi.

Logo após ter deixado Adulão, Davi livrou a Queila, entretanto, seus habitantes o traíram denunciando-o a Saul. Foi quando Davi se mudou para o deserto de Zife. Ali, os zifitas revelaram ao rei seu esconderijo (1 Sm 23: 19-29) e Saul foi ao seu encontro, apenas se livrando, de última hora, quando o rei ficou sabendo de outro ataque dos filisteus, tendo que deixar sua perseguição para depois. Num prazo de alguns anos que se seguiram, Davi poupou por duas vezes a vida de Saul, na primeira, chegando a cortar a orla da túnica do rei (1 Sm 24: 4) e na segunda, removendo a lança e a bilha de água no acampamento daquele (1 Sm 26: 11). Houve um período de tempo entre os dois episódios, nos mostrando diferentes traços na personalidade de Davi. No primeiro, ele foi respeitoso; no segundo, desafiador, pois já estava cansado das perseguições insanas de Saul.

Davi voltou a se refugiar na terra dos filisteus, na corte de Aquis, em Gate. Este o permitiu residir em Ziclague (1 Sm 27: 1-12). Mesmo servindo a um filisteu, Davi ainda ajudava os israelitas atacando os que os hostilizavam. Obteve a confiança de Aquis, mas não dos seus comandantes. Quando eles planejaram um grande ataque contra Israel, objetaram quanto à presença de Davi nas suas fileiras, pois temiam que, de última hora, ele se bandeasse para o lado de Saul (1 Sm 29: 1-11). Então, ele retornou a Ziclague, que havia sido pilhada pelos amalequitas. Atacou o inimigo e retomou tudo o que era seu e destruiu os assaltantes. Foi quando teve notícia da morte de Saul e Jônatas pelos filisteus no Monte Gilboa. Por orientação de Deus, voltou a Judá, a Hebrom, e ali sua tribo o ungiu rei sobre Judá, onde reinou por sete anos e meio. Nos dois primeiros anos do seu reinado em Hebrom, houve guerra civil quando Abner, comandante do exército de Saul, ungiu o filho do rei, *Isbosete ('Homem da vergonha' ou 'Homem de Baal'; também chamado Esbaal – 'fogo de Baal' – ou Isvi – 'igual'),* como rei em *Maanaim* (2 Sm 2: 8). Joabe, comandante militar de Davi, assassinou Abner por ter matado seu irmão Asael em combate. Isbosete morreu nas mãos de dois homens de Israel, que foram executados por Davi.

Depois dessa vitória, foi ungido rei sobre as doze tribos em Hebrom. Davi começou a reinar com 30 anos de idade e reinou sete anos em Hebrom (2 Sm 5: 4-5; 1 Cr 29: 27-28). Depois, transferiu sua capital para Jerusalém (Jebus), tomando-a das mãos dos jebuseus. Ali, reinou por trinta e três anos (2 Sm 5: 6-10; 1 Cr 11: 1-9). Deu início a um programa de reconstrução do reino, auxiliado por Hirão, rei de Tiro (2 Sm 5: 10-12). Davi prosseguiu em suas campanhas militares de conquista da terra de Israel e teve vitórias sobre muitos povos (cananeus, moabitas, amonitas, arameus e siros, amalequitas e edomitas) expandindo, assim, o reino.

Ele se preocupou também com a restauração da vida religiosa. Ordenou que a arca da Aliança fosse trazida da casa de Abinadabe, em Quiriate-Jearim, onde estava há mais ou menos vinte anos, desde os tempos de Samuel (1 Sm 7: 1) para Jerusalém (2 Sm 6: 1-11). Entretanto, procurou trazê-la da maneira errada, sobre um carro de bois e, quando alguém tocou nela tentando impedir que caísse ao chão, o Senhor interveio e matou o homem *(Uzá)*. Davi ficou com medo da ira do Senhor e deixou a arca por três meses na casa de Obede-Edom, o geteu, tornando a buscá-la, trazendo-a para Jerusalém. Desta vez, ele o fez da maneira correta, carregada pelos levitas, e teve sucesso (2 Sm 6: 12-23), mas, ao chegar dançando à sua cidade, Mical o desprezou por achar que sua atitude não era digna de um rei. Davi, por sua vez, a repreendeu e continuou seu plano de governo, pensando na edificação de um templo onde a arca da Aliança pudesse ficar no meio do seu povo. Todavia, Natã, o profeta, lhe disse que isso estaria reservado para o seu filho (2 Sm 7: 1-29).

Davi também honrou seu pacto com Jônatas procurando Mefibosete *('vergonha destruidora'; 'beseth' ou 'besheth' significa 'vergonha'. Outra tradução para 'Mefibosete' é 'Aquele que tirou minha vergonha'),* seu único filho sobrevivente e lhe restaurou as propriedades da família, tratando-o como um dos seus filhos (2 Sm 9: 1-13). Por este tempo, as lutas no reino já tinham diminuído e Davi já não ia à batalha com seu exército. Num desses dias, viu pela janela do seu palácio uma mulher chamada Bate-Seba, esposa de um dos seus fiéis oficiais, Urias, o heteu, e se agradou dela. Trouxe-a para o palácio e teve relações com ela. Como Joabe, seu comandante, estava realizando o cerco sobre Rabá e Urias estava também participando da luta, Davi viu que havia um único meio de ficar com Bate-Seba: colocar Urias na frente de batalha para que fosse morto. Conseguiu seu intento e se casou com Bate-Seba; também foi vitorioso sobre Rabá e seus cidadãos amonitas acabaram sendo sujeitos a trabalhos forçados. Natã, o profeta, repreendeu Davi pelo seu pecado e lhe disse que Deus o perdoava, mas

mataria o filho dessa união pecaminosa; além disso, da parte de Deus, lhe foi feita uma profecia que, por causa daquele ato infame, a espada não se apartaria de sua casa (2 Sm 12: 7-12, com enfoque no v. 10). Realmente, o filho morreu e o pecado de Davi veio a gerar desordens familiares que se estenderam às futuras gerações: Amnom, seu filho, cometeu pecado de incesto com Tamar, sua meia-irmã, também filha de Davi; e o outro filho, Absalão, para compensar o primeiro crime, cometeu mais um que foi matar Amnom. Depois disso, fugiu e não pôde comparecer à presença de Davi por muito tempo, até que foi readmitido na corte. Entretanto, a semente da revolta e da rebeldia existia no seu coração e se rebelou contra o próprio pai para tirar dele o reino. Com a revolta de Absalão, Davi fugiu; Joabe matou Absalão e o reino foi restituído a Davi. Nesse processo todo, Aitofel, um dos conselheiros de confiança do rei se voltou para Absalão, mas ciente da sua traição, cometeu suicídio. Outro conselheiro, Husai, permaneceu fiel a Davi. Mais uma conseqüência daquele pecado foi a disputa entre Adonias e Salomão pelo trono. Com a maldição se estendendo por várias gerações, a casa de Judá foi quase exterminada no reinado de Atalia, sendo preservado um único neto dela: Joás.

Depois de pouco tempo da revolta de Absalão, o rei teve que abafar outra revolta no reino, dessa vez por parte de Seba, benjamita, mas que foi decapitado por alguns dos seus próprios seguidores (2 Sm 20: 1-26).

Um dos últimos atos no reinado de Davi foi o levantamento do censo por ele decretado para saber sobre sua força militar. Ficou sabendo que tinha com ele oitocentos mil homens no seu exército, mas o Senhor não se agradou dessa atitude e lhe apresentou três alternativas como punição: três anos de fome, três meses de derrota pelos seus inimigos ou três dias de peste na terra; Davi se entregou à escolha de Deus (1 Cr 21: 11-13). A peste foi enviada por três dias sobre o povo e Davi, se arrependendo, pediu perdão ao Senhor e levantou um altar na eira de *Araúna (Ornã),* no mesmo lugar onde Abraão tinha oferecido Isaque em sacrifício (Moriá). Ali, mais tarde, foi construído o templo por Salomão (2 Cr 3: 1), que foi o primeiro filho de Bate-Seba, depois que o 'filho do pecado' morreu e Davi a consolou.

No final de seus dias, estando já velho, teve que se envolver na luta entre Salomão e Adonias pela sucessão do trono. Isso ainda era o legado do derramamento de sangue dentro do seio da própria família, predito por Natã.

Davi morreu e Salomão reinou em seu lugar. Adonias, seu outro filho, foi morto no início do reinado de Salomão por Benaia, chefe da guarda pessoal de Davi.

Aprendizados importantes com Davi:

1) *Diferença entre dom e herança:* seria outra maneira de dizer que existe diferença entre carne e espírito, entre buscar a bênção e buscar o *abençoador*. Aqui, vemos o perfil psicológico e espiritual de três homens: Saul, Davi e Absalão. Deus deu dons espirituais a Saul, mas como ele não era segundo o coração de Deus, não pôde ter a herança divina, ou seja, conhecer o Senhor e ter tudo o que Ele tinha para lhe dar. Não teve a aprovação de Deus sobre sua vida até o fim. Saul lutava na carne, vivia na carne e, apesar do derramar do Espírito Santo capacitando-o para reinar, ele não cresceu espiritualmente porque não se entregou ao Senhor como fez Davi. Tinha pouco contato com Deus. Houve uma grande diferença na escolha divina com Saul e Davi. Saul foi como que ungido de última hora para satisfazer aos rogos do povo, por isso não teve tempo de ser treinado pelo Senhor. Não tinha mentalidade para ser

rei: escondeu-se no meio da bagagem para não ser achado nem assumir a responsabilidade de rei. Como todos os que andam na carne, Saul andava atrás de coisas velhas, empacadas, não passíveis de mudança (jumentas); apenas sabia ser guerreiro, obedecendo aos seus instintos, não às ordens de Deus (não esperou por Samuel, ofereceu sacrifício sem ser sacerdote e não destruiu completamente os amalequitas como o Senhor havia determinado). Não controlava as emoções e era capaz de matar alguém, como no caso de Davi, simplesmente, porque não o agradava ou porque sentia ciúmes ou inveja do seu sucesso, como muitas pessoas, hoje, buscam apenas as bênçãos, mas não o *abençoador* (Jesus). Davi tinha o dom e a herança porque era segundo o coração de Deus. Apesar de ser homem falho e, muitas vezes, até tomado pelas suas emoções e pelos desejos da carne, sempre se arrependia e se voltava para Ele porque O temia e reconhecia Sua soberania sobre sua vida. Sabia respeitar Seus ungidos e esperava pela justiça e pela Sua resposta no tempo certo. Sabia que Deus o colocaria no lugar que tinha reservado para ele, sem ter que usar de astúcia ou força para conquistá-lo. Absalão era o terceiro tipo: não tinha nem o dom nem a herança porque não tinha sido escolhido por Deus; resolveu escolher a si mesmo e caiu. Não sustentou o poder sem a aprovação do Senhor. Não tinha intimidade alguma com Ele.

2) *Obedecer é melhor que sacrificar (1 Sm 15: 22-23):* foi o que Samuel disse a Saul quando pecou contra as ordens do Senhor. Deus não se agrada de desobediência, nem de idolatria, nem de religiosidade, nem de teimosia. Saul cometeu os quatro erros e foi desqualificado por Ele. A única coisa que Deus pede de nós, ainda hoje, é a rendição à Sua vontade e o amor a Ele.
3) *O homem vê o exterior, o Senhor, porém, o coração (1 Sm 16: 7):* em hebraico, a palavra *coração* (lebab), neste texto, significa: *coragem;* isso quer dizer que o homem vê as coisas externas, as aparências, mas Deus vê o interior do homem, não só os seus sonhos, intenções e desejos, como também sua coragem de lutar pelas Suas coisas e pelos Seus projetos. Davi tinha o coração limpo e transparente; além disso, tinha coragem para lutar por aquilo que acreditava e Deus o honrou. Ele quer ver algo em nosso coração que Lhe agrade, não as máscaras, mas a essência do nosso ser.
4) *Vencer os gigantes da alma na força de Deus:* Davi foi contra Golias na força de Deus, na sua fé nEle, não na força humana, tanto é que recusou a armadura de Saul; era pesada demais para ele. Podemos escrever esse pensamento em outras palavras: *braço da carne x braço de Deus, guerrear na carne x guerrear no espírito, violência do inimigo x sabedoria de Deus*. Golias era a expressão da força bruta, da força carnal que leva em conta seus próprios dotes, se necessário, usando até da violência. Davi usava a força espiritual, a força de Deus, o poder da Sua palavra lhe garantindo a vitória, pois ele não conhecia o Senhor superficialmente, de maneira religiosa como os outros; ele O conhecia de maneira mais profunda, tinha intimidade com Ele; tinha-O conhecido nas madrugadas no deserto da Judéia onde apascentava as ovelhas de seu pai, onde no silêncio da noite e olhando a amplitude do céu, podia ouvir Sua voz e sentir Seu coração. Davi tinha experimentado a força do Senhor quando lutava com ursos e leões para defender suas ovelhas. Deus o protegia e o inspirava. Hoje, nós podemos ter ainda muito mais do que ele tinha, pois temos o Espírito Santo conosco todos os dias nos ensinando a lutar contra os nossos inimigos invisíveis e nos livrando, através da Sua sabedoria, dos nossos inimigos físicos. Hoje, temos conosco as armas da cruz.
5) *Louvor, arma poderosa contra o adversário:* quando Davi tocava sua harpa o espírito maligno se retirava de Saul, pois seu louvor trazia o poder de Deus. Ainda

hoje, podemos experimentar grandes vitórias no louvor; quando entoamos de coração nosso cântico ao Senhor, Ele luta as nossas batalhas e vence o inimigo por nós. Ungidos com o poder do Seu Espírito (e o louvor é uma maneira de fortalecê-lo em nós e nos revestir da Sua presença – 2 Rs 3: 15) nós expulsamos os demônios, *em nome de Jesus* (Mc 16: 17).

6) *Amizade entre Davi e Jônatas:* essa amizade expressa o amor incondicional que gera um compromisso duradouro. Tanto um como outro participaram da bênção decorrente dessa união. Jônatas é a figura de Jesus, enquanto Davi é a figura da Igreja. Em relação a Jônatas, sua lealdade à verdade e à amizade, assim como seu caráter pacificador (mesmo o colocando em uma escolha difícil, pois teve que optar entre Davi e o pai), fizeram com que Davi ocupasse o trono, como era da vontade de Deus. Davi, por sua vez, se beneficiou da amizade com Jônatas e honrou essa amizade até o fim, levando a sério sua promessa de proteger e poupar toda a casa de Saul. Por amor a Jônatas, Davi restituiu a Mefibosete suas propriedades e o tratou como um filho. Também usou de misericórdia para Isbosete, filho de Saul, que Abner tinha colocado como rei sobre Israel, e não pretendia matá-lo para ficar com o trono, mas colocou tudo nas mãos do Senhor. Quando Isbosete foi morto, Davi executou seus assassinos, pois não se agradara de sua morte, como não tinha se agradado das mortes de Saul e Jônatas, mesmo sabendo serem seus competidores ao trono. Saul tinha feito tudo errado em relação a ele, mas Davi o pranteou quando ele morreu. Hoje, nós temos a amizade com Jesus que nos protege das acusações e dos ataques do diabo e nos garante Sua proteção e Sua companhia até o final das nossas vidas. Da mesma forma, Ele espera que honremos essa lealdade e essa amizade para podermos estar sempre em Sua presença e sermos vencedores.
7) *Romper com a religiosidade para comer o melhor de Deus:* quando estava fugindo de Saul, Davi quebrou as regras religiosas ao entrar na casa do sacerdote Aimeleque e comer os pães da proposição (ou pães da presença) que estavam reservados apenas para os sacerdotes. *Pão* fala de *comunhão*, de *intimidade com o Senhor*, de *revelação*, do *corpo de Cristo*; portanto, se quisermos comer do melhor de Deus e termos intimidade com Ele, temos, muitas vezes, que romper com a religiosidade, com as regras, para entrarmos livremente em Sua presença e Lhe pedirmos o que necessitamos. Trata-se de uma busca pessoal, ouvindo a voz do Espírito Santo em nosso coração e seguindo Suas orientações, mesmo que possam parecer diferentes para todas as outras pessoas.
8) *O exemplo do líder muda a vida e a conduta dos seus liderados:* podemos ver isso quando Davi estava em Adulão (1 Sm 22: 2), onde tinha consigo quatrocentos homens difíceis de lidar (a bíblia fala que se juntaram a ele os que estavam em aperto, os endividados e os amargurados de espírito) e, não se importando com isso, se tornou exemplo para eles, inclusive aumentando o seu número para seiscentos homens (1 Sm 27: 2). Em 2 Sm 8: 15-18 e 1 Cr 11: 10-47, a bíblia fala dos oficiais de Davi e depois dos seus valentes. Isso quer dizer que o exemplo de Davi transformou homens comuns em guerreiros experimentados, pessoas emocionalmente instáveis e desequilibradas em soldados com domínio próprio. Saul perseguiu Davi por vários anos. Durante toda essa caminhada, Deus trabalhou com Davi fortalecendo sua autoconfiança, capacidade de liderança, autoridade, submissão a Ele, autocontrole, sabedoria, prudência, destreza na batalha, estratégias militares e todos os outros traços de caráter com o objetivo de transformá-lo em líder de um povo. Ele não se importou com a quantidade de trabalho que tinha pela frente nem com a aparente falta de caráter dos que estavam ao seu lado. Ele influenciou, mas não foi influenciado por ninguém nas suas decisões. Dispôs-se a

ser trabalhado pelo Senhor e ser um canal de transformação e cura na vida dos que estavam com ele. Não se importou com os comentários nem com as sugestões afoitas e carnais dos seus liderados (1 Sm 24: 4: "Então, os homens de Davi lhe disseram: Hoje é o dia do qual o Senhor te disse: Eis que entrego nas mãos o teu inimigo, e far-lhe-ás o que bem te parecer"), pelo contrário (embora tenha cortado a orla do manto de Saul), seu comportamento conteve os ímpetos e aumentou o respeito de todos à sua capacidade de liderança ["E disse aos seus homens: O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do Senhor. Com estas palavras, Davi conteve os seus homens e não lhes permitiu que se levantasse contra Saul; retirando-se Saul da caverna, prosseguiu seu caminho" (1 Sm 24: 6-7)]. A expressão *'ungido do Senhor'* é usada nos livros de Samuel como sinônimo de *'rei'*. Quem quer ser segundo o coração de Deus não pode ouvir nem aceitar qualquer sugestão, não pode ser dirigido, mas aprender a dirigir, não pode ter medo do trabalho nem do tamanho dele.

9) *Mesmo o pecado perdoado tem suas conseqüências:* podemos ver isso no caso de Urias, quando Deus perdoou o pecado de Davi, mas as conseqüências perduraram por gerações, chegando até a descendência de Salomão, em Roboão, quando o reino de Israel foi novamente dividido, ficando apenas duas tribos, Judá e Benjamim, com a casa de Davi, por ordem divina. As demais tribos constituíram o reino do norte e tiveram um rei para si. A espada não se afastou da casa de Davi: rivalidade entre Absalão e Amnom, a morte de Absalão após tentar tirar o trono do pai (Davi), Adonias e Salomão competindo pelo trono, Roboão (neto de Davi que não soube governar com misericórdia e sabedoria) etc. Outra conseqüência de pecado de Davi foi a peste decorrente do censo que mandou realizar sem a aprovação de Deus. O povo pagou pelo seu erro, até que o rei se arrependeu e pediu perdão ao Senhor. O Anjo do Senhor colocou a espada na bainha, mas a peste tinha destruído muitos israelitas. Devemos pensar nisso. Sempre que cometemos um pecado, Deus nos perdoa, porém, as conseqüências dele podem perdurar até serem quebradas verdadeiramente. É o que ocorre com as maldições hereditárias decorrentes de pecados ocorridos lá atrás por quem nós nem chegamos a conhecer, mas que podem, ainda hoje, estar atuando em nossas famílias, até que as quebremos realmente pelo poder de Deus e pela nossa fidelidade a Ele, mudando nossas atitudes. Na bíblia, podemos ver outros exemplos semelhantes nos livros de Reis, onde alguns foram fiéis, outros não, gerando problemas para seus descendentes.

10) *Carregar a presença de Deus (arca) não pode ser de qualquer jeito, displicentemente:* da primeira vez que Davi tentou trazer a arca, ele o fez na força humana (carro de bois) e sem respeitar a santidade de Deus (Uzá foi morto por tocar na arca). Só depois se lembrou que os únicos que poderiam carregar a arca eram os levitas (talvez, só naquele momento pôde ter informações dos sacerdotes a respeito da Lei, o que é de se estranhar, pois na Lei estava escrito que os reis deveriam ter um traslado da Torá para poder governar: Dt 17: 18-20). Aí sim, a arca foi trazida para Jerusalém. Davi mesmo reconheceu seu erro (1 Cr 15: 13), pois da primeira vez, somente o povo de Judá (2 Sm 6: 2) estava lá; os levitas não foram e também não estavam santificados para transportar a arca (1 Cr 15: 12). A bíblia não deixa claro que Uzá e Aiô eram mesmo sacerdotes, pois em 1 Sm 7: 1 ela diz que os homens de Quiriate-Jearim (em Judá) consagraram Eleazar, irmão daqueles dois e filho de Abinadabe, para guardar a arca. Isso significa que não conseguimos nossos objetivos espirituais pela força da carne, mas pelo Espírito de Deus e pelo louvor,

pois o louvor libera Seu poder em nosso favor. Além disso, o louvor faz fluir a alegria e o Espírito Santo começa a agir.

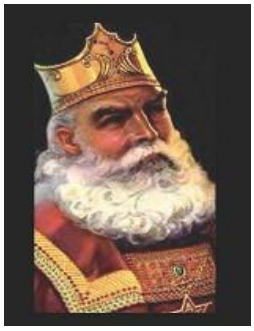
11) *Manter a inocência e a espontaneidade diante de Deus:* Davi, mais uma vez, quebrou a religiosidade e manifestou sua liberdade para expressar o louvor a Deus quando trouxe a arca para Jerusalém por meio dos levitas. 2 Sm 6: 14-16; 20-23 diz: "Davi dançava com todas as suas forças diante do Senhor; e estava cingido duma estola sacerdotal de linho. Assim Davi, como todo o Israel, fez subir a arca do Senhor, com júbilo, e ao som de trombetas. Ao entrar a arca do Senhor na cidade de Davi, Mical, filha de Saul, estava olhando pela janela, e, vendo ao rei Davi, que ia saltando e dançando diante do Senhor, o desprezou no seu coração... Voltando Davi para abençoar a sua casa, Mical, filha de Saul, saiu a encontrar-se com ele, lhe disse: Que bela figura fez o rei de Israel, descobrindo-se, hoje, aos olhos das servas de seus servos, como, sem pejo, se descobre um vadio qualquer! Disse, porém, Davi a Mical: Perante o Senhor, que me escolheu a mim antes do que a teu pai e a toda a sua casa, mandando-me que fosse chefe sobre o povo do Senhor, sobre Israel, perante o Senhor me tenho alegrado. Ainda mais desprezível me farei e me humilharei aos meus olhos; quanto às servas, de quem falaste, delas serei honrado. Mical, filha de Saul, não teve filhos, até o dia da sua morte". Anos tinham se passado desde que Davi fora ungido por Samuel, mas agora, um adulto e rei de Israel, ainda mantinha suas características da juventude: a inocência e a espontaneidade diante de Deus. A estola sacerdotal era uma veste curta e sem manga, na altura das coxas, entretanto, não era indecente, por isso o comentário de Mical não era pertinente. Mical simboliza *falsa moral, religiosidade, inveja, hipocrisia.* O significado do seu nome em hebraico é *"Quem é como Deus?"* Isso quer dizer que a religiosidade procede do diabo (Saul) e, quando Deus nos liberta das suas garras, não há mais motivo para adorarmos o Senhor vestidos com ela. Ela não faz mais parte da nossa vida, do reinado que Deus nos deu. A religiosidade traz uma falsa reverência e um falso temor ao Senhor. Atua na sociedade através de normas, regras, etiquetas, 'fachadas' e aparências, que destroem a espontaneidade e a alegria verdadeira. Convém ressaltar que Mical não só morreu guardando essa amargura e essa inveja, mas morreu estéril. Nunca teve filhos, de Davi ou de ninguém. A religiosidade gera esterilidade, não produz descendência.

12) *Semear para a descendência:* "Eis que, com penoso trabalho, preparei para a casa do Senhor cem mil talentos de ouro e um milhão de talentos de prata, e bronze e ferro em tal abundância, que nem foram pesados; também madeira e pedras preparei, cuja quantidade podes aumentar. Além disso, tens contigo trabalhadores em grande número, e canteiros, e pedreiros, e carpinteiros, e peritos em toda sorte de obra, de ouro, e de prata, e também de bronze, e de ferro, que não se pode contar. Dispõe-te, pois, e faze a obra, e o Senhor seja contigo!... Disponde, pois, agora o vosso coração e a vossa alma para buscardes ao Senhor, vosso Deus; disponde-vos e edificai o santuário do Senhor Deus, para que a arca da Aliança do Senhor e os utensílios sagrados de Deus sejam trazidos a esta casa, que se há de edificar ao nome do Senhor" (1 Cr 22: 14-16; 19). "Quando os teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa em meu nome, e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino" (2 Sm 7: 12-13). Davi sabia que não construiria o templo, mas ajuntou tudo o que era necessário para ele, guardando para que seu filho construísse o melhor para Deus. Assim devem ser nossas ações; da mesma forma que o pecado pode gerar conseqüências sérias para nossos filhos, os bons atos também geram bênção para a descendência.

13) *Ser servo:* uma das características que sempre se manteve intacta no coração de Davi foi o desejo de servir, ou seja, sua disposição ao serviço a Deus e aos outros. Ele não só se colocou como servo de Saul, como súdito que era ("*Teu servo* apascentava as ovelhas de seu pai"), como também um servo do povo de Deus. Ele se incomodou com as afrontas de Golias ao exército de Israel e se dispôs a lutar por ele. Também servia suas próprias ovelhas, defendendo-as dos ataques dos animais. No Antigo Testamento, a palavra *pastor* era usada para indicar um *cargo de liderança,* como o *rei.* Servir tem a ver conosco, o homem e a mulher segundo o coração de Deus, com o amor incondicional que devemos exercitar diariamente com aqueles que o Senhor coloca em nosso caminho. Devemos ter em nosso coração a mesma disposição de servir que tinha no coração de Davi.
14) *O perdão está presente na vida do cristão:* Davi experimentou o perdão de Deus por várias vezes e liberou o perdão na sua vida para muitas pessoas, várias vezes também, por isso Deus se manteve fiel a ele e cumpriu todas as Suas promessas, inclusive libertando-o de todos os seus inimigos. O perdão precisa fazer parte da nossa vida, mesmo que nos custe, pois assim o Senhor garante Sua mão de proteção, poder, bênção e livramento sobre nós. O ódio gera laços, o perdão os desata.
15) *Não se acomodar:* Davi, mesmo proclamado rei, não se acomodou, mas expandiu o reino. Continuou a pelejar as batalhas do Senhor, para que o reino se tornasse unido. Em 2 Sm 6: 1-4, a bíblia fala das diversas vitórias de Davi. No capítulo 10, fala da vitória contra os amonitas e os siros. No capítulo 12, fala da conquista de Rabá; nos capítulos seguintes Davi luta para manter unido o reino na revolta de Absalão e no capítulo 22, mais quatro gigantes são mortos pelos valentes de Davi. Finalmente, no livro de 1 Reis, Davi não descansa até passar seu reino a Salomão. O importante no homem e na mulher que são segundo o coração de Deus é que não se acomodam com os louros das vitórias passadas, mas aceitam desafios maiores para que o reino de Deus seja implantado. Os 'Davis' têm dentro de si o desejo de melhorar e aperfeiçoar cada dia mais seu trabalho para agradar ao Senhor. Não desanimam nem buscam desculpas para seus fracassos, porém, realizam seu trabalho reconhecendo seu próprio limite e confiando no poder ilimitado de Deus. Buscam novos incentivos e aceitam os desafios para seu crescimento. Outra característica importante para os 'Davis' que querem continuar trabalhando na Obra é querer sempre mais de Deus. Não há nada que Deus não possa nos dar. Ele é dono de tudo e qualquer sonho é possível para Ele, portanto, podemos Lhe pedir o que quisermos sabendo, entretanto, que a bênção que estamos pedindo será também para abençoar outros filhos Seus. Davi, quando foi ungido por Samuel, ainda era inexperiente, não tinha a mentalidade de um rei. O Senhor o forjou dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, até ele estar pronto para reinar e não mais perder o trono. Para Davi foi uma grande responsabilidade, pois da sua descendência nasceria o Messias, mesmo que isso estivesse oculto a ele. Ele se entregou nas mãos de Deus e se deixou ser conduzido. Entregou-se, foi conduzido e venceu.

HAMATH
Kedesh (on the Orontes)
Lebo Hamath
Tadmor
PHOENICIA
Damascus
Mediterranean Sea
Dan
Tyre
Syrian Desert
Hazor
Sea of Galilee
Megiddo
Beth Shan
Jordan R.
Shechem
Rabbah
PHILISTIA
Jerusalem
Gaza
Dead Sea
Wadi el-Arish
Beersheba
Eastern Desert
Kadesh (Barnea)
Sinai Desert
Ezion Geber
Gulf of Aqaba
David's Expansion
Saul's Kingdom

Reis – 16ª aula



Nota:

Não descreverei todos os reis, mas alguns que são mais conhecidos como: Salomão, Asa, Acabe, Josafá, Ezequias e Josias. No final do texto há uma tabela sobre todos.

Salomão:

Textos de referência: 1 Rs 1–11; 2 Cr 1–9

Reinado de Salomão: 970–930 AC
Construção do templo 966–959 AC
Divisão do reino: 930 AC

Resumo:

Salomão *(Sh^{e}lômõh, pacífico;* também chamado pelo profeta Natã de *Jedidias, amado do Senhor)* iniciou o seu reinado, provavelmente, por um tempo em co-regência com Davi. Davi já era velho e Adonias, seu quarto filho, disputou o direito ao trono. Seu primeiro filho foi Amnom que foi morto pelo irmão Absalão. O segundo filho de Davi foi Quileabe, também chamado de Daniel (filho de Abigail, ex-esposa de Nabal), e que provavelmente morreu ainda jovem. O terceiro foi Absalão, morto por Joabe, quando fugia da perseguição dos homens de Davi ao tentar tomar o reino do pai. O quarto era Adonias; o quinto, Sefatias, e o sexto, Itreão, os quais nasceram em Hebrom (2 Sm 3: 2-5; 1 Cr 3: 1-4).

O sucessor de Davi já tinha sido escolhido por Deus para ser Salomão, entretanto, Adonias se achou no direito por ser mais velho. Entendia-se com Joabe e com Abiatar (o sacerdote). Zadoque (o sacerdote), Benaia, Natã, Simei, Reí (provavelmente um oficial da guarda real de Davi) e os valentes de Davi não o apoiavam. Adonias providenciou uma cerimônia de coroação. Natã e Bate-Seba contaram a Davi sobre Adonias e intercederam por Salomão. Davi deu ordens para consagrar o filho como rei de Israel, e ele foi ungido em Giom (a Fonte de Giom, no Vale de Cedrom, a leste da cidade de Davi). Adonias pediu a Salomão que não o matasse e Salomão o mandou para sua casa.

Davi instruiu Salomão sobre como deveria proceder como rei diante de Deus e dos homens, apresentou-o oficialmente como seu sucessor (1 Cr 28 e 29) e depois morreu.

Salomão foi coroado rei por todo o Israel, agora em cerimônia formal (1 Cr 29: 22 b-25), não mais de emergência.

Adonias recorreu a Bate-Seba tentando uma estratégia para não perder a chance de se sentar no trono: ele lhe pediu a mão de Abisague, a sulamita (concubina de Davi), em casamento; Salomão, por precaução, para preservar seu reinado, mandou matar Adonias. Expulsou Abiatar, o sacerdote, para não oficiar mais diante do trono. Mandou-o de volta ao seu campo em Anatote (1 Rs 2: 26). Zadoque ficou em seu lugar. Joabe, com medo, se refugiou no tabernáculo do Senhor e pegou nas pontas do altar (que significava asilo para um acusado até que fosse provada sua inocência ou sua culpa). Salomão, que já tinha sido instruído por Davi quanto ao seu comandante de exército, mandou Benaia executá-lo. Este o substituiu no comando das tropas.

Quanto a Simei, filho de Gera, o benjamita, aparentado de Saul que tinha amaldiçoado a Davi na revolta de Absalão, foi inicialmente tratado com indulgência por Salomão, mas este mandou executá-lo depois de três anos pelo que fez ao seu pai.

Salomão, por razões políticas, se casou com a filha de Faraó, rei do Egito. Este foi um dos inúmeros casamentos que contraiu para manter as relações políticas de interesse para o seu reino.

A tenda da congregação se achava em Gibeão (1 Cr 16: 39; 1 Cr 21: 29; 2 Cr 1: 3-5), enquanto a arca da Aliança estava em Jerusalém, numa tenda que Davi construiu para ela (1 Cr 15: 1; 1 Cr 16: 1; 37-39; 2 Cr 1: 3-5; 1 Rs 3: 4; 15). Ali em Gibeão o Senhor apareceu a Salomão num sonho, e lhe perguntou o que queria que Ele lhe desse. Salomão pediu sabedoria para reinar e isso agradou ao Senhor, que não só lhe deu o que tinha pedido, mas também riquezas e honra. Veio a Jerusalém e ofereceu holocaustos perante a arca da Aliança do Senhor (1 Rs 3: 15).

A sabedoria do rei se evidenciou quando julgou o caso de duas mulheres que disputavam um bebê, ambas dizendo ser sua mãe; entretanto, uma delas mentia. Salomão julgou sabiamente e o povo o respeitou.

Uma das atividades de Salomão era manter e controlar o extenso território deixado por Davi. As tribos foram transformadas em distritos administrativos controlados pelo governo central. Pagavam uma taxa e eram obrigados a prover sustento para a corte durante um mês por ano, cada um deles de uma vez. Quando os trabalhadores cananeus se tornaram insuficientes para os enormes projetos de construção de Salomão, o rei foi compelido a organizar uma força de trabalhadores israelitas, aos quais impôs trabalho forçado (1 Rs 5: 13-18 cf. 1 Rs 12: 1-4). Essas medidas foram impopulares.

Salomão tinha uma força militar defensiva: um anel de cidades estrategicamente localizadas perto das fronteiras de Israel e guarnecidas com companhias dotadas de carros de combate e 4.000 estábulos para cavalos, 4.000 cavalos (não 40.000; foi erro de tradução), 1400 carruagens, 12.000 cavaleiros (2 Cr 1: 14; 2 Cr 9: 25; 1 Rs 4: 26; 1 Rs 10: 26).

Deus deu a Salomão sabedoria, entendimento e larga inteligência. A afirmação que ele discorreu sobre as árvores, os animais etc. (1 Rs 4: 33) provavelmente se refere ao emprego que fez dos reinos vegetal e animal em seus provérbios; Salomão observou a natureza para escrever seus poemas. São da autoria de Salomão os Salmos 72 e 127, assim como Provérbios, Eclesiastes e Cânticos, embora Eclesiastes não mencione seu nome, apenas sugira (Ec 1: 1; 12). Compôs 3.000 provérbios e 1.005 cânticos (1 Rs 4: 32).

Salomão fez aliança com Hirão, rei de Tiro, cidade da Fenícia, num período de 969 a 963 AC (o reinado de Hirão foi de 979 a 945 AC). Ele tinha sido amigo de Davi e agora, havendo paz no reinado de Salomão, era o tempo certo para se construir o templo do Senhor. Hirão *(Hïrãm, Hïrõm ou Hurõm*, no fenício, provavelmente abreviação de

Airão = *'meu irmão é o (deus) exaltado', 'irmão do que é exaltado', 'consagração')* tinha condições para isso (as reservas naturais de sua terra). Enviou a Salomão madeiras de cedro e de cipreste, que eram levadas do Líbano até o mar e, por jangadas, chegavam a ele (2 Cr 2: 16). Este, em troca, lhe dava provisões: trigo e azeite anualmente. Entre eles houve aliança de paz.

Para edificar o templo, Salomão recrutou muitos trabalhadores, inclusive israelitas, como já foi dito anteriormente, que lavravam as pedras para fundá-lo; preparavam a madeira e as pedras para se edificar a casa. Salomão começou a edificar o templo no quarto ano do seu reinado, por volta de abril-maio. A casa tinha mais ou menos 31,08 m de comprimento por 10,36 m de largura e 15,54 m de altura (1 Rs 6: 2; 2 Cr 3: 1-9). Aqui foi usado como padrão de medida o côvado primitivo (2 Cr 3: 3) também referido por Ezequiel e que correspondia a 51,8 cm (maior que o côvado comum que media 44, 4 cm) e era usado para fins sacros. Também era conhecido como côvado Mosaico. O pórtico diante do templo tinha 10,36 m de largura e 5,18 m de profundidade. As câmaras ao redor do *Santo dos Santos*, para os sacerdotes, foram construídas em três andares. No mais interior da casa, preparou o *Santo dos Santos (Debir)* para colocar a arca da Aliança do Senhor. O *Debir* tinha 10,36 m de comprimento por 10,36 m de altura por 10,36 m de largura, um cubo perfeito, e era coberto de ouro puro. Salomão levou sete anos para construir a Casa, terminando no mês de outubro-novembro.

Salomão também construiu palácios reais num período de treze anos (1 Rs 7: 1). A Casa do Bosque do Líbano (1 Rs 10: 17; 2 Cr 9: 16; 20) era a casa real que Salomão havia construído para si com a madeira do Líbano (1 Rs 7: 2) e onde se guardavam os escudos de guerra e outros armamentos. Ali havia um arsenal (1 Rs 10: 16-17; 2 Cr 9: 15-16; 25; 2 Cr 1: 14).

Os sacerdotes puseram a arca da Aliança no seu lugar e, tendo saído do santuário, a nuvem da presença do Senhor encheu o recinto. Em 1 Rs 8: 11 está escrito que a glória do Senhor encheu a casa. A palavra bíblica para glória do Senhor é *kãbhôdh* (hebr.) ou *doxa* (Septuaginta, a versão grega do AT) = *peso ou dignidade,* e que pode ser entendida como a manifestação do poder de Deus onde é preciso, vitória, proteção, abundância, riqueza, dignidade, reputação. É o equivalente judaico do Espírito Santo. A conhecida palavra *Shekïnâ*, traduzida como 'resplendor, presença de Deus habitando entre o Seu povo', não aparece nem no AT nem no NT. Ela deriva do verbo *Shãkhan* (שָׁכַן = habitar, ter habitação, fazer morada, permanecer, continuar, tornar morador – Strong #7931), o qual aparece em versículos como: Gn 9: 27; Gn 14: 13; Jr 33: 16. Também aparece em Êx 40: 35: "Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia *[Shãkhan]* sobre ela, e a glória do Senhor *[kãbhôdh]* enchia o tabernáculo". *Shekiná (Shekhinah, Shekïnâ),* na verdade, é um conceito cabalístico, místico, que a considera como a face feminina da Presença Divina. Segundo a Cabala, *Shekiná* é uma energia cósmica poderosíssima e que habita no interior do Universo, vivificando-o e sendo a sua alma ou espírito.

Salomão falou ao povo que naquele dia estava se cumprindo a promessa de Deus feita a Davi (a construção do templo) e orou a Ele consagrando aquele lugar para morada do Senhor no meio do Seu povo. Em seguida, abençoou os presentes, oferecendo sacrifícios no altar. No oitavo dia da festa, despediu a todos para suas casas. Deus tornou a aparecer a Salomão e respondeu à oração que ele fizera no templo, confirmando Sua bênção sobre aquele lugar. Também renovou Sua aliança com o rei como tinha feito com Davi.

No 24º ano de seu reinado, Salomão tinha terminado tanto o templo como seus palácios reais. Salomão empenhou vinte cidades da Galiléia a Hirão como garantia pela ajuda financeira recebida (1 Rs 9: 10), o que aumentou sua impopularidade e o

ressentimento no coração dos israelitas. O preço das suas realizações era a boa vontade e a lealdade do seu povo. Salomão deu a Hirão essas cidades como pagamento, mas parece que Hirão não as considerou suficientemente valiosas para cobrir o débito. Ele as devolveu a Salomão que, por fim, as reconstruiu (2 Cr 8: 2).

O comércio era o ponto forte do governo de Salomão. Ele mantinha o controle das caravanas na linha Norte–Sul do reino. Sua ligação com Hirão pôs à sua disposição frotas que o capacitaram a assumir igualmente o monopólio das rotas marítimas. Quando lemos no texto o termo *"navios de Társis",* podemos traduzi-lo por *"navios de refinação ou mineração",* navios equipados para transportar minério derretido (carga de ouro, prata), madeiras duras, jóias, marfim e variedades de macacos (1 Rs 9: 26-28; 1 Rs 10: 22. A palavra traduzida como *pavões* pode se referir a *babuínos*). Társis é de localização incerta, provavelmente na atual Espanha.

A rainha de Sabá (atual Iêmen) veio também a Salomão, pois ouviu a sua fama com respeito ao nome do Senhor. Salomão deixou bem claro que seu sucesso era resultado das bênçãos de Deus. Ela louvou ao Senhor e reconheceu Seu eterno amor por Israel.

Salomão amou muitas mulheres estrangeiras (provavelmente acordos políticos): setecentas esposas e trezentas concubinas. Sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração. O casamento com mulheres estrangeiras trouxe para Israel religiões estrangeiras, portanto, o rompimento da aliança com Deus. Seu coração já não era mais tão fiel para com YHWH. Edificou santuários a seus deuses. Isso contribuiu para queda do seu reinado.

A sabedoria de Salomão não falhou no final da sua vida, apenas ele deixou de segui-la. Não a aplicou corretamente, por isso caiu. Talvez, o livro de Eclesiastes, onde o autor questionou a vaidade e o significado da vida, se refira a ele por ter perdido a devoção a Deus.

O Senhor não deixou impune o pecado de idolatria. Falou (1 Rs 11: 9-13) que tiraria o reino da sua mão (nos dias de seu filho) e o daria a um servo de Salomão (1 Rs 11: 26 – Jeroboão, filho de Nebate, efraimita). Falou também que, por amor a Davi, manteria nas mãos da sua descendência (Judá) apenas uma tribo (Judá; depois Benjamim se juntou à outra: 1 Rs 11: 13; 1 Rs 11: 32; 36; 1 Rs 12: 21; 23; 2 Cr 14: 8).

Então, o Senhor levantou adversários para ele combater, como Hadade (edomita); nos tempos de Davi, ele conseguiu fugir para o Egito, que o acolheu. Ouvindo falar que Davi estava morto, resolveu voltar para Edom.

Outro adversário foi Rezom que tinha fugido de Hadadezer, rei de Zobá, e que tinha ido para Damasco para escapar de Davi. Ali, os habitantes o proclamaram rei da Síria. Durante o resto do reinado de Salomão, pelejaram contra ele.

Jeroboão (efraimita), escolhido por Deus para reinar sobre as dez tribos, tinha sido perseguido por Salomão, por isso, estava no Egito. Voltou após a morte de Salomão. Este reinou quarenta anos e Roboão, seu filho, reinou em seu lugar. Por volta de 930 AC, o reino foi dividido, confirmando a palavra do Senhor a Salomão.

Asa (rei de Judá):

Textos de referência: 1 Rs 15–16; 2 Cr 14–16
Período de reinado: 911–870 AC

Resumo:

Asa *('ãsã, médico, aquele que sarará – no sentido de ser o agente da cura, o curador)* era filho de Abias, portanto, neto de Roboão e bisneto de Salomão. A mãe de Abias era filha (descendente) de Absalão e seu nome era Maaca. No reinado de Asa o reino ficou em paz por dez anos. [Nota: 'Asa' também é um nome Japonês com o significado original de 'manhã'. 'Asa' (pronunciado: 'asha') é um nome Nigeriano com o significado de 'gavião', 'falcão', ou 'pequeno falcão'].

Ele fez o que era reto perante o Senhor. Edificou cidades fortificadas em Judá, pois havia paz na terra. Seu exército era de trezentos mil homens de Judá que traziam lança e pavês (escudos grandes que cobriam o corpo inteiro) e duzentos e oitenta mil de Benjamim que traziam escudo (escudos pequenos) e atiravam com arco (2 Cr 14: 8).

Zerá, o etíope, fez guerra contra Asa com um exército de um milhão de homens e trezentos e vinte carros, no vale de Zefatá, perto de Maressa, no território de Judá. Asa clamou ao Senhor e teve vitória. Os despojos foram trazidos para Jerusalém.

O profeta Azarias foi enviado por Deus para lembrar Asa de manter a fidelidade a Ele, pois naqueles dias haviam retornado as guerras contra Israel. Asa recobrou ânimo e iniciou as reformas religiosas no 15º ano do seu reinado, removendo o altar que estava diante do pórtico do Senhor. Ali, sacrificaram a Deus, que lhes deu paz novamente. Entretanto a reforma religiosa foi parcial. Aboliu a prostituição religiosa e depôs sua mãe (na verdade sua avó) Maaca, destruindo a imagem que ela fizera para Aserá. Removeu certos lugares altos de origem inteiramente pagã, mas outros, Asa permitiu que permanecessem. Não houve guerra até o 35º ano do seu reinado (2 Cr 15: 19). No 36º ano, subiu Baasa, rei de Israel contra Judá e edificou a Ramá (2 Cr 16: 1 cf. 1 Rs 16: 8). Asa apelou à Síria para que o ajudasse contra as ameaças de Baasa, de Israel. Isso foi um ato de incredulidade que recebeu censura profética (2 Cr 16: 7), principalmente porque antes recebera uma vitória sobre o vasto exército de Zerá, o etíope. Hanani, outro profeta do Senhor, o repreendeu por ter confiado no rei da Síria ao invés de ter confiado em Deus e predisse que haveria outras guerras contra ele. Asa o lançou no cárcere e oprimiu alguns do povo. No 31º ano do seu reinado, Onri começou a reinar sobre Israel e reinou doze anos, sendo que Acabe, seu filho, ocupou o seu lugar.

No 39º ano de Asa, teve ele uma doença grave nos pés; não recorreu ao Senhor, mas confiou nos médicos. Morreu dois anos depois e Josafá, seu filho, foi seu sucessor.

Acabe (rei de Israel):

Textos de referência: 1 Rs 16: 29-34; 1 Rs 18; 1 Rs 20–22; 2 Cr 18: 28-34; 2 Rs 9: 30-37; 2 Rs 10: 1-14
Reinado de Acabe: 874–853 AC

Resumo:

Acabe *['ah'ãbh,* do hebraico, *e ahãbu,* do assírio, *'o irmão (divino) é pai']* foi filho e sucessor de Onri e reinou por 22 anos. Casou-se com Jezabel, filha de Etbaal, rei de Sidom e sacerdote de Astarte.

Fortificou cidades israelitas (1 Rs 22: 39) e efetuou trabalhos extensos em Samaria. No seu reinado, houve guerras freqüentes contra a Síria (1 Rs 20: 1-2; 22: 1), especialmente contra Ben-Hadade, que sitiou Samaria, mas foi repelido (1 Rs 20: 21). Um ano mais tarde seu exército foi destruído em Afeque (Afeca), mas poupada sua vida (1 Rs 20: 26-34) por acordo político. Através desse acordo, Acabe teria de volta as cidades tomadas por Onri. Todavia, o Senhor usou um profeta para repreendê-lo por ter poupado a vida do inimigo.

Durante seu reinado, Elias era o profeta de Deus. No entanto, o rei foi influenciado por sua mulher, Jezabel, a quem permitiu que edificasse um templo dedicado a Baal (de Tiro) em Samaria, com seu altar pagão. Ela encorajava falsos profetas e instigou oposição aberta contra Deus. Os verdadeiros profetas foram mortos, os altares do Senhor foram derrubados. Cem profetas, entretanto, foram ocultados por Obadias, o piedoso ministro de Acabe (1 Rs 18: 3-4). Elias enfrentou os profetas de Baal e venceu, mas por ameaça de Jezabel fugiu para preservar sua vida.

Acabe fez um julgamento falso contra Nabote, cuja vinha foi anexada aos terrenos palacianos adjacentes em Jezreel (1 Rs 21: 1-6). Isso atraiu Elias novamente à oposição aberta e Deus o defendeu como no encontro anterior que teve contra os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal. Elias profetizou a sorte de Acabe, de sua mulher e de sua dinastia (1 Rs 21: 20-24). Esse reinado, caracterizado pela idolatria e pela péssima influência de Jezabel (1 Rs 21: 25-26), afetou gerações sucessivas para pior e também foi condenado por Oséias (Os 1: 4) e por Miquéias (Mq 6: 16).

Três anos mais tarde se aliou com Josafá contra a Síria (1 Rs 22: 3). Embora advertido por Micaías sobre o resultado fatal do encontro, Acabe entrou na batalha final em Ramote-Gileade, disfarçado. Foi, porém, mortalmente ferido por uma flecha disparada ao acaso e seu corpo foi levado a Samaria, a fim de ser sepultado. Seu filho Acazias sucedeu-o no trono (1 Rs 22: 28-40).

Anos mais tarde Jezabel foi morta por Jeú, capitão do exército que foi designado por Deus para ficar no lugar da casa de Acabe. A profecia de Elias foi cumprida (2 Rs 9: 30-37). A casa de Acabe pereceu segundo a sua profecia (2 Rs 10: 1-14, com enfoque no versículo 10). Jorão, seu filho, subiu ao trono (852-841 AC) em seu lugar.

Josafá (rei de Judá):

Textos de referência: 2 Cr 17–20; 1 Rs 22: 5-51
Reinado de Josafá: 870–845 AC

Resumo:

Josafá *(Yᵉhôshãphãt, YHWH tem julgado)* era filho de Asa. Nos primeiros anos do seu reinado tomou providências para assegurar a segurança de seu reino contra agressões externas. Fortaleceu as defesas na fronteira entre Israel e Judá; também edificou fortalezas e cidades armazéns em Judá. Depois, resolveu pôr fim à longa inimizade com Israel, casando sua casa com a casa de Onri. Essa aliança foi muito vantajosa para Acabe, mas não para Josafá, pois o casamento de seu filho Jeorão com Atalia, filha de Acabe e Jezabel (2 Rs 8: 16-19), produziu maus anos posteriores e levou a linhagem de Davi à beira da extinção (2 Rs 11: 1-3): Atalia destruiu a descendência real depois da morte de seu filho Acazias, ficando apenas seu neto Joás, que foi escondido da avó pela tia Jeoseba (Jeosabeate). Na terra de Judá, Josafá foi hábil administrador e zeloso pelas coisas de Deus. Expurgou a adoração pagã (2 Cr 17: 6 cf. 1 Rs 22: 43). Tomou passos positivos para assegurar que a lei mosaica se tornasse

conhecida e compreendida (enviou príncipes, levitas e sacerdotes para ensinarem em Judá a lei do Senhor: 2 Cr 17: 7-9). Reorganizou o poder judiciário, nomeando juízes para todas as cidades mais importantes do seu reino. Estabeleceu uma corte composta de levitas, sacerdotes e anciãos (2 Cr 19: 5-11). Josafá fez alianças com Acabe (1 Rs 22: 1-4; 2 Cr 18: 1-3) para defender Ramote-Gileade da invasão da Síria. Acabe morreu na batalha e Deus defendeu Josafá que, entretanto, foi repreendido pelo profeta Jeú, filho de Hanani, por ter ajudado o rei de Israel.

Anos depois, Moabe e Amom se levantaram contra Josafá. O rei apregoou jejum em toda a terra de Judá e buscou o Senhor, pois teve medo. Deus usou o sacerdote Jaaziel para confirmar profeticamente a vitória sobre seus inimigos. Na manhã seguinte, saíram à batalha e Josafá colocou levitas à frente do exército para louvarem o Senhor. Ao começarem a cantar e dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir que vieram contra Judá e foram desbaratados, destruindo-se mutuamente. Vieram Josafá e todo o povo e levaram o despojo, que era muito (levaram três dias para tomar tudo). No 4º dia se reuniram no Vale de Bênção, para louvarem o Senhor.

Deus deu repouso a Josafá e o seu reino teve paz.

Nos últimos dias do seu reinado se aliou com Acazias, filho de Acabe, para fazerem navios que fossem a Társis; porém Eliézer, o profeta da parte de Deus, profetizou contra Josafá dizendo: “Porquanto te aliaste com Acazias, o Senhor destruiu as tuas obras. E os navios se quebraram e não puderam ir a Társis” (2 Cr 20: 37).

Há um relato importante ainda nos últimos anos de Josafá, descrito em 2 Rs 3: 4-27. Moabe (terra do descendente de Ló, sobrinho de Abraão) pagava tributo ao rei de Israel. Quando Acabe (rei de Israel) morreu e Jorão, seu filho, subiu ao trono (852-841 AC), o rei dos moabitas se revoltou (o rei Moabita era Mesa), portanto, Jorão pediu ajuda a Josafá, rei de Judá (870-845 AC), e com eles se aliou o rei de Edom (2 Rs 3: 1-7 – isso deve ter ocorrido por volta de 846-845 AC, quando os três reis reinaram concomitantemente e Eliseu era profeta – 848-797 AC), mesmo porque a bíblia fala que Jorão (filho de Acabe) subiu ao poder no 18º ano de Josafá (2 Rs 3: 1, ou seja, 854 AC) e no 2º ano do seu filho Jeorão (reinado: 848-841 AC, como único rei, mas desde 854-853 como co-regente do pai – 1 Rs 1: 17). Após sete dias de marcha, faltou água para o exército e para o gado. O rei de Israel murmurou, mas Josafá indagou por um profeta que se pudesse consultar em nome do Senhor. Um dos servos de Jorão lhe falou sobre Eliseu, filho de Sefate e os três reis foram até ele. Eliseu se irou contra o rei de Israel, porém, por causa de Josafá, pediu que viesse um tocador de harpa. A música trouxe o poder de Deus sobre Eliseu, e ele profetizou que eles deveriam fazer muitas covas no vale e o Senhor as encheria de água, não só para saciar sua sede e a do gado, como também entregaria Moabe em suas mãos. Na manhã seguinte as águas vieram (2 Rs 3: 20) pelo caminho de Edom. Os moabitas esperavam encontrar tanques d’água e confundiram o reflexo vermelho do sol da manhã com sangue (2 Rs 3: 22). Pensaram que os reis tivessem se destruído uns aos outros e foram ao arraial de Israel. Ali os israelitas os derrotaram perseguindo-os até suas cidades, que também foram destruídas segundo a profecia de Eliseu. O rei de Moabe, vendo que não poderia vencer, tomou seu filho primogênito e o ofereceu em holocausto sobre o muro da cidade. Isso fez com que os moabitas lutassem com maior intensidade e fúria, levando os israelitas a se retirarem, pois estes já tinham conseguido seu objetivo: “Vendo o rei de Moabe que a peleja prevalecia contra ele, tomou consigo setecentos homens que arrancavam espada, para romperem contra o rei de Edom, porém não puderam. Então, tomou a seu filho primogênito, que havia de reinar em seu lugar, e o ofereceu em holocausto sobre o

muro; pelo que houve grande ira contra Israel; por isso, se retiraram dali e voltaram para sua própria terra" (2 Rs 3: 26-27).

Jeorão, filho de Josafá, reinou em seu lugar (848-841 AC).

Reino de Judá de Josafá a Ezequias:

Textos de referência: 2 Cr 21–28
Período: 845–716 AC

Resumo:

Jeorão não andou nos retos caminhos de Josafá, mas imitou a casa de Israel (seu sogro Acabe) e cedeu à idolatria. O Senhor o puniu com uma enfermidade nos intestinos e puniu com maldição sua descendência. Seu filho mais moço Acazias foi feito rei em seu lugar e reinou apenas um ano, pois sua mãe Atalia e os conselheiros da casa de Acabe o aconselharam a proceder iniquamente. Foi morto por Jeú, a quem o Senhor tinha ungido para desarraigar a casa de Acabe. Atalia, vendo que o filho estava morto, destruiu toda a descendência real da casa de Judá. O único sobrevivente foi Joás (salvo pela tia) que, posteriormente, com a ajuda do sacerdote Joiada subiu ao trono com sete anos de idade e reinou por quarenta anos. Como levou o povo à idolatria e matou Zacarias, o sacerdote, filho de Joiada, Deus também puniu sua casa, que foi destruída pelos seus próprios servos. Amazias, seu filho, reinou em seu lugar e fez o que era mau aos olhos do Senhor, idolatrando os deuses edomitas. Seu filho Uzias ocupou o trono e, nos dias em que buscou ao Senhor, Deus o fez prosperar; mas, tornando-se forte, seu coração se exaltou e ele cometeu o mesmo pecado que Saul cometeu: quis assumir uma função sacerdotal que não tinha e queimou incenso no altar. Deus o puniu com lepra. Assim morreu e seu filho Jotão reinou em seu lugar. Ele fez o que era reto diante de Deus. Ao morrer, seu filho Acaz subiu ao trono de Judá. Entretanto, não procedeu como Davi, seu antepassado, e fez imagens fundidas a baalins. O Senhor o entregou nas mãos dos siros. Pediu socorro aos assírios, mas estes o oprimiram. Procurou socorro nos deuses de Damasco e isso foi ruína sobre Judá e Israel. Queimou incenso aos deuses pagãos, queimou seus próprios filhos a eles e provocou a ira o Senhor. Morreu e Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar.

Ezequias (rei de Judá):

Textos de referência: 2 Rs 18–20; 2 Cr 29–32; Is 22; Is 36–39.
Período de reinado:
1) 729 AC (como co-regente de Acaz), sendo que no 6º ano (722 AC) ocorreu a queda de Samaria.
2) 716 (como único ocupante do trono) a 687 AC (no 14º ano do seu reinado – 701 AC – houve a invasão de Judá por Senaqueribe. O reinado de Senaqueribe, rei da Assíria vai de 705 a 681 AC. Senaqueribe significa 'O deus da Lua Multiplicou os Seus Irmãos', 'Deus tem multiplicado meus irmãos'.

Resumo:

Ezequias *(Hizqïyâ ou Hizqïyahü, YHWH é minha força)* subiu ao trono de Judá em lugar de Acaz, mas por causa da submissão de seu pai à Assíria, a nação fora contaminada por influências pagãs, gerando superstição, idolatria e cegueira espiritual

(Is 2; Is 8). Ezequias tentou corrigir a situação no 1º ano do seu reinado (2 Cr 29: 3-11). O templo foi reaberto e purificado de tudo quanto o tornava impróprio para o uso consagrado, a verdadeira adoração foi restabelecida e o antigo pacto entre Deus e Israel foi confirmado. A celebração da Páscoa foi efetuada numa escala sem precedentes desde a divisão do reino em dois (2 Cr 30: 26), tendo sido freqüentada por numerosos israelitas do reino do norte, em resposta ao convite de Ezequias (2 Cr 30: 5; 2 Cr 30: 11; 2 Cr 30: 18-20). A Páscoa de Ezequias fala de proteção, avivamento e de abrir a porta à Palavra (ele abriu as portas do templo). A reforma foi efetuada além dos limites de Jerusalém e os lugares altos por toda Judá e Benjamim, bem como os de Efraim e Manassés, Aser, Zebulom e Issacar foram destruídos (2 Rs 18: 4; 2 Cr 31: 1). Ezequias demonstrou coragem ao desfazer-se da serpente de bronze que fora feita no tempo de Moisés, mas que se tornava objeto de veneração idólatra (2 Rs 18: 4) e era chamada de Neustã [a nota de rodapé da NVI diz: 'Neustã, em hebraico, soa como a palavra para bronze (nehushah) ou cobre (nchosheth), serpente (nachash) e coisa impura'. A nota também diz que, no original, a frase 'e lhe chamavam Neustã' pode ser 'ele lhe deu o nome de Neustã', se referindo a Moisés como aquele que lhe deu este nome].

No 6º ano do seu reinado, o reino do Norte foi tomado (2 Rs 18: 10-11) e o povo foi exilado.

No 14º ano do seu reinado subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades de Judá e as tomou. Para tentar escapar do invasor, Ezequias preferiu fazer um acordo de paz e pagar-lhe tributo. Assim, deu-lhe trezentos talentos de prata (10.200 kg) e trinta talentos de ouro (1.020 kg), além de toda a prata que se achou na Casa do Senhor e nos tesouros da sua casa. Arrancou o ouro que cobria as ombreiras e as portas do templo e o deu ao inimigo (2 Rs 18: 16). Este, entretanto, enviou mensageiros, que foram também recebidos pelos enviados de Ezequias. Através de palavras mentirosas, os mensageiros de Senaqueribe procuraram tirar a confiança de Ezequias no Senhor e ameaçaram destruir a cidade, colocando medo no povo e diminuindo sua confiança no rei. Os mensageiros reais vieram até Ezequias e lhes contaram as palavras do inimigo. O rei os enviou ao profeta Isaías que lhes deu palavras de consolo e força, exortando-os a confiar no livramento do Senhor e profetizando-lhes uma palavra que falou aos seus corações (2 Rs 19: 6-7).

Ezequias se perturbava pelo jugo assírio. Ao preparar-se para a invasão, ele edificou as defesas de Jerusalém (2 Cr 32: 3-5) e salvaguardou o suprimento de água da cidade construindo o túnel de Siloé (2 Rs 20: 20; Is 22: 9). Siloé *(Shilôah, em hebraico: enviado)* era uma das principais fontes de suprimento de água de Jerusalém, ligada à fonte de Giom, a sudeste de Jerusalém e que, por sua vez, despejava água na cidade por meio de um canal aberto. Da fonte de Siloé, o canal desaguava no *poço antigo ou de baixo (Birket el-Hamra)*. Quando Ezequias se viu diante da ameaça de Senaqueribe, tapou todas as fontes, todos os riachos e canais subsidiários que conduziam ao ribeiro que corria pelo meio da terra (2 Cr 32: 3-4). O rei em seguida enviou as águas do Giom superior por meio de um conduto ou túnel de dois metros de altura até uma cisterna ou poço superior *(Birket Silwãn)* no lado oeste da cidade de Davi (2 Cr 32: 30). Defendeu a nova fonte de suprimento com uma rampa (2 Cr 32: 30).

Ezequias ficou muito doente e foi advertido pelo profeta que iria morrer. Mas, quando soube, orou ao Senhor, com lágrimas, pedindo a cura. Deus o atendeu e falou ao profeta, que já estava quase saindo do palácio, para voltar e dar as boas novas de cura ao rei, mandando-o colocar uma pasta de figos sobre a úlcera para que fosse sarada (Is 38: 21). Como um sinal a Ezequias, Deus realizou um milagre, fazendo retroceder em dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acaz, seu pai (2 Rs 20: 1-11).

O rei da Babilônia enviou cartas e um presente a Ezequias porque soube que estivera doente. O rei de Judá, em contrapartida, mostrou aos mensageiros estrangeiros a riqueza de Jerusalém. Provavelmente, era interessante ao rei da Babilônia ter Judá como aliado político contra a Assíria, e Ezequias achou conveniente aquela perspectiva temporária de paz e segurança, embora mais tarde tenha considerado insensato o seu ato de mostrar suas riquezas ao rei da Babilônia (por causa da repreensão do profeta Isaías). Ele não pensou no provável horror que sua descendência sofreria nas mãos dos babilônios; apenas agradeceu a Deus por ter paz no seu reinado. Ezequias faleceu e Manassés, seu filho, reinou em seu lugar. Manassés foi substituído por seu filho Amom e este, por seu filho Josias.

Josias (rei de Judá):

Textos de referência: 2 Rs 22; 2 Rs 23: 1-30; 2 Cr 34–35
Período de reinado: 640–609 AC

Resumo:

Josias *(yõ'shiyyãhü, YHWH sustenta, YHWH protege)* subiu ao trono com oito anos de idade e andou retamente diante de Deus. No 12º ano do seu reinado iniciou uma reforma religiosa (2 Cr 34: 3) e no 18º ano dirigiu os trabalhos de restauração do templo. Levou seis anos purificando a Casa do Senhor (2 Cr 34: 8), destruindo a idolatria dos seus antecessores. Hilquias, o sumo sacerdote, achou o Livro da Lei no templo e esse episódio pode ser considerado como o ápice da reforma religiosa de Josias, pois a partir daí o povo e os levitas foram conscientizados dos seus pecados e foi celebrada a Páscoa (2 Cr 35: 18-19). A Páscoa de Josias fala de sarar a alma, do ministério Levítico e de revelação da Palavra (Livro da Lei foi encontrado). A própria reforma foi mais completa que a de Ezequias (2 Rs 23: 13) e mais extensa. Josias não somente destruiu todos os lugares altos em Judá e Benjamim, mas seu zelo reformador o levou a atravessar Efraim e Benjamim tendo chegado tão ao norte como Naftali, na Galiléia. Por toda a parte, ele extirpou cada vestígio de adoração pagã (2 Rs 23: 19-20; 2 Cr 34: 6-7). A celebração da Páscoa foi maior do que a de Ezequias, não tendo paralelo desde os dias de Samuel (2 Cr 35: 18). Entretanto, por mais completa que a reforma tenha sido, nunca efetuou qualquer alteração real nos corações do povo, o que fica claro pelas profecias de Jeremias (Jr 1: 1-3), que pertencem a esse período, como pela reversão quase imediata à idolatria depois do falecimento de Josias.

Em 609 AC, Neco II do Egito subiu para levar auxílio à Assíria. Josias não quis dar passagem ao seu exército por medo da terra de Judá ficar pressionada pelas duas superpotências. Morreu flechado (2 Rs 23: 29) na batalha de Megido pelos soldados de Neco. Joacaz (ou Joanã ou Salum – Jr 22: 11-12) reinou em seu lugar (2 Rs 23: 31-34; 2 Cr 36: 1-4), mas faraó o levou para o Egito e pôs Eliaquim, seu irmão, no seu lugar e mudou seu nome para Jeoaquim.

Aprendizados importantes com os reis:

Podemos dizer que os aprendizados mais importantes com os reis de Israel e Judá se firmam em dois ensinamentos encontrados na bíblia nos livros de Deuteronômio e Ezequiel no que diz respeito ao *comportamento correto de um rei e à escolha pessoal dada por Deus a cada filho, ou seja, o livre-arbítrio*. No livro de reis temos um

exemplo do que acontece, por exemplo, numa família, onde pais e filhos se comportam de maneira diferente, obedecendo às suas escolhas pessoais que sobrepujam as transmissões de tendências hereditárias, pois cada personagem deste livro da bíblia é membro de uma grande família, a família real de Deus. Podemos ver aqui os erros e os acertos dos ungidos do Senhor, tanto em relação à liderança política quanto ao comportamento espiritual diante dos Seus mandamentos. Seus erros e acertos geraram conseqüências às respectivas descendências, pois liberaram tanto a bênção quanto a maldição de Deus sobre suas vidas.

No livro de Dt 17: 14-28, podemos perceber as ordens divinas quanto à escolha de um rei. Este deveria ser escolhido por Ele, não deveria multiplicar para si cavalos (para fazer o povo errar e voltar ao Egito, pois o Senhor disse que jamais voltariam por aquele caminho), nem mulheres, nem prata nem ouro. Em primeiro lugar, o fato de Deus dizer que o rei deveria ser escolhido por Ele significa que não se deve confiar no mundo para escolher um dirigente, mas na Sua sabedoria. Israel não deveria escolher seu rei, como fez mais tarde com Saul, e sim confiar na escolha divina, usando o profeta enviado por Ele. É óbvio que um país necessitava de cavalos como um equipamento necessário para sua defesa em caso de guerra ou para uso do governo, mas o que Deus falava em Dt 17: 16 era para não multiplicar cavalos, levando o rei a cometer certos erros como, por exemplo: o aumento do intercâmbio com nações estrangeiras (especialmente o Egito), o estabelecimento de um despotismo militar, ostentação de poder do rei e seu exército perante os súditos (paradas militares) e até uma dependência do Egito em tempo de guerra, deixando de lado a confiança em Deus. Na época, Israel não tinha cavalos, só mulas, e o Egito era o maior exportador deles. Davi não poderia ter vitória em suas campanhas militares apenas com mulas. Jesus, como os antigos patriarcas e reis e profetas, entrou em Jerusalém montado num jumento. O texto de Dt 17: 17 também dá outras orientações a um rei: "Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem multiplicará muito para si prata ou ouro". Isso seria para não imitar a prática da poligamia dos países vizinhos, cujos reis tinham numerosos haréns. Um rei deveria conter suas paixões, diferentemente de um homem comum do povo. A bíblia escreve "para que o seu coração se não desvie", isso porque a mulher tem um grande poder de influência sobre o homem; muitas mulheres influenciariam negativamente um rei no exercício de suas funções. E a orientação para não multiplicar para si muita prata ou ouro significa que os reis foram proibidos de acumular dinheiro para fins privados. Isso demonstraria que ele também tinha um comportamento diferente de um homem perverso, que era ganancioso; se usasse mal seu dinheiro, poderia ser um mau exemplo para os súditos.

Metaforicamente falando: O termo *cavalos* significa que um rei não deveria se firmar na força humana. Deus não queria que Israel fizesse aliança novamente com o Egito, do qual Ele os resgatara, mas queria que Seu povo confiasse apenas nEle, não em sua própria força. *Cavalo* é símbolo de *guerra, pressa, atitudes diante do nosso próximo*. O rei não deveria multiplicar para si *mulheres,* o que quer dizer *que não deveria ficar debaixo de influências,* pois a mulher simboliza *influência.* O exemplo mais claro disso foi Salomão que, com setecentas mulheres e trezentas concubinas, terminou seu reinado na idolatria, debaixo do desgosto de Deus. O rei também não deveria multiplicar para si *nem ouro nem prata,* o que quer dizer que *não deveria ficar debaixo dos valores do mundo.* O que o Senhor nos dá é para abençoar outras pessoas, pois é Ele a fonte de suprimento, não para ser usado para fins egoístas.

Por aí, já podemos ver que os reis de Israel e Judá depois de Davi não cumpriram, em grande parte, essas orientações, pois dependeram das coligações políticas com nações estrangeiras para socorrê-los contra os ataques dos invasores; não mantiveram

sua fidelidade a Deus como deveriam e, com isso, fizeram o povo pecar ainda mais e cair na idolatria (voltar ao Egito). Eles não confiaram nEle para resolver seus problemas particulares, deixaram os interesses próprios pelo poder sobrepujarem Sua escolha e Seu projeto, o que mereceu repreensão profética muitas vezes. Deixaram-se levar pelas muitas influências ao seu redor, ao invés de olhar apenas para o Senhor e seguir apenas suas diretrizes. Ser rei como Davi foi é muito difícil, pois apesar de toda a luta e intriga que o envolveu, ele nunca deixou de ser conforme o coração de Deus, ou seja, resistiu às influências que o cercaram e não se desviou do projeto divino para ele nem para a nação. Ele colocou o amor a Deus e à Sua obra acima dos interesses pessoais, por isso não houve rei que fosse como ele, até hoje um modelo para a nação israelita. Nem seu filho conseguiu repetir seus feitos ou ter a pureza de coração do pai. Em todos os reis descritos nesses livros de Reis e Crônicas, podemos reconhecer que as fraquezas da carne abriram brecha para a desobediência e pecados maiores.

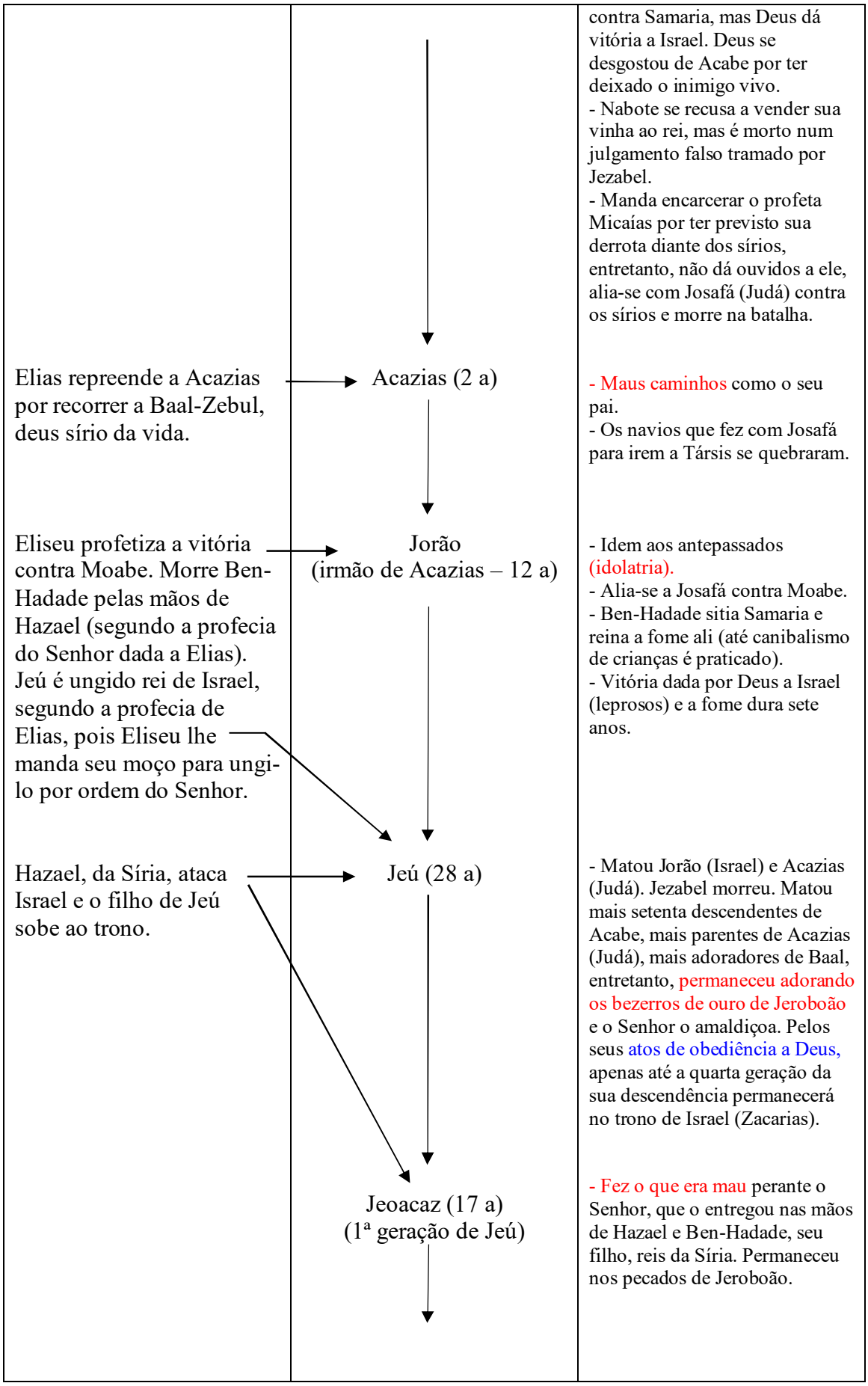
Podemos ver outros textos bíblicos que também têm importância sobre os reis em particular e que estão em Ez 18: 19-20 (cf. 1 Rs 9: 4-9, quando o Senhor conversa com Salomão), Êx 20: 5-6; Nm 14: 18; Dt 24: 16; 2 Cr 25: 4 b; Jr 31: 30 e falam sobre a responsabilidade ser pessoal, ou seja, sobre o livre-arbítrio de Deus para Seus filhos e que podem ser resumidos em poucas palavras: “Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos, em lugar dos pais; cada qual será morto pelo seu pecado”. Assim, podemos dizer que Deus nos castiga pelos pecados que de fato cometemos. Em nenhum lugar da bíblia, o crente justificado paga eternamente pelos pecados dos pais. Cada um morrerá pelo seu próprio pecado. Isso não significa dizer, entretanto, que nada passa adiante na árvore genealógica. Os padrões de comportamento pecaminoso são, muitas vezes, transmitidos para os membros da família. Entretanto, os filhos responderão a Deus pela vida deles, não pela dos pais. Ezequias, filho do perverso Acaz, desfez o ciclo quando se voltou para o Senhor, assim também como Josias, filho do tirano Amom. Sempre que os filhos contrariam o padrão estabelecido pelos pais pecadores, podem receber as bênçãos de Deus. Em outras palavras, alguns reis como Asa, Josafá, Ezequias e Josias fizeram reformas religiosas, isto é, tiveram coragem para realizar mudanças e corrigir os erros dos antepassados e, com isso, quebraram a maldição familiar e o juízo divino sobre a descendência. É pena que muitos deles tivessem filhos que não seguiram seus passos piedosos e voltaram ao pecado dos avós, tornando a provocar a ira do Senhor sobre os que vieram depois deles.

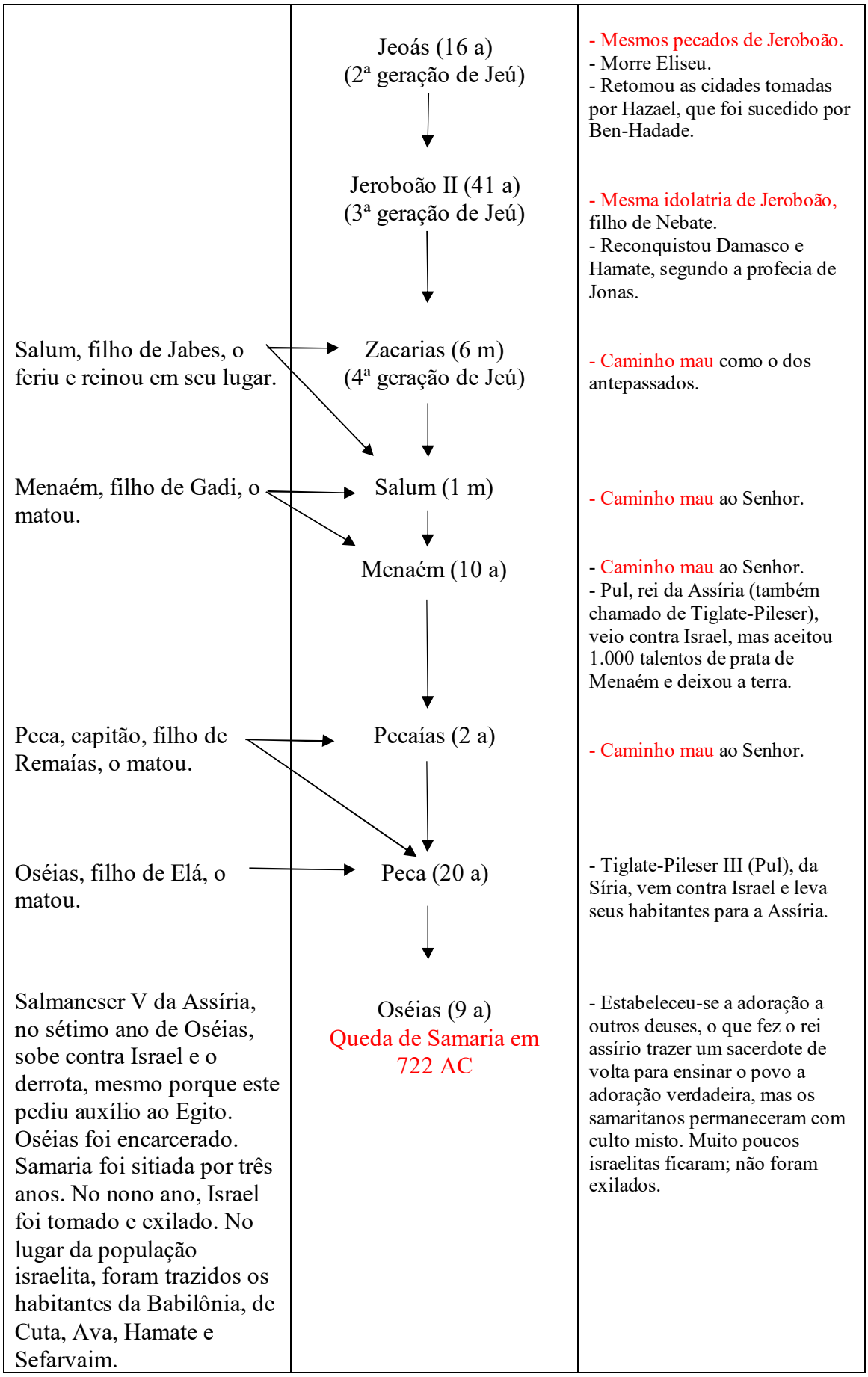
Uma coisa boa que podemos aprender com os reis é que muitos deles *fortificaram suas cidades,* ou seja, ergueram defesas contra os inimigos: Salomão, Asa, Josafá, Ezequias (2 Cr 32: 5) e Acabe. Isso significa que devemos nos preocupar em erguer nossos muros, ou seja, curar nossa alma.

Outro aprendizado importante são as reformas religiosas que Asa, Josafá, Ezequias e Josias fizeram como uma forma de restaurar a adoração a Deus, e que simbolizaram sua tentativa de realizar mudanças nos padrões impostos pelos seus antecessores. Ezequias e Josias restabeleceram a Páscoa como um sinal de cura, liberação da palavra de Deus, reavivamento da aliança com o Senhor e um despertar do ministério sacerdotal. Isso quer dizer que, quando nos dispomos a restaurar nossa vida espiritual e nosso relacionamento com Ele com o intuito de quebrar as maldições do passado, podemos desfrutar do Seu melhor para nós, ou seja, podemos experimentar uma Páscoa pessoal, que simboliza cura, avivamento e libertação de todo o cativeiro que nos assolou.

REIS DE ISRAEL

Ações externas	Reis (anos de reinado)	Atos durante o reinado
	Jeroboão (22 anos)	- Efraimita, servo de Salomão, idolatria em Dã e em Betel (bezerros de ouro), postes ídolos, constituiu sacerdotes não levitas, instituiu uma festa semelhante à Festa dos Tabernáculos, só que para os bezerros. Fez errar o povo e o desviou do caminho do Senhor.
Baasa (filho de Aías) de Issacar matou Nadabe e reinou em seu lugar	Nadabe (2 a)	- Idolatria do pai
	Baasa (24 a)	- Matou toda a descendência de Jeroboão, conforme a palavra do Senhor pelo profeta Aías de Siló. - Idolatria. O profeta Jeú, filho de Hanani profetizou sua queda e da sua descendência.
Zinri, comandante da metade dos carros matou Elá e reinou em seu lugar.	Elá (2 a)	
O povo elegeu Onri, capitão do exército de Israel, seu rei.	Zinri (7 dias)	- Feriu todos os descendentes de Baasa e suicidou-se.
	Onri (12 a)	- Comprou de Semer o monte de Samaria por dois talentos de prata; permaneceu nos pecados de Jeroboão (idolatria).
Elias desafia os 450 profetas de Baal e os 400 do poste-ídolo de Jezabel. Depois do caso de Nabote, Elias profetiza a derrota da casa de Acabe.	Acabe (22 a)	-Idolatria semelhante a Jeroboão. - Casou-se com Jezabel, filha de Etbaal, rei dos Sidônios, portanto, serviu a Baal. Fez postes-ídolos. - Hiel, o Betelita, tentou reedificar Jericó, mas perdeu os dois filhos, segundo as profecias de Josué (1 Rs 16:34; Js 6: 26).
		- Ben-Hadade, da Síria, peleja

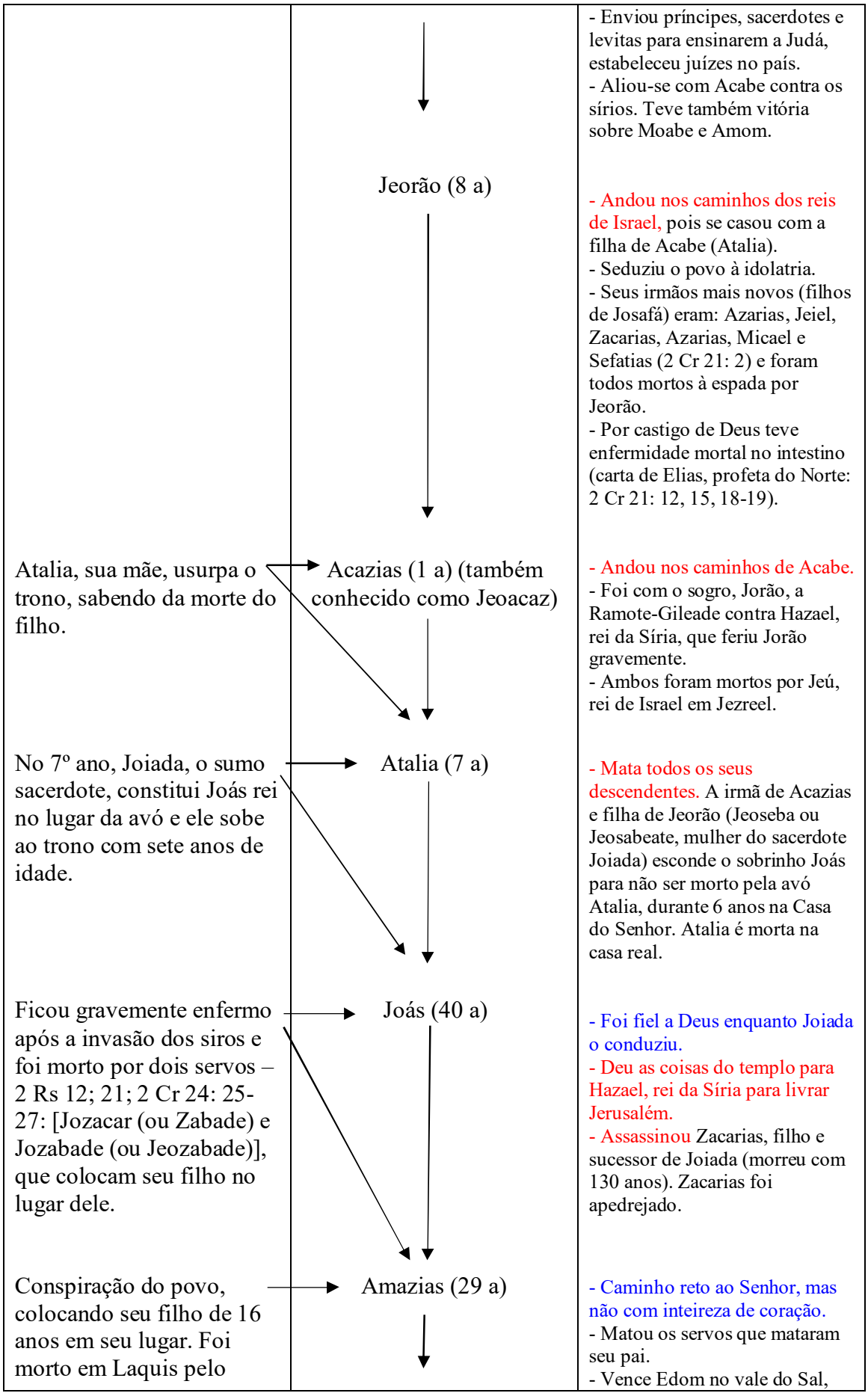

contra Samaria, mas Deus dá vitória a Israel. Deus se desgostou de Acabe por ter deixado o inimigo vivo.
- Nabote se recusa a vender sua vinha ao rei, mas é morto num julgamento falso tramado por Jezabel.
- Manda encarcerar o profeta Micaías por ter previsto sua derrota diante dos sírios, entretanto, não dá ouvidos a ele, alia-se com Josafá (Judá) contra os sírios e morre na batalha.
Elias repreende a Acazias por recorrer a Baal-Zebul, deus sírio da vida.
Acazias (2 a)
- Maus caminhos como o seu pai.
- Os navios que fez com Josafá para irem a Társis se quebraram.
Eliseu profetiza a vitória contra Moabe. Morre Ben-Hadade pelas mãos de Hazael (segundo a profecia do Senhor dada a Elias).
Jorão
(irmão de Acazias – 12 a)
- Idem aos antepassados (idolatria).
- Alia-se a Josafá contra Moabe.
- Ben-Hadade sitia Samaria e reina a fome ali (até canibalismo de crianças é praticado).
- Vitória dada por Deus a Israel (leprosos) e a fome dura sete anos.
Jeú é ungido rei de Israel, segundo a profecia de Elias, pois Eliseu lhe manda seu moço para ungi-lo por ordem do Senhor.
Hazael, da Síria, ataca Israel e o filho de Jeú sobe ao trono.
Jeú (28 a)
- Matou Jorão (Israel) e Acazias (Judá). Jezabel morreu. Matou mais setenta descendentes de Acabe, mais parentes de Acazias (Judá), mais adoradores de Baal, entretanto, permaneceu adorando os bezerros de ouro de Jeroboão e o Senhor o amaldiçoa. Pelos seus atos de obediência a Deus, apenas até a quarta geração da sua descendência permanecerá no trono de Israel (Zacarias).
Jeoacaz (17 a)
(1ª geração de Jeú)
- Fez o que era mau perante o Senhor, que o entregou nas mãos de Hazael e Ben-Hadade, seu filho, reis da Síria. Permaneceu nos pecados de Jeroboão.


Jeoás (16 a)
(2ª geração de Jeú)
- Mesmos pecados de Jeroboão.
- Morre Eliseu.
- Retomou as cidades tomadas por Hazael, que foi sucedido por Ben-Hadade.
Jeroboão II (41 a)
(3ª geração de Jeú)
- Mesma idolatria de Jeroboão, filho de Nebate.
- Reconquistou Damasco e Hamate, segundo a profecia de Jonas.
Salum, filho de Jabes, o feriu e reinou em seu lugar.
Zacarias (6 m)
(4ª geração de Jeú)
- Caminho mau como o dos antepassados.
Menaém, filho de Gadi, o matou.
Salum (1 m)
- Caminho mau ao Senhor.
Menaém (10 a)
- Caminho mau ao Senhor.
- Pul, rei da Assíria (também chamado de Tiglate-Pileser), veio contra Israel, mas aceitou 1.000 talentos de prata de Menaém e deixou a terra.
Peca, capitão, filho de Remaías, o matou.
Pecaías (2 a)
- Caminho mau ao Senhor.
Oséias, filho de Elá, o matou.
Peca (20 a)
- Tiglate-Pileser III (Pul), da Síria, vem contra Israel e leva seus habitantes para a Assíria.
Salmaneser V da Assíria, no sétimo ano de Oséias, sobe contra Israel e o derrota, mesmo porque este pediu auxílio ao Egito. Oséias foi encarcerado. Samaria foi sitiada por três anos. No nono ano, Israel foi tomado e exilado. No lugar da população israelita, foram trazidos os habitantes da Babilônia, de Cuta, Ava, Hamate e Sefarvaim.
Oséias (9 a)
Queda de Samaria em 722 AC
- Estabeleceu-se a adoração a outros deuses, o que fez o rei assírio trazer um sacerdote de volta para ensinar o povo a adoração verdadeira, mas os samaritanos permaneceram com culto misto. Muito poucos israelitas ficaram; não foram exilados.

REIS DE JUDÁ

Ações externas	Reis (anos de reinado)	Atos durante o reinado
	Salomão (40 a)	- Construção do templo e dos palácios reais; Deus deu a Salomão sabedoria, entendimento e inteligência. São da autoria de Salomão os Salmos 72 e 127, assim como os livros: Provérbios, Eclesiastes e Cantares. 1 Rs 4: 32 → 3.000 provérbios e 1005 cânticos. - Fez alianças com países vizinhos. - Amou muitas mulheres estrangeiras (provavelmente acordos políticos). Teve 700 esposas e 300 concubinas. Sendo já velho, suas mulheres lhe perverteram o coração. O casamento com mulheres estrangeiras trouxe para Israel religiões estrangeiras, portanto, o rompimento da Aliança com Deus. Seu coração já não era mais tão fiel para com Ele. Edificou santuários a seus deuses. Isso contribuiu para queda do seu reinado. O Senhor não deixou impune o pecado de idolatria. Falou (1 Rs 11: 9-13) que tiraria o reino da sua mão (nos dias de seu filho) e o daria a um servo de Salomão (1 Rs 11: 26; 31). Jeroboão (Efraimita) foi escolhido por Deus para reinar sobre as dez tribos. Falou também que por amor a Davi manteria nas mãos da sua descendência (Judá) apenas uma tribo (Benjamim: 1 Rs 11: 13; 32 e 36; 1 Rs 12: 21 e 23). Então o Senhor levantou adversários para ele combater, como Hadade (edomita), Rezom e Hadadezer, rei de Zobá. Por volta de 930 AC o reinado foi dividido, confirmando a palavra do Senhor a Salomão.
Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém e levou os tesouros do templo, da casa do rei e os escudos de ouro que Salomão tinha feito.	→ Roboão (17 a)	- Sua mãe (Naamá) era amonita. - Fortificou cidades em Judá. - Sacerdotes e levitas de todo Israel recorreram a Roboão por causa de Jeroboão, de Israel. - Em todo o seu reinado houve

		guerra contra Jeroboão. - Após ter fortalecido seu reino, caiu na idolatria, por isso Deus o entregou nas mãos do rei do Egito. - Teve 18 mulheres e 60 concubinas que lhe deram 28 filhos e 60 filhas (2 Cr 11: 18-23): Jeús, Semarias e Zaão (de Maalate – 2 Cr 11: 19); e Abias, Atai, Ziza e Selomite (de Maaca)
	Abias (3 a) 	- Idolatria. - Sua mãe, Maaca, era filha de Absalão. Não era o primogênito, mas foi colocado no trono porque seu pai amava mais a Maaca do que sua primeira esposa (Maalate), filha de Jerimote, filho de Davi e meio-irmão de Absalão. Teve 14 mulheres que lhe deram 22 filhos e 16 filhas (2 Cr 13: 21). - Guerras contra Jeroboão.
	Asa (41 a) 	- Tirou os prostitutos cultuais e removeu os ídolos. Aboliu os cultos nos altos e cortou os postes-ídolos. - Destituiu a avó Maaca do posto de rainha-mãe. - Edificou cidades fortificadas em Judá e teve vitória sobre os etíopes (Zerá). - Aliou-se com Ben-Hadade (filho de Tabrimom, filho de Heziom), rei da Síria contra Baasa, rei de Israel, dando-lhes a prata e o ouro da Casa do Senhor e dos tesouros da casa do rei. Lançou o profeta Hanani no cárcere por tê-lo repreendido em relação à aliança com Ben-Hadade e por não ter confiado no Senhor. - Teve uma doença nos pés e recorreu aos médicos, não ao Senhor, por isso morreu.
	Josafá (25 a) 	- Andou retamente diante de Deus. - Edificou fortalezas e cidades armazéns em Judá - Terminou a limpeza religiosa de Asa, mas os altos permaneceram.


Jeorão (8 a)
Atalia, sua mãe, usurpa o trono, sabendo da morte do filho.
Acazias (1 a) (também conhecido como Jeoacaz)
No 7º ano, Joiada, o sumo sacerdote, constitui Joás rei no lugar da avó e ele sobe ao trono com sete anos de idade.
Atalia (7 a)
Ficou gravemente enfermo após a invasão dos siros e foi morto por dois servos – 2 Rs 12; 21; 2 Cr 24: 25-27: [Jozacar (ou Zabade) e Jozabade (ou Jeozabade)], que colocam seu filho no lugar dele.
Joás (40 a)
Conspiração do povo, colocando seu filho de 16 anos em seu lugar. Foi morto em Laquis pelo
Amazias (29 a)
- Enviou príncipes, sacerdotes e levitas para ensinarem a Judá, estabeleceu juízes no país.
- Aliou-se com Acabe contra os sírios. Teve também vitória sobre Moabe e Amom.
- Andou nos caminhos dos reis de Israel, pois se casou com a filha de Acabe (Atalia).
- Seduziu o povo à idolatria.
- Seus irmãos mais novos (filhos de Josafá) eram: Azarias, Jeiel, Zacarias, Azarias, Micael e Sefatias (2 Cr 21: 2) e foram todos mortos à espada por Jeorão.
- Por castigo de Deus teve enfermidade mortal no intestino (carta de Elias, profeta do Norte: 2 Cr 21: 12, 15, 18-19).
- Andou nos caminhos de Acabe.
- Foi com o sogro, Jorão, a Ramote-Gileade contra Hazael, rei da Síria, que feriu Jorão gravemente.
- Ambos foram mortos por Jeú, rei de Israel em Jezreel.
- Mata todos os seus descendentes. A irmã de Acazias e filha de Jeorão (Jeoseba ou Jeosabeate, mulher do sacerdote Joiada) esconde o sobrinho Joás para não ser morto pela avó Atalia, durante 6 anos na Casa do Senhor. Atalia é morta na casa real.
- Foi fiel a Deus enquanto Joiada o conduziu.
- Deu as coisas do templo para Hazael, rei da Síria para livrar Jerusalém.
- Assassinou Zacarias, filho e sucessor de Joiada (morreu com 130 anos). Zacarias foi apedrejado.
- Caminho reto ao Senhor, mas não com inteireza de coração.
- Matou os servos que mataram seu pai.
- Vence Edom no vale do Sal,

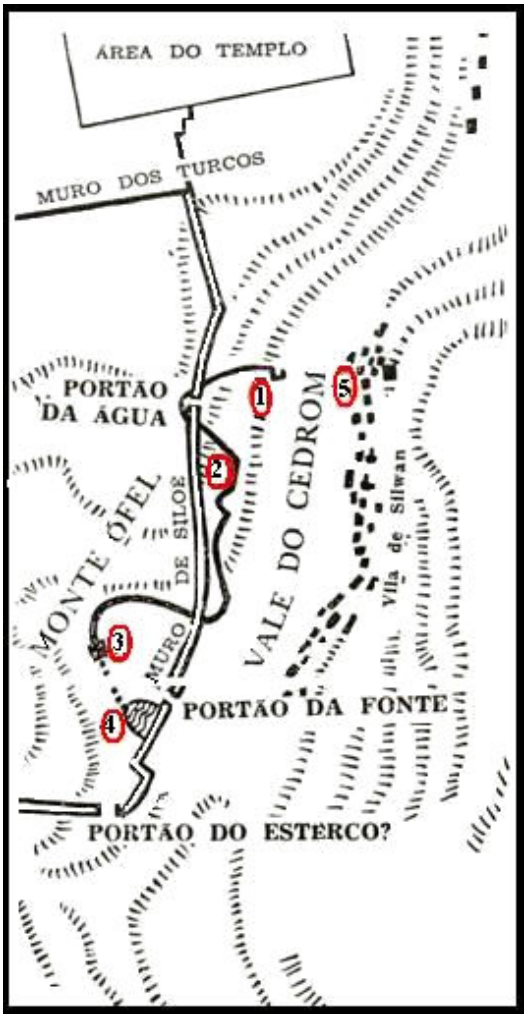
povo.		mas traz para Judá os deuses edomitas. - Derrotado por Jeoás (rei de Israel e neto de Jeú), pois quis medir forças com ele.
	Uzias ou Azarias (52 a) (2 Rs 14: 21; 2 Rs 15: 1)	- Caminho reto em todos os dias do profeta Zacarias, mas os altos ainda estavam erguidos para idolatria. - Vitória contra os filisteus, arábios e meunitas. Os amonitas lhe deram presentes. - Edificou torres em Jerusalém e no deserto e cavou muitas cisternas para favorecer o gado e a agricultura. - Grande exército armado e equipado. - Atacado de lepra por queimar incenso no Santo dos Santos, sem permissão de Deus, pois não era sacerdote; ao se indignar contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu na testa e viveu numa casa separada o resto da sua vida. - Isaías era o profeta na época.
Deus enviou contra Judá a Rezim (rei da Síria) e Peca, filho de Remalias.	Jotão (16 a)	- Sua mãe (Jerusa) era descendente de Zadoque (sacerdote de Davi). - Caminho reto, embora os altos ainda permanecessem. - Fez obras em Jerusalém e teve vitória sobre Amom. - Edificou cidades na região montanhosa de Judá.
Rezim e Peca sobem contra Jerusalém. Rezim é morto por Tiglate-Pileser, rei da Assíria. Zicri (Efraimita) mata Maaséias (filho do rei) e mais dois oficiais do palácio.	Acaz (16 a)	- Caminho mau, queimando seus filhos em sacrifício. - Grandes atos de idolatria. - Derrotado pelos Edomitas e Filisteus - Pede socorro aos assírios (Tiglate Pileser III) contra Rezim (Síria) e Peca (Israel), dando o ouro e a prata da Casa do Senhor para a Assíria. - Em Damasco vê um altar e pede ao sacerdote Urias que faça um altar igual em Judá. Alterou os utensílios do templo em favor do seu altar.

No 14º ano de Ezequias (701-702 AC), subiu Senaqueribe (705-681 AC), sucessor de Salmaneser V, da Assíria, contra Judá. Enviou Tartã (general), Rabe-Saris (seu oficial principal) e Rabsaqué (comandante de campo) para ameaçar Ezequias, que lhe deu 300 talentos de prata e 30 de ouro ao rei da Assíria e arrancou as portas e ombreiras do Templo, cobertas de ouro, para aplacar a fúria do inimigo. Eliaquim (mordomo), Sebna (escrivão), Joá (cronista) vão a Isaías, o profeta, que profetiza a vitória. Assim, o Senhor enviou Seu Anjo que derrotou 185 mil do exército dos assírios. Senaqueribe é morto na sua terra por seus próprios filhos: Adrameleque e Sarezer.	→ Ezequias (29 a)	- Retos caminhos do Senhor. - Reforma religiosa no 1º ano do seu reinado, fazendo em pedaços a serpente de bronze (Neustã) feita por Moisés. - Abriu as portas da Casa do Senhor e as reparou. Purificou o templo e restabeleceu o culto a Deus. - Realizou a Páscoa, chamando seus irmãos de Israel e Judá, mas apenas alguns de Efraim, Aser, Manassés, Issacar e Zebulom aceitaram o convite. - Estabeleceu os turnos dos sacerdotes e levitas e seu sustento (dízimos e ofertas do povo). - Ezequias adoeceu de doença mortal e foi curado pelo Senhor, pois lhe pediu misericórdia. Entretanto, revelou ao rei da Babilônia tudo o que tinha guardado no Palácio e na Casa de Deus. Isaías o repreendeu e profetizou o exílio de Judá, assim como a sorte da descendência real nas mãos dos babilônios. - Construção do tanque de Siloé por Ezequias para salvaguardar o suprimento de água da cidade durante a investida de Senaqueribe.
A Assíria veio sobre ele por castigo de Deus e o levou acorrentado à Babilônia. Lá ele se arrependeu e se humilhou diante do Senhor, voltando a Jerusalém e removendo seus próprios feitos de idolatria.	→ Manassés (55 a)	- Maus caminhos, retornando à idolatria (Baal, exército do céu) e recorrendo às artes mágicas. Era adivinho, feiticeiro e se relacionava com necromantes. Queimou seus filhos como sacrifício, derramou sangue inocente (2 Rs 21: 16 – segundo fontes históricas, ele serrou ao meio o profeta Isaías).
Seus servos o mataram e colocaram seu filho em seu lugar, com 8 anos de idade.	→ Amom (2 a)	- Maus caminhos do pai.

	Josias (31 a)	- Reforma religiosa maior do que a de Ezequias e que foi iniciada no 12º ano do seu reinado: destruiu altares e sacerdotes consagrados aos outros deuses: Moloque (amonita, adorado com o sacrifício de crianças); Camos ou Quemos (Moabita, adorado da mesma forma); Milcom (Amonita); Astarote (Sidônios). A reforma terminou no 18º ano do seu reinado. - Reparou o templo e o sumo sacerdote Hilquias encontrou o livro da Lei na Casa do Senhor. - Celebrou a Páscoa ao Senhor no 18º ano do seu reinado. - Faraó Neco II do Egito partiu contra o rei da Síria em Carquemis, passando pelo meio da terra de Israel até o rio Eufrates. Josias saiu contra ele e morreu no vale de Megido. - Teve quatro filhos: Joanã (Joacaz), Eliaquim (Jeoaquim), Matanias (Zedequias) e Salum – 1 Cr 3: 15.
Neco o prendeu e impôs tributo a Judá (100 talentos de prata e 1 de ouro), constituindo Eliaquim, filho de Josias rei em lugar de Joacaz, mudando seu nome para Jeoaquim. Joacaz morreu no Egito.	Joacaz ou Joanã (3 m)	- Mau caminho ao Senhor. - Levado ao Egito por Neco. - Seu nome original (Salum = retribuição – Jr 22: 11-12) foi trocado por Joacaz para dar sorte (informações históricas). Joacaz = Yahweh apoderou-se ou Yahweh deitou a mão; Joanã = Yahweh tem sido gracioso.
Nabucodonosor, rei da Babilônia (605-562 AC; reinou 43 anos), sobe contra ele, e ele fica seu servo por três anos. Nabucodonosor o amarrou com cadeias de bronze para levá-lo a Babilônia, mas parece que Jeoaquim morreu antes (598 AC). Os tesouros do templo foram levados em 605 AC, a 1ª etapa do exílio. O profeta Daniel foi exilado junto (no 3º ano de Jeoaquim) – Dn 1: 1.	Eliaquim (Jeoaquim) (11 a)	- Teve dois filhos: Jeconias (Joaquim – Jr 27: 20) e Zedequias* – 1 Cr 3: 16. - Caminhos maus ao Senhor.

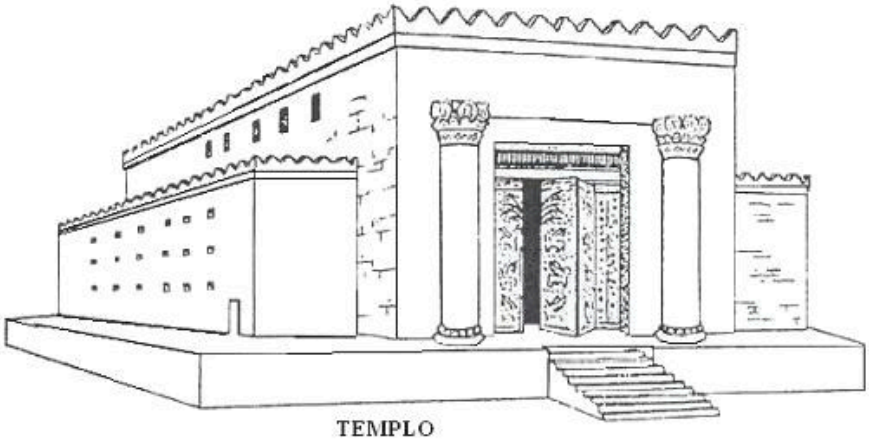
Levado cativo para a Babilônia por Nabucodonosor (597 AC – 2ª etapa do exílio), que estabeleceu o tio de Joaquim, Matanias, por rei, e lhe mudou o nome para Zedequias (2 Rs 24: 17). Em 2 Cr 36: 10 está escrito sobre Zedequias*, o irmão, não o tio de Joaquim (Jeconias). Nabucodonosor levou os mais preciosos utensílios do templo.	Joaquim (Jeconias) (3 m e 10 dias)	- Caminhos maus ao Senhor. - Liberto no 37º ano do seu cativeiro por Evil-Merodaque, rei da Babilônia, no 1º ano do seu reinado. - Teve vários filhos, nascidos no cativeiro: Sealtiel ou Salatiel, pai de Zorobabel, que depois do exílio, retornou a Jerusalém como governador para reconstruir o templo, junto com Josué, o sacerdote, filho de Jozadaque; outros filhos: Maquirão, Pedaías, Senazar, Jecanias, Hosama e Nedabias (1 Cr 3: 17-18 e segs.).
	Matanias (Zedequias) (11a)	- Maus caminhos ao Senhor. - No 9º ano do seu reinado (no dia 10 do 10º mês) Jerusalém foi sitiada por Nabucodonosor (2 Rs 25: 1-4) até o 11º ano de Zedequias (dia 9 do 4º mês). Em Ribla (no distrito de Hamate, no caminho para a Assíria) seus filhos foram mortos à sua vista e lhe vazaram os olhos, levando-o cativo para a Babilônia (2 Rs 25: 7), junto com todos os utensílios do templo (2 Rs 25: 13-17; Jr 52: 11), inclusive as duas colunas de bronze. Foram também (2 Rs 25: 18) Seraías (sumo sacerdote) e Sofonias (segundo sacerdote) e os 3 guardas da porta. Jeremias era profeta na época.
	Cativeiro de Judá (586 AC – 7º dia do 5º mês)	- Somente os mais pobres da terra foram deixados para vinheiros e lavradores. Gedalias (filho de Aicão, filho de Safã) ficou como governador, e foi morto posteriormente por Ismael (capitão do exército de Judá). O restante do povo fugiu para o Egito, forçando o profeta Jeremias a ir com ele.

OS REINOS DE ISRAEL E JUDÁ

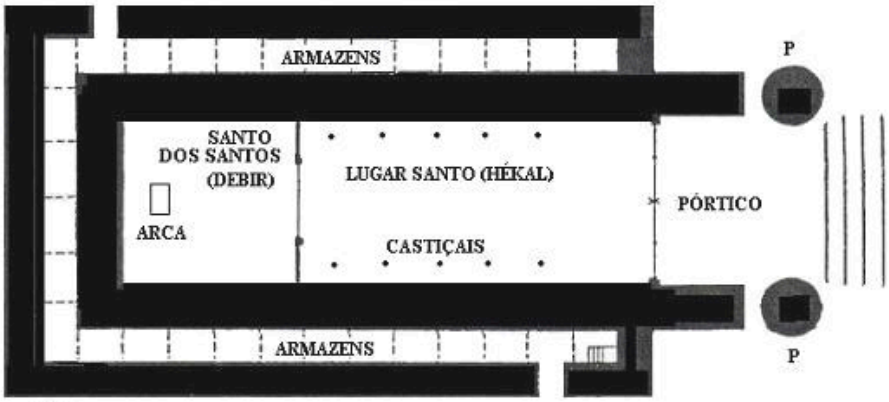


Siloé

1. Giom; **2**. Túnel de Ezequias; **3**. Poço Superior (Birket Silwan)
4. Poço Inferior ou Antigo (Birk el-Hamra); **5**. Túmulo do Mordomo.



TEMPLO



As colunas eram soltas e não suportavam o teto do pórtico, mas estavam diante dele como parte dos móveis, não do edifício do templo. Os nomes podem ser as primeiras palavras dos oráculos (= o que estava escrito) que davam poder à dinastia Davídica: "YHWH estabelecerá *(Jaquim – Yakhin – a da direita – sul)* teu trono para sempre" e "na força *(Boaz – be'õz – a da esquerda – norte)* de YHWH o rei se regozijará" (1 Rs 7: 15-22 e 2 Cr 3: 15-17 cf. Jr 52: 21). A altura de cada uma delas era de 18 côvados (9,32m), afora os capitéis sobre elas, de 5 côvados (2,59m) e a sua circunferência de 12 côvados (6,21m). 1 côvado 'primitivo', aqui, usado para fins sacros, correspondia a 51, 8 cm.

Elias – 17° aula

Textos de referência: 1 Rs 17–19; 1 Rs 21: 29-40; 2 Rs 1: 1-18; 2 Rs 2: 1-14
Período de exercício profético: 875–848 AC, que abrange os reinados de Acabe, Acazias e Jorão.

Resumo:

Elias (*'lïyyâhü e 'elïyyâ*, do hebraico; *Eleiou* (Septuaginta) e *Eleias,* gr. NT, *YHWH é Deus*) foi o profeta do reino do Norte.

O local do nascimento de Elias é incerto; a bíblia fala sobre Tisbe, em Gileade, treze quilômetros ao Norte do Ribeiro de Jaboque.

Nesta aula pretendo dar enfoque ao episódio de Elias contra os profetas de Baal, entretanto, falarei sobre todos os episódios importantes do seu ministério:

1) Sua predição de seca e sua fuga subseqüente para a torrente de Querite e para Sarepta.
2) A luta no Monte Carmelo (três anos depois do 1° acontecimento – 1 Rs 18: 1).
3) A fuga para Horebe.
4) O incidente de Nabote.
5) O oráculo de Acazias.
6) Seu arrebatamento.

Quando a bíblia fala das suas lutas contra Baal, se refere a *Baal-Melcarte*, a divindade oficial protetora de Tiro, que estava ligada à natureza.

Elias veio ao rei Acabe e predisse uma seca. Depois, segundo a orientação do Senhor, fugiu para o lado do Jordão, junto à torrente de Querite. Assim, quando a nação estava com fome e sede, Elias tinha a água da torrente e os corvos lhe traziam alimento (pão e carne), de manhã e ao anoitecer. Com o passar do tempo, por não chover, a torrente também secou. Então, o Senhor enviou Seu profeta a Sarepta, no território de Sidom, fora dos limites de Israel e ali, por milagre, uma viúva o sustentou, pois creu na sua palavra profética de que não faltaria alimento a ele, nem a ela, nem ao filho. Por muito tempo, eles viveram esse milagre (**1º**) de suprimento de Deus; enquanto isso, a nação morria por seu pecado de ter se afastado do Senhor. Então, o filho da viúva faleceu. Deus usou mais uma vez Seu profeta, que fez o segundo milagre (**2º**) diante da mulher, ressuscitando seu filho. Ela teve sua fé reforçada no Senhor e creu que a Sua palavra na boca de Elias era verdade. Embora sendo estrangeira, confiou no Deus de Israel.

Três anos depois do início da seca, o Senhor ordenou a Elias que voltasse para Israel e se apresentasse diante de Acabe, pois haveria chuva sobre a terra. Jezabel, mulher do rei, tinha exterminado todos os profetas verdadeiros, mas seu mordomo Obadias, que era temente a Deus, escondeu cem deles e os sustentou com pão e água.

Elias se apresentou a Acabe e o mandou ajuntar todo o povo de Israel no Monte Carmelo e os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, assim como os quatrocentos profetas do poste-ídolo (Aserá). Elias perguntou ao povo em que deus eles acreditavam: se YHWH ou Baal. Propôs um teste oferecendo holocausto sobre o altar; ele de um lado e os quatrocentos e cinqüenta profetas de outro. O deus que respondesse com fogo, esse era o verdadeiro Deus. Fizeram uma vala ao redor do altar e a encheram com água, que também foi derramada sobre os dois novilhos. Os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal invocaram o seu deus até o meio-dia, sem resposta. Elias ordenou que derramassem água três vezes sobre o seu holocausto. Quando invocou o nome do Senhor, caiu fogo do céu e consumiu tudo o que estava sobre o altar, inclusive a água que fora derramada dentro da vala. O povo reconheceu o milagre (**3**° milagre de Deus usando Elias) e se prostrou diante do Senhor. Elias, então, ordenou que matassem os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal no ribeiro de Quisom. Provavelmente, os outros quatrocentos profetas de Aserá também foram executados por ordem do profeta. Também disse a Acabe para subir no carro porque já viria a chuva. Elias subiu ao cimo do Carmelo e se encurvou com o rosto entre os joelhos, e disse ao seu moço para subir mais alto no monte e olhar para o lado do mar. Ele assim o fez por sete vezes. Na sétima vez, o moço viu uma nuvem do tamanho de uma mão de homem. Aí, Elias o mandou avisar Acabe que a chuva viria. Veio um grande temporal como havia previsto o profeta (**4**º milagre de Deus usando Elias). O rei subiu no carro e foi para Jezreel. A mão do Senhor veio sobre Elias, que correu adiante de Acabe montanha abaixo pela estrada até a entrada de Jezreel (a distância atual entre o Carmelo e o vale de Jezreel é 31-32 km). Era o **5**º milagre de Deus através do profeta.

O rei contou a Jezabel tudo o que tinha acontecido e ela mandou um mensageiro a Elias ameaçando-o de morte. Elias, com medo do que tinha ouvido, fugiu para salvar sua vida e se foi para o deserto. Pediu a Deus que o matasse. Vencido pelo cansaço dormiu e, então, um anjo o tocou dizendo para levantar e comer, pois ao seu lado tinham sido postos um pão e uma botija com água. Comeu, bebeu e voltou a dormir. Pela segunda vez, o anjo do Senhor o acordou e lhe ordenou que comesse. Com a força desse alimento, caminhou quarenta dias e quarenta noites até *Horebe (= seco, deserto),* conhecido como *'O Monte de Deus'*. Horebe era a montanha sagrada onde Deus fizera aliança com Moisés. Elias, figuradamente, estava voltando para a própria fonte da fé pela qual ele havia contendido. Ali ele entrou numa caverna onde passou a noite. Deus lhe perguntou o que fazia ali. Elias se justificou falando sobre a sua fidelidade ao Senhor, sobre a idolatria de Israel e sobre a ameaça de morte que Jezabel tinha feito a ele. Estava se sentindo muito só. Deus lhe disse para sair da caverna. Houve um vento forte e um terremoto, depois um fogo, mas o Senhor não estava ali em nada daquilo. Depois de tudo, num barulho suave, como um sussurro, Ele falou ao profeta. Elias se pôs à entrada da caverna com o rosto envolto no manto. Aí, o Senhor lhe perguntou novamente o que estava fazendo naquele lugar. O profeta deu a mesma resposta que tinha dado no início. Então, Deus o mandou voltar para o deserto de Damasco para ungir Hazael rei sobre a Síria no lugar de Ben-Hadade e para ungir a Jeú rei sobre Israel. Eliseu seria separado como profeta em seu lugar. Também lhe revelou que tinha conservado em Israel sete mil pessoas que não se dobraram a Baal (1 Rs 19: 18). Elias partiu e achou Eliseu, filho de Safate (Sefate), que estava lavrando a terra. Lançou seu manto sobre ele, mostrando com isso que o estava comissionando para o ministério profético. Eliseu se despediu da família e seguiu Elias.

Ben-Hadade da Síria pelejou contra Acabe; foi derrotado em duas batalhas com um ano de intervalo e foi morto por Hazael (2 Rs 8: 14) que tinha sido um dos homens escolhidos por Deus, além de Jeú e Eliseu (1 Rs 19: 17), para destruir a casa de Acabe.

Depois disso, houve o incidente com Nabote, descrito na aula sobre Reis, quando Acabe anexou a vinha do seu súdito aos terrenos do palácio real (1 Rs 21: 19). Segundo o pensamento israelita, a terra possuída por uma família ou clã era entendida como um dom vindo de Deus e todos deveriam respeitar esse direito. Por isso, esse incidente foi considerado uma violação de direito, movendo Elias mais uma vez até Samaria por ordem do Senhor para profetizar a sorte de Acabe, de Jezabel e de sua descendência (1 Rs 21: 17-29). Acazias, filho de Acabe, reinou em seu lugar. Acazias dependeu do deus da vida sírio, *Baal-zebul,* ou *Belzebu (senhor ou mestre, o príncipe),* a quem o povo de Deus ridicularizava chamando de *Baal-zebube (o senhor das moscas),* para saber se viveria ou morreria, pois estava doente por ter caído pelas grades de um quarto alto em Samaria. Elias foi enviado por Deus para repreender o rei e confirmar sua morte. Acazias enviou a Elias duas companhias de soldados, mas Deus usou novamente Seu profeta com fogo do céu, matando cento e dois deles (**6º** milagre de Deus através de Elias). A terceira tropa foi enviada; então, o Senhor ordenou ao profeta que fosse com eles. Acazias morreu, segundo tinha sido profetizado, e Jorão, seu irmão, reinou em seu lugar, pois Acazias não tinha filhos.

Elias não morreu, mas foi arrebatado por Deus num redemoinho. Antes de cruzar o Jordão feriu as águas com seu manto e o rio se abriu (**7º** milagre de Elias). Eliseu o sucedeu como profeta de Israel.

Aprendizados importantes com Elias:

1) *Existe um tempo de Deus para nosso refúgio e para sermos alimentados:* Elias tinha feito a predição de seca e Deus sabia que isso iria trazer um período de dificuldade, tanto à sua vida quanto à da nação como um todo, e que Seu profeta precisava estar forte para enfrentar a luta. Por isso, o orientou a sair de Samaria e ir para o Jordão, para a torrente de Querite onde os corvos (simbolizando os anjos do Senhor) o alimentariam e onde ele beberia das águas da torrente. Isso era um privilégio, pois quando os demais israelitas sofriam os efeitos da seca, o ungido de Deus estava suprido. As águas simbolizam a *Palavra e o Espírito*. Isso para nós quer dizer que quando estamos debaixo da vontade do Senhor para nós, Ele providencia o nosso sustento, mesmo que os demais à nossa volta não o tenham. Em segundo lugar, Ele separa um tempo para que nos fortaleçamos na Sua palavra, nos enchendo do Seu Espírito, para podermos realizar obras maiores depois. Ele envia Seus mensageiros, Seus ungidos *(anjos, em hebraico, significa: mensageiros, nome este pelo qual também eram conhecidos os profetas),* para nos dessedentar e nos purificar com a Sua palavra. Ele também aumenta em nós a Sua força (pão e carne).
2) *Quando algo cessa, é chegada a hora de experimentar o novo:* quando a torrente de Querite secou devido à falta de chuva, Deus enviou Elias para Sarepta até a casa da viúva. Elias teria, agora, outra fonte de alimento. Devemos estar sempre livres nas mãos de Deus para sermos levados aonde Ele quer e depender dEle para o nosso sustento.
3) *Quando já fomos alimentados pelo Senhor, temos condições de alimentar outras pessoas com a Sua palavra:* Elias já tinha sido alimentado por Deus na torrente de Querite. Figuradamente, ele estava cheio do Espírito, por isso estava pronto para transbordar desse Espírito sobre os carentes de vida. Elias foi enviado a uma viúva em Sarepta. Em hebraico, no AT, *viúva* tinha o significado de *silêncio,* enquanto, no NT, significa: *destituída*. Isso quer dizer que aquela mulher estava em *"silêncio",*

não tinha ouvido ainda a Palavra, portanto, estava *"destituída de vida"*. O profeta estava sendo enviado pelo Senhor para resgatar aquela alma, além do que Ele também a estaria usando para dar uma *lição de fé ao Seu povo*, pois ela morava em Sarepta, na Filístia, região fora de Israel; era uma estrangeira, prefigurando o que Jesus veio fazer na terra, trazendo Sua salvação para nós, os gentios. No NT está escrito (At 10: 34-35): "... reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável". A mulher acreditou na palavra profética liberada por Elias e experimentou o milagre de Deus. Assim como o centurião, cujo servo foi curado por Jesus e foi elogiado por sua fé maior da que a dos israelitas, o testemunho dessa viúva foi um exemplo de fé para Israel, que tinha abandonado a aliança com o seu Deus.

4) *Deus é verdadeiro e fiel à Sua palavra; Sua verdade sempre vence a mentira:* podemos ver isso quando Deus respondeu à oração de Elias mandando fogo do céu para destruir o altar a Baal, erguido pelos seus profetas. Isso quer dizer que a luz da Palavra vem destruindo toda mentira de Satanás, quebrando as correntes da idolatria e da religiosidade. Jesus disse: "E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Essa palavra estava agindo através de Elias, mostrando ao povo quem era o verdadeiro Deus.
5) *Crer para ver:* quando Elias subiu ao topo do Carmelo e mandou seu moço observar o céu para ver se já vinha a chuva, tanto ele como o rapaz tiveram que crer no milagre antes de vê-lo concretizado. O moço subiu sete vezes; só na sétima é que ele viu uma nuvem tão pequena quanto a mão de um homem. Mais uma vez, teve que exercitar a fé para crer que, de uma nuvem daquele tamanho, poderia se formar uma chuva copiosa. Assim, nós precisamos continuar observando o céu, ou seja, continuar olhando para Deus, até que possamos reconhecer os recursos visíveis que Ele coloca no nosso caminho e que vão se transformar em grandes bênçãos. Jesus disse: "Se fores fiel no pouco, sobre o muito te colocarei". Isso quer dizer que quando cremos no que o Senhor nos prometeu e no aparentemente pequeno que Ele nos mostra, poderemos vê-lo transformar aquilo em algo grande e abundante.
6) *Receber a unção da fortaleza do Senhor nos faz realizar o impossível:* Elias recebeu uma unção especial de *fortaleza (Is 11: 2)* para correr junto com o carro de Acabe e chegar antes dele em Jezreel. Isso significa que, quando Deus nos capacita com a Sua força, podemos realizar o que parece impossível aos homens; na Sua força, podemos realizar algo maior do que a força humana *(cavalos)* pode realizar.
7) *Estar atento ao esgotamento espiritual que pode ocorrer após uma grande batalha:* Elias tinha realizado grandes feitos, mas era humano, e seu corpo sentiu os efeitos da guerra espiritual que tinha travado. Por isso, fugiu quando ouviu a ameaça de Jezabel e teve aquela reação semelhante a um quadro depressivo, pedindo a Deus para matá-lo ali mesmo no deserto, debaixo do zimbro. Sua visão, agora humana, estava distorcida pelo cansaço. Quando saímos de uma grande luta espiritual, nosso corpo vai sentir os efeitos da batalha; por isso, devemos estar atentos para não cair no jogo sujo do inimigo, ouvindo suas palavras mentirosas, pois ele é oportunista. Mesmo sabendo que perdeu a luta, vai ainda tentar se valer da nossa fraqueza para roubar de nós o que foi conquistado. Elias não teve uma depressão; sofreu os efeitos do esgotamento físico, emocional e espiritual. Por isso, Deus não brigou com ele nem o criticou, mas enviou Seu anjo para alimentá-lo com pão e água para que pudesse recuperar suas forças e continuar seu ministério. O Senhor também o deixou dormir para se equilibrar novamente.

8) *Não ter medo de dizer a verdade a Deus, de confessar nossa fraqueza:* Elias respondeu a Deus uma 'meia-verdade' quando Ele lhe perguntou o que fazia escondido na caverna. O profeta Lhe falou sobre sua fidelidade, sobre a idolatria do povo e sobre a ameaça do inimigo, mas não foi capaz de confessar ao Senhor sua fraqueza, seu medo e sua dúvida naquele momento abalando sua fé. Não devemos dar a Ele respostas ou justificativas religiosas, porém devemos abrir nosso coração, falando com sinceridade; assim, Ele vai corrigir nossos caminhos e nos fortalecer novamente. Vai tirar nossa visão distorcida dos fatos e colocar no lugar a visão correta.
9) *Sair da caverna ou sair da tenda para ver o verdadeiro projeto de Deus:* o Senhor disse a Elias algo muito parecido com o que disse a Abrão: — "sai da tenda, Abrão"; "sai da caverna, Elias". Abrão teve que sair da tenda e olhar para as estrelas e poder entender a promessa divina; teve que sair da sua visão limitada e humana para ter a visão ampla de Deus. Elias, igualmente, estava com sua visão distorcida e embaçada pelo cansaço da luta. Por isso, Deus o mandou sair da caverna para que pudesse ter a visão ampla dEle e do Seu projeto. É interessante lembrar também que esta situação foi semelhante à de Moisés. Elias estava no mesmo monte que Moisés estava quando pediu a Deus para ver Sua glória, pois precisava ter sua fé aumentada. O Senhor o colocou numa fenda da rocha e satisfez seu desejo. Elias estava, igualmente, numa fenda da rocha (símbolo do aconchego do coração de Deus) e tudo o que tinha a fazer era sair da sua limitação para olhar para a manifestação do poder divino e ouvir Sua voz.
10) *Deus consola:* Ele não precisa de grandes manifestações para aparecer a um filho, nem fala de modo aterrador, nem ameaçador, mas mansa e tranqüilamente. Foi o que aconteceu a Elias, depois que passaram o furacão, o terremoto e o fogo. Veio um cicio suave e nele Deus falou com Seu filho. Ele quer nos falar de maneira consoladora e mansa para que nosso coração possa se acalmar depois de tanta luta e sofrimento, quando a alma parece se amedrontar com qualquer coisa. Sua voz traz restauração, cura e um novo tempo em nossas vidas.
11) *Deus preserva os que são Seus; nós não estamos sós:* Elias tinha feito algo ousado e desafiador, enfrentando sozinho os profetas de Baal, sem ajuda de mais ninguém a não ser de Deus. Por isso se sentia sozinho em suas convicções. Parecia que ninguém mais pensava como ele. Então, o Senhor o consolou e lhe revelou que ainda havia outros que Ele mesmo havia preservado com vida e que não se tinham dobrado à idolatria. Sete mil em Israel continuavam fiéis à aliança com Ele.
12) *As atitudes inusitadas de Deus são para gerar fé no povo:* a maneira diferente de Deus de tomar Elias para Si, num redemoinho, ao invés de tê-lo deixado morrer como qualquer mortal teve o objetivo de gerar fé no coração dos israelitas e evitar também que o túmulo do profeta se tornasse objeto de adoração pagã. Ele fez algo semelhante com Moisés, outro grande homem, que foi sepultado secretamente pelo próprio Deus para evitar a idolatria de Israel. Elias foi símbolo da *profecia,* e Moisés, também profeta, representou a *Lei* (cf. a transfiguração de Jesus: Mc 9: 2-8).

Eliseu – 18ª aula

Textos de referência: 1 Rs 19: 19-21; 2 Rs 2–9; 2 Rs 13: 14-25
Exercício profético: 848–797 AC

Resumo:

Eliseu *(ʾᵉlïshã, Deus é salvação)* foi profeta do reino do norte e contemporâneo de Acabe, Acazias, Jorão, Jeú, Jeoacaz e Jeoás, portanto, seu ministério abrangeu aproximadamente cinqüenta anos da história de Israel.

Podemos dizer que o ministério de Elias foi reproduzido por João Batista, assim como o de Eliseu foi uma sombra do futuro ministério de Jesus.

Eliseu foi chamado ainda jovem e seu chamado não foi através de uma unção com azeite como os reis de Israel receberam, mas foi uma *ordenação* quando Elias jogou sobre ele o manto profético (1 Rs 19: 19-21). A partir daí, serviu seu mestre.

Alguns anos se passaram e, quando o Senhor estava para tomar Elias ao céu por um redemoinho, Eliseu acompanhou o mestre de Gilgal até Betel, depois para Jericó e para o Jordão, onde as águas se dividiram ao toque do manto de Elias. Cinqüenta discípulos dos profetas os acompanharam, tentando dissuadir Eliseu de seguir Elias. Quando atravessaram o rio, Elias perguntou a Eliseu o que ele queria antes de ser tomado por Deus. Eliseu pediu porção dobrada do espírito que estava sobre seu mestre, ou seja, o dobro do seu poder espiritual, assim como o filho mais velho herdava dupla porção da propriedade do pai (Dt 21: 17). De qualquer maneira, Eliseu queria o poder divino para cumprir sua nova missão como líder espiritual da nação (2 Rs 2: 15). Elias, então, lhe disse que ele teria isso se o visse quando fosse arrebatado. Continuaram andando até que um carro de fogo (símbolo da autoridade de Deus), com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. Então, Eliseu verbalizou em voz audível o que estava vendo. Rasgou suas vestes em duas partes e tomou o manto que Elias deixara cair. Como seu mestre tinha feito, feriu as águas e elas se dividiram. Eliseu passou (**1º** milagre feito por Deus usando seu ungido). Os discípulos dos profetas viram tudo e reconheceram a autoridade de Eliseu como profeta da nação (2 Rs 2: 15).

Os homens de Jericó comentaram com Eliseu que a cidade era boa, mas as águas eram más e a terra, estéril. Eliseu pediu que lhe trouxessem um prato novo e pusessem sal nele. Aí fez seu **2º** milagre diante deles, jogando sal no manancial das águas, que ficaram saudáveis (2 Rs 2: 19-21). O sal simboliza aliança (Lv 2: 13; Nm 18: 19), fidelidade da promessa, natureza não perecível do pacto, o amor imutável de Deus, sinal de purificação e santidade.

Eliseu saiu de Jericó e voltou para Betel e, no caminho, quarenta e dois rapazes zombaram dele por causa de sua calvície. Ele os amaldiçoou em nome do Senhor e eles foram mortos por duas ursas. Não foi um caso de vingança contra jovens inofensivos, mas um juízo de Deus contra uma geração que demonstrava crescente desrespeito para

com Ele e Suas leis. O insulto deles não era, na verdade, uma zombaria contra a calvície de Eliseu, mas uma zombaria contra o Deus que o profeta representava; uma rejeição de sua autoridade profética. Foi a **3ª** atitude miraculosa ocorrida no seu recente ministério (2 Rs 2: 23-25).

Moabe pagava tributo ao rei de Israel. Quando Acabe morreu e Jorão, seu filho, subiu ao trono, o rei dos Moabitas se revoltou, portanto, Jorão pediu ajuda a Josafá, rei de Judá, e com eles se aliou o rei de Edom (2 Rs 3: 1-7). Após sete dias de marcha, faltou água para o exército e para o gado deles. O rei de Israel murmurou, mas Josafá indagou por um profeta que se pudesse consultar em nome do Senhor. Um dos servos de Jorão lhe falou sobre Eliseu, filho de Sefate e os três reis foram até ele. Eliseu se irou contra o rei de Israel, porém por causa de Josafá, pediu que viesse um tocador de harpa. A música trouxe o poder de Deus sobre Eliseu, e ele profetizou que eles deveriam fazer muitas covas no vale e o Senhor as encheria de água, não só para matar sua sede e a do gado, como também entregaria Moabe em suas mãos. Na manhã seguinte as águas vieram (2 Rs 3: 20) pelo caminho de Edom (**4º** milagre de Eliseu), águas que provavelmente foram decorrentes de uma forte chuva que o Senhor mandara sobre as montanhas edomitas e que fluíram para Moabe. Os Moabitas esperavam encontrar tanques d'água e confundiram o reflexo vermelho do sol da manhã com sangue (2 Rs 3: 22). Pensaram que os reis tivessem se destruído uns aos outros e foram ao arraial de Israel. Ali os israelitas os derrotaram perseguindo-os até suas cidades, que também foram destruídas segundo a profecia de Eliseu. O rei de Moabe, vendo que não poderia vencer, tomou seu filho primogênito e o ofereceu em holocausto sobre o muro da cidade. Isso fez com que os Moabitas lutassem com maior intensidade e fúria, levando os israelitas a se retirarem, pois estes já tinham conseguido seu objetivo.

Com Eliseu, aconteceu milagre semelhante ao que fez Elias com a viúva de Sarepta (1 Rs 17: 8-16). Dessa vez, foi com uma mulher também viúva dos discípulos dos profetas (2 Rs 4: 1-7), que estava endividada e temia que os credores levassem seus filhos como pagamento (seriam escravos). Eliseu lhe deu instruções detalhadas sobre como levantar recursos colocando óleo em vasilhas. Ela obedeceu às ordens, viu o milagre de Deus (**5º** por meio do Seu profeta), pagou sua dívida e sua fé no Senhor aumentou.

Havia uma cidade na região ocupada pela tribo de Issacar, ao norte de Israel, e no NT correspondente à Galiléia, chamada Suném *(shünem, lugar de repouso).* Ali morava uma mulher rica que lhe ofereceu pão. Todas as vezes que o profeta passava por lá, entrava em sua casa para comer. Foi ela que sugeriu ao seu marido que lhe fizesse um pequeno quarto, mobiliado de maneira simples para que, quando o profeta voltasse, pudesse se abrigar nele. Assim aconteceu. O moço de Eliseu se chamava Geazi e o profeta lhe perguntou o que ele poderia fazer pela mulher para retribuir sua hospitalidade. Geazi sugeriu que, talvez, Deus pudesse fazer um milagre de lhe dar um filho, já que ela não tinha nenhum e seu marido já era velho. Eliseu a chamou novamente e lhe disse que dali a um ano lhe nasceria um filho. E o milagre aconteceu como ele tinha predito (2 Rs 4: 15-17, o **6º** milagre de Deus por seu intermédio). O menino cresceu e um dia adoeceu e morreu. A mãe o colocou sobre a cama de Eliseu e foi procurá-lo. Encontrou-o no Monte Carmelo. Contou ao profeta sobre sua dor e ele mandou Geazi colocar seu bordão (o de Eliseu) sobre o rosto do menino. A mãe não queria ninguém mais além do profeta, portanto, ele a acompanhou. Geazi até colocou o bordão como lhe fora orientado, mas nada aconteceu. Então, Eliseu orou ao Senhor e se deitou sobre o menino (seus olhos, sua boca e suas mãos sobre os do morto); o garoto espirrou sete vezes e abriu os olhos (**7º** milagre). Eliseu tomou o menino e o apresentou à sua mãe. Mais tarde, houve um período de fome na nação e a Sunamita buscou alívio

na Filístia, perdendo todos os seus bens. Após sete anos voltou e seus bens foram restaurados (2 Rs 8: 1-6). Estou descrevendo agora esse episódio para mostrar que o relacionamento de Eliseu com a Sunamita não terminou ali com a ressurreição do seu filho.

Após ter ressuscitado o menino, outro episódio que é colocado em seqüência também parece estar relacionado ao período de sete anos de fome em Israel, descrito em 2 Rs 8. Esse episódio trata da fraternidade dos profetas em Gilgal. Eliseu disse a Geazi para colocar a panela grande no fogo e fazer um cozido para os profetas. Algo no alimento, entretanto, não agradou aos homens; provavelmente estivesse envenenado pelas ervas que foram ali colocadas. Eliseu colocou farinha na panela e tornou o alimento saudável. Foi seu **8º** milagre. O **9º** milagre antecipa o milagre da primeira multiplicação de pães e peixes feito por Jesus (Mc 6: 35-44). Aqui, Eliseu multiplicou vinte pães de cevada e espigas verdes para alimentar cem homens.

Em 2 Rs 5: 1-27, a bíblia descreve a história de Naamã, que não tem data precisa. Talvez, tenha ocorrido num período em que os assírios tentaram dominar a Síria; quem sabe, um período de trégua entre a Síria e Israel. Naamã era comandante do exército do rei da Síria e estimado pelo seu senhor. Através dele, Deus dava vitória ao seu povo, mas Naamã supunha que isso vinha de sua habilidade militar. Era um herói de guerra, porém, leproso. As tropas da Síria tinham feito prisioneira uma menina israelita que ficou a serviço da mulher de Naamã. Foi ela que falou à sua senhora sobre Eliseu, que estava em Samaria, e que era capaz de curar Naamã da lepra. Ele falou com seu rei, que o enviou a Israel. Parou na porta da casa do profeta, que lhe mandou um mensageiro com a instrução de Naamã mergulhar sete vezes no Jordão para ser curado. Naamã se enfureceu, pois esperava outra resposta e outra maneira de ser curado. Cedendo ao conselho dos seus oficiais, fez o que o profeta tinha mandado e ficou livre da lepra (**10º** milagre). Naamã quis recompensar Eliseu, mas este rejeitou o presente. Então, Naamã lhe pediu que pudesse levar um pouco de terra de Israel para a Síria, pois estava disposto a adorar somente o Senhor, a partir daquele momento. O profeta o despediu em paz. Geazi não entendeu a recusa de Eliseu e achou justo receber do oficial sírio uma recompensa; mentiu-lhe, falando-lhe em nome do seu mestre. Naamã lhe deu dois talentos de prata e duas vestes festivais. Quando o homem de Deus lhe pediu contas de onde tinha ido, Geazi mentiu novamente. O profeta o repreendeu e lhe disse que a lepra de Naamã ficaria, agora, nele e na sua descendência para sempre.

O próximo milagre de Eliseu (**11º**) diz respeito a ele ter feito flutuar um machado (2 Rs 6: 1-7), o que, provavelmente, ocorreu na mesma época dos outros milagres nas habitações dos profetas.

Eliseu teve uma notável participação política, principalmente, nas guerras entre a Síria e Israel (2 Rs 6: 8-24). Avisou o rei de Israel sobre o acampamento do inimigo por várias vezes, livrando a nação de um desastre (2 Rs 6: 10) e isso perturbou o rei inimigo, que pensou haver um espião no seu meio. Informado sobre a existência do profeta, tentou prendê-lo, mas Deus trouxe cegueira sobre o exército sírio e desviou as tropas para Samaria em direção ao exército de Israel (2 Rs 6: 18-19 – **12º** milagre). Entretanto, por ordem de Eliseu, o rei de Israel lhes ofereceu um banquete e os mandou de volta ao seu senhor. As investidas sírias cessaram.

Algum tempo depois, voltou Ben-Hadade, rei da Síria, para sitiar Samaria (2 Rs 6: 24-25). Era o período de fome de sete anos predito por Eliseu à sunamita (1 Rs 8: 1) e descrito anteriormente. Vendia-se cabeça de jumento e esterco de pomba. O estado de Israel era tão crítico que até canibalismo de crianças era praticado. Isso indignou o rei Jorão que se voltou contra Eliseu para ter a quem acusar por aquela situação. Mandou-lhe um mensageiro, mas Eliseu profetizou que no dia seguinte haveria suprimento. O

capitão que tinha sido enviado pelo rei como emissário ao profeta duvidou da profecia e recebeu mais uma palavra dele de que ele veria a profecia se cumprir, porém, não ficaria vivo para comer do alimento. A profecia se cumpriu (**13º** milagre) quando quatro homens leprosos que estavam à porta da cidade resolveram arriscar suas vidas para procurar comida no arraial dos siros. Ao anoitecer daquele dia, puseram seu plano em prática, mas quando chegaram lá encontraram o acampamento vazio, pois Deus fizera os siros ouvirem ruído de um exército e de carros de guerra, e pensaram que Jorão tinha pedido ajuda ao Egito e aos heteus; entraram em pânico e fugiram deixando tudo. Os leprosos comeram e beberam e viram as vestes e o ouro. Esconderam os despojos e voltaram a Samaria para contar ao rei e aos cidadãos o milagre do Senhor. O rei Jorão duvidou a princípio; depois, enviou soldados para confirmar. Constatando o milagre, saqueou o arraial inimigo. Assim, se cumpriu a profecia de Eliseu. O capitão do rei que duvidou das palavras do profeta foi atropelado pelo povo e morreu na porta da cidade como o homem de Deus havia dito.

Ben-Hadade adoeceu e Eliseu foi a Damasco. O rei siro perguntou ao homem de Deus, através de um mensageiro, se ele sararia. O mensageiro e assistente do rei era Hazael, que tinha sido ungido por Elias a mando do Senhor para exterminar a casa de Acabe. Quando Eliseu o viu, chorou, pois Deus lhe mostrou que ele mataria o rei da Síria e dizimaria a nação Israel. No dia seguinte, Hazael matou Ben-Hadade e ocupou o trono. Por ordem de Eliseu, um dos discípulos dos profetas foi até Jeú, capitão do exército Israelita que estava em Hamote-Gileade, e o ungiu rei, pois Jorão, rei de Israel, tinha se unido com Acazias, rei de Judá, contra Hazael, rei da Síria, e voltara ferido para Jezreel.

Como o Senhor ordenara, Jeú dizimou a casa de Acabe matando Jorão, rei de Israel, e Acazias, rei de Judá. Jezabel, mãe de Jorão e mulher de Acabe, foi jogada da janela do palácio e também morreu, como o Senhor havia dito por boca do profeta Elias. Jeú matou também os setenta filhos de Acabe, assim como todos os seus conselheiros, sacerdotes e todos os seus conhecidos. Todos os sacerdotes de Baal foram exterminados.

Estando Eliseu enfermo, Jeoás (filho de Jeoacaz, filho de Jeú), rei de Israel, veio para visitá-lo. O profeta fez a ele uma promessa de vitória sobre os siros; infelizmente, ele não deu muito crédito a ela.

Eliseu morreu com, mais ou menos, oitenta e cinco a noventa anos e o sepultaram. Bandos de Moabitas costumavam invadir a terra. Quando os israelitas que estavam enterrando um homem os viram, lançaram o corpo na sepultura de Eliseu e, quando o cadáver tocou os ossos do profeta, ressuscitou. Em relação a Eliseu, este foi o **14º** milagre realizado por Deus e que, embora não tenha sido efetuado pelo poder Dele sobre o profeta ou sobre seus ossos, serviu como um sinal de que o Deus de Eliseu vivia.

Podemos ver com tudo isso que Elias realizou sete milagres ao longo do seu ministério. Eliseu tinha lhe pedido porção dobrada e realizou quatorze milagres.

Aprendizados importantes com Eliseu:

1) *Semelhanças com o ministério de Jesus:* o ministério de Eliseu antecipou o de Jesus, foi uma sombra do que ocorreria com o Senhor. O próprio chamado de Eliseu foi muito parecido com o chamado dos apóstolos. Elias passou pela plantação onde Eliseu estava arando a terra e o chamou. Eliseu se despediu dos seus familiares e o

seguiu. Assim também foi com os discípulos de Jesus. A bíblia fala que eles deixaram o que estavam fazendo e o seguiram. A velha vida foi deixada para trás e uma nova começava com Jesus. Outra semelhança com o ministério de Jesus e que aconteceu na vida de Eliseu foi a ressurreição do filho da sunamita. A primeira semelhança diz respeito à confiança dela no profeta, não especificamente em sua autoridade através de outra pessoa. Quando ele enviou seu moço Geazi e o orientou a estender o bordão sobre o rosto o menino e nada aconteceu, a mulher não se apartou de Eliseu, ou seja, ela achava que ninguém mais poderia ressuscitar seu filho, que não fosse o profeta. Esse episódio foi muito parecido com aquele que Jesus curou o menino que tinha epilepsia (por causa de demônio), mas que não pôde ser curado por Seus discípulos porque o pai achava que só o Senhor poderia curá-lo. Quando Jesus foi até ele, não se importou de início com o menino possesso, e sim com o pai, restaurando-lhe a fé, não só na Sua presença física ali, como lhe mostrando que Ele era a palavra viva e estava também na boca de Seus seguidores para realizar os milagres que fossem necessários. Assim como a fé do pai teve que ser trabalhada, a fé da mulher também foi trabalhada por Eliseu. Mais um episódio onde podemos encontrar fatos parecidos com o evangelho é o relacionamento mais íntimo e prolongado com a sunamita, pelo fato de Eliseu voltar ali amiúde e até ter um quarto construído para si onde se abrigar. Eliseu, primeiro, conquistou a amizade da mulher e do marido, passou a ser como se fosse um membro da família e, com certeza, falava sobre o Deus de Israel com eles, ministrava a eles a palavra do Senhor; só depois realizou o milagre da ressurreição do filho deles. Seu relacionamento com essa família não terminou por aí, mas continuou quando, após sete anos de seca, os bens da sunamita foram restaurados porque Geazi intercedeu por ela junto ao rei. Jesus, da mesma forma, foi amigo íntimo de Lázaro, Marta e Maria; freqüentou sua casa e se hospedou lá, teve várias oportunidades de estar com eles ministrando a Palavra e ressuscitou Lázaro para mostrar a eles que era verdadeiramente seu amigo de todas as horas. Quando ele foi crucificado e passou três dias no túmulo, foi uma semelhança com o período de seca enfrentada pela sunamita, pois se sentiu afastada da fonte de águas vivas vindas do profeta. Lázaro, Marta e Maria ficaram sem a *"Água da Vida"* ali com eles, mas foram restituídos da sua esperança quando Jesus ressuscitou e voltou para eles, até subir ao céu depois de quarenta dias. O mesmo acontece conosco: Jesus nos chama para Ele e começa a nos encher com Sua palavra e, de repente, por alguma tribulação na nossa vida, nos sentimos secos e mortos, parecendo que Ele se afastou justo no momento da nossa assolação e solidão; entretanto, depois do nosso aprendizado com essa situação, Ele volta a ressuscitar nossa esperança, nos restituindo daquilo que nos foi roubado. Outro milagre de Eliseu que teve semelhança com o de Jesus foi a multiplicação dos vinte pães de cevada e das espigas para cem homens, semelhante com a multiplicação dos pães e peixes para cinco mil e quatro mil homens (dois milagres de multiplicação de pães e peixes). O episódio ocorrido após a morte de Eliseu, quando o cadáver do homem que tinha sido jogado no seu túmulo passou a ter vida ao tocar seus ossos, pode ser outra forma de mostrar o poder ressuscitador de Jesus sobre todas as coisas mortas. Quando Jesus morreu e ressuscitou, Ele tirou as chaves da morte das mãos do diabo. Quando morreu na cruz, a bíblia diz que muitos mortos ressuscitaram e passaram a andar pela cidade (Mt 27: 52-53). O milagre realizado por Deus com o caso dos ossos de Eliseu foi para mostrar ao Seu povo que o Deus de Eliseu estava vivo; jamais morreria e tinha o poder da vida e da morte consigo. O fato de Jesus ressuscitar nos passa a mesma mensagem: *Ele vive eternamente, assim como todos aqueles que crêem e tocam nEle.*

2) *O profeta precisa superar todas as provas colocadas em seu caminho para ser reconhecido como uma autoridade vinda de Deus:* foi o que aconteceu com Eliseu um pouco antes de ser sucessor de Elias. Primeiro, ele seguiu o mestre até *Betel,* que significa *'a casa de Deus'*. Isso quer dizer que o profeta deve estar sempre na presença de Deus para ter revelação e autoridade. Em segundo lugar, Eliseu o seguiu até Jericó. Isto significa que *as muralhas das impossibilidades devem ser vencidas* para conquistar a unção profética. É um ato de fé colocada em ação para que o profeta descubra a força da palavra de Deus em sua boca. O terceiro passo é ir para o Jordão, que simboliza a *mudança de mente, o divisor de águas, ou seja, a separação da mente de Deus da mente do homem*. O profeta deixa o Espírito vir separando a mente dele da de Deus para que possa ter um grau maior de fé e uma visão mais elevada das situações e, assim, possa ser um canal de milagres para o Senhor. Eliseu superou todas essas provas para poder conquistar a porção dobrada de Elias.
3) *Olhar para o espiritual, não para o natural:* Elias disse a Eliseu que ele teria o que tinha pedido se pudesse ver o momento exato do seu arrebatamento, o que foi uma experiência espiritual. Os cavalos e carros de fogo, símbolo de autoridade de Deus no mundo espiritual, eram a visualização dos anjos trazendo a glória e o poder de Deus ao tomar Seu ungido. O Senhor estava fazendo algo insólito, pois ninguém teve esse tipo de morte, a não ser Enoque, antes de Elias. Todos os Seus servos, inclusive Moisés, foram enterrados como todos os mortais. Assim, o que estava acontecendo era algo espiritual que mostrava a Eliseu que, para ele ter o manto profético e o poder de Deus que desejava para dirigir a nação, era preciso aprender a olhar sempre com os olhos espirituais, não com os naturais. Se ele não estivesse 'em espírito' naquele momento, não poderia ter visto o que viu. Os olhos naturais dos homens não os permitiam ver o milagre. Isso significa que o profeta precisa ter os olhos voltados para o alto, para as coisas espirituais, não para as da carne.
4) *Os que desprezam e invejam vão ter que reconhecer a autoridade de Deus sobre Seus ungidos:* os discípulos dos profetas que antes haviam tentado atrapalhar e dissuadir Eliseu de seguir Elias tiveram que reconhecer a autoridade de Deus sobre Seu escolhido, quando viram o profeta voltar sozinho do outro lado do Jordão e depois de procurarem por Elias em vão, sem achá-lo.
5) *A nova aliança traz vida e bênção:* o episódio que Eliseu pede um prato novo e coloca sal para tornar saudáveis as águas de Jericó exemplifica isso. O prato simboliza o nosso espírito. O sal simboliza aliança (Lv 2: 13 e Nm 18: 19), fidelidade da promessa, natureza não perecível do pacto, o amor imutável de Deus, sinal de purificação e santidade. Ao fazer Eliseu jogar o sal no prato novo, o Senhor estava mostrando com isso que Sua promessa não tinha morrido e Ele estava disposto a fazer uma nova aliança com Seu povo. Nada pode continuar estéril com Ele por perto. Outra característica interessante do sal é que ele derrete o gelo. Isso significa que a palavra verdadeira de Deus derrete os corações frios e endurecidos pelo pecado e pelas barreiras humanas.
6) *Os mandamentos imutáveis de Deus prevalecem sobre a irreverência e a falta de temor:* quando Eliseu foi ridicularizado pelos quarenta e dois rapazes por causa de sua calvície, na verdade, era Deus que estava sendo zombado e desprezado pelo povo de Israel. Duas ursas saíram do mato e os destruíram. O urso é um animal que tem maior força que o leão e suas ações são menos previsíveis. Como vimos na aula sobre Sansão, o leão representa a ação de forças e poderes espirituais sobre nós. Assim, podemos imaginar que o urso também é uma força dessas, porém, maior, como a força de Deus, que é capaz de realizar justiça contra tudo o que afronta Sua

santidade e Sua palavra, e pode pegar o inimigo de surpresa em qualquer situação. O número dois para os israelitas simbolizam a Lei e os Mandamentos inscritos nas duas tábuas que Moisés trouxe do Sinai; em outras palavras, simboliza a aliança imutável de Deus com Seu povo. Com esse ato de juízo de Deus sobre a desobediência e falta de temor, realizado através de Eliseu, Ele quis mostrar que o Seu poder é maior para destruir todo o pecado e opressão. Sua palavra continua sendo fiel.

7) *O louvor traz a presença de Deus:* na guerra dos três reis contra Moabe, Eliseu pediu um tangedor. Quando a música trouxe a presença de Deus sobre ele, pôde profetizar e revelar as estratégias divinas ao Seu povo. Assim, o louvor nos aproxima do Seu trono e nos faz conhecer Seus segredos. Além disso, como aconteceu com Josafá na guerra contra os moradores de Seir, o louvor faz com que Deus guerreie por nós contra o que não podemos resolver e nos traz livramento.
8) *Abrir espaço para Deus agir:* quando o Senhor orientou que fizessem covas no vale para que Ele enchesse com água, isso queria dizer para abrir espaço (covas) no coração para que as situações aparentemente antigas e sem solução (vale) possam ser inundadas pela Sua vida e pela Sua palavra. Seu sangue (cor vermelha da água sob o reflexo do sol da manhã, vista pelos Moabitas) afasta o inimigo e traz vitória e renovação.
9) *Milagre de suprimento vem de Deus e não dos homens:* podemos ver isso no caso da viúva endividada que estava prestes a entregar seus filhos como escravos para poder saldar o que devia. Com este pensamento e com esta atitude, ela estava lançando mão da solução humana, ou seja, vender o que se tem para pagar dívidas. Na verdade, ela estava mais do que vendendo algo para se ver livre da cobrança; ela estava dando 'de mão beijada' na mão do inimigo o que ela tinha de mais precioso que era seus filhos. *Filho* representa o *sonho*. Dessa forma, quando nos vemos pressionados pelo adversário, temos a tendência a entregar a ele o que é precioso para nós, a ponto de vendermos nossos bens materiais e até abrir mão dos nossos sonhos porque achamos nessa solução humana o socorro imediato para nossa situação de miséria. Quando damos ouvidos à palavra de Deus (representada aqui por Eliseu) e a acolhemos com fé no nosso coração, podemos ver que Ele tem uma solução espiritual, que é mais eficaz do que a que temos. As vasilhas somos nós, os vasos capazes de comportar a unção do Senhor; portanto, quando nos encontramos numa situação de carência e falta de suprimento em qualquer área da nossa vida, Deus nos fala para pedirmos a Ele que nos traga vasilhas (Seus filhos) para que Ele possa encher e realizar, através deles, o milagre que precisamos. Quanto mais forem as vasilhas, mais unção de Deus vai ser derramada, e maior vai ser a vitória. Outro aprendizado aqui visto sob o prisma divino é que nós, quando pensamos que não temos mais nada, ainda temos uma porção da Sua unção para ser derramada sobre outros e multiplicar Sua palavra de salvação na terra. Outros precisam ser cheios com o Seu poder.
10) *Se encher com o Espírito:* voltando ao caso da ressurreição do filho da sunamita, podemos ver alguns tópicos de importância. Muitas vezes, não só a Palavra cura, mas a visão e a ação corretas (conjuntamente): 'boca, olhos, mãos'. Por isso, Jesus tocava algumas pessoas. Espirrar, aqui no texto, simboliza uma ação libertadora divina perfeita (sete vezes) sobre o espírito do menino. Em Gênesis, está escrito que o sopro de vida de Deus (o espírito) foi colocado no homem (Adão). Quando Eliseu colocou seus olhos, sua boca e suas mãos sobre o menino, o Senhor estava removendo simbolicamente do seu espírito o que o impedia de fluir e viver (o menino espirrou sete vezes). O Senhor fez o profeta se deitar sobre o garoto com o

intuito de nos mostrar que queria fazer repousar sobre ele o Seu Espírito (Mt 12: 18). Há também certa semelhança com a cura do endemoninhado cego e surdo que Jesus curou (Mt 12: 22-23; 28), quando a bíblia fala que 'expulsava demônios pelo Espírito *(dedo)* de Deus' (Lc 11: 20). O filho da sunamita poderia não estar endemoninhado, mas necessitava do Espírito vivificante e restaurador de Deus. O ato de Eliseu também colocar seus olhos sobre os do menino simboliza que ele precisava de uma nova visão em sua vida para poder caminhar corretamente, livre da morte (pecado). Colocar suas mãos sobre as dele representava uma nova maneira de agir. O menino foi liberto da morte (pecado) pela palavra de Deus (boca do Espírito através do profeta), recebendo a visão correta da vida (olhos) e uma nova maneira de agir (mãos, a maneira de Deus). Eliseu teve elementos para realizar a cura: a palavra (boca), a visão de Deus para crer que o menino ressuscitaria (olhos) e a ação correta (mãos). Podemos dizer que ele também aprendeu com essa experiência.

11) *Deus tem capacidade de salvar e transformar:* em três milagres de Eliseu, Deus usou símbolos desse poder: *sal* sobre as águas estéreis de Jericó, *farinha* na panela que continha alimento envenenado para os profetas, e o *azeite* nas vasilhas da viúva. O sal simbolizava Sua aliança, Seu amor e Sua fidelidade em relação às promessas; a farinha, a verdade da Sua palavra e Seu poder restaurador (através do Seu corpo, simbolizado pelo pão comido na ceia, pois é com farinha que se faz o pão) trazendo resgate da morte; e o azeite, simbolizando o poder transformador, resgatador e multiplicador do Seu Espírito (unção).
12) *Curar a lepra:* a palavra lepra, na bíblia, pode ter o significado de lepra mesmo (doença de pele), pecado (lepra espiritual) e feridas emocionais. Isso nos fala de doença física, espiritual e emocional. Naamã era um herói de guerra; aparentemente, um vitorioso aos olhos dos homens, mas totalmente deficiente no nível espiritual, pois era carente de Deus. Em Pv 16: 32 está escrito: "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade". Isso exemplifica o caso de Naamã. Exteriormente era uma pessoa bem sucedida, mas seu interior era derrotado e precisava de cura divina. Podemos ver pela atitude de Eliseu e pela reação de Naamã que um dos maiores empecilhos à sua cura era o orgulho, que Deus removeu mudando sua maneira de pensar (mergulho no Jordão; *Jordão = mudança de mente, divisor de águas, separação da mente de Deus da mente do homem*). A cura foi progressiva, mostrando que Ele vai mudando gradualmente nossa maneira de pensar, trazendo a cura da alma, a libertação do pecado e a restauração física. Ele faz isso de maneira perfeita e completa (sete vezes). Outro aprendizado com Naamã é que o Senhor cura da maneira que Ele quer porque Ele conhece todas as coisas, não da maneira que o homem espera. Naamã esperava ouvir uma palavra de cura da boca do profeta, mas este lhe deu uma incumbência, como que mostrando a Naamã que a responsabilidade da cura estava em suas mãos, não nas mãos de outros; as suas escolhas corretas, assim como uma nova maneira de pensar, é que trariam a solução do problema. Deus tem poder para nos purificar de toda a lepra.
13) *Buscar a glória de Deus, não a dos homens:* Eliseu não aceitou a recompensa de Naamã, pois sabia que o mérito da cura não era dele, mas de Deus. Geazi, por outro lado, reivindicou a glória para si, aceitando um presente de Naamã. Isso acarretou morte em sua vida, pois ele incorreu em pecado de orgulho, mentira e desobediência. Desobediência, porque não respeitou a autoridade profética de Eliseu; mentira, porque falou em nome de Eliseu a Naamã quando o profeta nada tinha lhe dito, além do que mentiu para seu próprio senhor não dizendo aonde tinha

ido; e orgulho, porque queria receber uma honra que não era sua, queria receber de Naamã uma recompensa que, teoricamente, pertencia a outro. Como conseqüência desses pecados, a maldição de Deus se manifestou nele e na sua descendência. A mancha (lepra) deixada pelo pecado o marcou para sempre, assim como aos seus filhos. Podemos ver aqui uma semelhança tremenda com o que aconteceu no Éden com Adão e Eva. O pecado de orgulho, querendo se colocar no lugar de Deus, detendo Sua sabedoria e querendo Sua glória, acarretou ao homem a maldição divina, deixando nele uma marca, uma mancha, que era a natureza pecaminosa do diabo em sua carne.

14) *É necessário saber localizar o erro:* o machado que estava na mão do discípulo dos profetas tinha caído no rio. Mas ele teve que dizer exatamente o lugar onde isso tinha ocorrido para Eliseu jogar o pedaço de madeira e o fazer flutuar. Isso significa que quando oramos com sinceridade ao Senhor, colocando diante dEle o que nos aflige e Lhe dizendo exatamente onde nos sentimos incomodados, Ele nos traz uma palavra libertadora que traz à tona o problema e o remove de uma vez por todas. Outro ensinamento que podemos tirar dessa situação é que quando não temos mais recursos para nossos problemas, a palavra de Deus vem encontrando o que parecia estar perdido e trazendo luz e solução. Machado é um instrumento que decepa e que corta, o que quer dizer que a Palavra é um machado que não devemos deixar perdido dentro de nós, mas sempre atuante para cortar as malignidades das nossas vidas e separar o que é de Deus para nós e o que não é.
15) *Pagar o mal com o bem para cessar a guerra:* quando o exército dos siros foi desviado por Deus para Samaria e o rei queria matá-los, o profeta lhe deu uma ordem que pareceu absurda: servir a eles um banquete e devolvê-los ao seu rei. A estratégia surtiu efeito e os ataques cessaram. É o mesmo ensinamento que Jesus nos deu para que o inimigo não tenha do que nos acusar.
16) *Não ter apegos nem medos nos garante a conquista da bênção:* os leprosos não tinham nada a perder no caso da fome que reinou em Samaria, não tinham apegos; também tiveram ousadia de arriscar a procurar alimento no território do inimigo. Por isso Deus os ajudou e conseguiram a vitória. Os medrosos e 'prudentes' ficaram apenas olhando, não tiveram a primogenitura da bênção. Como eles tomaram uma atitude de coragem, foram os primeiros a provarem do despojo. Deus espera de nós uma atitude pró-ativa, não passiva, pois essa atitude de coragem e determinação nos torna conquistadores e reis, não coitados ou impotentes.

Ester – 19ª aula

Textos de referência: Et 1–10

Resumo:

Ester (*Istar*, em persa, *'tão bela como a lua'*, nome relacionado à deusa babilônica do amor e da fertilidade: Ishtar; *Stara,* em persa, *estrela*; *Hadassa*, em hebraico, *murta*) casou-se com Assuero (*Achashverosh = hebr.: príncipe, chefe, cabeça, leão;* equivalente hebraico do persa *Khshayarshan* = rei *leão*; *Xerxes* em grego, *belicoso, grande guerreiro, leão; Xerxes é uma transliteração grega do seu nome persa depois de sua ascensão, Jshāyār Shah, que significa 'governante de heróis'),* que reinou em 486–465 AC e foi sucessor de Dario I (522–486 AC), em cujo reinado se deu a restauração do templo de Jerusalém (516 AC). A História fala sobre a esposa de Assuero ou Xerxes, Amestris, identificando-a como Vasti, uma mulher despótica. Wilson, o historiador que identificou Xerxes com Assuero e Vasti com Amestris sugeriu que tanto Amestris como Ester são nomes persas que derivam das palavras Acadianas: Ammi-Ishtar ou Ummi-Ishtar. Hoschander, outro historiador, sugeriu alternativamente como origem dos dois nomes a expressão Ishtar-udda-sha *("Ishtar é tua luz"),* com a possibilidade de -udda-sha estar ligada com a similaridade sonora do nome hebraico Hadassah. Por isso, a bíblia diz que Ester e Hadassa, os dois nomes, estão relacionados à mesma pessoa. Nota: Suméria era uma das designações dadas à metade sul do Iraque, mais ou menos de Bagdá para o sul, em contraste com o norte, que era conhecido como Acade, por isso o termo acima: 'acadiana'. Outro significado hebraico para Ester é *'secreta', 'escondida'.*

Ester subiu ao trono em 479 AC (Et 2: 16).

No terceiro ano do seu reinado, Assuero deu um banquete na cidadela de Susã (Atual sítio arqueológico nas proximidades de Shush, uma cidade da província sudoeste do atual Irã, chamada Khuzistão ou Cuzistão) a todos os seus príncipes e oficiais.

Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres na casa real. No último dia da celebração o rei solicitou a presença da rainha Vasti, usando a coroa real, para mostrar sua formosura aos povos e aos príncipes, pois era em extremo formosa. Porém, a rainha Vasti recusou vir e o rei se enfureceu muito. Por orientação dos sábios do reino foi, então, promulgado um edito real inscrevendo na lei que Vasti não mais poderia entrar na presença do rei Assuero e que seu lugar seria dado a outra. Vasti talvez tivesse motivos políticos para não aparecer no banquete do rei, ou tivesse previsto uma situação desagradável. De acordo com os historiadores judeus, Vasti deveria aparecer vestindo somente a coroa, sem roupa alguma, e a possibilidade de ser cobiçada por uma massa embriagada, certamente, explica sua relutância, independentemente do que tivesse de vestir.

Depois de algum tempo, o rei se lembrou de Vasti e os jovens que o serviam sugeriram que fossem trazidas virgens de boa aparência e formosura para Susã e a que

caísse no agrado do rei reinasse em lugar da que fora deposta. O rei concordou. Na cidadela de Susã havia um homem chamado Mordecai ou Mardoqueu *('homem pequeno'),* da tribo de Benjamim, descendente de Quis, o que o ligava à tribo e à família do rei Saul. Isso explica o conflito entre Mordecai e Hamã, o agagita, amigo do rei Assuero e que era descendente de Agague, rei amalequita que foi poupado por Saul contra as ordens de Deus e depois morto pelo profeta Samuel. Os antepassados de Mordecai tinham sido exilados de Jerusalém para a Babilônia, após a queda de Judá sob domínio de Nabucodonosor. Mordecai nasceu na Babilônia. Em Et 2: 5-6 ocorreu, provavelmente, um erro na tradução e na data ao referir que Mordecai foi feito cativo em 597 AC (com Joaquim, a bíblia fala 'Jeconias', rei de Judá). Provavelmente, foi seu bisavô que foi exilado junto com Joaquim, rei de Judá, em 597 AC (2ª etapa do exílio de Israel). A História descreve três etapas de exílio de Judá: 605, 597 e 586 AC. Sua prima Hadassa, conhecida entre os persas como Ester, fora criada por ele como filha, quando seus pais morreram. Ester nasceu na Babilônia (já sob domínio persa).

Foram ajuntadas muitas moças na cidadela de Susã, entre elas Ester, levada à casa do rei sob os cuidados de Hegai, guarda das mulheres. Ester alcançou favor perante Hegai, que se apressou em dar-lhe os ungüentos e os devidos alimentos, como também sete jovens escolhidas da casa do rei para servi-la. A NIV escreve: "A moça o agradou e ele a favoreceu. Ele logo lhe providenciou tratamento de beleza e comida especial. Designou-lhe sete moças escolhidas do palácio do rei e transferiu-a, junto com suas jovens, para o melhor lugar do harém".

Na Antiguidade, a porta da cidade era o centro das atividades comerciais e jurídicas. Provavelmente Mordecai tinha um cargo a serviço do rei que o obrigava a ficar na porta. Registros antigos mostram que havia um oficial secundário na administração de Assuero com o nome de Mardukaya.

Mordecai proibiu Ester de declarar sua nacionalidade, pois queria preservá-la da hostilidade contra os judeus. Todos os dias, Mordecai passeava diante do átrio da casa do rei e perguntava aos guardas sobre Ester. As mulheres foram tratadas por doze meses para seu embelezamento, seis meses com óleo de mirra e seis meses com especiarias e com os perfumes e ungüentos. Depois, elas poderiam vir ao rei, sendo-lhes permitido levar consigo o que desejassem da casa das mulheres para a casa dele. Em seguida, voltariam para a casa das concubinas e só voltariam à presença do rei se ele assim o desejasse.

Quando chegou a vez de Ester, ela nada pediu; alcançou favor de todos quantos a viram. Foi levada ao rei no sétimo ano do seu reinado, no décimo mês (dezembro-janeiro), o mês de Tebete. A bíblia fala que o rei amou Ester mais do que todas as mulheres e foi coroada rainha no lugar de Vasti.

Num daqueles dias, estando Mordecai sentado à porta da casa do rei, dois eunucos, Bigtã e Teres [Et 2: 21; Et 6: 2 (a palavra hebraica traduzida por *eunuco* pode significar: *oficial, homem castrado ou as duas coisas*)], guardas da porta do palácio de Assuero, tramaram matar o monarca. Mordecai ficou sabendo, o revelou a Ester que, por sua vez, disse ao rei, em nome de Mordecai. O caso foi investigado, confirmado e os dois foram enforcados.

Depois desses acontecimentos, Assuero engrandeceu a Hamã e o exaltou sobre todos os príncipes do reino, e todos os servos do rei que estavam à porta da sua casa se inclinavam e se prostravam perante ele; Mordecai, porém, não se inclinava nem se prostrava. Hamã se enfureceu com isso e, sabendo que Mordecai era judeu, intentou também contra todo o povo de Deus em todo o reino de Assuero. No 12º ano do seu reinado se lançou o *Pur,* isto é, *sorte,* perante Hamã, desde o 1º *(Nisã, Março-Abril)* até o último mês do ano *(Adar, Fevereiro-Março).* Dados eram lançados em sorte para

determinar a data de acontecimentos importantes do ano no antigo Oriente Médio. Hamã lançou os dados para marcar o dia em que gostaria que os judeus do reino fossem executados. Subornou o rei com uma alta quantia (Dez mil talentos de prata). Assuero não fez caso do suborno e entregou seu anel (sinal de sua autoridade real) a Hamã, e os judeus sob sua jurisdição para fazer deles o que ele bem entendesse. Foi, então, sorteado o dia 13 do mês de Adar para a execução de todos os judeus do reino. O decreto era irrevogável, pois tinha sido selado com o anel do rei.

Mordecai demonstrou profundo desgosto com o decreto, assim como todos os do seu povo.

Ester também ficou sabendo e Mordecai pediu a ela que intercedesse junto ao rei pela vida do povo de Deus. Ester teve medo, pois sabia que não poderia aparecer diante do rei sem ser chamada, mas por insistência de Mordecai, apregoou jejum entre os judeus por três dias; passado este tempo, ela iria ter com o rei, a lei permitindo ou não.

Passados os três dias, Ester foi ao rei, que estendeu para ela o cetro de ouro. Ester tocou a ponta do cetro e ele perguntou a ela o que ela queria. Ela, então, convidou o rei e Hamã para um banquete. À noite, durante a festa, o rei perguntou novamente a ela o que ela desejava. Ela o convidou novamente para um segundo jantar. Hamã, com ódio de Mordecai, tinha mandado erguer uma forca de 50 côvados de altura, ou seja, vinte e três metros, sobre o muro (símbolo de exaltação pessoal e demonstração aberta de poder) com o intuito de enforcá-lo nela. Na noite anterior ao segundo banquete, o rei não pôde dormir e mandou trazer o livro onde estavam registrados os feitos memoráveis do reino e nele se achou escrito que Mordecai é quem tinha denunciado a conspiração contra Assuero. O rei estranhou que não tivesse sido dada nenhuma honra a Mordecai por isso. Hamã estava no pátio, pronto para falar-lhe sobre a forca. O rei lhe perguntou o que se deveria fazer a quem o rei desejasse honrar. Hamã, pensando que era dele que se tratava, sugeriu ao rei que colocasse sobre o homem as vestes reais e o montasse no cavalo do soberano, tendo na cabeça a coroa real (Et 6: 8: "tragam-se as vestes reais, que o rei costuma usar, e o cavalo em que o rei costuma andar montado, e tenha na cabeça a coroa real" – ARA). A NVI escreve: "ordena que tragam um manto com o qual o próprio rei se veste e um cavalo no qual o rei tenha montado e em cuja cabeça leve a coroa real", ou seja, na cabeça do cavalo (A bíblia em inglês, NIV – 3ª impressão, 1993, 2000 – escreve "Have them bring a royal robe the king has worn and a horse the king has ridden, one with a royal crest placed on its head", ou seja, "que se tragam um manto real que o rei usou e um cavalo que o rei montou, um *[cavalo]* com um brasão real colocado na cabeça"). Então, o rei mandou chamar Mordecai e lhe fez como Hamã dissera. Assim vestido, foi levado a um passeio pela cidade e apregoado diante dele a honra que lhe fora dada por Assuero.

Hamã, furioso, voltou para sua casa e, mais tarde, compareceu ao segundo banquete de Ester. Assuero lhe perguntou novamente o que ela queria e ela lhe pediu que ele poupasse sua vida e a vida do seu povo. Assim, revelou sua nacionalidade diante de todos e lhe contou sobre o decreto de Hamã. Ele foi preso e enforcado na mesma forca que tinha preparado para Mordecai.

Naquele mesmo dia, o rei deu a Ester a casa de Hamã e seu anel real a Mordecai, colocando-o como o segundo no reino (chanceler); acima dele só era válida a autoridade do rei. O decreto anterior em relação aos judeus não poderia ser revogado, segundo a lei dos persas. Então, o rei deu autorização a Mordecai que emitiu um segundo decreto em nome do rei no qual ele concedia aos judeus que lutassem pela sua vida, matando seus opressores. A carta foi enviada aos judeus de todas as províncias do reino. No dia 13 do mês de Adar, em que se cumpriria o decreto de Hamã, os judeus lutaram contra seus inimigos e prevaleceram. Foram mortos os dez filhos de Hamã, mas não se tocou no

despojo, pois era uma guerra santa. Ester pediu ao rei que pendurassem os cadáveres numa forca. Assim se fez. Isso significava um sinal de vingança da parte do Senhor e que a maldição divina contra os amalequitas havia sido cumprida pelos descendentes de Saul.

No dia 14 descansaram e fizeram festa. Foi dia de alegria. Em Susã os judeus fizeram festa no dia 15. Assim, Mordecai ordenou que os dias 14 e 15 do mês de Adar (Fevereiro-Março) fossem comemorados todos os anos para lembrar o povo da vitória sobre seus inimigos. Chamaram àqueles dias de *Purim,* por causa do nome *Pur (sorte).* Mordecai manteve sua autoridade como segundo no reino e trabalhou pelo bem-estar do seu povo.

Comentários importantes:

I) Antes de entrarmos nos aprendizados, é necessário notar que o livro de Ester é o único da bíblia em que o nome de Deus não é mencionado abertamente, talvez para que o manuscrito não fosse destruído, por causa da perseguição aos judeus durante o cativeiro persa. Mas Deus, com certeza, teve uma participação indireta nos acontecimentos, não deixando dúvida sobre a autenticidade da história:

1) Afirmação de Mordecai de que o livramento viria de outra parte (Et 4: 14), ou seja, Deus interviria a favor do Seu povo.
2) Pedido de Ester de que todos jejuassem (Et 4: 16), o que fazia uma referência à oração ao Senhor a favor dela.
3) Recusa dos judeus em saquear o inimigo (Et 9: 10; 16), o que significa que lutaram pelo Senhor, não por si mesmos.
4) Escolha de Ester dentre tantas mulheres para se tornar rainha.
5) Mordecai, 'por acaso', descobre a conspiração contra o rei.
6) Ester desafia a lei e tenta obter acesso à presença de Assuero sem solicitação prévia nem convite.
7) Mordecai recebe o cargo de Hamã, com o qual podia invalidar uma lei irrevogável e livrar os judeus.

II) Martinho Lutero questionou a canonicidade do livro de Ester, e outros teólogos, tanto cristãos como judeus, duvidam da sua veracidade, pois alguns detalhes e eventos históricos são incompatíveis com o relato bíblico. No caso de Améstris ser identificada com Vasti, por exemplo, os historiadores argumentam que isso não poderia ocorrer, uma vez que Améstris teve grande participação no reinado de Artaxerxes I, filho de Xerxes, e portanto, não foi banida da corte. Nenhum documento com o nome de Ester, Mordecai ou Hamã foram encontrados nos anais de Assuero (Xerxes I), além do que não foram encontrados fragmentos deste livro em Qumran nem foi ele mencionado por Esdras ou Neemias. Por isso, alguns estudiosos da bíblia cogitam que não se trata de uma narrativa histórica propriamente dita, e sim uma espécie de conto (uma novela histórica) que analisa a situação da comunidade judaica espalhada entre as nações estrangeiras depois do exílio na Babilônia. Seria um gênero de literatura comum durante os períodos persa e helenístico para os quais o livro de Ester foi datado. Alguns sustentam que a narrativa teve a intenção de fornecer uma explicação para a festa de Purim.

O que se sabe da História é que Xerxes I foi assassinado em 465 AC junto com Dario, o príncipe herdeiro, por Artabanus, o comandante da guarda pessoal real. Xerxes foi sucedido por seu terceiro filho com Améstris, e que assumiu o trono como Artaxerxes I.

Minha pergunta é: — Se este livro bíblico não foi achado em Qumran, como foi copiado e transmitido, e por quê? Mesmo com a racionalidade questionadora e contestadora do ser humano e seu pouco entendimento das coisas espirituais na sua totalidade, como, então, Deus permitiria que o livro de Ester fosse incluído no Cânon se não fosse verdadeiro em seu conteúdo? Teólogos não questionam o mesmo em relação ao livro de Jonas e Jó, dizendo que são apenas contos com fundo moral? Contos ou não, Deus deixou registrada a Sua soberana vontade em todos eles. Então, por que duvidar e argumentar tanto? Você já teve a oportunidade de ler algum versículo de Eclesiástico, um livro apócrifo? É só ler e você logo percebe a diferença entre uma poesia bonita e um escrito inspirado pelo Espírito Santo.

Nós buscamos dados históricos para melhorar nosso entendimento da Palavra, mas não para duvidar ou pôr em xeque as verdades ali escritas pelo Espírito de Deus. Isso seria tentar a Deus.

Em meus estudos durante todos os meus anos de caminhada com o Senhor não houve um único livro bíblico cuja autoria não tenha sido questionada ou não tenha o conteúdo permeado com dúvidas por teólogos e 'especialistas' e 'eruditos'. A bíblia continua, sob meu ponto de vista, a autoridade suprema, a verdade de Deus, onde Ele deixou Suas leis e ensinamentos para a humanidade para que possamos saber quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Se nós questionarmos tudo o que a bíblia escreve, buscando provas e evidências, onde fica a fé? Esse é mais um dos livros bíblicos, para não dizer, o que mais se destaca de todos os escritos, que devem ser entendidos sob o ponto de vista da fé para que possamos conhecer a majestade e a soberania de Deus acima das circunstância humanas. Se tudo na bíblia só for aceito do ponto de vista da arqueologia e da dedução humana, onde fica a nossa fé? Jesus bem disse que só quem aceita o reino de Deus como uma criança pode entrar nele. E o objetivo de toda a bíblia é conhecer a Deus e aos Seus propósitos eternos, oniscientes e onipotentes, de maneira espiritual, não racional; caso contrário, a bíblia seria mais um compêndio histórico, mais um livro para se guardar na estante para se consultar de vez em quando.

A mensagem de Deus aqui é: Não permita que o diabo roube a sua fé, não deixe dúvidas na sua mente nem roube a sua salvação.

Aprendizados com Ester:

1) *Preparo para reinar:* Ester foi preparada segundo o costume persa com óleo de mirra por seis meses e com outras especiarias e ungüentos por mais seis meses para o seu embelezamento, antes de ser levada ao rei. *Mirra* simboliza *unção de cura e resgate, fortalecimento interior, tempo de preparo, purificação e mudança de vida.* Depois, foi completado seu embelezamento com outras especiarias. Isso significa que para podermos ocupar nosso lugar como reis e sacerdotes nós precisamos ser preparados, recebendo a cura de Jesus, o fortalecimento interior e uma transformação real de vida através da mudança da nossa maneira de pensar. Depois da mirra, Ester foi preparada com especiarias e ungüentos, que significam dons que o Espírito Santo derrama sobre nós após termos sido sarados; para que agora na Sua força, possamos exercer nosso chamado e exercitar Sua autoridade na terra.
2) *Nossos bons atos ficam registrados no livro do Rei (Jesus) e a recompensa vem na hora certa:* assim como a atitude de Mordecai denunciando a conspiração contra Assuero ficou registrada nos livros do reino e teve, no momento certo, a recompensa

por parte do rei, nossas atitudes de fé, perseverança e dedicação ao Senhor são registradas diante dEle e, no momento certo, Ele nos exaltará. Mordecai, assim como José e Daniel, teve uma autoridade somente inferior à do rei (Dn 6: 2; Gn 41: 41-44).

3) *Justiça divina e restituição:* Hamã foi enforcado na mesma forca que tinha preparado para Mordecai. A restituição de Deus veio sobre Ester. Isso significa que, mesmo que o inimigo tente colocar ciladas no nosso caminho, Deus as desfaz e o enforca com sua própria corda. O Senhor nos traz a restituição e nos devolve o que era nosso. *Hamã* significa, em hebraico: *fortaleza* e, em persa *(Hamayun)*, *magnificente, régio, ilustre, bem disposto*. Há outro significado originado da palavra persa *heymun: barulho, tumulto.* Ao dar a casa de Hamã a Ester, Deus estava, simbolicamente, devolvendo a ela a fortaleza, a magnificência e o poder, o bem-estar e a disposição, pois não mais se sentiria ameaçada nem pressionada pelo inimigo, mas gozaria do seu status de rainha.
4) *Jesus quebra o decreto de Satanás sobre nossas vidas:* Mordecai é a figura de Jesus (protetor de Ester) e foi ele que emitiu um novo decreto impedindo o massacre dos judeus. Da mesma forma, Jesus nos toma para Ele e quebra o decreto de morte sobre nossas vidas, nos dando um novo decreto de vida eterna e direito à Sua herança.
5) *Maldição se transforma em bênção quando estamos debaixo da vontade do Senhor:* a mão de Deus estava sobre Ester, Mordecai e sobre Seu povo, portanto, o dia 13 do mês de Adar, que fora separado para morte dos judeus, se transformou em dia de bênção, alegria e júbilo, pois o Senhor os livrou. Da mesma forma, quando algo parece ser uma maldição nas nossas vidas, Deus o transforma em bênção, pois estamos debaixo da Sua orientação e temos certeza que tudo Lhe pertence e está debaixo do Seu governo.
6) *Semelhança entre o que aconteceu antes da criação do homem, entre Deus e Satanás:* se observarmos os relatos bíblicos sob a ótica espiritual e sobre o simbolismo dos personagens, podemos notar certa semelhança com o que aconteceu no mundo espiritual antes da criação do homem, quando Satanás se exaltou acima de Deus e foi derrubado. Ao querer o louvor e a honra para si, causou sua própria queda (Ez 28: 11-19; Is 14: 12-15; 20). Is 37: 29 e Ez 31: 18 podem ser referências veladas a esse tema também. Mordecai é a figura de Jesus e Hamã, a figura do inimigo. Hamã tentou ter para si a glória que era de Mordecai, mas acabou caindo, assim como Satanás caiu. Hamã significa: magnificente, régio, ilustre, bem disposto. É uma forma de dizer que queria para si uma qualidade que pertence a Jesus. Os nomes dos seus filhos são outra maneira de ele dizer que seus frutos, seus sonhos, suas sementes são tão bons quanto os de Deus:

Dalfom = esforçado, que se empenha, diligente. Isso poder ser interpretado como determinação, perseverança, que são qualidades concedidas por Deus e pertencentes a Ele.

Parsandata = nascimento nobre, o que significa para nós: ser filho de rei.

Aspata = cavalo, símbolo de força e poder militar. A bíblia diz que Deus é conhecido também como o Senhor dos exércitos, o Senhor da guerra.

Adalia = nobreza, nobre. A bíblia diz que nós somos reis.

Porata = que tem muitos carros e ornamentos, o que fala de riqueza e sinal de poder. O dono do ouro e da prata é Deus (Ag 2: 8), o merecedor de toda honra, glória e poder (Ap 4: 11; Ap 5: 12).

Aridata = nascimento nobre. Como dissemos: ser filho de rei.

Farmasta = muito grande. Quem pode ser maior do que Deus?

Arisai = semelhante a um leão. Jesus é o leão de Judá e símbolo de liderança, força e poder.

Aridai = grande, brilhante. Jesus é a luz. A luz e o brilho pertencem aos reis.

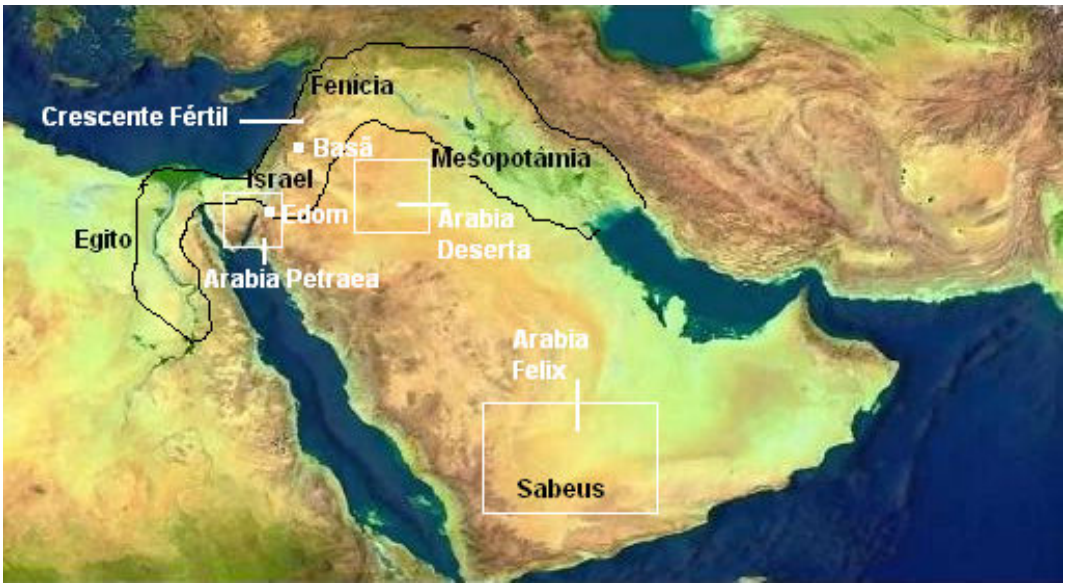
Vaizata = forte como o vento, ou seja, símbolo de poder e força espiritual. Vento (Ruach) = Espírito, em referência ao Espírito Santo.

Jó – 20ª aula

Textos de referência: Jó 1-42

Resumo:

Jó *(hebr. 'iyyôbh = voltando sempre para Deus; hostilizado, que suporta as adversidades)* era, segundo a bíblia, um homem íntegro e temente a Deus e que se desviava do mal. Morava na terra de Uz, de localização incerta. Cogita-se ser próxima a Basã (Nordeste de Canaã), perto das fronteiras do deserto que separa os braços leste e oeste do Crescente Fértil. Era uma região de cidades, fazendas e rebanhos migrantes. A terra tinha o nome de Uz, filho de Naor, irmão de Abraão (Gn 22: 21), ou Uz, dos filhos de Seir, o horeu, na terra de Edom (Gn 36: 28), se levarmos em conta a proximidade com os locais de origem dos amigos de Jó e a menção dos sabeus (Jó 1: 15), que habitavam em Sabá, na Arábia Félix ou Arábia Fértil, ao sul da Península Arábica. Jó tinha grande riqueza e alta posição social, mas não era rei. Oferecia sacrifícios a Deus em favor dos filhos. Tinha sete filhos e três filhas.



O livro de Jó é um livro que aborda o sofrimento humano e o que acontece fora do nosso conhecimento, mesmo com os que são justos e que, muitas vezes, são incompreendidos até pelos amigos, cuja sabedoria carnal, limitada, também não compreende a razão do seu sofrimento, levando-os a agir de duas maneiras: aceitando

sem contestar e ajudando o outro a superar a prova ou agindo como juiz, como os amigos de Jó fizeram, acusando o irmão de pecado, sem reconhecer sua própria ignorância no assunto. Para a mentalidade da época, quando alguém sofria era sinal da ira de Deus sobre ele por haver pecado; não entendiam os diferentes caminhos do Senhor e que alguém pode sofrer, mesmo não tendo nenhuma condenação divina sobre si. Para Elifaz, Bildade e Zofar o caso de Jó era um caso diferente de tudo o que já tinham visto. Aqui, o que estava em oculto era o ataque de Satanás contra o próprio Deus usando Jó como arma. Ele mostrou a Deus que Jó era fiel porque tinha tudo; se Ele tirasse dele a Sua mão e todas as coisas que tinha, ele (Satanás) duvidava que Jó continuasse sendo leal.

Assim, Jó perdeu bens e filhos num só dia. A princípio, se conformou com o juízo de Deus e não pecou contra Ele. Não satisfeito com a situação, Satanás exigiu de Deus também a saúde de Jó e Ele permitiu que fosse tocado em seu corpo para ter mais um motivo, no final, para envergonhar o adversário. Deus permitiu todas as coisas para mostrar que a fidelidade entre Ele e Jó não se quebraria nunca nem por coisa alguma.

A bíblia fala dos três amigos de Jó: Elifaz o temanita, Bildade o suíta, Zofar o naamanita e Eliú, filho de Beraquel, o buzita. Temã era filho de Elifaz, o primeiro filho de Esaú e Ada (Gn 36: 11; 1 Cr 1: 36) e talvez tenha dado seu nome ao distrito ao norte de Edom (Jr 49: 20; Ez 25: 13; Am 1: 12; Ob 9). Seus habitantes eram famosos por causa de sua sabedoria (Jr 49: 7; Ob 8 e seg.). Embora a localização exata de Temã permaneça desconhecida, há fortes evidências a favor da cidade Jordaniana de Ma'ãn. Havia muitas nascentes de água na região, e isso a tornava atraente para as caravanas entre a Península Arábica e o Levante (um termo geográfico que abrange Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre). Quanto a Bildade, o suíta, nós podemos dizer que a tribo dos suítas (Gn 25: 2; 6) eram os descendentes de Suá, filhos de Abraão e Quetura, e que habitaram ao oriente, na Arábia Deserta. E os naamatitas localizavam-se nas terras do leste, região de homens sábios (cf. 1 Reis 4: 30). Zofar, o naamatita, pode ter vindo de Naamã, uma área montanhosa no noroeste da Arábia Deserta (ou Arábia Magna, uma região ocupada pelo deserto interior da Península Arábica). Em Jó 32: 2 é mencionado Eliú, filho de Baraquel, o buzita, da família de Rão. É provável que ele fosse descendente de Buz, o 2º filho de Naor, irmão de Abraão (Gn 22: 20-21); ou tivesse vindo da cidade de Buz, mencionada junto com Dedã e Tema (ou Temá; Jr 25: 23), lugares em Edom ou na Iduméia. Quanto a Rão, muito provavelmente se refere a Arã (Gn 22: 21), filho de Quemuel, irmão de Buz, filho de Naor.

Jó amaldiçoou o dia do seu nascimento e sua mulher lhe disse para amaldiçoar a Deus e morrer. A princípio, seus três amigos se sentaram junto com ele para consolá-lo e se condoerem da sua dor; por sete dias e sete noites fizeram isso. Até que seu amigo Elifaz o lembrou que ele era um exemplo para o povo e deveria buscar a Deus.

A história continua com os amigos começando acusá-lo, dizendo que seus sofrimentos eram causados por pecado. Ao distorcerem a verdade, só fizeram aumentar sua dor.

A narrativa prossegue numa seqüência quase que interminável de queixas contra Deus e embates de palavras e conhecimentos teológicos entre Jó e seus amigos. Ele ainda mantinha momentos de fé e confiança em Deus, mesmo não entendendo o que estava acontecendo, mesmo se revoltando contra o que acontecia, exigindo uma explicação do Senhor e mesmo sendo acusado falsamente pelos seus amigos de ter pecado. Começou a lembrar do seu primeiro estado feliz e declarou sua integridade. Em nenhum momento Jó começou a achar que tinha pecado ou culpa de alguma coisa; não se deixou seduzir pelas acusações dos seus amigos, pois sabia como andava diante de Deus.

A partir de certo momento, entra em cena mais um personagem: o jovem Eliú, que repreende tanto Jó quanto os outros três e justifica a Deus, tentando explicar todas as Suas atitudes para com os homens. Jó começa a buscar revelação nEle. Depois disso, o Senhor o repreende, o que vai trabalhando sua amargura interior e esclarecendo muitas coisas, terminando por apoiá-lo e repreendendo seus amigos porque não disseram dEle o que era reto. Jó intercede por eles e os perdoa por tê-lo acusado falsamente. Deus o restitui em dobro tudo o que perdeu. Entretanto, lhe deu o mesmo número de filhos: sete homens e três mulheres. Aparentemente, Jó lidava bem com a riqueza e ela nunca prejudicou seu relacionamento com Deus, por isso o Senhor o restituiu em dobro, materialmente falando. Com isso quis mostrar que os bens materiais podem ser restituídos, mas não os filhos.

A bíblia fala sobre as filhas de Jó, mas não sobre os filhos. Falar das belas filhas de um herói era sinal da bênção divina. Seus nomes eram: *Jemima (pombo),* símbolo da paz; *Quezia (canela),* símbolo da restauração das coisas pessoais, não voltar a cometer os erros do passado, temor de Deus e resgate; *Quéren-Hapuque (Pükh = brilho de cores, fonte de beleza),* símbolo de cor, alegria, vida, luz, entendimento.

Aprendizados importantes com Jó:

1) *Deus permite tudo por um propósito:* Deus permitiu todas as coisas para mostrar a Satanás e aos homens que Sua fidelidade é imutável e que existem filhos Seus que são capazes de suportar tudo para mantê-la também de pé, mesmo não O conhecendo inteiramente ou mesmo tendo uma visão limitada e distorcida a Seu respeito. Também mostra que o relacionamento sincero com Ele jamais pode ser quebrado por coisa alguma. Outra razão para permitir algo pode não ser a que aconteceu com Jó, por causa da reivindicação de Satanás, mas para mostrar aos homens que não conhecem nem entendem todas as coisas; que Ele é o Senhor agindo como quer para manifestar propósitos diversos no meio do Seu povo e para mostrar que Sua criação é infinita e diferente, não se repetindo nunca em nenhum filho Seu. Outra razão é despertar no homem atitudes que podem estar adormecidas como: o amor, a tolerância e o respeito pelos seus semelhantes, deixando o julgamento para Deus. Isso é trabalhar o orgulho, o preconceito e a soberba humana que, muitas vezes, impedem as revelações e o trabalho puro do Espírito.
2) *Ouvir falsas sabedorias, acusações e pareceres humanos pode nos levar a interpretar erradamente os motivos de Deus, até que nos viremos contra Ele:* uma das estratégias que o diabo usa é a distorção da verdade, buscando fazer Deus mau e ele, bom. Tudo que acontece de mau passa a ser atribuído a Deus e tudo o que traz prazer e alegria passa a ser atribuído ao diabo. Não podemos nos esquecer que o diabo mente; ele é o pai da mentira, como disse Jesus. Só o que importa é sabermos que Deus sabe de todas as coisas e Sua justiça existe, assim como o Seu amor e Sua misericórdia. Jó, até certo ponto, não se deixou impressionar pelas acusações falsas dos amigos sobre ter ele pecado, mas foi influenciado por um sentimento de animosidade contra Deus.
3) *Luta solitária contra as evidências apresentadas pelos que 'vêem a cena do lado de fora':* Jó se sentiu só diante de todas as evidências contra ele e diante de todas as maneiras de pensar, diferentes da sua; tudo ao seu redor parecia querer provar que todos estavam certos e que ele era o errado. Quando ele se lembrava de exaltar o Senhor, sua força parecia se renovar dentro dele.

4) *Abandonar a revolta e as justificativas; buscar a verdade e a revelação de Deus:* Depois que Jó buscou verdadeiramente a presença de Deus, pôde ouvi-lO e conhecer interiormente o que estava acontecendo com ele. O Senhor não lhe falou sobre Satanás, pois o alvo do inimigo era o próprio Deus, mas revelou a Jó Sua soberania e Sua justiça sobre todas as coisas. Com isso, diminuiu a força do mal dentro dele e exaltou Sua força benigna no coração do Seu filho. Por isso, enchermos nossa mente com as explicações sobre o diabo e sobre o que lhe diz respeito profana nosso templo, pois deixamos de exaltar o nome e o poder de Deus. Não devemos dar ouvidos às explicações dos outros, quando o 'dono das explicações' já se encontra dentro de nós. Quando Deus apoiou Jó e repreendeu seus amigos por tê-lo acusado falsamente, restaurou a fé de Jó e o seu relacionamento com Ele. A partir daí, vieram o entendimento e a revelação e Jó pôde declarar que, agora, conhecia o Senhor não só de ouvir falar, mas de vê-lO na Sua essência. Quando a bíblia fala: *"Me arrependo e me abomino na cinza e no pó"*, quer dizer que Jó estava se retratando de sua falta de conhecimento e sabedoria.
5) *Perdão e intercessão completam a cura:* quando Jó perdoou seus amigos e intercedeu por eles, sua cura foi completada, pois viu aí a aprovação de Deus recebendo sua oração. Sentiu-se exaltado por Ele.
6) *A glória da segunda casa é maior do que a da primeira:* Deus trabalhou a alma e o espírito de Jó e lhe restituiu dobrado, não só o espiritual como o material. Seu conhecimento dEle cresceu, assim como teve, materialmente, mais do que tinha antes. Quando Jó se lembrou do que tinha no passado, jamais poderia imaginar que o Senhor lhe daria muito mais.
7) *Bênçãos representadas pelas filhas: Jemima (pombo)* simboliza a restituição dobrada da paz sobre sua vida; *Quezia (canela)* simboliza a restauração das coisas pessoais, não voltar a cometer os erros do passado, temor de Deus e resgate. Como ela é macerada (a casca e a sementes) até se tornar pó, é uma figura profética da aceitação de Jesus Cristo em Sua morte e cruz. Representa nossa aproximação de Jesus em humildade, despindo-nos da nossa carne, tornando-nos mais como Ele é. E *Quéren-Hapuque (chifre de pintura para olhos, brilho de cores)* simboliza que não mais sua vida seria cinza, sem vida, mas colorida com a alegria, a verdadeira vida de Deus, uma visão diferente das coisas e a luz do entendimento divino.

Paulo – 21ª aula

Textos de referência: At 8: 1-3; At 9: 1-30; At 12: 20-25; At 13–28; todas as epístolas de Paulo.

Resumo:

Saulo (*Shã'ül, Saul,* o nome judaico do apóstolo, mas que, em português, toma a forma de *Saulo,* significa: *pedido de Deus, desejado de Deus*) tem o nome greco-romano de *Paulo* (*pequeno*; At 13: 9). Era da tribo de Benjamim (Rm 11: 1; Fp 3: 5) e zeloso membro do partido dos fariseus (At 23: 6; At 26: 5; Fp 3: 5). Nasceu em Tarso, na Cilícia, como cidadão romano (At 16: 37; At 21: 39; At 22: 25). Tarso era um centro de cultura onde Paulo se familiarizou com as diversas filosofias gregas e cultos religiosos durante sua juventude. Foi educado em Jerusalém aos pés do rabino Gamaliel (At 22: 3; At 26: 4-5). Quando ainda jovem (At 7: 58), Paulo recebeu autoridade oficial para dirigir a perseguição contra os cristãos (Gl 1: 13; At 22: 5; 1 Co 15: 9) e autoridade na sinagoga ou concílio do Sinédrio, conforme ele mesmo escreve: "contra estes *[ele se referia aos santos]* dava o meu voto, quando os matavam" (At 26: 10b). Outras referências a isso estão em At 8: 3; At 9: 13-14; At 26: 11; At 8: 1 (em relação a Estêvão). Segundo informações extra-bíblicas, Paulo nasceu por volta de 5 DC (livros apócrifos).

Em At 9: 1-18; At 22: 4-21; At 26: 9-18 a bíblia fala da conversão de Paulo. Ele vinha com ordens das autoridades de Jerusalém para abafar as manifestações dos cristãos em Damasco quando, no meio da estrada viu uma luz muito forte e Jesus lhe falou e o chamou para ser Seu discípulo. Os demais que estavam com ele viram a luz, mas não reconheceram o significado da voz (em outro trecho, a bíblia fala que ouviram a voz e viram a luz, porém, não viram ninguém nem entenderam o que aquilo significava e ficaram aterrados). Paulo, como resultado do encontro, ficou cego por três dias e foi levado para a casa de Judas, na cidade de Damasco. Após três dias, Deus enviou seu servo Ananias que, impondo as mãos sobre os olhos de Paulo, restituiu-lhe a visão. Paulo foi batizado, se fortaleceu e passou a pregar sobre Jesus na Arábia e em Damasco nos três anos seguintes à sua conversão (Gl 1: 17-18; At 9: 19-20). Por causa dos judeus que queriam matá-lo (2 Co 11: 32), foi amarrado a uma corda e, descido pelo muro da cidade, fugiu para Jerusalém onde Barnabé, um dos discípulos, o apresentou aos apóstolos. Depois de alguns dias com os irmãos (Gl 1: 18-24; At 9: 20-30), levaram-no para Cesaréia, de onde embarcou de volta para Tarso. Paulo ficou por dez anos em Tarso, um período de silêncio no seu ministério, talvez sendo instruído pelo próprio Deus a respeito do evangelho. Barnabé, então, solicitou que viesse para Antioquia para ajudá-lo numa missão entre os gentios (At 11: 20-26) e, um ano após, voltou para Jerusalém (46 DC – At 11: 29-30), o que coloca a sua conversão e o início do seu

ministério por volta de 35 DC, de acordo com a data histórica (livros apócrifos) da morte de Estêvão – entre 33-36 DC, com mais freqüência colocada em 34 DC.

Vamos analisar um pouco o que foi escrito acima: “passou a pregar sobre Jesus na Arábia e em Damasco nos três anos seguintes à sua conversão (Gl 1: 17)”.

A Arábia à qual a bíblia se refere aqui não é o que conhecemos hoje por Arábia Saudita, na Península Arábica. Nos tempos de Paulo, Arabia Petraea (em Latim) ou Arábia Petréia, Província Arábia (Provincia Arabia) ou simplesmente Arábia era uma faixa de terra que incluía o reino Nabateu na Jordânia, a Península do Sinai e o Noroeste da Península Arábica. Mais tarde foi incorporada pelo Império Romano no início do século II em 106 DC, no governo de Trajano. Sua capital era Petra. Sua fronteira norte era a Síria; Egito e Judéia, a oeste, e que mais tarde em 135 foi fundida à Síria para formar a Síria Palestina pelo imperador Adriano. Ao sul e a leste, se limitava com a chamada ‘Arábia Deserta’ (ou Arabia Magna, uma região ocupada pelo deserto interior da Península Arábica) e pela ‘Arábia Feliz’ (em latim: Arabia Felix ou Fertile Arábia), denominação dada à parte sul da Península Arábica, correspondente aos atuais Estados do Iêmem e Omã. A região era ocupada por tribos sedentárias de economia agrícola e mercantil nas regiões litorâneas da Península. Atualmente, a Península Arábica é ocupada por sete países: Arábia Saudita, Bahrein (um arquipélago), Iêmen, Kuwait, Omã, Catar e Emirados Árabes Unidos (também composto por sete Emirados: Abu Dhabi, Dubai, Xarja, Ajmã, Umm al-Quwain, Ras al-Khaimah e Fujeira. A capital e a segunda maior cidade dos Emirados Árabes Unidos é Abu Dhabi). Parte do Iraque e da Jordânia fazem parte da península.

A primeira viagem missionária de Paulo (At 13–14 – 46-48 DC) começou em Chipre, levando-o para as cidades de Salamina (onde o procônsul Sérgio Paulo foi convertido), Pafos; depois para o sul da Galácia, Antioquia da Psídia, Icônio, Listra (onde curou um paralítico e onde foi apedrejado*), Derbe e Perge da Panfília.

(*) Quanto ao fato relatado em At 14: 19-20: “Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade, dando-o por morto. Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e

entrou na cidade. No dia seguinte, partiu, com Barnabé, para Derbe", fica um pouco difícil afirmar categoricamente que Paulo morreu e foi ressuscitado, pois nem ele mesmo sabe, como escreve em 2 Co 12: 1-4: "Se é necessário que me glorie, ainda que não me convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo *[ele estava falando dele mesmo]* que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir". O que podemos dizer, com certeza, que houve uma poderosa restauração física de Deus no corpo do apóstolo, um milagre, pois dificilmente uma pessoa sobrevivia a um apedrejamento; era uma sentença prevista na lei para punição de certos crimes, como heresia e adultério.

Os judeus tinham uma linguagem própria ao falar do céu: o 1º céu se refere ao que nós vemos, onde voam os pássaros, ou seja, a atmosfera da Terra. O 2º céu dizia respeito ao espaço sideral, com o sol, a lua e as estrelas; e o 3º céu se refere ao céu espiritual, ao Paraíso, onde está o trono do Senhor, e para onde muitos profetas foram arrebatados ou tiveram uma experiência de êxtase e receberam visões e revelações do próprio Deus.

Paulo voltou a Jerusalém, quatorze anos depois de ter conhecido Pedro pela primeira vez (Gl 2: 1), para a Conferência de Jerusalém (50-51 DC), antes da sua segunda viagem.

Havia um grande fator de dissensão entre o ministério de Paulo e o de Pedro; entre os crentes, se levantava a discussão no meio dos judeus cristãos que insistiam que os gentios fossem circuncidados. Paulo se opôs e repreendeu a Pedro publicamente (Gl 2: 11-21, com ênfase no v. 14). Tiago tomou uma posição em relação aos gentios (At 15: 19-22) que foi acatada pelo concílio de Jerusalém e enviada a Antioquia uma carta onde as únicas recomendações para os gentios é que se abstivessem de comida contaminada pelos ídolos *[ou seja, consagrada a eles],* da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue.

Na segunda viagem missionária (50-53 DC), Paulo teve Silas por companheiro (At 15: 40 até At 18: 22), no lugar de Barnabé. Este ficou como companheiro de João Marcos, que havia se desentendido com Paulo na viagem anterior. De Antioquia, viajaram para o sul da Galácia e daí para Listra onde encontrou Timóteo, filho de uma judia e de pai grego e que passou a ser seu discípulo. Para evitar discussões na sinagoga, Paulo o circuncidou (At 16: 3). Eles foram, então, para o Norte da Galácia, daí para Trôade e para a Grécia (Macedônia), estabelecendo missões em Filipos, onde Lídia se converteu e foi batizada (At 16: 14-15) e uma jovem adivinhadora foi liberta (At 16: 16-18), sendo que este último episódio levou Paulo e Silas para a prisão. Mas Deus usou também este fato para converter mais algumas vidas, entre elas o carcereiro e sua família (At 16: 19-34). Depois de saírem dali se encaminharam para Tessalônica, Beréia e para a Acaia, no sul da Grécia. Ali visitaram as cidades de Atenas e Corinto. Nesta cidade Paulo ficou quase dois anos, fundando ali uma comunidade cristã. Em Corinto conheceu Priscila e Áquila e os instruiu, deixando-os ali em seu lugar quando partiu para Éfeso. Em Éfeso ficou por pouco tempo, voltando para Antioquia, passando por Jerusalém.

Logo depois, já iniciou sua terceira viagem (53-57 DC), seguindo para Éfeso e teve o ensejo de evangelizar toda a Ásia. Em Éfeso, enfrentou conflitos com os seguidores de Diana. Permaneceu na Ásia por três anos (54-57 DC – At 20: 31), voltando para Trôade, na Macedônia. Na Macedônia, Paulo escreveu sua segunda epístola aos Coríntios. De Trôade foi para Corinto, onde escreveu a carta aos romanos e daí para Mileto e Jerusalém.

Tinha voltado para Jerusalém com o intuito de passar lá o Pentecostes, mas enfrentou uma acusação de haver violado o templo (At 21: 20- 29, não cumprindo os rituais de purificação e, talvez, por andar com os gentios como Trófimo que, provavelmente, foi visto com Paulo lá dentro). Os judeus incitaram a multidão à desordem. Paulo foi preso (por volta de 57 ou 58 DC), mas permitido de falar à multidão e ao Sinédrio. Não entendido nem apoiado ali, pelo contrário, ameaçado de morte, foi removido para Cesaréia, onde encontrou Marco Antônio Félix, o governador romano (Félix governou de 52 a 60 DC), e ficou preso por dois anos (58-60 DC – At 23: 26-35; At 24–25). O sucessor de Félix foi Pórcio Festo (60-62 DC; governou a província romana da Judéia na condição de procurador), e indicou que poderia entregar Paulo aos judeus para ser julgado por eles (At 25: 9). Como já conhecia o seu povo, na qualidade de cidadão romano Paulo apelou para César (At 25: 11). Antes de ser levado a Roma, ainda em Israel (na cidade de Cesaréia), com Festo e sua esposa Drusila, Paulo esteve na presença do governador e seus hóspedes: o rei Agripa e sua irmã Berenice. Por pouco, diz Agripa, ele não se tornou cristão, depois de ter ouvido o discurso de Paulo. Se ele não tivesse apelado para César, poderia ser solto, pois não viram nele nada que pudesse incriminá-lo. Entretanto, estava se cumprindo a palavra que o Senhor lhe dera numa visão de que era necessário que comparecesse diante de César. Assim, Paulo foi enviado a Roma sob escolta.

A viagem marítima foi tempestuosa, terminando num naufrágio, obrigando-o a passar o inverno na ilha de Malta (At 28: 11). Isso ocorreu por volta de 60-61 DC. Chegou a Roma na primavera e passou os próximos dois anos (61-63 DC) sob escolta em sua própria casa alugada (pois chegou como prisioneiro herói), onde ensinava sobre Jesus sem impedimento algum (At 28: 16; 30-31). Paulo foi morto pelos romanos no governo de Nero (63 DC), decapitado.

Em 2 Co 11: 22-27, o apóstolo fala dos seus sofrimentos: cinco vezes açoitado, três vezes fustigado com varas, uma vez apedrejado, três vezes enfrentou naufrágio, uma noite e um dia na voragem (turbilhão ou qualquer abismo) do mar; muitas vezes, em jornada, perigos de rios, perigos de salteadores, perigos nas mãos dos judeus, perigos entre gentios, perigos na cidade e no deserto, perigos no mar e entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias; em frio e nudez; além disso, a preocupação com as igrejas que tinha fundado e que não se comportaram como ele esperava.

Podemos ver que alguns pontos são relevantes no ensino de Paulo:

1) Ele defendia a sua convicção em Cristo e a vida pela graça, ao invés das obras e dos rituais da Lei (Gl 2: 16; Gl 6: 12-15; Ef 2: 8-9; At 13: 38-39), o que dava o direito a uma nova vida (Rm 6: 3-4; 14), fazendo do crente uma nova criatura. Ele pregava sobre Jesus e a ressurreição, basicamente (At 9: 20; At 13: 30; At 17: 31; At 23: 6; At 26: 8).

2) Ia contra a idolatria, mostrando que a verdade estava em Cristo: Cl 2: 8; 14-15; At 17: 16; At 17: 18; 24-31.

3) Reforçou a lei do amor pregada por Jesus: Rm 13: 8-10, até exortando os crentes a dilatarem sua maneira de amar, pois esta estava limitada neles (2 Co 6: 11-13).

4) Deu o exemplo de ter a capacidade de entrega e a ousadia de passar por cima de qualquer coisa para levar o evangelho: 1 Co 9: 19-23.

Colaboradores de Paulo:

Ágabo: At 21: 10; At 11: 28
Acaio: 1 Co 16: 17
Áfia: Fm 2
Alexandre: At 19: 33; 1 Tm 1: 20 (naufragou na fé)

Alexandre (o latoeiro, ou ferreiro): 2 Tm 4: 14
Amplíato: Rm 16: 8
Andrônico e Júnias: Rm 16: 7
Apeles: Rm 16: 10
Apolo: At 18: 24-28; 1 Co 3: 4-5; 1 Co 16: 12; Tt 3: 13
Áquila e Priscila: At 18: 2; At 18: 18 e 26; Rm 16: 3; 1 Co 16: 19; 2 Tm 4: 19
Aristarco: At 19: 29; At 20: 4; Cl 4: 10; Fm 24
Aristóbulo: Rm 16: 10
Arquipo: Cl 4: 17; Fm 2
Ártemas: Tt 3: 12
Asíncrito: Rm 16: 14
Barnabé: At 9: 27; At 11: 25; 1 Co 9: 6; Gl 2: 1
Carpo: 2 Tm 4: 13
César: Fp 4: 22
Cláudia: 2 Tm 4: 21
Clemente: Fp 4: 3
Cloe: 1 Co 1: 11
Crescente: 2 Tm 4: 10 (abandonou Paulo)
Crispo: At 18: 8; 1 Co 1: 14
Dâmaris: At 17: 34
Demas: Cl 4: 14; 2 Tm 4: 10 (abandonou a fé e Paulo); Fm 24
Dionísio: At 17: 34
Epafras: Cl 1: 7; Cl 4: 12; Fm 23
Epafrodito: Fp 2: 25; Fp 4: 8
Epêneto: Rm 16: 5
Erasto: At 19: 22; Rm 16: 23; 2 Tm 4: 20
Estáquis: Rm 16: 9
Estéfanas: 1 Co 16: 15-17
Êubulo: 2 Tm 4: 21
Eunice: 2 Tm 1: 5
Êutico: At 20: 7-12
Evódia e Síntique: Fp 4: 2-3
Febe: Rm 16: 1
Fígelo: 2 Tm 1: 15 (abandonou Paulo)
Filemom: Fm 1
Fileto: 2 Tm 2: 17 (naufragou na fé)
Filipe: At 21: 8-9
Filólogo: Rm 16: 15
Flegonte: Rm 16: 14
Fortunato: 1 Co 16: 17
Gaio: At 19: 29; At 20: 4; Rm 16: 23; 1 Co 1: 14; 3 Jo 1
Hermas: Rm 16: 14
Hermes: Rm 16: 14
Hermógenes: 2 Tm 1: 15 (abandonou Paulo)
Herodião: Rm 16: 11
Himeneu: 1 Tm 1: 20 (naufragou na fé); 2 Tm 2: 17
Jasom: Rm 16: 21
Jesus (Justo): Cl 4: 11
João Marcos: At 12: 25; At 13: 13; At 15: 37-40; Cl 4: 10; 2 Tm 4: 11; Fm 24; 1 Pe 5: 13

Júlia: Rm 16: 15
Lídia: At 16; 14-15 e 40
Lino: 2 Tm 4: 21
Lóide: 2 Tm 1: 5
Lucas: Cl 4: 14; 2 Tm 4: 11; Fm 24
Lúcio: Rm 16: 21
Maria: Rm 16: 6
Mnassom: At 21: 16
Narciso: Rm 16: 11
Nereu e sua irmã: Rm 16: 15
Ninfa: Cl 4: 15
Olimpas: Rm 16: 15
Onésimo: Cl 4: 9; Fm 10
Onesíforo: 2 Tm 1: 16; 2 Tm 4: 19
Pátrobas: Rm 16: 14
Pérside: Rm 16: 12
Prudente: 2 Tm 4: 21
Quarto: Rm 16: 23
Rufo e sua mãe: Rm 16: 13 (filho e esposa, respectivamente, de Simão, o Cirineu, que carregou a cruz de Jesus no caminho para o Calvário: Mc 15: 21)
Secundo: At 20: 4
Silas: At 15: 40; At 16: 19-40; At 17: 4 e 10-15; At 18: 5
Silvano: 1 Ts 1: 1; 2 Ts 1: 1; 1 Pe 5: 12 (Silvano pode ser a variante grega de Silas)
Sópatro (filho de Pirro): At 20: 4
Sosípatro: Rm 16: 21
Sóstenes (provavelmente quem escreveu a epístola de 1 Coríntios para Paulo): 1 Co 1: 1
Tércio (escreveu a epístola de Romanos para Paulo): Rm 16: 22
Tício Justo: At 18: 7
Timóteo: At 16: 1-5; At 18: 5; At 20: 4; Rm 16: 21; 1 Co 4: 17; 1 Co 16: 10; 2 Co 1: 1; Fp 1: 1; Fp 2: 19; Cl 1: 1; 1 Ts 1: 1; 1 Ts 3: 2; 1 Ts 6; 2 Ts 1: 1; 1 Tm 1: 2; 2 Tm 1: 2; Fm 1; Hb 13: 23
Tíquico: At 20: 4; Ef 6: 21; Cl 4: 7; 2 Tm 4: 12; Tt 3: 12
Tito: 2 Co 2: 13; 2 Co 6: 6; 13-14; 2 Co 8: 16-24; Gl 2: 3; 2 Tm 4: 10; Tt 1: 4
Trífena e Trífosa: Rm 16: 12
Trófimo: At 20: 4; At 21: 29; 2 Tm 4: 20
Urbano: Rm 16: 9
Zenas: Tt 3: 13 (intérprete da Lei)

Em torno de 92 colaboradores, dos quais 7 naufragaram na fé ou o abandonaram.

Aprendizados importantes com Paulo:

1) *Entrega e coragem para suportar qualquer obstáculo pela obra de Deus:* foi ele mesmo que descreveu nas suas epístolas todos os perigos que passou (2 Co 11: 22-27) e o que se dispôs a fazer (1 Co 9: 19-23) para levar à frente a missão que o Senhor havia lhe dado. Teve *intrepidez e ousadia* para entrar em lugares que outros ainda não tinham entrado para levar a verdade da Palavra, depondo todo falso conhecimento que se opunha a Cristo (podemos ver Paulo entre os gentios

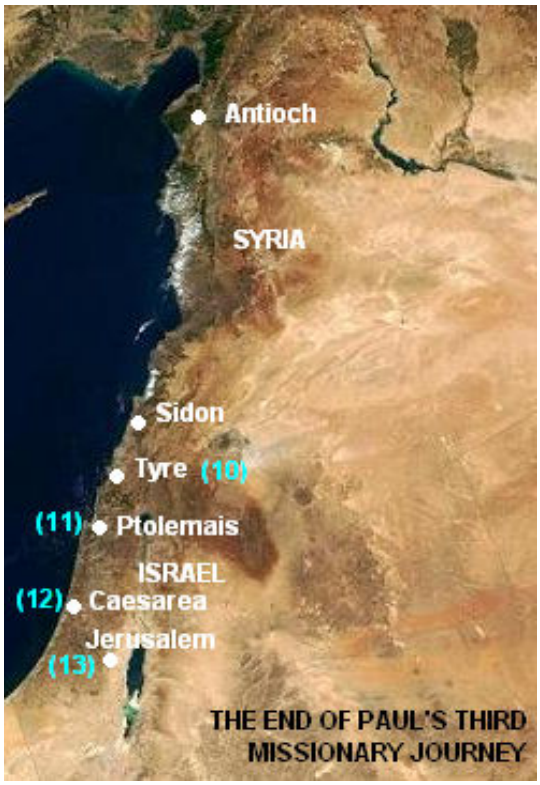
enfrentando esse tipo de situação); por exemplo, em Éfeso, no caso dos devotos de Diana, e em muitos outros lugares da Ásia onde a idolatria imperava. Mais do que isso, teve coragem para suportar a rejeição dos seus próprios compatriotas que o criticaram pela inovação que estava trazendo. Teve coragem, pois tinha certeza do seu chamado e da força do amor de Deus por ele. Assim também acontece conosco, quando o Senhor nos dá um chamado para a Sua obra; devemos estar prontos para enfrentar todo e qualquer tipo de dificuldade e oposição.

2) *Fidelidade e perseverança para conquistar a vitória:* em 2 Tm 4: 6-8, Paulo fala que combateu o bom combate da fé e que tinha certeza da coroa que estava reservada para ele pela sua luta e pela sua vitória. Também fala, em 2 Tm 4: 17, que sua força veio do próprio Deus para cumprir seu ministério e que foi Ele que o livrou várias vezes até a missão estar completa. A fidelidade ao Senhor é importante para não cedermos às tentações e seduções do inimigo, e a perseverança nos levará a conquistar a vitória.
3) *Revelação poderosa de Deus:* uma vez Paulo fala sobre si mesmo, quando descreve seu apedrejamento e a revelação poderosa que recebeu de Deus (2 Co 12: 1-6), mas que não podia ainda ser passada aos homens, pois ainda não estavam preparados para recebê-la. Muitas vezes, relatou as visões e os aprendizados que teve do próprio Jesus orientando-o para onde ir e lhe dando estratégias para levar o evangelho aos gentios. Todo aquele que tem um chamado do Senhor para uma missão precisa ter alguma revelação importante que seja, por assim dizer, um marco a partir do qual uma nova estrutura vai ser erguida. Essa revelação é única e particular, não vem para outros, só para quem Deus separou para tê-la.
4) *Edificou onde não havia sido ainda edificado (Rm 15: 20-21):* Paulo não edificou seu ministério sobre o que Pedro e os demais apóstolos fizeram, isto é, entre os judeus, porém, entre os gentios para que algo novo pudesse surgir onde havia necessidade de luz. Dessa forma, buscou o novo, seguindo a direção do Espírito Santo nele, *"não consultando carne e sangue"*; não copiou o que já havia, mas deixou que Deus o usasse num novo avivamento criando coisas inovadoras e que, graças à sua intrepidez e fidelidade a Jesus, trouxe um grande benefício posterior para a humanidade. Ele *"viu longe"* e de maneira diferente dos outros, por isso teve sucesso no que fez. Deus está constantemente *criando* e usando Seus filhos de maneira diferente uns dos outros para poder suprir todas as necessidades existentes nos corações daqueles que ainda não O conhecem.
5) *Não temeu a responsabilidade nem teve medo de usar os dons espirituais que Deus tinha colocado nele, nem recusou usar a autoridade que lhe fora dada do céu:* Paulo foi uma testemunha viva da palavra dada por Jesus em Jo 14: 12 aos Seus discípulos, quando disse que quem nEle cresse faria obras iguais e maiores do que as que Ele tinha feito. O ministério de Paulo foi geograficamente maior do que o de Jesus e pode ser comparado ao dEle em milagres realizados, o que, com certeza, impactou aquela geração. Paulo testemunhou do Senhor, realizou curas e milagres (até mostrou-os em si mesmo: por exemplo, nada aconteceu a ele quando foi picado por uma cobra na ilha de Malta), ressuscitou mortos (caso de Êutico), expulsou demônios, converteu muitos a Jesus e derrubou uma tradição de séculos ao mostrar a simplicidade do evangelho de Cristo, destronando as obras mortas geradas pela religiosidade. É o que Jesus espera da Sua Igreja.
6) *Foi transformado de um "zeloso religioso" em um "zeloso real" da obra:* o amor e a misericórdia de Deus aliados à Sua escolha soberana fizeram de Paulo um homem zeloso das coisas do Senhor, mas completamente livre do jugo que, anteriormente, pesava sobre ele; seu caráter foi transformado e o peso do tradicionalismo, das

regras, das leis, das acusações e do perfeccionismo pessoal, gerados pelos seus pecados do passado foi transformado por Jesus em uma força dinâmica, viva, amorosa e determinada a mudar as estruturas e avivar o coração dos filhos de Deus daquela geração, visando a lançar uma semente poderosa para todos os crentes da geração vindoura. Que nossos corações possam ser profundamente transformados e nossas sementes sejam deixadas para nossa descendência.

A 2ª viagem de Paulo

A 3ª viagem de Paulo



Término da 3ª viagem de Paulo

A viagem de Paulo a Roma

DINHEIRO NO ANTIGO TESTAMENTO

• O **siclo**, a **mina** e o **talento** eram peças ou barras de metal (prata, ouro) usadas como meio de pagamento (2 Rs 18: 14).
• Como moeda, o 'darico' na nossa versão (Ed 2: 69; Ne 7: 70), é escrito no hebraico como 'darkemon' דַּרְכְּמוֹן (plural: darkemons ou drakmomim: דרכמונים – Strong #1871), que corresponde à 'dracma' grega. Em 1 Cr 29: 7; Ed 8: 27 é usada a palavra 'adarkon' (אֲדַרְכֹנִים = adarkonim) Strong #150, que corresponde ao darico persa.
• A **peça de dinheiro** (Gn 33: 19; **quesita** – Strong #7192 – קשׂיטה – qesitah) é de valor ignorado.

DINHEIRO NO NOVO TESTAMENTO (**1** = unidade básica)

Nome	Tipo	Correspondente Bíblico	Proporção
Lepton (Mc 12: 42; 'pequenas moedas')	Moeda de cobre ou de bronze	½ do **quadrante** ou 1/128 do **denário**	1/128
Quadrante (Mc 12: 42)	Moeda de bronze	¼ do **asse** ou 1/64 do **denário**	1/64
Asse (Mt 10: 29; Lc 12: 6)**	Moeda romana de cobre	1/16 do **denário**	1/16
Denário (Mt 20: 2 ou 'dinheiro')	Moeda romana de prata	Salário de um dia de trabalho*	**1**
Dracma (Lc 15: 8)	Moeda grega de prata	Igual a 1 **denário**	**1**
Didracma (Mt 17: 24)	Moeda grega de prata	2 **dracmas** ou 2 **denários**	2
Tetradracma	Moeda grega de prata	4 **dracmas** ou 4 **denários**	4
Estáter (Mt 17: 27)	Moeda grega de prata	2 **didracmas** ou 4 **denários**	4
Mina (Lc 19: 13)***	Moeda grega de ouro	100 **denários**	100
Talento (Mt 25: 15)	Prata ou ouro	6000 **denários**	6.000

* Em Jo 12: 5 o valioso ungüento valia 300 denários (pence, plural de penny, em inglês, que significa centavos, quantia insignificante), mas que seria o salário médio para 300 dias de trabalho (quase o que um trabalhador mediano ganharia em um ano). 1 denário hoje equivale a 16 centavos de dólar ($ 0.16) e 1 talento é igual a 960 dólares ($ 960).
** Sabe-se que durante o século I, um asse (Mt 10: 29; Lc 12: 6) comprava o equivalente a meio quilo de pão ou um litro de vinho barato, ou 2 pardais (Mt 10: 29). Asse – foi uma moeda romana de bronze e depois cobre.
Em Inglês, a palavra usada para Asse foi traduzida na KJV por 'farthing' (ceitil), uma moeda portuguesa criada no reinado de D. Afonso V (1438-1477 e 1477-1481), rei de Portugal e Algarves. A sua designação tem origem no nome sextil, ou seja, um sexto.
*** 3 meses de salário ou ½ kg. Prata.
• Lepton (Mc 12: 42) – hoje (lepto) é 1/100 de todas as moedas gregas.
• Em Mt 26: 15 – '30 moedas de prata' – a palavra não é dracma, e sim 'argurion' (ἀργύριον – Strong #g694), que significa 'prata, uma peça de prata, um siclo; dinheiro em geral', especialmente prateado (ou seja, dracma ou shekel).

PESOS (**1** = unidade básica)

Nome	Correspondente	Proporção	Equivalente atual
Gera (Êx 30: 13)	1/10 do **beca** ou 1/20 do **siclo**	1/20	0,571 g
Beca (Êx 38 26)	10 **geras** ou ½ do **siclo**	½	5,712 g
Siclo (Gn 24: 22)	20 **geras** ou 2 **becas**	**1**	11,424 g****
Mina* ou **arrátel**** (Ed 2: 69)	50 **siclos**	50	571, 2g
Talento*** (2 Sm 12: 30)	3000 **siclos** ou 60 **minas**	3000	34, 272 kg

* A **mina** (Ez 45: 12) é igual a 60 **siclos** e equivale a 685, 44 g.
** O nome **arrátel** (plural = arretéis) também é usado para a **libra** romana (Jo 12: 3; Jo 19: 39) que equivale a 325 g (outras fontes falam: 328,9 g e 327,45 g).
*** O **talento** (Ap 16: 21) equivale a 40 kg.
**** Siclo (freqüentemente conhecido como 'o siclo sagrado' ou 'siclo do santuário'): equivale a 11, 5 g.

MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA SECOS (**1** = unidade básica)

Nome	Correspondente	Proporção	Equivalente atual
Cabo (2 Rs 6: 25; 'um pouco')	1/18 do **efa** ou 1/6 da **medida**	1/18	1 litro
Gômer (Êx 16: 36)	1/10 do **efa**	1/10	1, 76 litro
Alqueire ou **seá** (2 Rs 7: 1), **chaliche** (Is 40: 12) e **medida*** (Gn 18: 6)	1/3 do **efa**	1/3	5, 87 litros
Efa (Lv 19: 36)	10 **gômeres** ou 1/10 do **ômer**	**1**	17, 62 litros
Leteque (Os 3: 2)	5 **efas** ou ½ do **ômer**	5	88, 1 litros
Coro (Ed 7: 22) ou **ômer** (Ez 45: 11)	10 **efas**	10	176, 2 litros

* Em Ap 6: 6 a **medida (choinix)** é igual a 1 litro.

MEDIDAS DE CAPACIDADE PARA LÍQUIDOS (**1** = unidade básica)

Nome	Correspondente	Proporção	Equivalente atual
Sextário (Lv 14: 10; 'logue')	1/12 do **him**	1/72	0,29 litro
Him (Lv 19: 36)	1/6 do **bato**	1/6	3,47 litros
Bato (Is 5: 10) e **cado** (Lc 16: 6) *	1/10 do **coro**	**1**	20, 82 litros **
Coro (1 Rs 5: 11; 2 Cr 2: 10)	10 **batos**	10	208, 2 litros

* Outros consideram a **metreta** (Jo 2: 6) também igual ao **bato**, mas é mais provável que a **metreta** tivesse 30 a 40 litros.
** Outros entendem que o **bato** tinha entre 30 e 34 litros.

MEDIDAS DE COMPRIMENTO (**1** = unidade básica)

Nome	Correspondente	Proporção	Equivalente atual
Dedo (Jr 52: 21)	¼ de **quatro dedos**	1/24	1, 8 cm
Quatro dedos *	1/3 do **palmo** ou 1/6 do **côvado**	1/6	7, 4 cm
Palmo ** (Êx 28: 16; 1 Sm 17: 4; Is 40: 12)	½ do **côvado**	1/2	22, 2 cm
Côvado *** Gn 6:15; 1 Sm 17:4	2 **palmos**	**1**	44, 4 cm
Braça (At 27: 28)	4 **côvados**	4	1, 80 m

* **Quatro dedos** é a medida da palma da **mão** (Êx 37: 12; Êx 25: 25; 1 Rs 7: 26; 2 Cr 4: 5) na base dos quatro dedos.
** **Palmo** (Êx 28: 16; 1 Sm 17: 4; Is 40: 12) é a distância entre a ponta dos dedos extremos com a mão espalmada.
*** **Côvado** (Hebr.: amá) é a distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio. O **côvado** em Ezequiel (Ez 43: 13) equivale a 51,8 cm, pois soma um **côvado** mais **quatro dedos**. Em conseqüência, a **cana** (Ez 41: 8) equivale a 3,11 m, pois é igual a 6 **côvados** de Ezequiel. Ocorre somente em Ezequiel (Ez 40: 5-8; Ez 41: 8; Ez 42: 16-20).

MEDIDAS DE DISTÂNCIA

Nome	Correspondente Bíblico	Equivalente atual
Tiro de pedra (Lc 22: 41)		20–30 metros
Tiro de arco (Gn 21: 16)		100–150 metros
Jornada de um sábado (At 1: 12; Êx 16: 29) *	2000 **côvados**	888 metros
Jornada de um dia** (Gn 31: 23)		30–40 km
Estádio romano (Lc 24: 13); Jo 6: 19)		185 metros
Milha romana (Mt 5: 41)	8 **estádios**	1.479 metros

* Isto foi baseado em Êxodo 16: 29b (“Ninguém saia do seu lugar no sétimo dia”) porque o Senhor não permitiu viagens excessivas no dia de sábado de descanso. Uma exceção foi autorizada para o propósito de adorar no tabernáculo; também 2.000 côvados era o espaço prescrito para ser mantido entre a arca e as pessoas, bem como a extensão dos subúrbios das cidades Levíticas nos quatro pontos cardeais (Nm 35: 5); dessa forma, esta medida foi adotada para o comprimento do caminho de um dia de sábado a partir da frente do muro da cidade em que o viajante vivia. Legisladores judaicos determinaram que a jornada do dia do sábado fosse de 2.000 côvados ou cinco estádios (925 metros)
** Jornada de um dia: foi a distância que uma pessoa poderia viajar normalmente em um dia, mais ou menos, 30–40 quilômetros, mas ao viajar com muita companhia (mulheres e crianças), apenas 10.600 quilômetros. Ver também Gn 30: 36; Êx 3: 18; Êx 5: 3; Nm 10: 33; Nm 11: 31; Nm 33: 8; 1 Rs 19: 4; 2 Rs 3: 9; Jn 3: 3; Lc 2: 44.
• Milha americana = 1.609,34 metros.

MEDIDAS DE ÁREA

Jeira: Área que uma junta de bois pode arar em um dia, mais ou menos um quarteirão quadrado com 50 m de lado, o que equivale a 2, 750 m^2 (1 Sm 14: 14).

MEDIDAS DE TEMPO

Hora: a extensão da hora variava de acordo com a estação do ano. As horas do dia eram contadas a partir do nascer do sol (6: 00 h) e as da noite, a partir do pôr-do-sol (18: 00 h – Mt 20: 3).

Vigília: Os israelitas dividiam a noite em três vigílias, sendo cada uma de quatro horas (Jz 7: 19); os romanos a dividiam em quatro vigílias, com 3 horas cada uma (Mt 14: 25).
Noite: 12 horas, do pôr-do-sol até o seu nascer (Gn 7: 4).

Dia: 12 horas, do nascer ao pôr-do-sol (Gn 7: 4); 24 horas, de um pôr-do-sol até outro (Êx 20: 8-11).

Semana: 7 dias, terminando com o sábado (Êx. 20: 10).

Mês: 29–30 dias, iniciando com a lua nova (Nm 28: 11; 14; 1 Sm 20: 5; 18; 24; Is 66: 23; 2 Cr 8: 13; Is 66: 23).

Ano: 12 meses lunares (354 dias; 1 Cr 27: 1-5). De três em três anos acrescentava-se um mês (pela repetição do último mês) para tirar a diferença entre os 12 lunares e o ano solar.

OUTRAS INFORMAÇÕES

• **Calendário lunar:** organizado com base específica na revolução lunar ao redor da Terra. Iniciado pelos povos nômades, provavelmente os babilônios.

• **Calendário solar:** organizado com vista especificamente à revolução da Terra em torno do sol. Foram os egípcios que iniciaram a contagem do tempo baseados no calendário solar.

• **Calendário Romano:** alternava anos de 12 meses com 365 dias e anos de 13 meses com 377 dias. Dessa forma divergia em relação às estações do ano. Por isso, Júlio César, em 45 ou 46 AC, fez algumas alterações, como se vê abaixo:

• **Calendário Juliano:**
Reforma do calendário romano introduzido por Júlio César (102-44 AC) no ano de 45 ou 46 AC no qual em cada quatro anos há um bissexto, de 366 dias. Além disso, o ano Juliano era de 12 meses (365 dias) a começar em 1º de janeiro. Os meses eram de 30 dias, intercalados com meses de 31 dias, sendo que em julho/agosto os 31 dias se repetiam em homenagem aos imperadores romanos (Júlio e Augusto). O calendário Juliano vigorou por mais ou menos 1.600 anos.

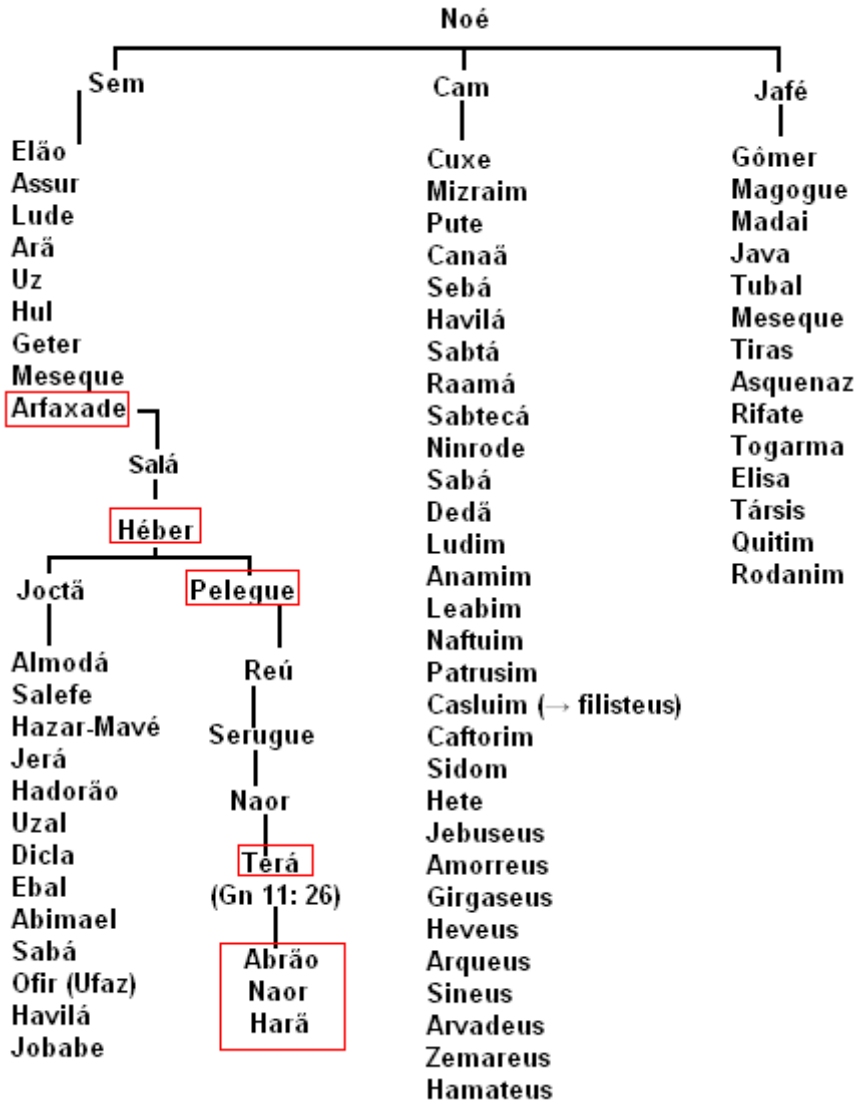
• **Calendário Gregoriano:**
Resultante da reforma do calendário Juliano introduzido pelo Papa Gregório XIII (1502–1585) no dia 24/02/1582 e no qual a cada quatro anos há um ano (solar) bissexto, com exceção dos anos seculares, em que o número formado pelos algarismos das centenas e dos milhares não é divisível por quatro. Omitiram-se 10 dias (5–14 de outubro de 1582), corrigiu-se a medição do ano solar estimando-se que este durava 365 dias solares, 5 horas, 14 minutos e 12 segundos. Acostumou-se a começar o ano em 1º janeiro.

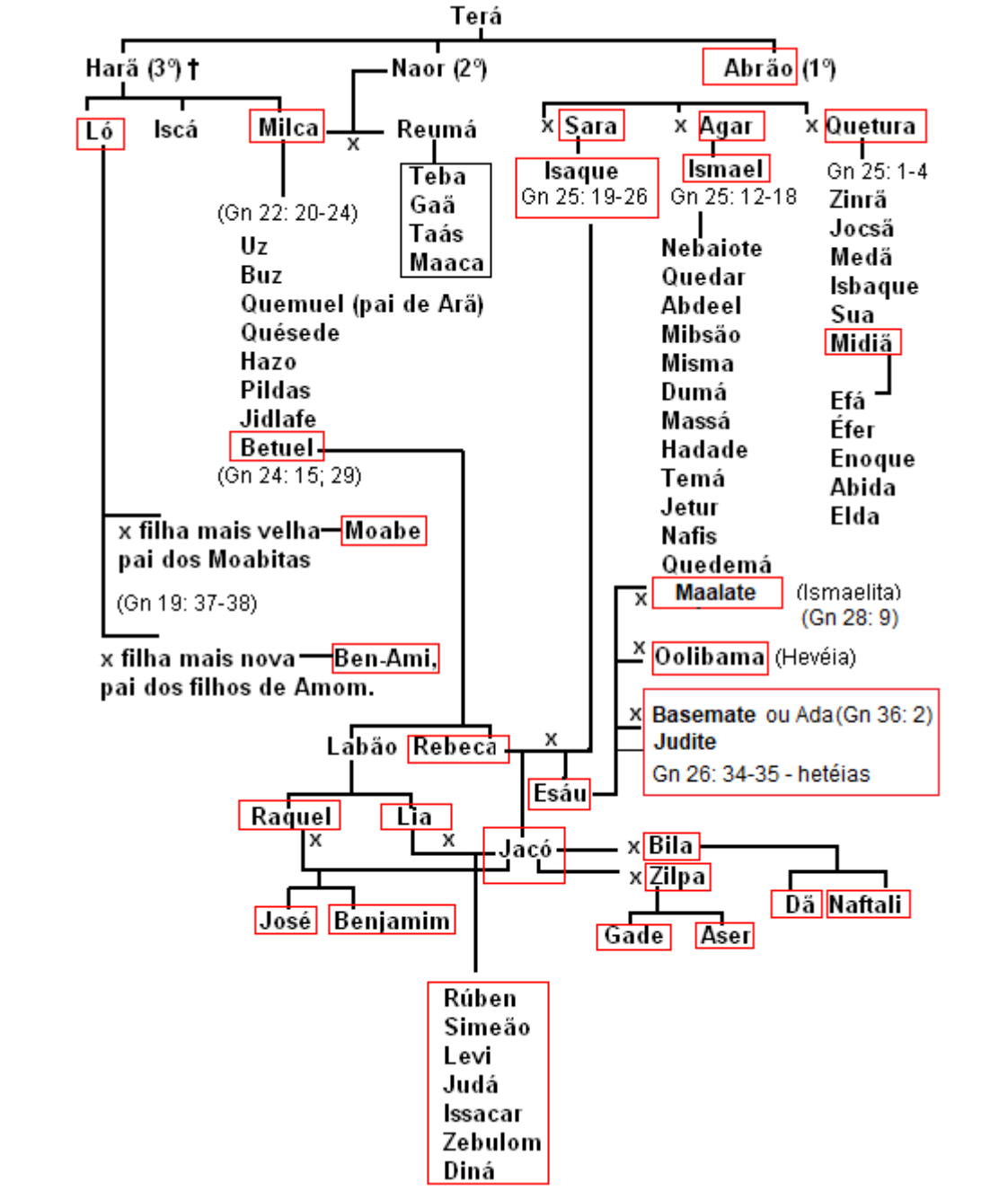
• No **Novo Testamento** as datas eram eventualmente computadas mediante referência de governantes gentios de acordo com a marcação retida no reino Selêucida (domínio grego) anterior (198–63 AC), onde cada novo ano deveria começar em setembro-outubro. Na maior parte, os escritores do NT mediam o tempo em termos do calendário judaico corrente (isso até 70 DC).

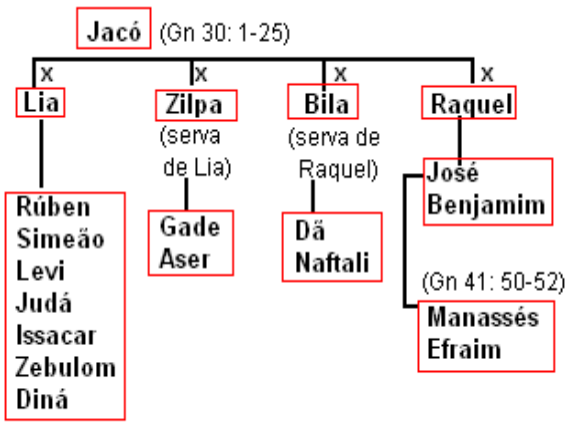
• **Anno Domini** (Ano do Senhor, em latim): introduzido primeiro na Europa Ocidental no século VIII. A partir daí foi feita a separação entre os eventos ocorridos antes de depois de Cristo (AC e DC, este último também chamado de EC – Era Comum).

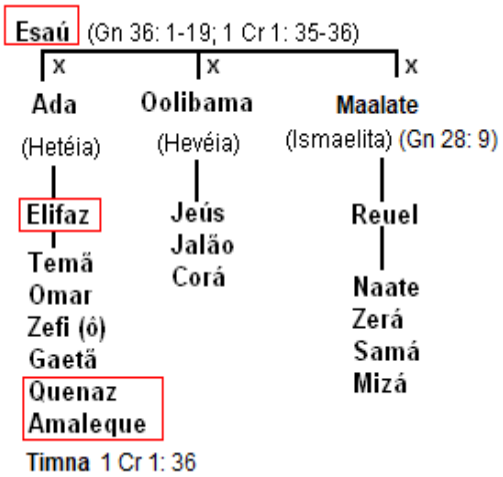
GENEALOGIAS

Adão → Sete → Enos → Cainã → Maalalel → Jarede → Enoque → Metusalém → Lameque → **Noé** (70 descendentes para repovoar a terra após o Dilúvio – Gn 10: 1-32; 1 Cr 1: 1-27; filhos, netos e bisnetos):




Terá
Harã (3º) †
Naor (2º)
Abrão (1º)
Ló
Iscá
Milca
Reumá
x Sara
x Agar
x Quetura
Isaque
Gn 25: 19-26
Ismael
Gn 25: 12-18
Gn 25: 1-4
Zinrã
Jocsã
Medã
Isbaque
Sua
Midiã
Efá
Éfer
Enoque
Abida
Elda
Teba
Gaã
Taás
Maaca
(Gn 22: 20-24)
Uz
Buz
Quemuel (pai de Arã)
Quésede
Hazo
Pildas
Jidlafe
Betuel
(Gn 24: 15; 29)
Nebaiote
Quedar
Abdeel
Mibsão
Misma
Dumá
Massá
Hadade
Temá
Jetur
Nafis
Quedemá
x filha mais velha
pai dos Moabitas
Moabe
(Gn 19: 37-38)
x filha mais nova
pai dos filhos de Amom.
Ben-Ami,
x Maalate (Ismaelita) (Gn 28: 9)
x Oolibama (Hevéia)
x Basemate ou Ada (Gn 36: 2)
Judite
Gn 26: 34-35 - hetéias
Labão
Rebeca
Esáu
Raquel
Lia
Jacó
x Bila
x Zilpa
José
Benjamim
Gade
Aser
Dã
Naftali
Rúben
Simeão
Levi
Judá
Issacar
Zebulom
Diná


Jacó (Gn 30: 1-25)
x Lia
x Zilpa
x Bila
x Raquel
Rúben
Simeão
Levi
Judá
Issacar
Zebulom
Diná
(serva de Lia)
Gade
Aser
(serva de Raquel)
Dã
Naftali
José
Benjamim
(Gn 41: 50-52)
Manassés
Efraim


Esaú (Gn 36: 1-19; 1 Cr 1: 35-36)
x Ada
x Oolibama
x Maalate
(Hetéia)
(Hevéia)
(Ismaelita) (Gn 28: 9)
Elifaz
Temã
Omar
Zefi (ô)
Gaetã
Quenaz
Amaleque
Timna 1 Cr 1: 36
Jeús
Jalão
Corá
Reuel
Naate
Zerá
Samá
Mizá

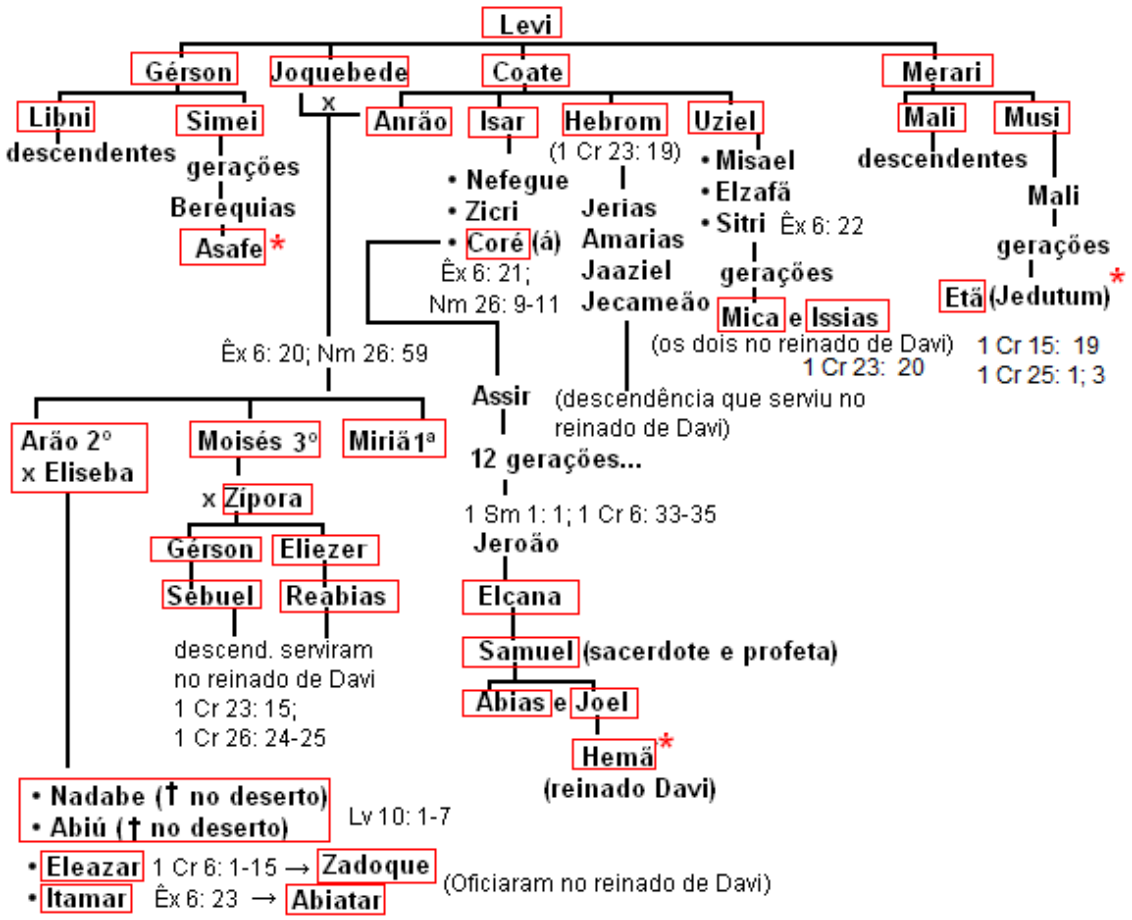
Os filhos de **Quenaz** (1 Cr 1: 36) se juntaram aos judeus pela tribo de Judá (Jz 1: 16). Seu descendente foi **Jefoné**, o quenezeu, que gerou **Calebe** (Nm 32: 12; Js 14: 6; 14; 1 Cr 4: 13-15). Amaleque foi o pai dos Amalequitas.

Os descendentes de Jacó (Gn 46: 26-27) que vieram para o Egito:
• Rúben: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi.
• Simeão: Jemuel, Jamim, Oade, Jaquim, Zoar e Saul (filho de uma Cananéia)
• Levi: Gérson, Coate e Merari
• Judá: Er († em Canaã), Onã († em Canaã), Selá, Perez e Zerá;
Perez: Hezrom e Hamul
• Issacar: Tola, Puva no texto Massorético (ou Puá), Jó no texto Massorético (ou Jasube) e Sinrom.
• Zebulom: Serede, Elom e Jaleel
• Diná (todos os filhos de **Lia**, que já havia morrido em Canaã – Gn 49, 31); total de **33 pessoas** (incluindo Jacó).
• Gade: Zifiom (no texto Massorético; ou Zefom na Septuaginta e Pentateuco Samaritano), Hagi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli
• Aser: Imna, Isvá, Isvi, Berias e Será (♀). Berias: Héber e Malquiel (todos os filhos de **Zilpa**, serva de Lia); total de **16 pessoas.**
• José: Manassés e Efraim.
• Benjamim: Bela, Béquer, Asbel, Gera, Naamã, Eí, Rôs, Mupim, Hupim e Arde (todos os filhos de **Raquel**, que já tinha morrido em Canaã – Gn 35, 19); ao todo **14 pessoas.**
• Dã: Husim
• Naftali: Jazeel, Guni, Jezer e Silém (todos os filhos de **Bila**, serva de Raquel); total de **7 pessoas.**
Não foram contadas as mulheres dos filhos de Jacó.
Total: 33 + 16 + 14 + 7 = **70 pessoas.**

• **Descendentes de Levi** [1 Cr 6: 16-30; 1 Cr 6: 31-48; 1 Cr 15: 17; 1 Cr 23: 1-32 (músicos de Davi*)]:
1) **Gérson:** Libni → gerou descendência
Simei → gerações → Berequias → Asafe *
2) **Coate:** Anrão, Isar, Uziel, Hebrom; Hemã * foi um descendente de Isar
3) **Merari:** Mali → gerou descendência
Musi → Mali → gerações → Etã * (Jedutum – 1 Cr 15: 19; 1 Cr 25: 1; 3)

A família de **Coate** cuidava dos utensílios do tabernáculo, após Arão e seus filhos os cobrirem; aí eles os carregavam, inclusive a arca da Aliança. Arão e seus filhos cuidavam do sacerdócio propriamente dito, de servir no Santo dos Santos e no Lugar Santo, portanto, cuidavam dos objetos sagrados, do Lugar Santo e do Santo dos Santos (A liderança era de Eleazar, 1º filho de Arão: Nm 3: 31; Nm 4: 3; Nm 4: 16-20). A família de **Gérson** cuidava de carregar as cortinas e os reposteiros, assim como os demais utensílios da tenda da congregação, que não os objetos sagrados; e a família de **Merari** era responsável pelos objetos, pelas estacas e por tudo o mais que estava no pátio externo da tenda da congregação. Essas duas últimas famílias estavam debaixo do comando de Itamar, 2º filho de Arão: Nm 3: 25-26; 36-37; Nm 4: 21-28; 29-33.

Um dos descendentes de **Eleazar** deu seu nome à oitava dentre as vinte e quatro turmas de sacerdotes (1 Cr 24: 10), das quais **Zacarias** (Lc 1: 5), pai de **João Batista**, fazia parte (Lc 1: 8-11 cf. Nm 4: 16 – o incenso sagrado a cargo de Eleazar; não de Itamar).



Sumo sacerdotes (1 Cr 6: 1-15; 49-53): Arão → Eleazar → Finéias → Abisua → Buqui → Uzi → Zeraías → Meraiote → Amarias → Aitube → Zadoque (na época de Davi) → Aimaás → Azarias → Joanã → Azarias (na época de Salomão) → Amarias → Aitube → Zadoque → Salum → Hilquias → Azarias (2 Cr 31: 10 – sumo sacerdote no tempo de Ezequias) → Seraías (Jr 52: 24 – levado cativo para a Babilônia juntamente com Sofonias, o segundo sacerdote) → Jeozadaque (levado cativo para a Babilônia) → **Período Pós-exílico:** Jesua ou Josué (520 AC, durante o período dos profetas Zacarias (520-480 AC) e Ageu (520 AC): Ed 2: 2; Ed 3: 2; Ed 10: 18; Ne 12: 1; 10-11; Ag 1: 12; Ag 2: 2; Zc 3: 1) → Joiaquim (Ne 12: 10 – 480 AC) → Eliasibe (Ne 3: 1; Ne 12: 10; 22; Ne 13: 4; 7; Ne 13: 28 – 458-443 AC) → Joiada (Ne 12: 10; 22; Ne 13: 28 – 420 ou 415 AC). Provavelmente Eliasibe e Joiada foram contemporâneos do profeta Malaquias (450-400 AC), o período que, segundo alguns estudiosos, coincide com o retorno de Neemias à Pérsia após seus 12 anos como governador em Jerusalém (Ne 5: 14; Ne 13: 6), voltando novamente à cidade (Ne 13: 6); por isso, Malaquias reprovou os sacerdotes, que estavam negligenciando seu ofício → Jônatas (ou Joanã, Ne 12: 10; 22 – 408-336 AC) → Jadua (Ne 12: 10; 22 – 340 ou 336 AC, um pouco antes de Alexandre o Grande (333-323 AC) subir ao poder e derrotar o império persa, cujo último governante foi Dario III; Jadua se encontrou com Alexandre em 332 AC) → **Período Intertestamentário** (com início em 397 AC, sob a ótica espiritual, i.e., profética, após o período de Malaquias) → **listagem histórica, não bíblica** (fonte: Wikipedia.org) → **Período Ptolomaico sobre a Palestina** (323-198 AC): Onias I → Simão I → Simeão, o Justo → Eleazar → Manassés → Onias II (por volta de 234 AC) → **Período dos Selêucidas sobre a Palestina** (198-167 AC; sacerdotes escolhidos pelos Selêucidas): Simão II → Onias III (185-175 AC) → Jason (175-172 AC) → Menelau (172-162 AC;

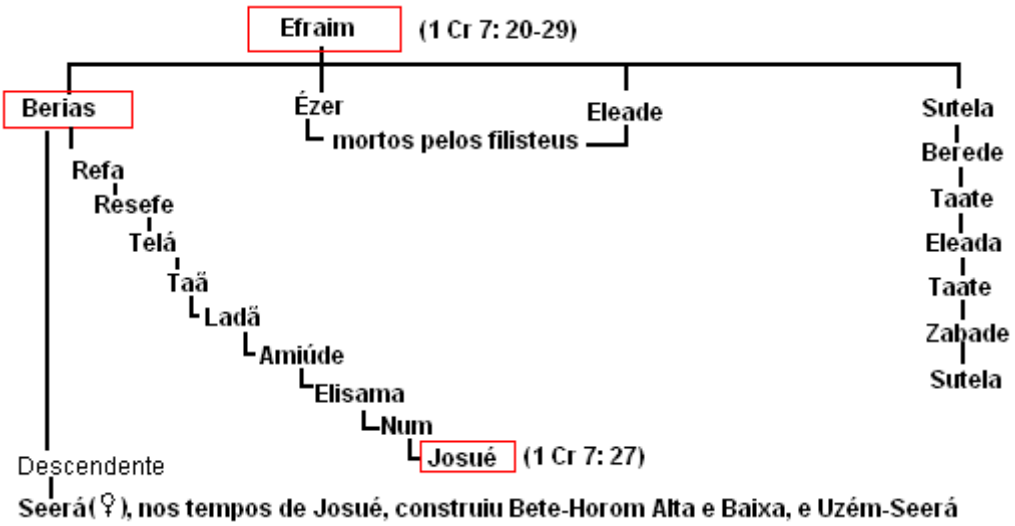
não era de origem sacerdotal) → Alcimus [162-160/159 AC; Era de família sacerdotal, mas não de linhagem de sumo sacerdote. Na verdade, era governante civil da província da Judéia, nomeado pelo rei da Síria, Antíoco V Eupator (164-162 AC)] → **Revolta dos Macabeus**, sob o comando de Matatias Hasmon no vilarejo chamado Modiín. Matatias era sacerdote, mas não há prova alguma sobre pertencer à linhagem de Arão. Ele era pai de cinco filhos: João, Simão, Judas (o macabeu), Eleazar e Jônatas. Matatias faleceu na revolta (166 AC) e seu filho Judas Macabeu foi nomeado general. Finalmente, os Macabeus expulsaram as tropas de Antíoco IV (Rei Selêucida) de Jerusalém. A Revolta dos Macabeus durou de 167-160 AC. Judas Macabeu faleceu e foi sucedido por seu irmão Jônatas como sumo sacerdote em Jerusalém. Mas durante os 7 anos entre a morte de Alcimus e o cargo de Jônatas como sumo sacerdote em Jerusalém, não se sabe quem ocupou esse cargo. Existem apenas hipóteses de um sacerdote descendente de Zadok nos manuscritos do mar Morto, encontrados em 1947 → **Dinastia Hasmoneana sobre Israel** (167-63 AC): Jônatas Macabeu (153-143 AC) → Simão Macabeu (143-135 AC) → João Hircano I (o filho mais novo de Simão Macabeu – 135-104 AC) → Aristóbulo I (nascido com nome Judas, o filho mais velho de João Hircano I – 104-103 AC) → Alexandre Janeu (103-76 AC. Alexandre, filho de João Hircano I, herdou o trono de seu irmão Aristóbulo I, casando-se com a viúva deste, Salomé Alexandra, de acordo com a lei do levirato) → Rainha Salomé Alexandra e João Hircano II (76-67 AC), filho mais velho dela com Alexandre Janeu → Aristóbulo II (67-63 AC – outro filho de Salomé e Alexandre Janeu) → João Hircano II (restaurado – 63-40 AC. A neta de João Hircano II, Mariamne I, foi a 2ª esposa de Herodes o Grande) → Antígono (40-37 AC), o filho de Aristóbulo II. Antígono foi o último rei da dinastia Hasmoneana → Em 65–64 AC, o Império Selêucida foi anexado à República Romana. Assim, terminou também o Período Hasmoneano, e teve início o **Período Romano,** quando Pompeu invadiu Jerusalém (63 AC) e Herodes, o Grande, subiu ao poder como rei → **Dinastia Herodiana:** Herodes era filho de Antípatro, um Idumeu (ou Edomita), colocado pelo general romano Pompeu como procurador da Palestina em 67 AC. Antípatro prosperou na corte dos últimos soberanos Hasmoneus e passou a governar a Judéia após a ocupação romana → Herodes, o Grande, nomeou como sumo sacerdote a Ananelus (37-36 AC), sucedido por Aristóbulo III da Judéia (36 AC). Aristóbulo III era cunhado de Herodes, o Grande e irmão de Mariamne I; foi assassinado por Herodes, que já havia assassinado João Hircano II da Judéia 36 AC → Ananelus (restaurado – 36-30 AC), Joshua ben Fabus (30-23 AC) → Simon ben Boethus (pai de Mariamne II, que se casou com Herodes, o Grande) → Joazar ben Boethus (4 AC) → Eleazar ben Boethus (4-3 AC) → **Anás** (6-15 DC – Ananus ben Seth ou Anás ben Sete, o pai, o Anás dos Evangelhos) → **Caifás** (18-36 DC – genro de Anás: Lc 3: 2; Jo 18: 13. Escolhido pelos romanos para o cargo).

Os cinco filhos de Anás também serviram como sumo sacerdotes:

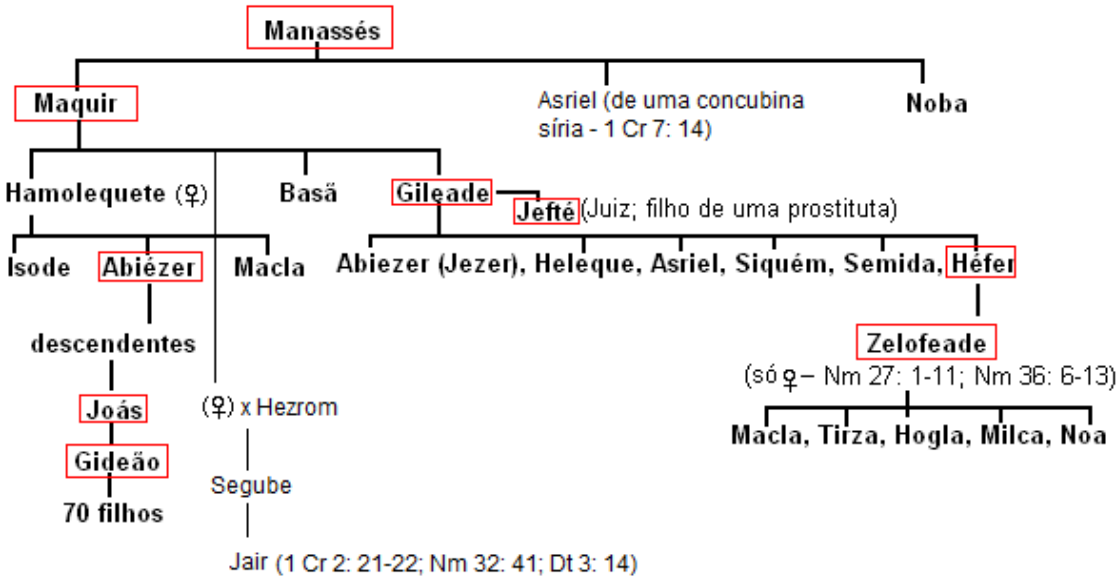
- Eleazar ben Anás (16-17 DC)
- Jônatas ben Anás (36-37 DC, após a morte de Caifás)
- Teófilo ben Anás (37-41 DC)
- Matias ben Anás (43 DC)
- Anás ben Anás (63 DC)

• **Descendentes de Efraim** (1 Cr 7: 20-29):

Nota: Berias era filho de Efraim (1 Cr 7: 20-23), nascido após a morte dos seus irmãos, Ézer e Eleade, e chamado dessa forma por seu pai ‘porque as coisas iam mal na sua casa’.



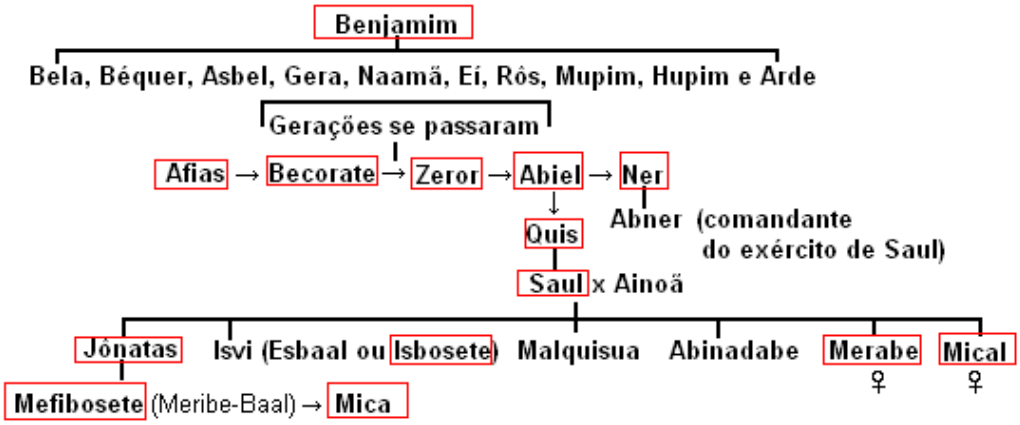
• **Descendentes de Manassés** (1 Cr 7: 14-18; Jz 11: 2; Js 17: 1-3; Nm 26: 29-33)



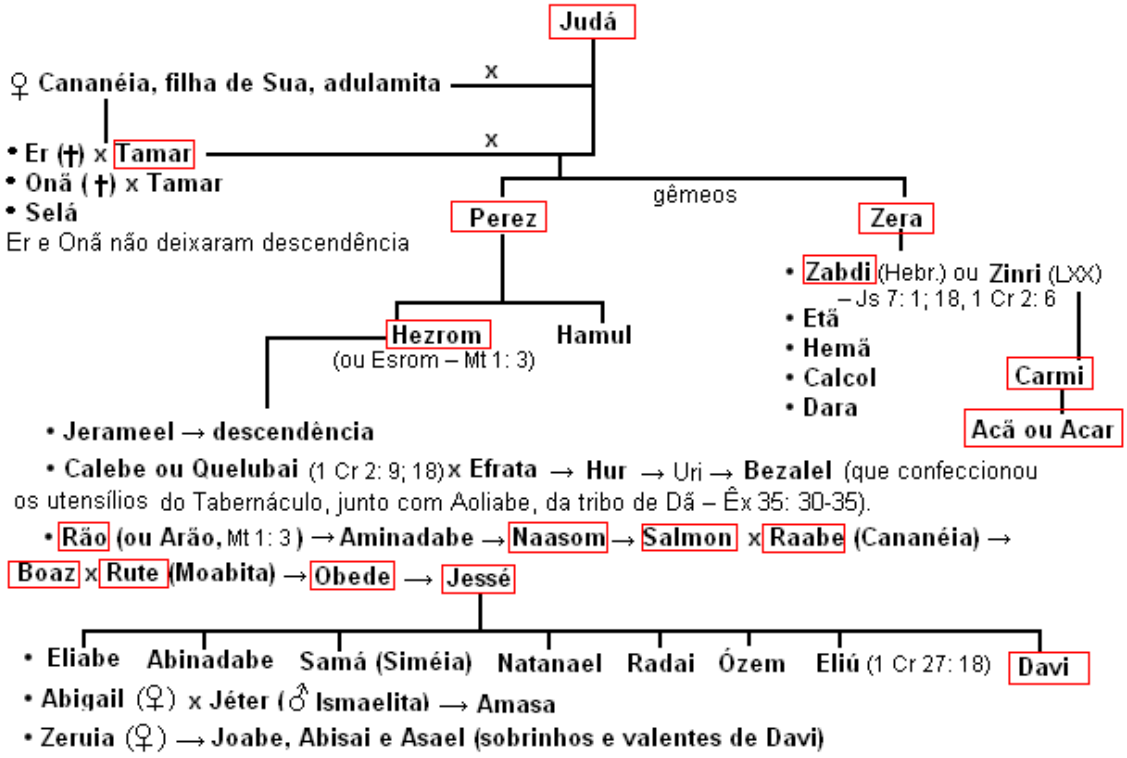
Jair [um descendente de Manassés – 1 Cr 2: 21-22; também tomou a terra dos amorreus (Gileade) – Nm 32: 41; Dt 3: 14, assim como os outros filhos de Maquir: Nm 32: 40].
Noba [um descendente de Manassés; igualmente tomou a terra dos amorreus, junto com seus irmãos, a saber, a terra de Seom, rei dos amorreus e de Ogue, rei de Basã: Nm 32: 39-42].

Descendentes de Dã:
Husim → gerações → Aisamaque → **Aoliabe** (Êx 35: 34) → gerações → **Manoá** (Jz 13: 2) x ♀ (nome desconhecido) → **Sansão**

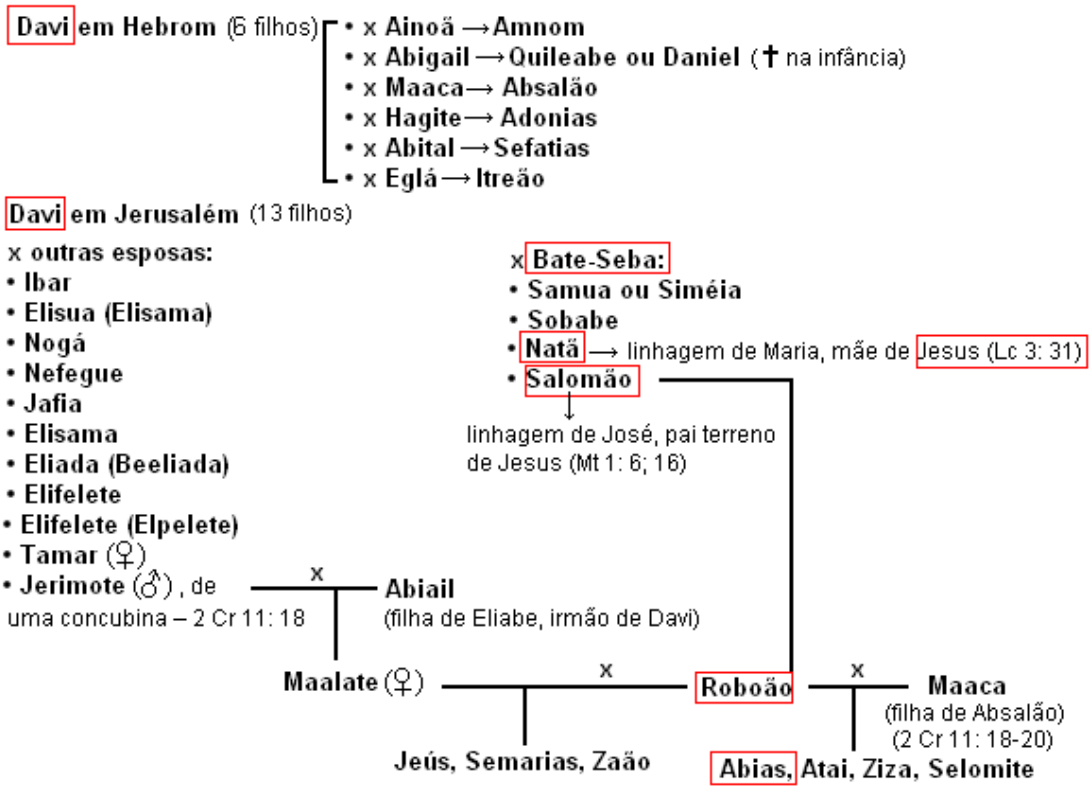
• **Descendentes de Benjamim** (Gn 46: 21; 1 Sm 9: 1-2; 1 Sm 14: 49-51; 1 Cr 26: 28; 1 Cr 8: 33; 1 Cr 9: 39).
De **Benjamim**, também procederam: **Mordecai** (primo de Ester, Et 2: 5; era filho de Jair, filho de Simei, descendente de Quis) e o apóstolo **Paulo** (Fp 3: 5).



Descendentes de Judá (Gn 38: 3-30; 1 Cr 2: 3-55; 1 Cr 4: 1-23; Js 7: 1; 18):



Descendentes de Davi (1 Cr 3: 1-9; 1 Cr 14: 3-7 – 6 nascidos em Hebrom e 13 em Jerusalém) e **descendentes de Salomão** (1 Cr 3: 10-24):



Abias → **Asa** → **Josafá** → **Jeorão (Jorão)** → **Acazias** → **Joás** → **Amazias** (esses três últimos não foram contados em Mt 1: 1-17) → **Azarias (Uzias)** → **Jotão** → **Acaz** → **Ezequias** → **Manassés** → **Amom** → **Josias** → Joanã, **Jeoaquim** (Eliaquim, 2 Cr 36: 4), Zedequias, Salum (1 Cr 3: 10-16 ou **Joacaz**: 2 Cr 36: 1).

Jeoaquim → **Jeconias** (ou Joaquim 2 Cr 36: 8-9; 2 Rs 24: 8; Jr 24: 1; Jr 27: 20) e Zedequias (ou Matanias – 2 Cr 36: 11 cf. 2 Rs 24: 17).

Jeconias (cativo) → **Sealtiel** (nascido cativo, 1 Cr 3: 17; ou **Salatiel** – Mt 1: 12), Malquirão, Pedaías, Senazar, Jecamias, Hosama, Nedabias. Isaías disse a Ezequias que alguns de seus descendentes se tornariam eunucos no palácio do rei da Babilônia (Is 39: 6-7). Provavelmente, Jeconias se livrou disso.

Sealtiel (**Salatiel**) → **Zorobabel** (Ed 3: 2; 8; Ed 5: 2; Ne 12: 1; Ag 1: 1) e Simei (1 Cr 3: 19, diz que Zorobabel e Simei são filhos de Pedaías, irmão de Sealtiel). Alguns estudiosos dizem que talvez Salatiel tenha morrido enquanto Zorobabel era jovem e este tenha sido criado pelo seu tio Pedaías. Portanto, ele seria considerado seu filho, ou então, Salatiel morreu sem descendência e Pedaías desposou sua cunhada (lei do levirato), esposa se Salatiel, e desse casamento nasceu Zorobabel.

Zorobabel → Abiúde (Mt 1: 13) → Eliaquim → Azor → Sadoque → Aquim → Eliúde → Eleazar → **Matã** → **Jacó** → **José** (marido de Maria), da qual nasceu **Jesus**.

Os reis persas após a queda da Babilônia:
• Ciro, o imperador da Pérsia (Ciro II ou Ciro o grande), que ordena a volta dos judeus em 538 AC (1º retorno dos exilados), ao invadir a Babilônia. Reinou (559–530 AC) como rei dos Persas, Medos, Lídios e Babilônicos.
• Cambises II (filho de Ciro): 530–522 AC.

• Dario I (cunhado de Cambises II): 522–486 AC. No seu reinado começou a ser reconstruído o templo (520–516 AC). Tinha iniciado em 536 AC (2º ano do reinado de Ciro na Babilônia e parado até 520 AC – 2º ano Dario I). Segundo a Concordância de Strong, Dārayavahuš (Strong #1867), vem da origem persa: Darejavesh, um título (em vez de nome) de vários reis persas. Segundo Evandro de Souza Lopes ('Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002'), Dario vem do nome persa 'Dozenda dara'; em hebraico: dono, senhor; em grego: o poderoso, rico. Outras fontes dão seu significado como: 'Aquele que segura, o que mantém'.
• Xerxes I (Assuero): 486–465 AC (filho de Dario I). Xerxes (= belicoso, grande guerreiro, leão) é uma transliteração grega do seu nome persa depois de sua ascensão, Jshāyār Shah, que significa 'governante de heróis'. Na bíblia é mencionado como 'Assuero' (Achashverosh ou Achshrush, em Hebraico = príncipe, chefe, cabeça, leão); equivalente hebraico do persa Khshayarshan = rei leão; sendo escrito como Ahashuerus, em Caldeu; ou Axashverosh, em grego. Segundo a Concordância de Strong (Strong #325), 'Assuero' (Achashverosh, אֲחַשְׁוֵרוֹשׁ ou Achshrush, אחשורש) é o título (em vez do nome) de um rei persa.
• Artaxerxes I: 465–424 AC (filho de Xerxes I, mas não o primogênito). Houve um 2º retorno de exilados a Jerusalém com Esdras em 458 AC para ministrar no templo reconstruído. Reconstrução das muralhas de Jerusalém: 445 AC (3º retorno: Neemias).
• Xerxes II (filho de Artaxerxes I) e que reinou 1 ½ mês e foi assassinado por seu irmão Secydianus ou Sogdianus (a forma do nome é incerta). Este, por sua vez, foi morto por Ochus, sátrapa da Hircânia (região ao sudeste do Mar Cáspio, no atual Irã), que subiu ao poder e adotou o nome de Dario II.
• Dario II (Ne 12: 22) governou a Babilônia e a Pérsia (424–404 AC); era chamado Dario, o persa. Seu nome de nascimento era Ochus; depois, adotou o nome de Dario (persa: Dārayavahuš, por isso, as fontes gregas o chamam de Dario Nothos, 'Bastardo').
• Artaxerxes II Mnemon, que significa: 'cujo reino é através da verdade' (404–358 AC). Era filho de Dario II.
• Artaxerxes III ou Ochus (3º filho de Artaxerxes II): 358–338 AC.
• Artaxerxes IV ou Arses (filho mais novo de Artaxerxes III): 338–336 AC
• Dario III (bisneto de Dario II e primo de Arses): 336–330 AC quando Alexandre, o grande, o derrotou na Macedônia. Originalmente chamado de Artashata; em latim: Codomannus, e em grego antigo: Kodomanos (Κοδομανός) foi o último rei da Dinastia Aquemênida da Pérsia. Dario (Dārayavahuš, em persa) foi o nome que ele adotou após subir ao trono.